

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE – UNIVALE  
MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO – GIT

Rafael Barbosa Lucas

**PRÁTICAS DE LÍNGUA INGLESA NA TERRITORIALIZAÇÃO DE IMIGRANTES  
BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS**

Governador Valadares

2017

RAFAEL BARBOSA LUCAS

**PRÁTICAS DE LÍNGUA INGLESA NA TERRITORIALIZAÇÃO DE IMIGRANTES  
BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território, da Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Gestão Integrada do Território.

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Siqueira

Governador Valadares

2017

L933

LUCAS, Rafael Barbosa

Práticas de língua inglesa na territorialização de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. / Rafael Barbosa Lucas. UNIVALE: Mestrado em Gestão Integrada do Território, 2017.

179 f.: il; color; graf..; 30 cm.

Dissertação Mestrado em Gestão Integrada do Território. UNIVALE – Universidade do Vale do Rio Doce, 2017.

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Siqueira

1 Língua Inglesa – Diálogo. 2 Território. 3 Migração. I. Título. Governador Valadares – MG. Título II. Profa. Dra. Sueli Siqueira

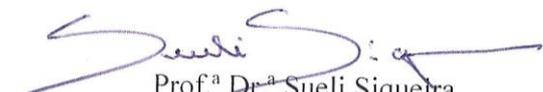
CDD 428.07

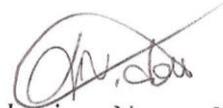
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território - GIT  
**ATA DA BANCA EXAMINADORA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**  
**RAFAEL BARBOSA LUCAS**

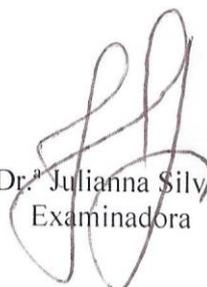
**Matrícula Nº 73.510**

Aos trinta dias do mês de março de dois mil e dezessete (30/03/2017), às 14:00 (quatorze horas), na sala 13 do Bloco PVA da Universidade Vale do Rio Doce, reuniu-se a Comissão Examinadora da Dissertação de Mestrado intitulada “Práticas de língua inglesa na territorialização de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos”, Linha de Pesquisa: Território, Migração e Cultura, elaborada pelo aluno **Rafael Barbosa Lucas**. A comissão julgadora foi composta pelas professoras Doutoras, Sueli Siqueira (orientadora) – UNIVALE, Julianna Silva Glória – UNIVALE e o professor Doutor Luciano Novaes Vidon – UFES. Abrindo a sessão, a presidente da Comissão, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sueli Siqueira após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulares do Trabalho Final, passou a palavra ao mestrando Rafael Barbosa Lucas para apresentação de sua Dissertação. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença do mestrando e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora consideraram por unanimidade a Dissertação *aprovada*, fazendo as seguintes observações: *A banca examinadora destaca o ineditismo do trabalho, tanto em termos temáticos quanto na construção teórica-metodológica. Ressalta a interdisciplinaridade na abordagem do tema. Nesse sentido o mestrando é aprovado com louvor.* Em seguida o resultado foi comunicado publicamente ao candidato pela presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou-se a presente Ata que será assinada por todos os membros da comissão Examinadora.

Governador Valadares, 30 de março de 2017.

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sueli Siqueira  
Orientadora

  
Prof. Dr. Luciano Novaes Vidon  
Examinador

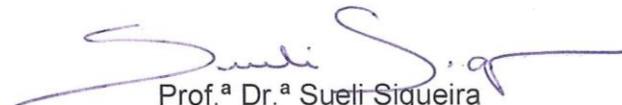
  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Julianna Silva Glória  
Examinadora

**UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE**  
**Núcleo de Estudos Históricos e Territoriais – NEHT/Univale**  
**Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território**

**RAFAEL BARBOSA LUCAS**

“Práticas de língua inglesa na territorialização de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos”

Dissertação aprovada em 30 de março de 2017, pela banca examinadora com a seguinte composição:

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sueli Siqueira  
Orientadora - Universidade Vale do Rio Doce

  
Prof. Dr. Luciano Novaes Vidon  
Examinador – Universidade Federal do Espírito Santo

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Julianna Silva Glória  
Examinadora – Universidade Vale do Rio Doce

A Deus, a minha família e a minha orientadora, que muito acreditaram em mim.

## AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo investimento em minha formação, atuando de forma imprescindível nesse processo.

À Universidade Vale do Rio Doce e à fundação Percival Farquhar, a sua mantenedora, pelo investimento também imprescindível. Muito grato a essa casa pela oportunidade de graduar-me em Letras, de atuar como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - BIC/UNIVALE e, posteriormente, como bolsista de mestrado em Gestão Integrada do Território.

À APPG, na ação humana de Maria Elisabeth, Célma Ilário dos Santos, Adiléia Regina Dias de Miranda, Nathalia Favorêto e Eunice Maria Nazarethe Nonato, assessora de pesquisa e pós-graduação, pelos lembretes, cuidado e disponibilidade em todo esse tempo.

Ao professor Mauro Augusto dos Santos, pelas aulas enriquecedoras e pela ajuda na formatação dos dados em SPSS, na pesquisa *Perfil de Saúde de Imigrantes Brasileiros Retornados à Governador Valadares*, que é parte neste trabalho, além de ser um grande amigo e incentivador.

Ao professor Haruf Salmen Espíndola, participante na banca de qualificação e que deu a sua grande contribuição neste trabalho, principalmente acerca das questões sobre território. E, claro, grato pela grande amizade, pelos valiosos incentivos e pelas aulas brilhantes, sempre carregadas de uma cultura multifacética.

À professora Patrícia Falco Genovez, que me instigou a buscar em Bakhtin respostas para os meus questionamentos. Claro, também pelas excelentes aulas, proporcionando grandes descobertas, e pelo seu grandioso espírito humano.

Ao meu grande mestre, professor José Luiz Cazarotto, pelas boas conversas, sempre embebidas de muita sabedoria, e por compartilhar comigo o agradável ritmo calango.

A todos os professores do GIT, que, com seriedade e estímulo ao pensamento crítico, me conduziram ao caleidoscópico mundo do território.

A todos os amigos adquiridos no GIT, que somaram muito ao meu crescimento intelectual, seja por meio de discussões em sala ou nos bate-papos nos corredores. Em especial, à Dilemara de Pinho Damasceno Sellos e Diego Diego Jeangregório Martins Guimarães, pelas palavras fraternas nos momentos em que se fizeram tão necessárias. E à Ana Paula Campos Fernandes, pelas boas conversas acadêmicas, compartilhamento de ideias e pela companhia nos cafés de tarde, principalmente na reta final.

Ao NEDER (Núcleo de Estudos Multidisciplinar Sobre o Desenvolvimento Regional), UNIVALE, coordenado e alegrado pela professora Sueli Siqueira, com toda a família de pesquisadores que o compõe, pelas risadas, apoio, fraternidade, discussões, no qual sinto o doce gosto de ser um continuado bolsista de iniciação científica. À Sandra Nicoli, continuada do NEDER, pela grande amizade e apoio dado, compartilhando de seu belo caminho trilhado; e, claro, pelas boas risadas juntos. À Marina Guimarães Pereira e à Samara Alves Avanzi, que deram a sua preciosa colaboração nas transcrições. Brilharam, queridas! À Naira Helena, pela amizade e palavras de apoio. À grande amiga Christiane de Cássia Magri, adquirida no NEDER, pelos papos agradáveis em sua casa e por dar uma grande força com o gravador de áudio, além da assessoria no espanhol. ¡Muchas gracias! E à Pollyane Samilly Alves Caldeira, amiga também adquirida nesse espaço, que sempre torceu por mim. Torço por todas vocês.

Ao professor Carlos Eduardo Gomes Siqueira, professor da *University of Massachusetts Boston*, e à professora Sueli Siqueira, professora da Universidade Vale do Rio Doce, responsáveis pela pesquisa *Perfil de Saúde dos Imigrantes Brasileiros Retornados à Governador Valadares*, trabalho que compõe parte desta dissertação.

A todos os imigrantes retornados dos Estados Unidos que gentilmente e pacientemente cederam as entrevistas.

À professora Sônia Maria Simões Bianchini, do curso de Letras, que muito colaborou nas revisões de inglês e espanhol. Thank you very much! ¡Muchas gracias!

Aos professores pelos quais passei no curso de Letras: Cátia Cristina Degan Fernandes, Carlos Tadeu Lira Vieira, Elisângela Rodrigues Andrade Vieira Helal, Sibeles do Carmo Damázio Zaidan, Sueli Siqueira, Sônia Maria Simões Bianchini, Luciana Ribeiro Guimarães, Renata Greco de Oliveira, Ana Lídia Cristo Dias, Adelize Jaqueline Bicalho, muito importantes em minha formação.

À Aline Rafael Rodrigues, amiga adquirida no curso de Letras, pelas palavras de incentivo, principalmente nos primeiros dias de mestrado.

Ao Gebakh (Grupo de Estudos Bakhtinianos), coordenado pelo professor Luciano Novaes Vidon, que teve grande importância na consolidação de ideias.

Ao meu grande amigo Marcos Azevedo Pedroso, pelo caloroso acolhimento em Vitória, na minha visita ao Gebakh.

Aos meus queridos irmãos, que sempre torceram por mim e, com muito amor, não faltaram em dar palavras de encorajamento. Cada palavra de incentivo, palavras de ânimo, além de ajudas diversas, estão presentes na conclusão desta caminhada, que teve o seu trajeto bem acompanhado. Compartilho essa vitória com todos vocês.

Aos sobrinhos cachorros e cachorros sobrinhos, cunhados e primos, tias, que acreditaram juntamente comigo, sempre torcendo por mim. Grato pelo incentivo, seja pela boca ou no discurso encorajador dos bons olhos. Amo vocês, cambada!

A minha tia Rita Aguilar dos Santos (*In memoriam*), grande pessoa perdida nesse trajeto, que esteve do meu lado e sempre torceu pelo meu sucesso.

A minha mãe, Joelita Barbosa Lucas, costureira, e ao meu pai, Jesulino Lucas, carpinteiro aposentado, que me deram todo o apoio, nas alegrias e nas dores, acreditando sempre que seria possível. Agradeço a minha mãe pelas comidas deliciosas, muitas vezes por elas seduzido no quarto, que me conduziam a sair um pouco do trabalho. Agradeço por proporcionarem um ambiente propício para o estudo. Da entrada no mestrado ao seu término, tributo aos meus pais. Desde a ternura e amor nesse tempo, como na fixação de ideias, grato pela presença de vocês. Muitas ideias, na verdade, foram firmadas quando, agradavelmente, ouviam eu falar sobre migrações, dialogismo e território. Obrigado por viverem todo esse processo intensamente comigo. Mãe e pai, obrigado por acreditarem em mim. Agradeço por vibrarem comigo. Obrigado pelo cuidado nos momentos em que mais precisava. Obrigado por estarem comigo na dor, acalentando-me. Obrigado por estarem agora na alegria, tornando-a ainda maior. Amo vocês com amor eterno.

A minha querida orientadora, grande mestra, amiga, incentivadora, professora Sueli Siqueira, “professora que se queira”, que muito somou a minha vida há anos: por livro, antes mesmo de conhecê-la pessoalmente, e na Iniciação Científica, e na graduação, e como orientadora no mestrado, com uma incansável e renovada sabedoria, amor, inteligência, experiência compartilhada, alegria, paciência, elegância, requinte, dando-me asas e voando comigo nos céus do conhecimento. Aprendi muito com você. Grato por proporcionar uma caminhada agradável, de aprendizado e de muitos risos. Grande foi a tarefa, mas mais significativa foi a companhia. Não foi apenas uma orientadora, mas uma cúmplice, estando ao meu lado nas alegrias de descobertas e nas dores da vida humana. Obrigado por espirrar “Bakhtin!” comigo. Essa dialógica relação já faz parte da minha constituição como sujeito. Sueli, meu profundo agradecimento por tudo.

À Sétima Igreja Batista, pelas orações e fraternidade em todo esse tempo.

A todas as alteridades que colaboraram ou deram seu incentivo nessa caminhada.

Em especial, agradeço a Deus, que me abençoou grandemente, não economizando o uso de preciosas e dialógicas vidas humana.

## VERSOS D'UM EXILADO

Eu vou partir. Na límpida corrente  
Rasga o batel o leito d'água fina  
— Albatroz deslizando mansamente  
Como se fosse vaporosa Ondina.

Exilado de ti, oh! Pátria! ausente  
Irei cantar a mágoa peregrina  
Como canta o pastor a matutina  
Trova d'amor, à luz do sol nascente!

Não mais virei talvez e, lá sozinho,  
Hei de lembrar-me do meu pátrio ninho  
D'onde levo comigo a nostalgia

E esta lembrança que hoje me quebranta  
E que eu levo hoje como a imagem santa  
Dos sonhos todos que já tive um dia!

Augusto dos Anjos

## RESUMO

A migração de brasileiros para os Estados Unidos, que tem origem em Governador Valadares, Minas Gerais, iniciou-se na década de 1960, a partir da qual, com a formação e consolidação de redes migratórias, culminou em um grande *boom* na década de 1980, caracterizando a cidade como uma grande exportadora de imigrantes para esse país. Esta dissertação busca compreender as nuances envolvidas na territorialização de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, com enfoque em suas práticas de língua inglesa, em uma perspectiva bakhtiniana e dialógica da língua. Para alcançar as respostas, três eixos foram fundamentais: No primeiro eixo, as principais teorias para abordar o fenômeno, destacando: a teoria econômica dos neoclássicos e a teoria das redes; no segundo eixo, uma perspectiva integrada do território, em que o território é compreendido em seu âmbito político, econômico e cultural, considerando, sobretudo, o *continuum* constituinte de suas dimensões materiais e simbólicas; no terceiro eixo, uma perspectiva de língua a partir do dialogismo de Bakhtin, na qual a língua é percebida em sua concretização pelos sujeitos falantes. Para chegar à compreensão da territorialização ou reterritorialização de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos a partir de suas práticas de língua, realizou-se uma pesquisa de campo, qualitativa, na qual 11 sujeitos retornados a partir dos anos 2000 foram entrevistados mediante um roteiro de perguntas. Posteriormente, os dados foram analisados pela técnica de *análise dialógica do discurso*, com base em três obras: *Marxismo e filosofia da linguagem*, *Problemas da Poética de Dostoiévski* e *Estética da criação verbal*. Os dados possibilitaram as seguintes conclusões: Em uma perspectiva integrada do território, levando em consideração as suas dimensões múltiplas, associado às práticas de língua dos sujeitos, compreendidas em uma perspectiva de língua dialógica, a territorialização de imigrantes é um fenômeno multidimensional, de forma que não é possível concluir que imigrantes, ainda que com condições mínimas na prática de língua, sejam desterritorializados plenamente ou deslinguistificados. Entretanto, como sujeitos linguísticos e sociais, lidam com a língua nas mais diversas esferas, nas quais a língua lhes é exigida nas mais diversas formas e nos mais diversos gêneros, ocupando o lugar de uma prática intrínseca a sua territorialização. Enquanto não é salutar que se pense em sujeitos deslinguistificados, pode-se pensar em sujeitos com uma prática de língua precária, no sentido de, em alguma medida, estarem com suas territorialidades simbólicas, especialmente no que concerne a língua, em situações precárias. Nos seus acessos e restrições territoriais, a língua está sempre presente, influenciando em sua territorialização, em suas ocupações ou restrições, que, em um outro sentido, condicionam, em alguma medida, as suas práticas de língua.

**Palavras-chave:** Língua inglesa. Dialogismo. Migrações. Território.

## ABSTRACT

The migration of Brazilians to the United States, which originates in Governador Valadares, Minas Gerais, started in the 1960s, from which, with the formation and consolidation of migratory networks, culminated a great boom in the 1980s, characterizing the city as a great exporter of immigrants to that country. This study seeks to understand the nuances involved in the territorialization of Brazilian immigrants in the United States, with the focus on their English language practices based on Bakhtinian and dialogical perspective of the language. In order to get the answers, three axes were fundamental: In the first axis, the main theories to approach the phenomenon, emphasizing: the economic theory of the neoclassic ones and the network theory; In the second axis, an integrated perspective of the territory, in which the territory is understood in its political, economical and cultural sphere, considering for instance the continuum constituting its material and symbolic dimensions; in the third axis, a perspective of the language from the dialogism of Bakhtin, in which the language is perceived in its concretization by the speakers. To achieve the understanding of the territorialization or reterritorialization of Brazilian immigrants in the United States based on their language practices, a qualitative field research was carried out, in which 11 subjects returned from the year 2000, were interviewed through a script of questions. Subsequently, the data were analyzed by the technique of dialogical discourse analysis, based on three works: *Marxism and philosophy of the language*, *Dostoevsky's problems of poetics* and *Esthetics of verbal creation*. The data allowed the following conclusions: In an integrated perspective of the territory, taking into account its multiple dimensions, associated to the subjects' language practices, according to a dialogical language perspective, the territorialization of immigrants is a multidimensional phenomenon, so that it is not possible to conclude that immigrants, although with minimum conditions in the practice of language, are totally deterritorialized or without language. However, as linguistic and social subjects, they deal with the language in the most diverse spheres, in which the language is demanded to them in the most diverse forms and in the most diverse genres, occupying the place of an intrinsic practice to its territorialization. While it is not salutary to think about subjects without language, one can think of subjects with a precarious language practice, in the sense that, to some extent, they are with their symbolic territorialities, especially in what concerns the language, in precarious situations. In its access and territorial restrictions, language is always present, influencing their territorialization, their occupations or restrictions, which, in another sense, condition, to some extent, their language practices.

**Keywords:** English language. Dialogism. Migrations. Territory.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>BRASILEIROS MIGRANTES: APONTAMENTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>20</b>
2.1	QUE FATORES LEVAM À EMIGRAÇÃO? .....	21
2.2	BRASILEIROS RUMO AOS ESTADOS UNIDOS: COMO TUDO COMEÇOU ....	29
2.3	AS TEORIAS DE MIGRAÇÃO E O ASPECTO LINGUÍSTICO.....	33
<b>3</b>	<b>TERRITÓRIO E SUAS IMBRICAÇÕES COM MIGRAÇÕES E LÍNGUA.....</b>	<b>37</b>
3.1	DO TERRITÓRIO UNIFUNCIONAL À GEOGRAFIA CULTURAL .....	39
3.2	UMA PERSPECTIVA INTEGRADA DO TERRITÓRIO.....	42
3.3	MIGRAÇÕES EM UMA PERSPECTIVA INTEGRADA DO TERRITÓRIO .....	48
3.4	IMBRICAÇÕES ENTRE O FENÔMENO LINGUÍSTICO E O TERRITÓRIO.....	57
<b>4</b>	<b>LÍNGUA E MIGRAÇÕES: ESTABELECENDO O PONTO DE VISTA DE LÍNGUA .....</b>	<b>62</b>
4.1	O ESTRUTURALISMO SAUSSURIANO .....	63
4.2	O INATISMO CHOMSKYANO .....	65
4.3	A PRESENÇA DO SUJEITO NA LINGUÍSTICA .....	67
4.4	A SOCIOLINGUÍSTICA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA .....	70
4.5	A LINGUÍSTICA NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS .....	74
4.6	O DIALOGISMO BAKHTINIANO .....	78
<b>4.6.1</b>	<b>A posição de Bakhtin nas perspectivas linguísticas .....</b>	<b>81</b>
<b>4.6.2</b>	<b>Língua e linguagem no dialogismo bakhtiniano .....</b>	<b>83</b>
<b>4.6.3</b>	<b>A questão do gênero discursivo .....</b>	<b>85</b>
<b>4.6.4</b>	<b>A ativa compreensão responsiva .....</b>	<b>87</b>
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR.....</b>	<b>90</b>
5.1	A INTERDISCIPLINARIDADE NOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS, TERRITORIAIS E LINGUÍSTICOS .....	91

5.2	SUJEITOS E DELINEAMENTOS BÁSICOS DA PESQUISA .....	98
5.3	ANÁLISE DOS DADOS A PARTIR DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO .....	101
5.4	TERRITÓRIO E LÍNGUA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO DE BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS: UMA AMOSTRA DO PERCURSO .	104
5.5	ALTERIDADES EM CAMPO: SOBRE OS ENCONTROS COM OS SUJEITOS DE PESQUISA.....	108
<b>6</b>	<b>DIALOGISMO E TERRITORIALIZAÇÃO DE IMIGRANTES BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS.....</b>	<b>112</b>
6.1	OS SUJEITOS IMIGRANTES NO TERRITÓRIO DE MIGRAÇÃO: <i>EU E OUTROS</i> .....	114
6.1.1	<b>Imigrantes laborais.....</b>	<b>115</b>
6.1.2	<b>A multietnicidade no contexto de migrações.....</b>	<b>119</b>
6.1.3	<b>O nativo norte-americano .....</b>	<b>123</b>
6.2	DIFICULDADES ENCONTRADAS NOS ESTADOS UNIDOS .....	125
6.3	PRÁTICAS DE LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO .....	129
6.4	LÍNGUA INGLESA: ACESSOS E LIMITES TERRITORIAIS.....	141
6.4.1	<b>Fronteiras linguísticas da imigração: as esferas comunicativas e os gêneros .....</b>	<b>141</b>
6.4.2	<b>As redes sociais: a vivência de um Brasil no estrangeiro .....</b>	<b>143</b>
6.4.3	<b>Hábitos alimentares: cada comida tem seu nome .....</b>	<b>145</b>
6.4.4	<b>O imigrante e o mercado de trabalho secundário: a questão da língua .....</b>	<b>148</b>
6.4.5	<b>Outros espaços frequentados e a língua inglesa.....</b>	<b>158</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>161</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>170</b>
	<b>ANEXO.....</b>	<b>180</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado da relação entre o sujeito pesquisador e o sujeito objeto. Nessa relação entre alteridades responsivas, da mesma forma que não é razoável monologizar as vozes dos sujeitos pesquisados, tratando-os como coisa, não é salutar que se monologize o sujeito pesquisador, que não é uma figura abstrata, mas responsiva em todo o processo investigativo. Dessa forma, gostaria de dividir esta parte em três momentos: Em primeiro lugar, como um modo de introdução ao tema e ao mesmo tempo evidenciar aspectos da migração com uma porção de minha história, apresentarei um pouco da experiência migratória de minha família; em segundo lugar, esboçarei um pouco de minha trajetória e formação, especialmente em relação aos meus estudos em migrações; em terceiro momento, os elementos propriamente introdutórios de um trabalho dissertativo, que estão diretamente ligados com a primeira e segunda parte, uma vez que minha trajetória é indissociável de minha inserção nesse campo de estudo, e as escolhas metodológicas foram resultantes desse caminhar do pesquisador com o seu objeto.

A minha terra de origem, pelo menos no sentido de ser o local de nascimento dos meus pais, é a cidade de Pedra Azul, situada no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Essa terra, desde as minhas primeiras palavras, sempre foi narrada como uma terra de fartura, de histórias engraçadas, de lendas urbanas assustadoras, como um lugar de boas memórias e que, na fala constante do meu pai e da minha mãe, especialmente a partir do meu pai, era a cidade ideal para se passar os últimos dias de vida, o que não aconteceu e é provável que não aconteça. Um dos sonhos de meu pai, desejo amortecido pelo tempo, era retornar a sua cidade natal com a família e com condições para comprar alguma terra e reviver os velhos tempos da vida no campo, como se o tempo passado pudesse ser resgatado.

A sua saída de Pedra Azul aconteceu no ano de 1974, quando, segundo conta, a cidade não tinha emprego e as condições econômicas eram muito ruins. Nessa época, havia uma tia sua que morava em Governador Valadares. Depois de fazer contato com a sua tia e acertar a sua vinda, migrou para a cidade, residindo por um curto tempo. Na época era ainda solteiro. Não passado muito tempo de sua estada na cidade, migrou para São Paulo, com tudo combinado para trabalhar na construção civil. Depois de São Paulo, trabalhou também no Rio de Janeiro, Bahia, Espírito Santo, em diversas cidades desses estados. Na verdade, a sua vida foi marcada por migrações temporárias em diversos lugares, retornando para casa após longos meses de trabalho no “trecho”, palavra que sempre ouvi em casa. Nessas idas e vindas, e já

casado, residiu em outros lugares além de Valadares, como Belo Horizonte e Teófilo Otoni. Enquanto o meu pai estava fora, em casa a minha mãe cuidava dos filhos.

A saída dos meus pais do campo é coerente com o crescente êxodo rural nos anos de 1970, com uma ampliação na década seguinte, de modo que a população nas cidades superava os residentes no campo, quando muitos perambulavam de um lugar a outro em busca de melhoria de vida. Governador Valadares veio a ser local de residência permanente dos meus pais na segunda metade da década de 1980, quando já tinham filhos, dos quais sou o último de cinco e o único valadarense. Na segunda metade dessa década, a cidade se manifestaria como a maior exportadora de imigrantes para os Estados Unidos, levando milhares de pessoas que, como meu pai e minha mãe, vieram de diversas regiões para esse município. Passo para o meu envolvimento com a pesquisa em migrações.

Com uma formação anterior em teologia<sup>1</sup>, iniciei meus estudos em Letras no ano de 2013, na Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Através do curso de Letras, ao final do mesmo ano, ingressei-me na Iniciação Científica, atuando como bolsista no NEDER (Núcleo de Estudos Multidisciplinar Sobre o Desenvolvimento Regional), coordenado pela professora Sueli Siqueira, na própria UNIVALE. O Projeto de Pesquisa no qual atuaria, que me chamou muito a minha atenção, era: *Ligações migratórias entre a região de Governador Valadares (MG) e Portugal — movimentos de saída e processo de retorno: uma comparação com as migrações para os EUA*<sup>2</sup>. Era então Bolsista de Iniciação Científica (BIC/UNIVALE), condição que me possibilitou combinar estudos linguísticos e migratórios.

Entre trabalhos internos e externos, foram muitas as experiências vividas no NEDER e no campo de pesquisa. Duas pesquisas nas quais participei foram: *Análise comparativa EUA/Portugal* e *Perfil de saúde dos imigrantes brasileiros retornados à Governador Valadares*". Essa experiência, além de possibilitar a minha inserção em outros campos e formas de conhecimento, foi uma oportunidade farta para levantar problemas sobre a língua e a linguagem humana no contexto de migrações. E foi justamente em campo que comecei a indagar sobre a prática de língua inglesa entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, com destaque para as modalidades linguísticas de *fala, compreensão, leitura e escrita*. Em resumo, estar na Iniciação Científica deu-me a possibilidade de levar a teoria de sala de aula e das migrações para o campo de pesquisa. Estar diante do fenômeno, aos poucos se tornando um objeto, possibilitou-me um desenvolvimento crítico fascinante acerca da linguagem e migrações, em uma combinação muito produtiva.

---

<sup>1</sup> Faculdade Unida de Vitória.

<sup>2</sup> Projeto de pesquisa internacional financiado pela CAPES (Brasil) e FCT (Portugal).

Foi também na Iniciação Científica que comecei a produzir textos com propósito de pesquisa e divulgação de conhecimento. Entre várias discussões, interessei-me especialmente pela relação entre língua e mercado de trabalho entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Entre outros trabalhos apresentados, em Simpósios, por exemplo, tive a oportunidade de, no ano seguinte, 2014, fazer minha primeira apresentação, no *Seminário Internacional Ligações migratórias contemporâneas: Brasil, Portugal e Estados Unidos*, organizado pela profa. Sueli Siqueira e no qual fiz parte da equipe organizadora, como bolsista colaborador. Nesse evento, além de outras experiências marcantes, a professora Patrícia Falco Genovez, que avaliou o meu trabalho, dadas as considerações, fez-me uma pergunta instigante: “Você já leu Bakhtin? Conhece Bakhtin? ”.

O meu conhecimento do autor era principalmente pela obra *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, de Luiz Antônio Marcuschi, livro adotado no curso de Letras, especialmente pela professora Cátia Cristina Degan Fernandes. Numa recorrência, no ano de 2015, ao apresentar o trabalho *A predominância da habilidade de compreensão na língua inglesa entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*, na FAMINAS, em Muriaé, Minas Gerais, um professor, depois de considerações positivas sobre o trabalho apresentado, sugeriu-me uma leitura sobre *compreensão responsiva ativa*, de Bakhtin. Guardo um pouco da fisionomia do professor, mas não me lembro do seu nome. A partir dessas experiências, ampliei meus estudos com a inserção de Bakhtin em minhas leituras, mas ainda timidamente.

Encerrada a minha bolsa de Iniciação Científica, a professora Sueli Siqueira colocou o espaço do NEDER totalmente disponível para os meus trabalhos de pesquisa. Inclusive, convidou-me para trabalhar na conclusão do banco de dados da Pesquisa *Perfil de saúde dos imigrantes brasileiros retornados à Governador Valadares*<sup>3</sup>, coordenado pelo prof. Carlos Eduardo Siqueira, da *University of Massachusetts Boston*, e pela própria, professora e pesquisadora da Universidade Vale do Rio Doce. Aceitei prontamente o convite. Foi através dessa pesquisa que pude ampliar minhas percepções sobre língua e migrações, ainda que o foco da pesquisa estivesse voltado para a saúde.

Outras oportunidades surgiram, em consonância com o meu desejo de me aprofundar na imbricada temática de língua e migrações. No dia 4 de maio de 2015, concorri ao edital de seleção para o mestrado em Gestão Integrada do Território, da UNIVALE, para o qual fui selecionado. Entretanto, aguardava uma bolsa, pois seria fundamental para os meus estudos.

---

<sup>3</sup> A partir desta pesquisa fiz o meu trabalho de conclusão de curso, sob orientação da profa. Sueli Siqueira, cujo título foi: *A habilidade na língua inglesa e sua relação com a inserção de imigrantes brasileiros no mercado de trabalho nos Estados Unidos*.

Para a minha satisfação, depois da seleção dos candidatos, tive a grande oportunidade de estar entre os contemplados. Com participação da CAPES e da UNIVALE, consegui bolsa integral dos meus estudos. Iniciava-se um novo ciclo em minha trajetória, com um aprofundamento maior na temática de migrações e língua, agora também numa abordagem territorial, que muito somou para ampliar minha compreensão acerca do fenômeno migratório em sua relação com a língua.

Em 2016, com o dialogismo bakhtiniano já incluído em minhas percepções sobre o fenômeno migratório, conheci o professor Luciano Novaes Vidon, da Universidade Federal do Espírito Santo, em um contato iniciado pela internet. Já nos primeiros contatos cedeu-me alguns textos que buscava e convidou-me para conhecer o GEBAKH (Grupo de Estudos Bakhtinianos)<sup>4</sup>. Em grupo e pelas conversas, a minha visão pôde ser ainda mais alargada em relação às possibilidades que uma leitura dialógica poderia trazer de contribuição aos mais diversos assuntos, como acerca de migrações, consolidando minhas expectativas em trabalhar com o dialogismo. Além desse encontro, foram muitas as conversas informais e de orientações com a minha orientadora, a profa. Sueli Siqueira, que acolheu de muito bom grado esse caminho escolhido. Aconteceram também muitos bate-papos com Profa. Julianna Silva Glória, que se convenceu da produtividade dessa combinação.

Enfim, essas territorialidades complexamente acumuladas, na relação com diversas alteridades e prática de pesquisa, em alguma medida, fazem parte da construção deste estudo. Como Barthes (2000) nos chama a atenção acerca da liberdade contida na literatura, na qual se assume muitos saberes, como o histórico, geográfico, social, técnico, botânico, antropológico, abrigando todas as ciências no momento literário, por esse suporte explicativo em torno da arte reúne essas vivências em minha trajetória, entre outras não menos importantes, que muito contribuíram na execução deste trabalho. Por esse caminho, de inevitável heterogeneidade e alteridades, é que nasce este trabalho, influenciado pelas mais diversas relações dialógicas. Este estudo, realizado por um sujeito humano acerca de sujeitos humanos e em relações humanas, abriga em si algo que Morin (2005) reflete sobre a vida humana quando busca na prosa e na poesia explicações para a experiência da vida. Por um lado, é prosa, pois há razão e cientificidade; mas é também poesia, que não se dicotomiza com a primeira, mas dá a liga necessária à investigação, em um dialogismo próprio. Nesse espírito, de prosa e poesia, a seguir é apresentado o percurso metodológico deste trabalho.

---

<sup>4</sup> Segundo Vidon (2016), o GEBAKH nasceu com um objetivo principal: aprofundar nas leituras da obra do *Círculo* de Bakhtin, discutir suas formulações teórico-metodológicas e carregá-las para o trabalho científico.

Esta dissertação busca dar respostas à seguinte questão inicial: *Quais as influências da habilidade na língua inglesa na territorialização do migrante laboral brasileiro nos Estados Unidos?* Outra questão, que decorre da primeira, deve ser considerada na mesma medida: *Como se dá a concretização da língua na prática de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos?* Essas duas perguntas são interdependentes. Enquanto a primeira, com um enfoque linguístico, busca esclarecimento sobre a territorialização de sujeitos imigrantes nos Estados Unidos a partir de suas habilidades na língua, a segunda atenta para o sentido de língua, que influencia diretamente na resposta à primeira pergunta. Em sentido inverso, a primeira, pela qual se nota a língua em relação à ocupação dos sujeitos nos mais diversos espaços, de algum modo, se reflete na resposta da segunda. Em modo de afirmativa, capaz de abrigar as duas perguntas, busca-se neste trabalho dissertativo dar respostas acerca da relação e influência das práticas linguísticas (em sentido dialógico) de imigrantes laborais em suas construções territoriais nos Estados Unidos, considerando, sobretudo, a sua condição de imigrante laboral.

De um modo geral, as discussões neste estudo são pertinentes para uma compreensão das práticas linguísticas de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos em suas construções territoriais. Não se trata de um trabalho dialetológico, no sentido de descrever léxicos ou formas gramaticais da prática de língua entre imigrantes. Por outro lado, caminha em um sentido interacional, discursivo e territorial. Antes de sistematizações de elementos linguísticos, busca-se compreender as práticas de língua em sua concretização, que são sempre discursivas. Nesse sentido, contribui tanto para um entendimento a partir da primeira vertente, como colabora para o entendimento de língua em um ponto de vista que contempla o uso concreto de língua entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos.

Para responder às questões deste trabalho, três eixos teóricos dão o suporte necessário: Em primeiro lugar, no que se refere às teorias de migrações: a teoria neoclássica, no sentido de estar presente ou ser contraponto de outras ideias; situada nesta, a teoria do mercado dual, para melhor situar a especificidade do mercado de trabalho disponível ao imigrante; a teoria das redes sociais, um entendimento que perpassa diversas áreas do conhecimento e esclarece boa parte da organização e dinâmicas dos fluxos migratórios; além da imbricação de outras teorias migratórias. Em segundo lugar, uma abordagem territorial em uma perspectiva integrada, na qual se compreende, conjuntamente, uma dimensão política, do Estado-nação; uma dimensão econômica; uma dimensão simbólica, que se refere ao caráter imaterial do território. Por fim, uma perspectiva de língua dialógica, atentando principalmente para prática do falante, que a concretiza em uma determinada situação e na forma de gêneros.

No segundo capítulo, busca-se apresentar as principais teorias usadas para explicar o fenômeno migratório, como já explicitadas em parágrafo anterior, enfatizando o movimento de brasileiros para os Estados Unidos. Ao encerrar esse momento, serão apresentados elementos que montam a história de como começaram os fluxos, que teve início na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais, na década de 1960. Esta parte é conduzida em função de responder sobre o motivo de brasileiros migrarem para aquele país. Na finalização desse capítulo, há também uma discussão e início de uma problematização acerca do ponto de vista de língua nos estudos migratórios, sinalizando uma condução futura.

O terceiro capítulo é destinado a apresentar a temática territorial, considerando perspectivas materiais, como aquela representada por Ratzel (1990) e Raffestin (1993), prosseguindo para uma perspectiva integrada do território, que tem sua principal representação nesta dissertação em Haesbaert. Subsequentemente a essas apresentações, a discussão se concentra em relacionar território e migrações, revisitando os autores e percebendo suas conduções ao tratarem sobre esse fenômeno. Em último momento, a imbricação é feita com a língua, de modo a trazer as contribuições de autores do território, culminando em uma perspectiva integrada, o que abre caminho para as discussões linguísticas que são adotadas neste estudo.

O quarto capítulo abre a questão para o fenômeno linguístico, que se inicia com a apresentação de uma perspectiva estrutural, representada por Saussure (2012). Em seguida, discorre-se sobre o inatismo chomskyano. Em subsequência, como um salto epistemológico, um pouco dos estudos de Benveniste (2005), na sua introdução do sujeito nos estudos linguísticos. O capítulo prossegue com uma demonstração dos estudos sobre a variação linguística, com a sociolinguística. Posteriormente, numa aproximação da linguística com a geografia, uma demonstração desse encontro disciplinar. Por fim, uma introdução ao dialogismo, destacando as principais ideias a serem tomadas neste trabalho, como sobre *gênero discursivo* e *compreensão responsiva*.

O quinto capítulo aponta para o caminho seguido na busca de respostas às questões levantadas, em que se destaca: a interdisciplinaridade nos estudos territoriais, nos estudos migratórios e nos estudos linguísticos. Em seguida, são indicados os sujeitos e os delineamentos básicos da pesquisa. Posteriormente, há a descrição do procedimento de análise dos dados gerados, que é feito mediante uma *análise dialógica do discurso*, na qual se destacam as obras: *Marxismo e filosofia da linguagem*, *Problemas da poética de Dostoiévski* e *Estética da criação verbal*. Depois há ainda uma amostra sobre o percurso de construção do

problema de pesquisa. Em subsequência são dadas algumas informações sobre o trabalho em campo, nos encontros com os sujeitos entrevistados.

O sexto capítulo tem como função apresentar a análise dos dados gerados, no qual é apresentado os sujeitos envolvidos, em que se relacionam uns aos outros na compreensão de cada um; uma amostra das principais dificuldades dos sujeitos imigrantes no destino; uma compreensão de língua a partir dos dados gerados, que é lida em uma perspectiva dialógica; e uma abordagem sobre os acessos e restrições dos sujeitos a partir da prática de língua inglesa. Evidencia-se, de modo especial, a questão dos gêneros, que estão em função de responder às diversas esferas comunicativas, interferindo diretamente nas ocupações e limites desses sujeitos.

Por fim, já nas considerações finais, é feita uma relação entre migrações, língua e territorialização, em que a territorialização de imigrantes é percebida em uma perspectiva integrada, tanto no que se refere ao território, em suas dimensões múltiplas, como em relação à língua, que não é monológica, mas heterogênea. Nesse caminho, discute-se sobre territorialização e desterritorialização desses sujeitos, questão que passa pela noção de língua. Assim, em um enfoque sobre a língua, não é possível conceber que imigrantes sejam desterritorializados plenamente, como não é possível também concebê-los, por mínima que seja a sua competência linguística, como deslinguisticados. Entretanto, a depender de cada caso, é possível conceber sujeitos em condições linguísticas precárias, no sentido da perda de garantias em função do uso da língua, que é materializada, *ipso facto*, em gêneros. Enfim, além de responder às questões propostas, esta dissertação possibilita outras leituras, colocando-se como uma possibilidade de compreensão do complexo objeto estudado.

## 2 BRASILEIROS MIGRANTES: APONTAMENTOS TEÓRICOS

Ao pensarmos sobre a emigração<sup>5</sup> internacional no contexto brasileiro, considerada ainda recente, seria pouco razoável um tratamento superficial dos relatos dos sujeitos migrantes, que nem sempre estão conscientes das diversas questões que envolvem o processo migratório. Outra limitação seria uma abordagem a partir de alguma perspectiva teórica isolada. Os trabalhos mais consistentes têm tomado esse tema de modo que contemple diversas abordagens conjuntamente — sem simplificar o que é intrinsecamente complexo. De todo modo, não é uma tarefa fácil trabalhar diversas teorias e pensamentos distintos, pois não é sempre que se encontrará harmonia no uso de perspectivas separadas no tempo, no espaço e na percepção teórica de cada autor acerca do fenômeno. Em termos gerais, é importante que se leve em consideração fatores subjetivos, sociais, econômicos, culturais e políticos, preocupação demonstrada nos trabalhos de Margolis (2013 e 1994), Siqueira (2009), Sasaki e Assis (2000), Martes (1999) e Sales (1999).

Para apresentar as principais teorias, o eixo de coerência será uma resposta acerca dos fatores que levam à emigração. Essa questão, que não deve ser tomada simploriamente, serve, na verdade, para problematizar possíveis ideias estanques sobre o fenômeno, de modo que se levará em consideração as preocupações já citadas. Acima de qualquer ponto de vista fechado, a ordem dessa explanação está em harmonia com a complexidade que envolve o fenômeno migratório, especialmente o caso estudado. Desse modo, este capítulo, além de expor as principais teorias usadas para tratar do fenômeno, apresentará a gênese do fenômeno migratório laboral de brasileiros para os Estados Unidos<sup>6</sup>, pela qual se justifica o uso heterogêneo das teorias, e esboçará, em caráter introdutório, a relação entre teoria de migração e a língua inglesa, apresentando o ponto de vista linguístico a ser usado neste trabalho, ainda que, inicialmente, apenas os contornos daquilo que virá em subsequência. Em suma, é importante que se evidencie o caráter complexo do fenômeno, que é essencial para alguma reflexão sobre a territorialização de imigrantes brasileiros nos EUA a partir de suas práticas concretas da língua inglesa.

---

<sup>5</sup> Emigração: na dinâmica do movimento, emigração é o ato de sair de ponto em direção a outro; enquanto a sua contraparte, a imigração, diz respeito ao ato de chegar a algum lugar.

<sup>6</sup> A partir daqui será usada a abreviação “EUA”.

## 2.1 QUE FATORES LEVAM À EMIGRAÇÃO?

Os neoclássicos, como perspectiva inicial<sup>7</sup>, fundamentam-se principalmente na sua *Push and Pull theory*<sup>8</sup> para explicarem o fenômeno migratório internacional. Basicamente, numa abordagem de base econômica, as suas explicações apontam que, no país de destino, haveriam atrativos de renda e trabalho e que, por outro lado, no país de origem, as condições econômicas seriam expulsivas. Seja de retenção ou expulsão, diriam que em qualquer área existem essas potencialidades. Com uma ideia centralizada no indivíduo, pode-se concluir que o ato de migrar, considerando os aspectos positivos e negativos nele envolvidos, é uma decisão calculada de custo-benefício (LEE, 1965). Nessa perspectiva, Lee (1965) esboça quatro fatores para o ato migratório, a saber: fatores relacionados ao polo de origem; outros associados ao polo de destino; os obstáculos intervenientes; e fatores pessoais.

Quanto aos primeiros fatores apresentados, o autor aponta que, na origem e no destino, há fatores positivos e negativos, bem como fatores sobre os quais os indivíduos podem ser indiferentes. Com uma variação voltada para o indivíduo, Lee (1965) destaca que há fatores que afetam a maioria de modo igual, mas que há outros que refletem de modo distinto sobre os sujeitos. O sistema de educação, por exemplo, pode ter diferentes valores, seja de vantagens ou desvantagens, a depender do indivíduo e de suas particularidades no processo migratório.

No caso do fenômeno migratório de brasileiros para os EUA, há aqueles que partem levando seus filhos, muitos deles ainda bem novos, como também não é incomum imigrantes terem filhos nos EUA, o que lhes possibilita se sentirem mais integrados à sociedade norte-americana. As suas crianças, uma vez no país, ainda que os pais sejam ilegais, podem estudar até à *high school* (que corresponde ao ensino médio no Brasil), por exemplo. Entretanto, enquanto os nascidos nos EUA, por serem cidadãos, têm o direito de darem andamento nos estudos, os filhos não nascidos, por não serem cidadãos, não podem seguir com seus estudos, como em uma faculdade<sup>9</sup>. A ciência dessas possibilidades, uma vez que sem essa possibilidade os filhos deixariam de ser escolarizados, o sistema de ensino no país pode ser uma vantagem a ser calculada pelo imigrante (MARGOLIS, 2013).

---

<sup>7</sup> Pontua-se que não há qualquer pretensão em estabelecer hierarquia entre as teorias apresentadas.

<sup>8</sup> Teoria da “expulsão e da atração”.

<sup>9</sup> Margolis (2013), em seu estudo bibliográfico, apresenta mais detalhes sobre filhos de imigrantes e os condicionamentos legais sobre nascidos e não nascidos nos EUA.

Quanto aos obstáculos intervenientes, Lee (1965) destaca a distância, as barreiras físicas, como pela construção de um muro na fronteira dos EUA com o México<sup>10</sup>, uma promessa do atual presidente dos EUA, Donald Trump<sup>11</sup>; ou leis de migração que visem conter o movimento. Nesse aspecto, para o caso da migração de brasileiros para os EUA, destaca-se a necessidade de documentação para entrar e trabalhar no país e as dificuldades para conseguir isso. Lee (1965) ainda traz a questão do transporte, que, enquanto pode ser um aspecto trivial para algumas pessoas, pode ser proibitivo para outras, considerando os seus custos. Sobre os fatores pessoais, que podem se somar aos obstáculos, como quando há a presença de filhos, a depender do processo migratório, o autor aponta para a percepção e personalidade do indivíduo. Desse modo, o movimento não é apenas racional, mas pode estar envolvido de emoções passageiras, enfermidades e acontecimentos acidentais que, porventura, o potencial migrante venha experimentar.

Em contrapartida, mas ainda com preservações ideológicas neoclássicas, Petersen (1970) propõe algumas tipologias conceituais para o fenômeno migratório, destacando outros motivos para emigrar além do econômico, como a opressão religiosa ou a violação da liberdade política, além de outras configurações. Com alguns acréscimos à perspectiva de expulsão e atração, o autor aponta a distinção que deve ser feita entre a migração *inovadora* e a migração *conservadora*. A primeira estaria relacionada ao fato de pessoas migrarem em busca do novo; a segunda, relacionada aos movimentos em que as pessoas se movem geograficamente para permanecerem onde estão em todos os outros aspectos. Com base nessas ideias, são analisadas desde as migrações primitivas, influenciadas pelas condições naturais, até às migrações mais modernas, como as de massa, em que muitos migram em consequência da ida de primeiros. Sobretudo, a parte que mais interessa neste momento é que a questão econômica é percebida como um motivo entre outros.

Outra teoria, também com uma vertente voltada para a racionalidade econômica, é a chamada *nova economia da migração*, que, assim como a primeira abordada, centra-se no aspecto econômico do deslocamento. Uma chave para compreendê-la é que as decisões não são feitas por indivíduos isolados, mas por unidades maiores de pessoas relacionadas, geralmente famílias ou agregados familiares. Segundo Massey (1993, 436, tradução minha<sup>12</sup>),

---

<sup>10</sup> Siqueira (2009) pontua que, de um total de 173 casos válidos em sua pesquisa, 30,6% dos seus entrevistados imigrantes brasileiros chegaram aos EUA pela fronteira do México.

<sup>11</sup> Conforme Ayuso (2017) destaca sobre as promessas de Trump, a construção do muro, além da divisão fronteiriça para impedir a entrada de imigrantes no país, teria os gastos, de alguma maneira, reembolsados pelos mexicanos.

<sup>12</sup> Essa tradução, como as demais nesta dissertação, é de minha responsabilidade, passando pela revisão da profa. Sônia Maria Simões Bianchini.

“[...] enquanto alguns membros da família podem ser designados para atividades econômicas na economia local, outros podem ser enviados para trabalhar em mercados de trabalho estrangeiros [...]”<sup>13</sup>. Nessa percepção, o foco não é o mercado de trabalho em si, mas outros mercados, como os de crédito, seguro desemprego, seguro de colheitas, o que faz da migração um amenizador de eventuais deficiências de mercados na origem.

Michael J. Piore, teórico que desenvolve um modelo alternativo<sup>14</sup> à maneira simplificada da *Push and Pull theory*, enfatiza suas discussões sobre o país de destino, no polo da “atração”. Os seus pensamentos são concebidos a partir das teorias das chamadas *sociedades industriais*, numa perspectiva de segmentação do trabalho. Em vez de atentar para a renda, a sua variável analítica situa-se na demanda ocupacional no país de destino. Nesse sentido, os fatores determinantes discutidos por Piore estão relacionados à ocupação disponível, ao recrutamento migratório de agências governamentais<sup>15</sup>, ao segmento ocupacional secundário e à mão de obra temporária, não aos trabalhadores e aos salários. Um entendimento que permeia essa teoria é que a economia precisa desses imigrantes e os nativos rejeitam as ocupações conferidas a esse público (PIORE, 1979)<sup>16</sup>.

Ainda numa linha econômica, há autores voltados para outros capitais que envolvem esses movimentos. Borjas (1996), autor que defende a ideia de que a presença do imigrante desqualificado perturba a economia do país hospedeiro, apresenta argumentos em torno do capital humano e do papel do Estado na regulamentação sobre a entrada de migrantes. Defensor de uma migração apenas de sujeitos qualificados, destaca que é papel das autoridades atuarem nesse filtro, como também em outros. Segundo o autor, só é possível migrar para um determinado país se o governo do país desse destino permite; em outras palavras, o país receptor tem o papel e as condições de filtrar quem entra em seu território. Nesse sentido, a atenção maior desse autor paira sobre o Estado, as suas atribuições e as qualificações dos sujeitos imigrantes.

---

<sup>13</sup> [...] While some family members can be assigned economic activities in the local economy, others may be sent to work in foreign labor markets [...].

<sup>14</sup> O pensamento de Piore é caracterizado por Martes (1999) como um modelo alternativo à teoria dos neoclássicos. Por outro lado, na localização explicativa de Siqueira (2009), situa-se entre os neoclássicos. Em termos gerais, nota-se que esse autor é fundamentalmente neoclássico, mas com alguns enfoques próprios.

<sup>15</sup> Um exemplo de recrutamento é o programa *Guest Workers*, situado nos anos de 1950 e 1960, na Europa, e o *Bracero Program*, criado nos EUA após a Segunda Guerra (SALES, 1999).

<sup>16</sup> Piore (1979), a partir da perspectiva de economia dual, com alguns acréscimos, aponta para uma segmentação no mercado de trabalho nos EUA, que é dividido em setor primário e setor secundário. No primeiro setor estão os trabalhadores altamente qualificados, podendo esses trabalhadores ascenderem profissionalmente em suas funções e salários. O setor secundário, por outro lado, abriga trabalhadores operários, onde os salários são baixos, as condições de trabalho são precárias, pouca segurança, alta rotatividade, em que se predomina uma relação informal entre empregado e contratante. Os imigrantes laborais brasileiros, que têm pouca chance ou nenhuma no primeiro setor, ocupam predominantemente trabalhos no segundo setor, não concorrendo a ocupações mais privilegiadas e buscadas pelo nativo.

Complementando-se ou divergindo-se em interpretações sobre o fenômeno migratório brasileiro, como já apontado no início deste capítulo, os trabalhos que apresentam argumentações mais convincentes trazem discussões capazes de abranger múltiplos fatores motivacionais para o ato de emigrar — em semelhança aos trabalhos já citados<sup>17</sup>. Martes (1999) evidencia essa ideia ao apontar que, apesar da teoria neoclássica ser defendida por poucos, ela se faz definidora daqueles que se colocam como seus opositores.

Isso é exemplificado nas críticas que Alejandro Portes faz a respeito da proposta de Piore para o entendimento de migrações mais recentes. A ideia de recrutamento, segundo esse teórico, é bastante frágil diante da integração econômica mundial. Em seu entendimento, a partir da década de 1960 muitos fluxos migratórios foram realizados sem a presença de programas de recrutamento, especialmente entre os indocumentados. Portes (1995), ao apontar para as limitações do modelo de “expulsão e atração”, coloca em discussão a nova ordem mundial.

Ao tratar especificamente sobre os imigrantes laborais, Portes (1996) argumenta que não há recrutamento ou outros custos na contratação desses imigrantes. Na verdade, eles vêm sozinhos e suportam todos os perigos e ônus da viagem. Em um contexto de movimentos crescentes, os fluxos, como observa o autor, não representam uma “invasão alienígena”, uma vez que não há uma vontade contrária por parte de seus receptores. O que acontece é uma coincidência entre as aspirações dos sujeitos imigrantes e os interesses de seus empregadores. Adianta-se, nesse momento, que é no âmbito da tipologia dos migrantes laborais, que caracteriza os fluxos migratórios de brasileiros para os EUA, que este trabalho tem o seu enfoque.

Quanto às suas afirmações explicativas, o teórico se preocupa em apresentar fatores motivacionais numa perspectiva mais coerente à realidade por ele observada. Entre os fatores elencados por Portes (1996), destacam-se: as condições econômicas dos que migram, constituindo um grupo seletivo; o fator cultural norte-americano e a sua ampla influência; o sistema global transnacional, ressaltando o padrão mundial da sociedade norte-americana<sup>18</sup>; e as *redes sociais*, que, como premissa inicial, são responsáveis pela manutenção dos fluxos migratórios e diminuição de custos econômicos e sociais de novas partidas. Em síntese, o autor evita simplificações, como entre os teóricos que são alvos de suas críticas, e propõe

<sup>17</sup> Margolis (2013 e 1994), Siqueira (2009), Sasaki e Assis (2000), Martes (1999) e Sales (1999).

<sup>18</sup> Margolis (2013) comenta sobre a grande influência dos EUA sobre o “imaginário geográfico” dos brasileiros, pontuando o início dos anos 1940 como período de destaque dessa tomada norte-americana. Esse imaginário é resultado da influência de filmes, música e tecnologia daquele país. Nessa perspectiva, a autora destaca também o papel da imprensa no fluxo emigratório brasileiro. Ainda que de modo não intencional, a mídia saturou o público brasileiro com representações do que seria uma boa vida no estilo estadunidense.

explicações mais complexas a respeito do contexto das migrações que ocorrem a partir da década de 1960.

Portes (1996), numa perspectiva tipológica weberiana, situando algumas de suas discussões sobre a razão de muitos não imigrarem<sup>19</sup>, em vez do motivo para emigrarem, observa que o empreendimento migratório não pode ser resumido ao fator de decisão individual e econômica. Como observa, os sujeitos muito pobres ou desempregados encontram mais barreiras para migrarem, seja documentado ou indocumentado. Além disso, os potenciais imigrantes são autosseleccionados pelas suas aspirações e a vontade de trabalhar mediante a aventura migratória.

Sobre a questão cultural norte-americana no cenário global, pelo menos duas apreensões podem ser colocadas nessa discussão. A primeira se refere ao padrão de vida que esse país oferece como objeto de desejo no imaginário dos potenciais migrantes. Na verdade, em coerência com o que foi apontado acima, as pessoas que migram não são miseráveis; pelo contrário, migram em muitos casos devido a alguma *privação relativa*<sup>20</sup> em sua origem, buscando, através da migração, atender aos seus anseios. A segunda, ligada a essa, é que não são todos os sujeitos que têm acesso ou aspiração formada por meio desse conhecimento, para o qual são necessárias algumas condições socioeconômicas.

No âmbito da globalização, Sassen (1988) tem a sua preocupação voltada para o novo contexto dos processos migratórios. Situada na vertente teórica histórico-estrutural, a autora busca responder como a atual configuração de espaços transnacionais de produção condicionam a mobilidade da força de trabalho. Nessa perspectiva, entra em discussão não apenas a mobilidade de trabalhadores em resultado de questões expulsivas e atrativas, como propõe os neoclássicos, mas também a mobilidade do capital. Isso arremete à ideia de que países com crescimento econômico e produtivo recebem e enviam migrantes. As altas taxas de migração podem ser explicadas pela expansão das formas de produção modernas e o seu impacto na formação de uma proporção de trabalho migrante. Trabalhadores circulam, mas acompanhando a circulação de capitais, mercados, serviços e informações.

Sassen (1988) chama a atenção para a *reorganização da economia mundial* daquelas décadas de 1960 e 1980, ocasionando um espaço transnacional no globo. O foco da autora, como pode ser notado, descentraliza-se do trabalhador. Numa perspectiva que se volta para fatores externos, nos dois polos, atenta para a reorganização mundial de produção. Em

---

<sup>19</sup> Petersen (1970) já fazia essa pergunta em suas observações.

<sup>20</sup> Privação relativa diz respeito aos sentimentos de privação que não resultam de uma verdadeira falta objetiva de recursos, mas mais da comparação feita por indivíduos ou grupos com outros indivíduos ou grupos (FIGUEIREDO et al., 2014).

tradução ao pensamento da autora, Sales (1999, p.23) aponta para sua ideia de que “[...] o investimento estrangeiro seria a variável fundamental para explicar os fluxos de migrações internacionais”.

Antes de serem adicionados outros aspectos importantes para a motivação migratória, é importante que se pontue algumas afirmações sobre o autor pelo qual se iniciou essas últimas discussões. Portes (1995;1996) não nega o fator econômico na motivação migratória; ao contrário, o teórico assume claramente esta questão. Entretanto, a ação não pode ser tomada como estritamente econômica, pois outros objetivos psicossociais, como a busca de aprovação, *status* e poder, estão presentes igualmente. A sociologia econômica está mais preocupada com os constrangimentos oriundos do ambiente social do que com aqueles subjetivos e racionais. Dessa forma, a ação econômica é socialmente orientada, no sentido de que pode ser governada, no todo ou em parte, pela introjeção de valores, e valores são dados socialmente.

Ainda nessa lógica de raciocínio entram as *redes sociais*, que ocupam um papel importante nas diversas estruturas econômicas e são fundamentais para explicar o fenômeno migratório brasileiro. Elas são constituídas por conjuntos de associação entre grupos de pessoas, que podem estar ligadas por laços profissionais, familiares, culturais ou afetivos. Na vida econômica, as redes são importantes para a aquisição de meios escassos, como capital e informação. Ao citar os estudos Boissevain (1974) em sua discussão, Portes (1995) argumenta que as redes relativamente grandes e densas são mais eficazes no desenvolvimento de expectativas normativas e no cumprimento das obrigações de reciprocidades. Elas também podem ser densamente agrupadas e múltiplas. Por exemplo, associações de parentesco podem estar sobrepostas, como por vínculos de trabalho, religiosos e recreativos. No contexto migratório, elas facilitam na adaptação, obtenção de emprego, informações sobre o território estrangeiro, entre outras possibilidades.

Conforme destaca Tilly (1990), outro teórico que adere à ideia das redes em suas discussões, a migração de longa distância acarreta riscos à segurança pessoal, ao conforto, à renda, à possibilidade de satisfazer relações sociais. Dessa forma, locais onde parentes, amigos, vizinhos e colegas de trabalho já têm bons contatos, nos possíveis destinos, o movimento se torna mais seguro. As redes interpessoais de informações estabelecidas minimizam e barram os riscos.

No âmbito dessa ideia, o autor faz uma distinção entre as relações de envio e as relações de recebimento. As conexões de envio, conforme destaca o teórico, são caracterizadas pelas conexões entre pessoas nos polos de origem, denominadas redes de envio. As conexões

no local de destino são chamadas de redes de recebimento. Em conjunto, esses pontos criam novas redes, que se estendem na origem e no destino<sup>21</sup>.

Uma definição que atende à proposta deste trabalho, capaz de abrigar os aspectos já colocados sem eliminar outros, considerando que são muitas as possibilidades, a depender do campo teórico ou objeto em análise, encontra-se em Massey (1993, p.448) quando afirma: “A rede de migrantes consiste em conjuntos de laços interpessoais que conectam migrantes, primeiros migrantes e não migrantes nas áreas de origem e destino através de laços de parentesco, amizade ou origem compartilhada [...]”<sup>22</sup>. No mundo real dos imigrantes, especialmente no caso dos laborais brasileiros, essas redes oferecem referencial ao indivíduo no país de destino, acomodação inicial e inserção no mercado de trabalho (MARGOLIS, 2013; SIQUEIRA, 2009; SALES, 1999).

Sales (1999), que tem as redes em lugar especial em suas explicações empíricas sobre a imigração brasileira nos EUA, traz luz a esse fato ao se referir às muitas redes encontradas entre o local de origem e de destino, destacando as redes de parentesco, de amizade ou simples conhecimento que tem aquele que emigra. Para a maioria dos seus informantes, as redes é que lhes influenciaram na decisão migratória e, através delas, receberam apoio inicial para morarem e obterem seu primeiro trabalho. Em sentido geral, as grandes levas de brasileiros na década de 1980 aconteceram, conjuntamente à situação econômica brasileira da época, em resposta ao estabelecimento de redes sociais.

Outras duas teorias podem ser acrescentadas nesse arcabouço: Em primeiro lugar, a *teoria institucional*, que diz respeito às instituições formadas na medida em que os deslocamentos se iniciam. Com finalidade de atender às necessidades de imigrantes, elas podem ser bastante lucrativas. Podem ser legais ou ilegais, privadas ou de voluntários. Elas se tornam conhecidas e, ao mesmo tempo, de difícil controle de governos. Em segundo lugar, para finalizar as apresentadas nesta tarefa, é a chamada *causalidade acumulativa*. Segundo Massey (1993, p. 451), “[...] a causalidade é cumulativa na medida em que cada ato de migração altera o contexto social, no qual se tornam subsequentes outras decisões para migrar, tornando o movimento adicional mais provável [...]”<sup>23</sup>. O autor, ao tratar dessa perspectiva, descreve aquilo que se denomina *cultura de migração*, quando valores e

---

<sup>21</sup> As redes na origem, conforme destaca Siqueira (2009), são tão importantes para a emigração como para o retorno de emigrados ao país de origem, podendo ser úteis na direção de investimentos, por exemplo.

<sup>22</sup> Migrant networks are sets of interpersonal ties that connect migrants, former migrants, and nonmigrants in origin and destination areas through ties of kinship, friendship, and shared community origin [...].

<sup>23</sup> “[...] Causation is cumulative in that each act of migration alters the social context within which subsequent migration decisions are made, typically in ways that make additional movement more likely [...]”.

percepções culturais são mudados com o crescimento da migração, favorecendo a ida de outros.

Essas perspectivas teóricas apresentadas até aqui, se tomadas de modo isolado, demonstram sua fragilidade para manejar a amplitude do assunto em questão. Os deslocamentos migratórios de brasileiros para os EUA, como evidencia a sua história, têm características próprias no que se refere ao seu início e manutenção. Com um fluxo ainda jovem, as migrações brasileiras não se explicam simplesmente pelo modelo de “expulsão e atração”, o que simplificaria demais a questão. Não são explicadas totalmente nas ideias acrescentadas por Piore (1979), principalmente na parte em que trabalha sobre a ideia de programas de recrutamento, pois, como é possível notar, não há dados sobre esse fato nos movimentos valadarenses<sup>24</sup>. Sassen (1988), apesar de trazer contribuições relevantes com a introdução do fator “reorganização mundial”, também não dá conta de explicar por si os grandes fluxos dos anos de 1980, que tiveram representação em locais bem precisos. Dadas essas considerações, a seguir será apresentado um panorama capaz de apontar para a complexidade do fenômeno estudado e a necessidade de uma explicação heterogênea.<sup>25</sup>

De todo modo, diante da variedade de perspectivas disponíveis, e não deve ser descartada a possibilidade de qualquer uma delas para compreender as motivações dos indivíduos, as que se destacam são: a teoria neoclássica, no sentido de estar presente ou ser contraponto de outras ideias; a teoria do mercado dual, compreendida nesta, para melhor situar a especificidade do mercado de trabalho disponível ao imigrante; a teoria das redes sociais, um entendimento que perpassa diversas áreas do conhecimento e esclarece boa parte da organização e dinâmicas dos fluxos migratórios. Apesar da teoria da causalidade cumulativa e da reorganização mundial perpassarem o fenômeno estudado, não são postas em destaque. Todos os pontos de vista apresentados, ainda que alguns sejam evidentemente privilegiados neste estudo, são válidos e necessários para uma compreensão dos fatores múltiplos envolvidos nos motivos migratórios, causas que refletem diretamente nos efeitos, no sentido de estarem refletidos nas construções territoriais dos sujeitos migrantes e, concomitantemente, em suas práticas linguísticas.

---

<sup>24</sup> Conforme os pesquisadores já citados neste capítulo, como Siqueira (2009) e Sales (1999), é na cidade de Governador Valadares que se inicia o fluxo migratório de brasileiros para os EUA, a partir da qual formam-se as primeiras redes migratórias, e estas possibilitam a ida de outros sujeitos.

<sup>25</sup> Esses exemplos são suficientes para mostrar que, a respeito do fenômeno migratório brasileiro, é preciso mais do que uma perspectiva explicativa.

## 2.2 BRASILEIROS RUMO AOS ESTADOS UNIDOS: COMO TUDO COMEÇOU

Esta parte, além de um resumo histórico, traz uma demonstração sobre a necessidade de abordagens heteróclitas para tratar de fenômenos complexos como o de migrações de brasileiros para os EUA. O fenômeno das migrações internacionais, especialmente o caso brasileiro, não pode ser bem compreendido nas teorias sem uma noção histórica dos deslocamentos populacionais de brasileiros para os EUA. A origem das primeiras idas, nos anos de 1960, como o processo de formação do fluxo migratório até a sua explosão, que é percebida em meados dos anos de 1980, colaboram na explicação do fenômeno migratório brasileiro. Com uma realidade distinta daquelas que servem de pano de fundo para a grande extensão das discussões de teóricos citados anteriormente, o caso das migrações brasileiras é melhor entendido a partir da sua própria constituição.

Antes de pensarmos em emigrantes brasileiros que partem de sua terra para o estrangeiro, não podemos desconsiderar que migrações internacionais é um fenômeno que acompanha situações e mudanças histórico-sociais, podendo ser analisado a partir de seus diferentes períodos e fluxos. O Brasil, atualmente caracterizado pela saída de emigrantes para diversos países e, notavelmente, para os EUA<sup>26</sup>, tem em sua história a marca de receptor de imigrantes de diversos locais do globo. Sobre esse fenômeno no Brasil, destaca-se o período das grandes migrações, ocorrido entre os séculos XIX e XX. Entre os recebidos estão os portugueses, os italianos, os espanhóis, os alemães e os japoneses (BASSANEZI, 1995). Dada essa breve consideração, coloca-se em destaque a emissão de migrantes.

No caso da exportação migratória brasileira para os EUA, é necessário recorrer, de modo especial, às redes sociais para uma explicação da formação do seu fluxo. As primeiras idas de brasileiros, como se nota historicamente, ocorreram nos anos de 1960. Desse período até os anos de 1980, as redes se consolidaram e prepararam o cenário para o grande *boom* migratório na metade dessa década. E é na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais, que, como local geográfico, se inicia aquilo que pode ser chamado de fluxo migratório internacional de brasileiros para as terras estadunidenses (SIQUEIRA, ASSIS & CAMPOS, 2010).

---

<sup>26</sup> Margolis (2013) destaca outros destinos de brasileiros, como Portugal, Inglaterra, República da Irlanda, Espanha, Itália, Suíça, Alemanha, Japão, Austrália, entre outros.

Siqueira, Assis & Campos (2010) apresentam alguns fatores que configuraram o fluxo migratório de Governador Valadares para os EUA. O primeiro fator, segundo apontam, se refere à aproximação ocorrida entre os moradores locais, na década de 1940<sup>27</sup>, com os estrangeiros norte-americanos. Isso ocorre quando os EUA vieram para explorar a mica, período da Segunda Guerra Mundial. Posteriormente, esse contato é estabelecido com a ampliação da estrada de ferro Vitória a Minas, com a vinda de engenheiros estadunidenses para a região. Contudo, essa aproximação, conforme se percebe nos autores, não responde isoladamente à questão. Outras regiões, apesar de terem recebido estrangeiros com objetivo de explorar minerais, não conceberam fluxo migratório.

O segundo fator apresentado, então, diz respeito ao mercado de trabalho secundário disponível nos EUA, em ocupações desprezadas pelos nativos daquele país<sup>28</sup>. Ligado a esse, o terceiro fator está relacionado à crise de emprego e à queda no poder aquisitivo da classe média brasileira, nos anos de 1980<sup>29</sup>. Segundo Ometto, Furtoso & Silva (1995), o Brasil, que vinha de uma trajetória de crescimento econômico na década de 1970, mergulha na sua crise mais grave da história, fato que levou muitos economistas a denominarem esse tempo como “década perdida”. Apenas para dar exemplo, as autoras destacam que o PIB *per capita*, que nos anos de 1970<sup>30</sup> era de 6,1% a. a., diminuiu 13% no início da década de 1980. Com uma inflação elevadíssima, além das dificuldades geradas à população em geral, assolaram de modo especial os assalariados, pensionistas e outros.

Santagada (1990), referindo-se a essa década, apresenta um panorama da situação social do Brasil naqueles anos turbulentos. Endividado, o país, entre os anos de 1979 e 1987, pagou US\$ 82, 5 bilhões de juros aos credores externos, afirma a autora ao citar Arruda (1988). A renda *per capita* brasileira, em que a maioria não recebia mais que dois salários mínimos em 1984, permaneceu estagnada e sob à assolação inflacionária, que fazia com que o salário se deteriorasse. Com a modernização do campo a partir da década de 1970 e diante da pressão econômica no país, muitos da zona rural são forçados a migrarem para as cidades. Enquanto, em 1970, 56% da população residiam no meio urbano, em 1980 os números chegam a 67,6%. Segundo Menezes & Gonçalves (1986), citados por Santagada (1990), entre

<sup>27</sup> Segundo Espindola (1998), na década de 1940 a população de Governador Valadares era de 5.734 habitantes. Em 1950, a cidade chegou a 20.357; em 1960, a cidade contava com 70.494 habitantes; em 1970, com 125.174; e em 1991 já estava com 230.524 habitantes.

<sup>28</sup> Arremete-se aqui à teoria do mercado dual, segundo a perspectiva de Piore (1979).

<sup>29</sup> Destaca-se aqui que os primeiros brasileiros a emigrarem são majoritariamente da classe média.

<sup>30</sup> Santagada (1990), ao tratar sobre a década de 1970, na qual aconteceu o chamado “milagre econômico”, destaca a classe média alta, composta por gerentes, profissionais liberais e médios empresários como a privilegiada nesse período, podendo desfrutar, em parte, do crescimento econômico. Por outro lado, considera que a maioria dos trabalhadores assalariados foi prejudicada, numa política de arrocho salarial.

os anos de 1970 e 1980, a terça parte da população brasileira migrava de um lado para outro, perfazendo um contingente de 40 milhões de pessoas.

Na década de 1980, em uma nítida concordância entre pesquisadores já mencionados<sup>31</sup>, aconteceram os grandes movimentos migratórios de valadarenses para os EUA. Entre as explicações, sem deixar de levar em consideração aspectos já citados, nota-se que a crise econômica brasileira foi um dos fatores determinantes para as grandes levas nessa década. Sales (1999) aponta que foi na segunda metade da década de 1980 que aconteceram os maiores fluxos migratórios de brasileiros para os EUA. Os dados do Censo norte americano, que não contradizia seus dados empíricos, em uma representação com mais de 12 mil sujeitos, apontava que cerca de 66,6% emigraram entre os anos 1985 e 1990.

O quarto fator apresentado por Siqueira, Assis & Campos (2010) refere-se ao surgimento de mecanismos facilitadores para emigrar, como as agências de turismo que prestavam serviços na obtenção de visto de turista para entrar nos EUA. Entre as atividades oferecidas, estavam: agendamento de entrevistas no consulado, organização de documentos, orientações sobre o modo de se vestir e se comportar na hora da entrevista e transporte até o consulado. Além desses, os autores discorrem ainda sobre a existência dos agenciadores, denominados “cônsul”, pessoas que providenciavam meios para a travessia pelo México<sup>32</sup>.

O último fator apontado, associado aos outros citados, trata-se da própria constituição da rede a partir da ida dos primeiros valadarenses, na década de 1960. O estudo de Siqueira, Assis & Campos (2010) mostra que as redes migratórias valadarenses para os EUA têm início com dezessete jovens, entre 18 e 27 anos, que emigraram na década de 1960<sup>33</sup> com objetivo de trabalhar. Jovens de boa condição financeira, com o segundo grau completo, partiram por aventura e curiosidade em conhecer os EUA, um país rico e que lhes alimentava a imaginação.

Sobre esse momento, os autores destacam o papel fundamental da escola de inglês IBEU (Instituto Brasil Estados Unidos), fundada em 1960, na cidade de Governador Valadares. A proprietária era a Dona Geraldina, esposa do Mister Simpson, um dos engenheiros que vieram para Governador Valadares na década de 1940 e permaneceu na localidade após o término das obras da ferrovia. A referida escola, na década de 1960, viabilizou a ida de intercambistas para os EUA. Ao retornarem os primeiros intercambistas à Governador Valadares, as notícias sobre o país estrangeiro se espalharam entre os nativos da

---

<sup>31</sup> Margolis (2013 e 1994), Siqueira (2009), Sasaki e Assis (2000), Martes (1999) e Sales (1999).

<sup>32</sup> Destaca-se aqui a *teoria institucional*, que podem ser formais ou informais.

<sup>33</sup> Salienta-se que idas isoladas não constituem fluxo migratório; mas é a partir de idas pouco expressivas em número que os fluxos encontram a sua gênese.

cidade mineira. O primeiro estudante a ir e retornar, em 1963, relata que as pessoas faziam fila em sua casa para ver o seu álbum de fotografias e ouvi-lo contar histórias sobre o país estrangeiro e as possibilidades de emigrar para a “Boa Terra”.

Os primeiros quatro emigrantes, munidos de informações concretas, foram os pontos iniciais da rede migratória, partindo em 1964. Através do envio de cartas e fotos, que demoravam mais de um mês para chegar, esses pioneiros escreviam sobre as oportunidades e maravilhas encontradas na terra do *Tio Sam*, difundindo sobre a grande aventura de emigrar. Esses primeiros imigrantes, por meio de informações, empréstimo de dinheiro, assistência na chegada, estadia, ajuda no acesso ao primeiro emprego, compra de roupas adequadas ao clima, entre outras benevolências, davam o suporte necessário aos que se aventuram na migração. Um dos entrevistados referidos, que chegou no ano de 1965, relata que ajudava a quem chegava lá: comprava remédio, levava ao médico, buscava ao aeroporto e revela que sua casa vivia cheia de pessoas que chegavam aos EUA<sup>34</sup>.

Um ponto já depreendido, mas que merece relevo é a consolidação de um imaginário acerca dos EUA como “uma terra que mana leite e mel”<sup>35</sup>. Margolis (2013) aponta a cidade mineira como a que mais se destaca em remeter emigrantes para a terra do Norte. A pesquisadora, que destaca a quantidade expressiva de valadarenses nos EUA desde a sua primeira publicação sobre o tema, em 1994, ressalta em sua obra mais recente que “em nenhum outro lugar no Brasil os EUA exercem maior influência no imaginário das pessoas do que em Governador Valadares [...]” (MARGOLIS, 2013, p.190).

Em todas essas discussões apresentadas, uma tarefa difícil é precisar números de brasileiros que emigraram para os EUA, seja em épocas passadas ou no presente. Os dados que se tem à disposição, dada à imprecisão, são bem variados. Desde o trabalho de Margolis (1994), pioneira em estudos sobre imigrantes brasileiros nos EUA, especificamente em Nova Iorque, é notável a dificuldade em apresentar números precisos. Uma das razões explicativas para essa imprecisão, atestada em outros trabalhos, está no fato das agências reguladoras e censitárias, dados os mecanismos utilizados, não apresentarem levantamentos que deem conta

---

<sup>34</sup> A maioria dos primeiros dezessete imigrantes, que foram os pontos iniciais da rede migratória de Governador Valadares para os Estados Unidos, relatam ter levado, cada um, mais de trinta pessoas, como parentes e amigos (SIQUEIRA, ASSIS & CAMPOS, 2010).

<sup>35</sup> Em alusão à Canaã, que, segundo a narrativa bíblica, trata-se de uma terra divinamente prometida à descendência de Abraão. Esse imaginário pode ser comparado a territorialidades simbólicas, nas quais não há necessariamente uma materialidade imediata, situação exemplificada pelo imaginário dos hebreus acerca da Terra Prometida. Haesbaert (2007) usa essa narrativa para ilustrar sobre essa dimensão simbólica do território.

da quantidade real. É preciso destacar também que a maioria dos emigrantes brasileiros vai para os EUA indocumentada, o que colabora ainda mais com a imprecisão numérica.<sup>36</sup>

Por tudo até aqui, essa breve contextualização histórica sobre o início das redes migratórias brasileiras e sua consolidação, longe de esgotar o tema, monta o cenário das migrações brasileiras, que têm seu início na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais. Entre todos os seus aspectos particulares, destaca-se a forma como aconteceram as primeiras idas coletivas de brasileiros, mediada por um intercâmbio realizado pela escola de inglês IBEU (Instituto Brasil Estados Unidos). Esses indivíduos eram pessoas com ensino formal na língua, de modo que, além da oportunidade de conhecerem o país, puderam trazer as primeiras informações sobre o país estrangeiro. Em um período em que não haviam redes migratórias formadas, o conhecimento prévio da língua foi muito importante para a qualidade das informações trazidas. A seguir serão apresentados alguns apontamentos sobre a posição da língua em algumas teorias de migrações pelas quais isso é possível, caminhando, em seguida, para os questionamentos concernentes a esta dissertação.

### 2.3 AS TEORIAS DE MIGRAÇÃO E O ASPECTO LINGUÍSTICO

Nas teorias apresentadas acima, em que cada uma tem a sua validade para entender os aspectos que envolvem o fenômeno migratório, não há apresentação de detalhes acerca das questões voltadas para vivência dos sujeitos, especialmente no que concerne ao uso linguístico. Cabe antecipar aqui a ideia saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto. Ainda que essa consideração não deva ser tomada como a um estudo linguístico nas teorias de migração, pois em cada teoria há o seu próprio objeto e interesse particular de investigação, é possível depreender, se não sistematicamente, pelo menos o contorno da concepção de língua entendida em duas delas.

Entre os autores neoclássicos citados, Borjas (1996) é o que apresenta mais claramente alguma ideia linguística em seus argumentos. O autor cita estudos que mostram que imigrantes, nos EUA, que são proficientes na língua inglesa têm maiores ganhos do que os imigrantes que não o são. A proficiência na língua do país de acolhimento, segundo pontua, aumenta os rendimentos do imigrante, pois o bilinguismo abre portas no mercado de trabalho.

---

<sup>36</sup> Raffestin (1993) aponta sobre a dificuldade de controlar a mobilidade, no sentido de informação, assim como não é fácil controlar natalidade e mortalidade.

Apresenta também a ideia de que parece haver uma ligação entre a proficiência em inglês e a taxa de convergência salarial entre imigrantes e nativos.

Apesar da citação de vários autores, nenhuma referência de avaliação linguística é mencionada. Além de alguns nomes, o autor cita dados do *Departamento de Comércio dos Estados Unidos* (1993a), informando que, em 1990, 47,0% do estoque de imigrantes nos EUA não falava  *muito bem*  inglês. Dada essa colocação, a grande questão é saber que ideia de língua está em questão nesses relatos. Não é razoável acreditar que todos os imigrantes da porcentagem acima tenham passado por algum teste de proficiência na língua inglesa. Caso tenham passado, caberia indagar sobre quais eram os objetivos.

Os testes, na verdade, variam de acordo a sua finalidade. Segundo Oliveira (2014), o TOEFL e o CPE<sup>37</sup>, por exemplo, buscam medir a proficiência de usuários que vêm de algum país onde não tem o inglês como língua oficial. O CPE, um teste do Reino Unido, além de medições linguísticas, inclui tema de redação voltados para a literatura e, concomitantemente, para a cultura britânica. A partir dessas considerações, o autor questiona se ser proficiente em inglês seria dominar também aspectos culturais pertinentes à língua alvo. A começar por uma discussão a respeito de proficiência, chega ao que alguns autores têm chamado de competência comunicativa<sup>38</sup>. Ao introduzir Canale e Swain (1980) na discussão, o autor apresenta quatro componentes da competência comunicativa: competência gramatical, competência sociolinguística, competência discursiva e competência estratégica. Sem ater ao desenvolvimento desses componentes, nota-se que proficiência na língua ou competência comunicativa são questões que despertam a atenção para a complexidade envolvida nas práticas linguísticas e as abstrações que podem estar contidas em testes de proficiência.

Massey (1993), ao tratar sobre modelos de teorias que tomam os sistemas globais como base explicativa para o fenômeno migratório, argumenta sobre os vínculos ideológicos existentes nesse contexto.

O processo de globalização econômica cria laços culturais entre os países capitalistas centrais e suas zonas interiores dentro do mundo em desenvolvimento. Em muitos casos, essas ligações culturais são de longa data, refletindo um passado colonial em que países centrais estabeleceram sistemas administrativos e educacionais que espelhavam os seus, a fim de governar e explorar uma região periférica. Os cidadãos do Senegal, por exemplo, aprendem francês, estudam em escolas secundárias, e usam uma moeda diretamente ligada ao franco francês nas

<sup>37</sup> TOEFL (*Test of English as a Foreign or Other Language*; CPE (*Cambridge Proficiency Examination*)).

<sup>38</sup> Oliveira (2014) se refere à proficiência como um termo geralmente usado para se referir aos conhecimentos e habilidades de um falante de uma língua estrangeira. Em contrapartida, a competência comunicativa, citando Hymes (1994), evolve, além dos aspectos linguísticos, aspectos socioculturais, bem como estados psicológicos diversos.

transações econômicas. Da mesma forma, índios e paquistaneses aprendem inglês, obtêm títulos ao estilo britânico e juntam-se com outros em uma união transnacional conhecida como a Commonwealth [britânica]. Mesmo na ausência de um passado colonial, a influência da penetração econômica pode ser profunda: os mexicanos estudam cada vez mais em universidades norte-americanas, falam inglês e seguem estilos de consumo norte-americanos. (MASSEY, 1993, p.446)<sup>39</sup>.

Nesse último caso, apesar da configuração em que se trata a língua ser diferente daquela suposta no primeiro caso, as perspectivas de entendimento são semelhantes. Na primeira exposição, independente da origem do imigrante, a ideia gira em torno de proficiência e bilinguismo e as vantagens econômicas oriundas dessas habilidades. A língua, nesse caso, é um atributo de capital humano. Nessa última, leva-se em conta heranças culturais e linguísticas que países colonizadores deixam como marca em suas colônias, bem como a influência de línguas como o inglês, capaz de penetrar e influenciar em espaços geográficos diversos, ainda que esses não tenham um passado de colonização imbuída dessa língua<sup>40</sup>.

Esses dois esboços, longe de qualquer fechamento, demonstram que, mesmo sem uma definição transparente, as ideias de língua não estão dadas em situação real de uso, no meio social e com suas complexidades envolvidas. Independentemente de saber em que medida se encontram, pode-se sugerir que o ponto de vista em uso está voltado para uma linguística normativa ou estrutural. A língua como estrutura, exemplificada na proposta saussuriana, não contempla as heterogeneidades e opacidades presentes em sua realização concreta, ou seja, no uso discursivo dos sujeitos em situações concretas e as implicações que isso envolve. Na linguística normativa, a desconsideração ao sujeito caminha em direção semelhante. Todavia, há aqui qualquer pretensão hierárquica, como no sentido de que estudos estruturais tenham menos valor que estudos discursivos. Na verdade, a perspectiva privilegiada nesta dissertação é em função dos problemas levantados.

---

<sup>39</sup> The process of economic globalization creates cultural links between core capitalist countries and their hinterlands within the developing world. In many cases, these cultural links are longstanding, reflecting a colonial past in which core countries established administrative and educational systems that mirrored their own in order to govern and exploit a peripheral region. Citizens of Senegal, for example, learn French, study at lycees, and use a currency directly tied to the French franc in economic transactions. Likewise, Indians and Pakistanis learn English, take British-style degrees, and join with others in a transnational union known as the British Commonwealth. Even in the absence of a colonial past, the influence of economic penetration can be profound: Mexicans increasingly study at US universities, speak English, and follow American consumer styles closely.

<sup>40</sup> A percepção de língua desses teóricos, presente também em trabalhos de pesquisadores empíricos, demonstra como a perspectiva estrutural predomina não apenas no senso comum, mas também na escrita especializada, seja entre autores fora da linguística, muitas vezes pelo desconhecimento de outras epistemologias linguísticas, ou simplesmente pelo fato da perspectiva estrutural dar conta de seus objetivos. Não há o que questionar a validade de uma perspectiva estrutural nos estudos de língua, pois, dependendo do objeto analisado, pode ser o ponto de vista mais adequado; entretanto, esse não é o único.

Acima de tudo, a questão que se coloca neste trabalho diz respeito à complexidade envolvida no fenômeno e, conseqüentemente, às decisões desses sujeitos e suas práticas sociais e linguísticas. As teorias de migrações, que podem ser lidas aqui como pontos de vista, quando usadas de modo integrado potencializam as possibilidades de perceber o fenômeno em sua natureza. Como este trabalho tem por finalidade tratar sobre as experiências reais de sujeitos migrantes em suas construções territoriais, com ênfase na língua — prática onipresente nas experiências humanas e sociais —, qualquer tratamento isolado, que corre o risco de abstrações extremadas, deve ser evitado. Assim, as teorias, especialmente as colocadas em destaque, foram acionadas na medida em que se fizeram necessárias, com o objetivo de entender as nuances envolvidas na territorialização de imigrantes brasileiros. Em contrapartida, perspectivas que isolam os sujeitos de sua prática de língua, como no estruturalismo, não conseguem responder aos problemas levantados. No presente estudo, portanto, em consideração a essa coerência necessária, a língua é vista, sobretudo, como uma prática social.

### 3 TERRITÓRIO E SUAS IMBRICAÇÕES COM MIGRAÇÕES E LÍNGUA

O território, que não é um termo que se comporta plenamente em uma definição simplista, podendo ser material ou simbólico, ou abrigar essas dimensões concomitantemente, pode ter as mais diversas concepções e combinações teóricas e disciplinares. Antes de uma definição fechada, mais importante que se pense sobre as implicações que a concepção territorial em uso é capaz de projetar sobre a realidade que se observa, bem como o que pode assimilar desta. Dessa forma, é importante que se busque alguma perspectiva capaz de atender às demandas atuais, mas sem perder de vista aquelas que lhe dão sustentação ou servem de contraste. Para isso, como suporte para pensar território em migrações, ainda que se privilegie uma delas, serão apresentadas neste estudo perspectivas materialistas, a partir de Ratzel (1990)<sup>41</sup> e Raffestin (1993)<sup>42</sup>, passando, como forma de uma ponte teórica, para a virada cultural; então será apresentada uma perspectiva integradora, que é a principal base para o desenvolvimento deste trabalho nesse eixo teórico, em que congrega aspectos materiais e simbólicos do território, representada aqui principalmente pelos trabalhos de Haesbaert (1997a; 1997b; 2001; 2004; 2007; 2008; 2011<sup>43</sup>; 2014; 2016).

No que se refere às migrações internacionais, atrelá-las intimamente às relações culturais, políticas, espaciais, linguísticas, de poder, entre outras questões, não é um absurdo; ao contrário, são assuntos que perpassam toda a trama de migrações. O capítulo anterior, como demonstrado, comprova a heterogeneidade intrínseca desse campo, que envolve indivíduos, sociedade, países, mercados etc. Nesse sentido, passar por essas questões, ainda que não seja propósito ou foco investigativo, é entrar em um âmbito comum à temática territorial, das relações e dos símbolos, a partir dos quais é possível agregar os variados fios que constituem o multicolorido tecido do movimento humano. De modo geral, migrações é um tema, por si mesmo, inconformado com simplificações, encontrando um abrigo adequado na temática do território.

---

<sup>41</sup> Morais (1990) é o organizador de um trabalho a partir de dois textos de Ratzel, no qual escreve um capítulo introdutório seguido de textos traduzidos do autor. Os textos são: *Antropogeografia: Princípios de aplicação da ciência geográfica à história*, publicado em 1882 e republicado, com um segundo volume e algumas alterações no primeiro, em 1891; e o segundo, *Raças humanas*, editado originalmente em 1885 a 1888.

<sup>42</sup> *Pour une géographie du pouvoir*, que teve sua primeira edição em 1980.

<sup>43</sup> Da obra *O Mito da desterritorialização: Do fim dos territórios à multiterritorialidade*, publicada pela primeira vez em 2004.

Quanto à língua, ela é a forma mais latente da experiência humana, social e simbólica. Como pontua Bakhtin (2011), não há interpretação de qualquer fenômeno humano que não passe pela linguagem. Para exemplificar, seja como metalinguagem desse fato ou como parte explicativa, desde Borjas (1990), teórico neoclássico no campo das migrações, até Raffestin (1993), em sua problemática relacional, há o testemunho da onipresença linguística na vida humana, que não pode ser ignorada. Na verdade, esses três eixos: território, migrações e língua, com as devidas considerações às suas particularidades, demonstram que os movimentos humanos podem e devem ser, como na vida real, compreendidos na complexidade de imbricações necessárias. Apenas como exemplo, no que se refere à íntima relação entre espaço e língua, pertinente aos outros eixos citados, basta que se perceba a riqueza das variedades linguísticas diatópicas<sup>44</sup>, inclusive em contextos de uma mesma língua convencionada nacionalmente.

Por essas reflexões iniciais, entra em foco as migrações de brasileiros para os EUA, em que, principalmente pelas questões envolvidas neste trabalho, assim como nas teorias apresentadas no capítulo anterior, não contentam com um monologismo. Assim, não é possível negar, por exemplo, a materialidade das fronteiras erigidas pelos agentes geopolíticos, as distinções entre as línguas oficiais dos povos, as leis migratórias de cada país, as suas restrições, como também não é salutar afirmar que as questões territoriais estejam limitadas a materialidades apenas. O imigrante não sai de um local sem que leve consigo suas geografias simbólicas, seus costumes, sua língua, ainda que sejam futuramente negociados. No presente estudo, em que o foco são os sujeitos migrantes em suas práticas linguísticas e territoriais, estas se encontram em tecidos formados de várias escalas, que não devem ser desconsideradas, ainda que alguns aspectos sejam aqui priorizados.

---

<sup>44</sup> Ou variação geográfica, que diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, que podem ser observadas entre falantes de origens geográficas distintas (ALKMIM, 2005).

### 3.1 DO TERRITÓRIO UNIFUNCIONAL À GEOGRAFIA CULTURAL

Morais (1990), leitor e organizador das primeiras traduções de Ratzel para o português, argumenta sobre o foco de trabalho desse geógrafo, que era estudar a relação entre a sociedade e as condições ambientais<sup>45</sup> impostas sobre ela. No pensamento ratzeliano, material e positivista, a geografia se dividiria nos campos da geografia física, da biogeografia e da antropogeografia. Nesse último campo, na geografia do homem, Ratzel (1990) dedicou a maior parte do seu trabalho. O objeto de sua antropogeografia também se divide em três repartições: Primeiramente, ocupa-se dos condicionamentos naturais sobre a humanidade<sup>46</sup>, ou seja, das condições impostas pela natureza sobre a história; em segundo, da distribuição das sociedades humanas no globo; em terceiro, do estudo da formatação dos territórios. O conceito de território, bem como suas aplicações, é fundamental na obra ratzeliana, sobre o qual será dada maior atenção nas próximas linhas.

Ao tratar sobre a questão do domínio do espaço, chegamos a dois de seus conceitos fundamentais, que são o território e o espaço vital. O território, segundo o autor, é definido como uma porção da superfície terrestre apropriada por um grupo humano. É na apropriação, remontando as origens do termo na zoologia e na botânica<sup>47</sup>, que o território é qualificado como tal. Desse modo, o território é concebido como um espaço possuído, e é a posse que lhe atribui essa identidade. O espaço vital, conceito tomado de Fichte, manifestaria a necessidade territorial de uma sociedade. Esse espaço seria a porção do planeta necessária para a reprodução de uma dada comunidade, em que se deve considerar seu equipamento tecnológico, seu efetivo demográfico e seus recursos naturais disponíveis.

Dadas essas considerações, as ideias ratzelianas repousam sobre o Estado e suas atribuições expansionistas e de proteção. Ratzel (1990), depois de discorrer sobre o homem, seja individual ou coletivamente, e sua necessidade territorial, distingue a organização humana em torno da apropriação temporária e da apropriação permanente. No âmbito dessa última entra o papel protetivo do Estado, no sentido de que “[...] a sociedade que consideramos, seja grande ou pequena, desejaria sempre manter, sobretudo, a posse do

---

<sup>45</sup> É importante destacar aqui a correção que Moraes (1990) faz acerca de rotular Ratzel como defensor de um determinismo ambiental absoluto, denominado como simplista. Ao contrário, Ratzel pensou em condicionamentos ambientais, recorrendo a outros fatores, como a histórico-culturais em suas explicações. Não há nele, portanto, alguma ideia de total passividade humana.

<sup>46</sup> A questão da influência das condições naturais sobre o desenvolvimento dos povos perpassa todo o trabalho ratzeliano (MORAIS, 1990).

<sup>47</sup> O termo é concebido nesse campo como área de dominância de uma espécie animal ou vegetal.

território sobre o qual e graças ao qual ela vive. Quando essa sociedade se organiza com esse objetivo, ela se transforma em Estado [...]” (RATZEL, 1990, p.76). Nessa concepção, as lutas territoriais, ou seja, a imposição por força, entrariam como naturais à história<sup>48</sup>.

Raffestin (1993), inegavelmente influenciado por Ratzel, mas com outros avanços teóricos, constrói sua reflexão a partir de críticas às limitações do seu precedente. A sua principal crítica diz respeito ao fato de Ratzel ter atentado apenas para o poder do Estado, como se vê adiante:

Só existe o poder do Estado. Isso é tão evidente que Ratzel só faz alusão, em matéria de conflito, de choques entre dois ou vários poderes, à guerra entre Estados. As outras formas de conflito, tais como as revoluções, que colocam em causa o Estado em sua interioridade, não têm lugar em seu sistema. A ideologia subjacente é exatamente a do Estado triunfante, do poder estatal (RAFFESTIN, 1993, p.16).

Em contraste com o primeiro, a geografia raffestianiana propõe uma problemática relacional, na qual o poder<sup>49</sup> é a chave compreensiva. Em vez de uma geografia estritamente do Estado, Raffestin (1993) argumenta sobre uma geografia do poder ou dos poderes, em que o poder é intrinsecamente relacional. Embora o Estado seja a forma política mais acabada, deve-se considerar também outras formas políticas na sociedade. Nesse caminho, o território é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia ou informação, e que, sobretudo, revela relações marcadas pelo poder. Se não tiver relações marcadas pelo poder, não é concebível um território. O território é definido por ações de poder exercidas por grupo ou grupos sociais ou por instituições ou entidades capazes de apropriar, delimitar, controlar, regular. Território é, desse modo, apropriação<sup>50</sup> do espaço, é relacional. Enquanto o espaço seria a “prisão original”, o território é a prisão construída pelo homem para si.

Não obstante as divergências entre os autores acima, não há rupturas drásticas entre o primeiro e o segundo. Contrastes mais fortes na história da geografia aconteceriam décadas mais tarde. Nessa direção, diante dos objetivos propostos neste trabalho, cabe fazer aqui um salto temporal em direção à Geografia Cultural, ou seja, ao interesse dos geógrafos por

<sup>48</sup> É importante destacar que Ratzel vivenciou a formação do Estado moderno alemão, no período bismarckiano de sua consolidação. Conforme Morais (1990, p.19), “[...] em razão do caráter tardio da consolidação da sua unidade nacional, a Alemanha não participou da partilha do mundo”.

<sup>49</sup> Raffestin (1993, p.53), ao tratar sobre o poder, toma por base algumas proposições foucaultianas: 1. O poder não se adquire; é exercido a partir de inumeráveis pontos; 2. As relações de poder não estão em posição de exterioridade no que diz respeito a outros tipos de relações (econômicas, sociais etc.), mas são imanentes a elas; 3. O poder vem de baixo; não há uma oposição binária e global entre dominador e dominados; 4. As relações de poder são, concomitantemente, intencionais e não subjetivas; 5. Onde há poder há resistência e no entanto, ou por isso mesmo, esta jamais está em posição de exterioridade em relação ao poder.

<sup>50</sup> Nas reflexões de Haesbaert, como será visto adiante, em vez de apropriação, caberia melhor o termo dominação para tratar desses aspectos materiais do território.

questões que envolvem a cultura social. Esta nasceu juntamente com a Geografia humana, no final do século dezenove. Do seu nascimento até os anos 1950, os geógrafos se pautavam numa perspectiva positivista ou naturalista, ignorando a dimensão psicológica e mental da cultura, bem como a sua dimensão sociológica. O interesse recaía sobre os aspectos objetivos da cultura, as técnicas, as paisagens e o gênero de vida. Em contrapartida, as representações e experiências subjetivas dos lugares foram completa e voluntariamente excluídas. Na Geografia Cultural, os interesses se voltam para questões mais subjetivas do fenômeno geográfico e humano (CLAVAL, 2013).

Conforme Claval (2013), em um processo evolutivo dessa virada, nos anos de 1960 e 1970, a Geografia Cultural estava em busca de uma sistematização metodológica, como consequência da “Nova Geografia”. Após os anos de 1970, a Geografia Cultural passou a ocupar o mesmo patamar da Geografia Econômica e da Geografia Política, deixando de ser tratada como domínio da geografia humana.

Apenas como uma demonstração desse novo caminho, a Geografia Regional, que antes se dava em escala de região, passa para a escala local, atentando para o lugar e o território. Como argumenta Claval (2013), falar desses dois elementos é falar da significação do espaço para cada indivíduo, atentando para a maneira de construir objetos sociais a partir das experiências dos indivíduos. Isso se liga às suas ideias de que as regiões geográficas, além de sua materialidade, têm uma dimensão afetiva, psicológica e simbólica. O autor deixa isso evidente ao tratar sobre as relações humanas com o seu meio:

Falar em território em vez de espaço é evidenciar que os lugares nos quais estão inscritas as existências humanas foram construídos pelos homens, ao mesmo tempo pela sua ação técnica e pelo discurso que mantinham sobre ela. As relações que os grupos mantêm com o seu meio, não são somente as materiais, são também de ordem simbólica, o que os torna reflexivos. Os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, os ajuda a tomar consciência daquilo que eles partilham (CLAVAL, 2013, p.127).

Diferente epistemologicamente das perspectivas acima, pelo menos quando tomadas em extremos — sem ao mesmo tempo descartá-las, está uma compreensão mais voltada para o “isto” e o “aquilo”<sup>51</sup> na compreensão do território, ou seja, para a concepção de território em suas dimensões materiais e simbólicas, em consonância com a virada cultural na geografia. Essa perspectiva, ainda que não seja inédita, mas com qualidades próprias, é representada neste estudo pelos trabalhos de Haesbaert (1997; 2001; 2004; 2007; 2008; 2011; 2014; 2016). A discussão que se segue, considerando que o autor retoma ideias de seus

<sup>51</sup> Essa expressão faz um diálogo com o poema *Ou Isto ou Aquilo*, de Cecília Meireles.

textos anteriores em textos mais recentes, bem como em consideração às ideias novas que são acrescentadas no decorrer de sua formação teórica e conceitual, caminha em uma ordem cronológica de suas publicações; mas, sobretudo, em consideração à evolução de suas principais ideias.

### 3.2 UMA PERSPECTIVA INTEGRADA DO TERRITÓRIO

O primeiro texto selecionado, que é fruto de suas ideias arquivadas desde 1990<sup>52</sup>, isso devido ao momento histórico da geografia perante as ideias pós-modernistas da época, e ter sido publicado apenas depois da metade daquela década, diz respeito a uma retomada da poética no fazer geográfico. Haesbaert (1997a) faz críticas acerca da dicotomia promovida na modernidade a respeito da ciência e da arte, da razão e da sensibilidade. Em contrapartida, defende a ideia de reatamento entre poesia e geografia, pois falar de criatividade é falar de arte. A poesia, segundo aponta, é revolucionária. Ela rompe com a linearidade e funcionalidade da modernidade capitalista. Aliás, na imaginação podemos expressar todos os espaços do mundo. Ao citar Dardel (1952) em seus argumentos, um dos precursores da Geografia Humanística, destaca que o espaço de cada indivíduo ou grupo não se preenche apenas com instrumentos utilitários, mas também de emoção e de sensibilidade. Em outras palavras, o meio envolve dimensões físicas e simbólicas. Nesse pensamento é que o trabalho que se segue foi influenciado.

Haesbaert (1997b)<sup>53</sup> discorre sobre território nessa obra ao apresentar o processo de desterritorialização e reterritorialização de migrantes sulinos no nordeste brasileiro, processo em que marcas identitárias da origem agregam-se a outros elementos adquiridos *no e pelo* destino, provocando uma reinvenção da identidade sulina — em uma imbricação de culturas e tempos. Desde aquele momento o autor considerava que o território envolve sempre, ao mesmo tempo e em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólico-cultural, e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar, como na ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. A partir disso, ele traz a compreensão de que, na “pós” ou “neo” modernidade, um traço fundamental é a multiterritorialidade humana.

<sup>52</sup> O texto não publicado levaria o título de *Pela liberdade criadora: Geografia e linguagem poética*.

<sup>53</sup> Da obra *Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste*.

Posteriormente, o autor trata do tema de forma mais enfática ao apresentar seu posicionamento diante dos apregoadores dos fins, no final do século XX, que incluíam o fim do socialismo, da história, do Estado-nação, do trabalho, das classes sociais, do capitalismo e, especificamente, no que se refere ao fim do território<sup>54</sup> e da geografia. As suas críticas contra essa insurgência parte de seu apontamento à antiga confusão entre território e espaço geográfico, como se qualquer base espacial apropriada constituísse, por si, um território. Dessa forma, ao questionar o sentido de território utilizado pelos apregoadores do fim do território, apresenta pelo menos três vertentes territoriais: Primeiramente, a *jurídico-política*, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, percebido como o poder político do Estado; a segunda seria a *cultural(ista)*, onde se prioriza a dimensão simbólico-cultural, em que o território é visto, primordialmente, como o produto de apropriação/valorização simbólica sobre o espaço; e a *econômica*, enfatizando a dimensão espacial das relações econômicas, na luta entre classes e na relação entre capital e trabalho. Haesbaert (2001) enfatiza, sobretudo, que haverá sempre no território uma dimensão concreta e, por outro lado, uma dimensão simbólica.

Em uma evolução desse pensamento, ainda em consideração à passagem da modernidade para o pós-modernismo, Haesbaert (2004; 2007; 2011)<sup>55</sup> desenvolve com mais detalhes aquilo que denomina multiterritorialidade, ainda que o autor não seja o primeiro a trabalhar com esse termo e já ter abordado o tema em trabalhos anteriores. O território, desde a etimologia da palavra, *terra-territorium*, no sentido de dominação jurídico-política, e *térreo-territor* (terror, aterrorizar), no sentido de inspirar medo, carrega em si uma dimensão material e simbólica. Com base em Lefebvre<sup>56</sup>, o autor atrela o conceito de dominação ao âmbito material do território, e apropriação, ao seu sentido mais simbólico. Nessa ideia, território estaria imerso em relações de dominação e/ou apropriação, em um *continuum*. Assim, todo território abrigaria, em diferentes combinações, essas duas dimensões<sup>57</sup>. O autor rompe com a dicotomia entre fixidez e mobilidade, território e rede, distinguindo territórios zonais e territórios-rede no mundo do capitalismo. Os territórios-rede são caracterizados pela fluidez e mobilidade, enquanto os primeiros são mais tradicionais. Na verdade, essas duas lógicas se

---

<sup>54</sup> Exemplo disso, conforme o autor, está em Bertrand Badie (1995), em *La fin des territoires*, na qual aborda território em uma perspectiva de Estado-nações, apontando para o fim deste em circunstância das redes.

<sup>55</sup> Essas referências são suficientes, mas já no seu trabalho de 1997 é possível perceber parte de seus argumentos em torno desse pensamento, com preservação de muitas ideias nos seus trabalhos posteriores.

<sup>56</sup> Em *La production de l'espace*, publicado pela primeira vez em 1974.

<sup>57</sup> Daí entra os “tipos ideias”, de cunho weberiano, no sentido que os territórios nunca se manifestam em estado puro, isto é, todo território “funcional” tem sempre uma carga simbólica e todo território “simbólico” tem sempre algum caráter material (HAESBAERT, 2007).

interpenetram, se mesclam. É com essa preparação que o geógrafo propõe a ideia de multiterritorialidade, como se vê a seguir:

Desse modo, a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios [e/ou territorialidades] ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma ‘multiterritorialidade’ (HAESBAERT, 2011, p. 344).

Nesse raciocínio é que o autor argumenta sobre a falácia da ideia da desterritorialização em sua plenitude, ponderando que, antes de apregoarmos o “fim de territórios”, devemos deixar clara a compreensão territorial abordada. Em sentido integral, como o próprio título do seu trabalho sugere, a desterritorialização é um mito. O território é uma construção histórico-social a partir de relações de poder, e esse poder tanto concreto, de dominação, quanto simbólico, de apropriação. Em vez de restringir-se em uma dessas dimensões, considera as duas. Em situações reais, dependendo do contexto, o território pode ter uma dimensão muito mais simbólica do que material, como pode ter contextos em que o território seja muito mais material do que simbólico. O território compreende intrínseca e concomitantemente dimensões subjetivas e objetivas. Não há, pois, separações constitutivas entre essas dimensões.

Haesbaert (2011), ao contrário do que se possa pensar, não ignora o caráter político-econômico do território. Não há contestação quanto a isso. Diferentemente, como pode ser apreendido acima, ele atenta para uma perspectiva híbrida, na qual inclui essas duas faces do território. O autor procura pensar o território em dimensões plurais. Dessa maneira, territórios e territorialidades, diante das dimensões neles envolvidas, jamais podem ser compreendidos como aniquilados em sua totalidade sem que antes se aplique sérias reflexões, uma vez que devem ser percebidos em suas dimensões materiais e simbólicas. Por pensar assim, sua epistemologia é diferente ao agrupar, de modo complexo e sem exclusões absolutas, essas duas dimensões<sup>58</sup>. Trata-se de um processo de somatória complexa, o que pode ser visto com muita força em contextos de migração.

---

<sup>58</sup> Haesbaert (2011) não propõe uma justaposição de disciplinas ou perspectivas, como se as materiais estivessem de um lado e, em oposição, as simbólicas, de outro. A sua proposta não é de uma multidisciplinaridade, mas de uma inter ou transdisciplinaridade.

Além das perspectivas apresentadas, há também os territórios de exclusão. Para pontuar o que já foi apresentado, com o acréscimo, temos: Os *territórios-zona*, que são forjados a partir de uma lógica zonal, compreendendo os territórios mais “tradicionais”, com áreas e limites relativamente bem demarcados, como, por exemplo, o próprio Estado-nação. Os *territórios-rede*, que, por sua vez, compreendem territórios configurados a partir de uma lógica reticular, pontual; espacialmente descontínuos, dinâmicos e mais sobrepostos, onde prevalece a lógica econômica. E os *aglomerados de exclusão*, que, por sua vez, já começam confusos entre *território-zona* e *territórios-rede*. Exemplo disso são as gangues ou outros grupos que não deixam de ser uma rede, mas também não deixam de estar na configuração de zona, de modo que estão delimitados cartograficamente (HAESBAERT 2011; 2007).

Ideias dialogáveis com as reflexões de Haesbaert podem ser encontradas em áreas além da geografia. Por exemplo, embora Elias & Scotson (2000) não abordem território e territorialidade em seus respectivos termos, o fazem de forma interessante ao apresentar as relações e suas complexidades entre *insiders* e *outsiders*, numa abordagem relacional. Pesquisa realizada em Winston Parva<sup>59</sup>, numa perspectiva sociológica figuracional, os autores explanam sobre os “estabelecidos”, grupo que se percebia e, de certa forma, era percebido como grupo mais poderoso e superior, e os “de fora”, estigmatizados pelo primeiro. A princípio são grupos semelhantes, não apresentando diferenças sociais — e está para além disso a discussão —, ocupações distintas ou padrão de vida diferentes; mas eram fortes as divisões no cotidiano daquela comunidade.

Os residentes mais antigos consideravam-se humanamente superiores aos residentes da parte vizinha de formação mais recente e a única diferença estava incutida no tempo de residência de seus moradores. Os residentes mais antigos carregavam a coesão construída ao longo de gerações; por outro lado, os recém-chegados eram estranhos para esses, como também entre si. Nessa situação, a estigmatização — espalhada pela fofoca — sobre os segundos apresentava-se como uma grande arma de preservação identitária, mantendo os outros firmemente em seus lugares. Esses grupos, ao que se depreende, se construíram e se firmaram em um contraponto, em um processo de retroalimentação: de modo que um não existia sem o outro. No decorrer de sua abordagem, sem criar valores, os autores percebem a vivência de determinado *habitus* naquele contexto. Dada essa breve demonstração, sem que se atenha a detalhes, nota-se que uma perspectiva ‘concreta’ e ‘unifuncional’ não daria conta de contemplar as complexidades interacionais inerentes ao mundo vivido dos moradores de

---

<sup>59</sup> Nome fictício usado pelo autor para se referir à localidade de sua pesquisa.

Winston Parva, assim como não atenderia às questões sobre migrantes brasileiros e sua complexa territorialização nos EUA.

Retomando Haesbaert (2011), é em sua obra intitulada *O mito da desterritorialização: Do fim dos territórios à multiterritorialidade* que ele traz de modo mais sistematizado aquilo que vinha sendo abordado até aquele momento sobre as dimensões envolvidas no território. Dessa forma, sua pontuação é muito importante nesse momento:

Encontramos aqui um outro debate muito relevante: aquele que envolve a leitura de território como um espaço que não pode ser considerado nem estritamente natural, nem unicamente político, econômico ou cultural. Território só poderia ser concebido através de uma perspectiva integradora entre as diferentes dimensões sociais (e da sociedade com a própria natureza) [...] (HAESBAERT, 2011, p.74)

Antecipando uma conclusão, o território enquanto “espaço-tempo vivido” é sempre múltiplo, relacional, diverso e complexo, ao contrário da representação “unifuncional” proposta pela lógica capitalista hegemônica e esboçada neste capítulo. Essa ideia é endossada quando o autor apresenta a ideia de multiterritorialidade, que, apesar de não ser uma novidade, se torna imprescindível para pensar certas complexidades contemporâneas. Isso fica evidente ao pensarmos nas condições de mobilidade atual — que possibilitam vivências simultâneas em curto tempo —, como também nos meios informacionais atuais — que possibilitam vivências territoriais concomitantes (HAESBAERT, 2011).

Haesbaert (2007) continua o desenvolvimento da temática da multiterritorialidade ao tratar sobre hibridismos culturais e movimentos humanos, numa abordagem cultural integradora, distinguindo-se de qualquer perspectiva dicotomizante, comum na geografia moderna. Essa interpretação integradora, segundo assinala, é tanto epistemológica quanto uma resposta ao caráter híbrido de muitos dos próprios fenômenos geográficos contemporâneos. Grande parte do que fundamenta seus argumentos está naquilo que foi apresentado anteriormente sobre a complexa relação entre *territórios-zona* e *territórios-redes*, comum na pós-modernidade. A mobilidade crescente e o fenômeno da hibridização cultural, na qual implica identificação e diferenciação, entraria no que o autor denomina de multiterritorialidade. Em vez de desterritorialização, o mais razoável é que grupos desenvolvam, concomitantemente, vínculos identitários com uma pluralidade de territórios, “multiterritorializando-se” cada vez mais. Exemplos de mobilidades e imobilidades contemporâneas serão apresentados mais adiante.

Para concluir a seleção de textos para esta parte, o autor ainda discute, de forma mais objetiva, sobre as categorias espaço e tempo, embora já estejam presentes, de algum modo, em seus trabalhos precedentes. Haesbaert (2016) evita qualquer separação entre essas duas dimensões. Ao contrário, as percebe como categorias interligadas e interdependentes, chegando a compreendê-las como gêmeas<sup>60</sup>. A delimitação temporal é, simultaneamente, uma forma de delimitar o espaço, como também delimitar o espaço é, de algum modo, delimitar também o tempo. Isso pode ser exemplificado no trabalho do historiador, que, ao fazer algum recorte temporal, suas periodizações são, obrigatoriamente, referentes a um determinado contexto espacial, a um recorte regional. Nesse sentido, o autor deixa claro seu rompimento com o pensamento dicotomizante que, por um lado tem o espaço como materialidade, “exterior”, e, por outro lado, o tempo como incorpóreo, “interior”. O espaço, assim, em vez de lido como espaço-ponto, transforma-se em espaço-conexão.

Assim, aquilo que numa geometria mais simples, euclidiana, é lido como espaço-ponto, transforma-se automaticamente em espaço-conexão, as linhas são recheadas por fluxos e até mesmo as extensões ou zonas não só são constituídas por (ou “contêm”) redes em movimento como também, em conjunto, movimentam-se – como na metáfora da mancha de óleo ou na realidade de uma massa de ar – que se desloca e se transforma. O espaço, assim, torna-se sobretudo fruto de conexões e, além disso, incorpora de forma indissociável o jogo entre os mundos material e mental, superando outra dicotomia que vê o espaço apenas como materialidade, “exterior”, e o tempo como incorpóreo, “interior” (HAESBAERT, 2016, p.9).

A partir das reflexões acima, o território, inicialmente apresentado em caracteres materiais, pode ser visto de uma forma integrada, em que se compreende uma dimensão material, mas também em consideração aos aspectos simbólicos, não menos presentes em sua constituição. Dessa forma, ainda que em medidas diferentes, ao pensar na heterogeneidade envolvida no território, haverá sempre algum modo de territorialização. Para finalizar e exemplificar ainda mais, essa complexidade fica nítida ao pensarmos em redes de diásporas migratórias, em que aparece o fortalecimento de identidades e solidariedade entre grupos. O imigrante, muito mais que desterritorializado, se encontraria em territórios envolvidos numa forte carga simbólica. A realidade vivida engloba diversas esferas territoriais e seria muito superficial um olhar monolítico e estanque sobre territórios e territorialidades reais. Nessa perspectiva, não haveria desterritorialização, mas formação de complexas territorialidades; mais especificamente, uma multiterritorialidade. Essas compreensões são vistas mais precisamente no tratamento acerca do fenômeno migratório.

---

<sup>60</sup> Com um ponto de partida einsteiniano e com foco estético, Bakhtin (2002) tratará da questão do espaço e do tempo de forma integral, naquilo que denomina *cronotopo*, em certa semelhança ao que é proposto pelo geógrafo.

### 3.3 MIGRAÇÕES EM UMA PERSPECTIVA INTEGRADA DO TERRITÓRIO

O tema de migrações, considerando os principais autores destacados, não deve ser lido em alguma forma de esgotamento. Entretanto, desde Ratzel (1990) é possível visualizar alguma compreensão sobre a mobilidade humana e o esboço de alguma apreensão sobre migrações. De todo modo, é preciso observar as intenções de cada autor nesses textos, concebidos em tempos e espaços distintos e, na medida do possível, notar alguma aplicabilidade teórica na abordagem do tema aqui proposto. No caso de Ratzel (1990), pelo qual esse exercício será iniciado, a questão da influência das condições naturais sobre o desenvolvimento histórico dos povos é o que permeia todo o seu trabalho. É também nessa perspectiva que a mobilidade humana é compreendida.

Em Ratzel (1990), o homem, seja individualmente ou associado em família, tribo ou Estado, leva junto consigo sempre uma porção de território. Esses organismos associados só podem ser compreendidos em relação com o seu território. Ligados ao solo por tempo mais ou menos durável, o solo exerce sua influência sobre os organismos, como também esses exercem influência sobre o solo. Nesse sentido, um povo decai quando sofre perdas territoriais (RATZEL, 1990). A partir desse caminho e evolução conceitual, o autor reflete sobre a mobilidade humana a partir dos nômades e das sociedades sedentárias.

Ratzel (1990) busca fazer diferenças entre habitações chamadas nômades, de moradias móveis, e habitações modernas, marcadas pelo sedentarismo. Entre os primeiros, a mobilidade acompanharia a mobilidade pastoril; entre os sedentários, tem-se o aglomerado de habitações que se observa nos prédios elevadíssimos no meio urbano. Ele ressalta, entretanto, que mesmo os nômades estão ligados ao seu território, embora seus vínculos sejam mais sensíveis que os vínculos dos cidadãos. Deve-se considerar também que o laço que une ao solo os nômades, que costumam retornar às mesmas pastagens, é mais forte do que de alguns povos agricultores que deixam a terra que cultivam a cada dois anos e não retornam mais a ela. Em todos esses casos, a alimentação ocupa um lugar especial.

Sobre a influência do meio e as relações entre povos, considerando a imensa mobilidade humana, as características condicionadas aos organismos não permanecem restritas aos seus territórios; na verdade, elas migram com o homem que as adquiriu, dependendo das condições internas dos organismos a sua duração. As influências naturais sobre o homem migram com ele, que carrega consigo até às mais longas distâncias geográficas. Desse modo, para estudar a essência de um povo, não basta ater-se ao ambiente

físico que o circunda naquele momento. Diante disso, Ratzel chama a atenção para as conquistas intelectuais, que são as que mais se difundem. Entram em destaque as ideias religiosas, como se nota a partir de seu destaque: “[...] Que significado poderia ter o símbolo de lótus para o mongol do deserto de Gobi, onde não existia nem flor de lótus e nem mesmo nascentes? [...]” (RATZEL, 1990, p.70). Ao que demonstra, Ratzel não é tão sincrônico e absolutamente material como em uma atitude precipitada poderia ser concebido.

Em Raffestin (1993), autor que toma Ratzel como ponto de partida, as migrações são vistas principalmente a partir da perspectiva do Estado e outras instituições de poder, como as econômicas. Assim como não é fácil controlar a natalidade e mortalidade, no sentido de informação, também não é fácil controlar a mobilidade. As políticas migratórias, importantes para o Estado, possibilitam controlar e administrar os fluxos no espaço. De todo modo, não é apenas o Estado que está em jogo: “Um partido político, por exemplo, pode ser hostil à migração, enquanto as empresas podem ser favoráveis à imigração para dispor de mão-de-obra abundante e barata” (RAFFESTIN, 1993, p. 92) <sup>61</sup>.

Raffestin (1993) ainda se dedica a falar dos limites e das fronteiras, intrínsecos em toda relação. Trata-se de um sistema sêmico utilizado pelos grupos humanos para marcar o território. Eles podem ser visíveis ou não, marcando toda propriedade ou apropriação. Uma vez cristalizado, torna-se ideológico, pois justifica territorialmente as relações de poder. Sua arbitrariedade, entretanto, deixa de ser desde o momento em que foi pensado, colocado no seu lugar e em funcionamento, pois facilita o enquadramento de um projeto social. Sobre quando se tornou um sinal, o autor atribui ao Estado moderno, tornando unívoca a mensagem da fronteira como lugar sagrado, e o mapa é a instrumentalidade ideal para definir delimitar e demarcar a fronteira.

Apesar de muito ser difundida a ideia de que vivemos em um mundo sem fronteiras, na vida prática elas permanecem rígidas<sup>62</sup>, especialmente para as pessoas mais pobres, seja em uma escala mundial, no movimento das pessoas no globo, ou pelos muros de separação na vida urbana, alguns chegando a serem intransponíveis. Conforme Haesbaert (2014, p. 299), a

---

<sup>61</sup> Portes (1996), posicionando-se a respeito das discussões políticas sobre o tema, pontua que, nos EUA, o debate sobre restrições migratórias sempre foi marcado por defesas vigorosas. Entretanto, os mais ardentes defensores desta política são descendentes de imigrantes; mas usam seu patriotismo de segunda geração e externam seus desejos agressivamente.

<sup>62</sup> O caso do muro a ser construído na fronteira dos EUA com o México, por exemplo, não busca separar o país apenas do México, mas, conseqüentemente, impõe uma barreira entre o país e a América Latina (SÁNCHEZ, 2017). Segundo García (2017), o muro, na verdade, não é algo novo. Dos 3.200 Km de fronteira entre os países, em um terço já existe muro físico: como barreira de concreto, grades e placas metálicas. Além das barreiras físicas, em outro terço da fronteira há um muro virtual, vigiado por câmeras, sensores térmicos, raios-X e pelo menos 20 mil agentes fronteiriços, 518% a mais do que há duas décadas. Em seu último terço, a barreira é natural.

diversidade de manifestações territoriais, paradoxalmente, convive ao mesmo tempo com a imposição de limites, principalmente em função de interesses da hegemonia econômica.

Nosso tempo, assim, longe de ser um tempo “sem limites” – que seria, em última instância, um “tempo sem espaço”, destituído de todo território e fronteira –, é um mundo que, talvez, acolha a maior diversidade de manifestações territoriais já conhecida na história humana e, contraditoriamente, o que vive o maior risco de perda dessa diversidade. Daí a frequência com que se refazem limites, se reconstróem fronteiras, mas geralmente em benefício dos padrões impostos e/ou defendidos pelos grupos hegemônicos e envolvendo disputas internas a frações da classe dominante. Joga-se o tempo todo com (noss)os limites, tanto no sentido de redefinir linhas e zonas demarcatórias quanto de redirecionar, acelerando ou retardando fluxos.

Para fechar esse recorte acerca das contribuições de Raffestin (1993) neste estudo, são muito importantes as suas reflexões sobre as redes. Elas estariam divididas, ainda que isso não deva ser de modo radical, entre redes de circulação e redes de informação, como destacado pelo autor:

[...] Na realidade, em todo "transporte" há circulação e comunicação simultaneamente. Os homens ou os bens que circulam são portadores de uma informação e, assim, “comunicam” alguma coisa. Da mesma forma, a informação comunicada é, ao mesmo tempo, um “bem” que “circula” (RAFFESTIN, 1993, p.200).

A explicação das redes e seus resultados são ainda clareados ao tomar como exemplo as cinco fases da exploração colonial europeia<sup>63</sup>, que consistiram em: 1) descoberta, ou seja, informação sobre o destino; 2) exploração econômica e/ou política; 3) instalação de imigrantes; 4) transformação do sistema; 5) reprodução dos modelos de organização espacial da metrópole. Em uma malha tecida de comunicação e circulação, observa-se que as distâncias e tempo se encurtam, ou seja, as técnicas de circulação melhoram. Esse exemplo explicativo, ainda que com outro objeto e escala própria, pode ser colocado ao lado do que foi apresentado sobre as redes de migração, no capítulo anterior, como serve também para pensar, em algum aspecto, sobre as migrações de brasileiros para os EUA.

As redes migratórias estabelecidas entre o Brasil e o EUA, que teve seu início há mais de três décadas, possibilita a ida de outros com muito mais facilidade em comparação ao que se tinha no início das migrações brasileiras. Siqueira (2009) demonstra como é possível uma pessoa que mora em alguma cidade do interior da Microrregião de Governador Valadares e que não conhece sequer a capital do seu estado chegar a um dos maiores aeroportos do

---

<sup>63</sup> Raffestin (1993) faz uso do modelo simbólico e genético de Vance (1970), do seu trabalho *The merchant's world: the geography of wholesaling*.

mundo, em Nova Iorque, e dois dias depois estar trabalhando na construção civil, por exemplo, o que se dá especialmente pelo apoio das redes sociais.

Consideradas essas reflexões, um instrumental capaz de atender às diversas escalas envolvidas no presente trabalho deve conter outros elementos importantes. Uma amostra da complexidade envolvida em migrações pode ser observada em Haesbaert (1997b) quando, antes mesmo de tratar com aprofundamento sobre multiterritorialidade, apesar de ela estar presente em seu trabalho, ele percebe o encontro obrigatório de dimensões políticas, econômicas, identitárias, revelando que uma abordagem simplesmente econômica e do Estado, como fica claro no seu estudo, seria bastante limitada diante do tecido multifacetado encontrado na relação entre sulistas e nordestinos. Já naquele texto o autor discutia e demonstrava sobre multipertencimento, fatores sociais envolvidos na territorialização, bem como manifestava inquietações sobre uma necessidade de uma análise mais integrada das dimensões materiais e simbólicas envolvidas no contexto migratório.

No referido trabalho, uma parte importante nos argumentos de Haesbaert (1997b) diz respeito às identidades construídas pelos sulinos no destino, de modo que não seria razoável perceber a identidade social desse grupo como unitária e monolítica. Em vez de identidade, o autor prefere *identidades sociais*, no plural. A coesão do grupo sulino, como se percebe, é dada numa complexa reconstrução ligada às redes, que, além do seu papel de identificação e fortalecimento de identidades no destino, os mantêm vinculados com o Sul, principalmente no que se refere aos aspectos identitários: cultural e sociopolítico.

Haesbaert (2007; 2011), ao tratar sobre a multiterritorialidade contemporânea, argumenta que as mudanças, se compararmos a tempos anteriores, não são apenas quantitativas, no sentido de haver maior diversidade de territórios que se colocam à disposição, mas também qualitativa, na ideia de que temos hoje a possibilidade de combinar, como nunca, a intervenção e, de certo modo, a vivência simultânea de uma pluralidade de territórios e/ou territorialidades. Essa ideia tem por base a combinação de *territórios-zona* e *territórios-rede*; estes, descontínuos, fragmentados e simultâneos, de modo que não podemos distinguir onde começam e onde terminam ou, além disso, onde irão eclodir, pois, como destaca o autor, formações rizomáticas também são possíveis.

Assis (1996), com um enfoque transnacional para discutir sobre migrações de brasileiros para os EUA, percebe os limites de categorias tradicionais, como “temporários”, “permanentes” e “retorno de emigrantes” para classificar os denominados novos migrantes. Em um mundo globalizado, com todas as possibilidades de comunicação e transporte, o processo migratório ganha contornos que não se limitam a uma rigidez espacial. A identidade

desse imigrante, conforme aponta, é multifacetada, conjugando sentimentos de saudade do local de origem e, concomitantemente, a experiência de morar nos EUA. Nesse processo, que é marcado de idas e vindas ao Brasil, a permanência nos EUA se estende, configurando uma identidade transnacional ou transmigrante.

Em consideração às mobilidades contemporâneas, outros desdobramentos podem ser vistos em Haesbaert (2007). Conforme pontua, no que se refere às disposições territoriais, não é prerrogativa de todos, mas, pelo menos, de determinadas classes e grupos privilegiados. Ao citar Ulrich Beck (1999) em sua explicação, apresenta o termo “topoligamia”, cunhado pelo sociólogo e que se refere ao fenômeno de “casamento com diversos lugares”, o que é comum entre grupos mais privilegiados. O autor acrescenta que essa mobilidade de que dispõe a classe hegemônica contemporânea<sup>64</sup>, inicialmente física, denomina-se “multiterritorialidade sucessiva”, que pode se associar à mobilidade virtual, denominada “multiterritorialidade simultânea”. Destaca-se que não se trata de justaposição de múltiplos territórios, mas de uma experiência inovadora a partir da compressão espaço-temporal, como o próprio autor demonstra:

Podemos distinguir duas formas básicas de efetivação da multiterritorialidade, ambas aliadas às novas tecnologias disponíveis e que de certa forma revolucionaram, ao longo do século XX, nossa dinâmica socioespacial ou geográfica. A primeira é aquela que foi proporcionada pela crescente facilidade e cada vez maior velocidade dos meios de transporte, permitindo que, pelo deslocamento físico rápido, constante e na escala do globo como um todo, nós (ou àqueles que têm acesso às tecnologias aí envolvidas), pela comunicação instantânea, contatar e mesmo agir sobre territórios completamente distintos do nosso, sem a necessidade da mobilidade física. Trata-se aqui de uma multiterritorialidade envolvida nos diferentes graus daquilo que poderíamos denominar como sendo a vulnerabilidade informacional (ou virtual) dos territórios (HAESBAERT, 2011, p.345).

Por esse pensamento, no qual se conjuga o material e o imaterial, o concreto e o simbólico, Haesbaert (2005) tece argumentos mais específicos sobre a migração. O imigrante, mais que nenhum outro, representaria, por excelência, o sujeito do movimento e da instabilidade, o protótipo do indivíduo desterritorializado. Na verdade, essa desterritorialização não seria absoluta. No que se refere à identidade do migrante, nos contextos de migração, evidencia-se a construção de espaços característicos, entre os quais é possível encontrar “redes regionais” e as “redes tradicionais” ou de “diásporas”, muito importantes para a reterritorialização dos migrantes, redes que são marcadas por laços de identidade cultural.

---

<sup>64</sup> Deve-se destacar que imigrantes laborais, caso apontado por Assis (1996), não devem ser comparados com a mobilidade de altos executivos, que têm redes sociais distintas, tanto na origem como no destino.

Ao recapitular trabalhos anteriores, o autor sintetiza a ideia de território em quatro grandes perspectivas, a saber: uma mais material, na qual é privilegiada a dimensão físico-econômica da vida humana; uma segunda, que compreende o território como base de ordenamento político-social; uma terceira, mais simbólica, que vê o território como espaço de identificação cultural; e uma quarta, numa perspectiva integral, na perspectiva compreendida pelo geógrafo, em que o território é visto como uma espécie de “experiência integral” do espaço pelos grupos sociais. Nesse exercício, no sentido de cada uma dessas perspectivas, o autor discorre sobre a figura do migrante em relação à territorialização e à desterritorialização, assunto que será apresentado a partir de agora (HAESBAERT, 2005).

Na primeira perspectiva, voltada para a materialidade físico-econômica, o território é enfatizado como abrigo ou como fonte de recursos. Nesse caso, o território é dado em seu sentido de superfície. Daí nasce a questão de considerarmos ou não o migrante como um desterritorializado. Ponderando sobre o assunto, uma vez que migração tem suas próprias complexidades, ele argumenta que falar de desterritorialização como aniquilamento de território como dimensão física, material, é válido apenas para alguns grupos específicos, como entre aqueles que têm no acesso e/ou delimitação da terra aquilo que é fundamental para a sua sobrevivência. Exemplo disso são os indígenas, os sem-terra, os sem-teto, os atingidos por barragens, que são obrigados a abandonar suas terras pela pressão do modelo político-econômico de segregação em que vivem (HAESBAERT, 2005).

Ainda que a emigração constitua um deslocamento de um lugar para outro e, no caso estudado, em alguma medida, por motivos econômicos, brasileiros não partem para os EUA por expulsão de suas terras, por alguma perseguição político-religiosa ou imposição direta de grupos hegemônicos, no sentido de serem desterritorializados de suas terras por alguma espécie de violência. Ao contrário, os que migram vão com objetivo de melhoria econômica ou, como muito representou na década de 1980, para preservarem condições econômicas privilegiadas. Em suma, a migração tem um custo financeiro e, por isso, não se trata apenas de uma decisão, mas de uma condição e disposição para arcar os custos do processo.

Quanto à segunda perspectiva, de base político-social, que pode ser aqui representada em Friedrich Ratzel (1988), o território é visto como domínio do espaço, dos homens e das relações sociais reproduzidas, pois, como visto no início deste capítulo, o território seria fundamental para a sobrevivência. Ainda nessa perspectiva, ao introduzir Robert Sack, o território envolve também fronteiras e controle de acesso. Desse modo, em sentido estritamente político-disciplinar, o território é, sobretudo, espaço de cidadania, dos direitos sociopolíticos básicos. O imigrante “indocumentado”, “ilegal” no país de destino, é, a partir

dessa perspectiva, um indivíduo desterritorializado; isso, no sentido de suas garantias asseguradas no âmbito do território do Estado-nação (HAESBAERT, 2005).

Os brasileiros migrantes, em sua maioria, partem para os EUA indocumentados, tornando-se, no país de destino, invisíveis aos órgãos públicos, como em relação aos seus direitos trabalhistas. Por serem indocumentados, têm poucas chances de chegarem às mesmas oportunidades no mercado de trabalho que o nativo, exercendo funções especialmente de mão de obra que não requerem qualificação profissional e de baixos salários, dependendo muitos deles de programas de seguridade social oferecidos pelo governo (*welfare state*), o que lhes possibilita uma melhor qualidade de vida (SIQUEIRA, 2009). Por assim dizer, os imigrantes brasileiros têm suas vidas fragilizadas no que se refere a direitos e cidadania. Soma-se a isso a preocupação constante de serem deportados.

Na terceira perspectiva, em que se enfatiza o caráter simbólico na compreensão do território, ocupam um lugar especial as questões de identificação que os grupos sociais desenvolvem com determinados espaços de referência. Como Bonnemaïson e Cabrézy (1996) abordam, o simbólico estaria posto como precedente à materialidade, evidenciando que, a depender do grupo social, a territorialidade seria a base para a manutenção de coesão coletiva. Nessa ideia, a desterritorialização adviria no sentido de o migrante estar destituído de seu lugar e de suas paisagens de origem, em que estaria destituído também de valores e símbolos, importantes para a construção de sua identidade (HAESBAERT, 2005).

No caso da imigração de brasileiros nos EUA, ainda que o movimento proporcione perdas na paisagem e símbolos presentes na origem, as faltas são amenizadas pela existência de outros brasileiros migrantes em situação comum, atenuando as dificuldades no país estrangeiro. Segundo Margolis (1994), os próprios brasileiros promovem eventos que colaboram na sua preservação identitária, como desfiles, bailes de carnaval, feiras de rua; leem jornais com notícias interessantes a brasileiros, assistem a canais de televisão do Brasil; promovem eventos de grande escala, como o *Brazilian Day in New York*, marcado pela presença de muitos cantores brasileiros e que teve seu início em 1984 por um grupo de valadarenses. Conforme Siqueira (2009), em um país com língua, costumes, e valores diferentes, esses riscos são amenizados por meio das redes sociais.

Deve-se destacar que, na perspectiva integrada, o território e, conseqüentemente, a desterritorialização, devem ser percebidos em uma visão capaz de compreender dimensões múltiplas, na qual estão presentes uma dimensão físico-natural, econômica, política e cultural. Aqui a reprodução social é visualizada a partir do entendimento de que o espaço geográfico condensa sempre uma multiplicidade de elementos. Então, a partir de Chivallon (1999), que

traz a ideia tipológica de “experiência total do espaço”<sup>65</sup>, em que se conjuga espaço circunscrito pelo limite entre interior e exterior, entre o *outro* e o semelhante, que pode ser lido, tanto na relação funcional como simbólica, é que o autor desenvolve suas renovadas reflexões. O imigrante desterritorializado seria, então, no sentido de perda de uma “experiência total” ou “integrada” do espaço, resultado, acima de tudo, dos processos de exclusão socioespacial que ele sofre (HAESBAERT, 2005). De todo modo, essa experiência integral passa pela ideia de territórios multiescalares e de territórios-rede ou em rede, conforme descritos anteriormente.

A partir dessas reflexões, o autor problematiza a questão da desterritorialização do migrante, pois esta figura, longe de qualquer simplificação, constitui uma soma de múltiplas condições sociais e identidades étnico-culturais. Assim, antes de qualquer precipitação relacionada à desterritorialização, é preciso que se qualifique o tipo de processo migratório no qual ele se insere. Para exemplificar, não é possível analisar da mesma forma um refugiado nigeriano pobre atravessando o Mediterrâneo em uma precária embarcação e um grande executivo de uma empresa transnacional que migra dos EUA para o Japão com todos os confortos, a começar pelo transporte. Por tudo isso, como afirmado em outros trabalhos, é preciso deixar clara a diferença entre desterritorialização de classes dominantes e desterritorialização das classes marcadas pela pobreza. Em outras palavras, a mobilidade não é essencialmente desterritorializante<sup>66</sup> (HAESBAERT, 2005).

A atual crise dos refugiados exemplifica a questão, já que a cada dia aumenta o número daqueles que, por não terem esperança em seus países, são obrigados a fugir de suas próprias casas. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), contabiliza-se atualmente quase 60 milhões de migrações forçadas, os mais altos números desde a Segunda Guerra Mundial. A cada minuto, trinta pessoas se veem obrigadas a fugirem de suas casas para buscar proteção. Desse número, a metade tem menos de dezoito anos<sup>67</sup>. Por assim ser, como fica evidente, o caso dos brasileiros não se encontra entre os grupos hegemônicos, como também não pode ser compreendido no caso de migrações forçadas. Trata-se de uma migração laboral, composta por pessoas que desejam melhorar suas vidas econômicas, na compra de casa, carro ou montar um negócio próprio, bem como preservar privilégios ameaçados.

---

<sup>65</sup> O autor prefere a terminologia “experiência integrada”.

<sup>66</sup> Ao contrário, moradores de uma favela, ou seja, na imobilidade, podem estar tão desterritorializados quanto migrantes pobres em constante deslocamento (HAESBAERT, 2005).

<sup>67</sup> UN MUNDO de refugiados. *El País*, 6 de fev. 2017. Disponível em: < <http://elpais.com/especiales/2015/refugiados/>>. Acesso em 10 de fev. 2017.

Nessa abertura epistemológica, bem como através dos exemplos de trabalhos empíricos, Haesbaert (2005) chama a atenção para o campo simbólico como um dos elementos centrais do processo desterritorializador. Como se destaca, é no campo simbólico que o migrante pode, da melhor forma, se “segurar” com a finalidade de preservar um mínimo da territorialidade perdida no movimento. Trata-se de “geografias imaginárias”, que, juntamente com outros elementos culturais, podem ser revividas no destino, reconstruindo a sua identidade enquanto grupo<sup>68</sup> (HAESBAERT, 2005). Os brasileiros, conforme demonstrado, não vão para os EUA desprovidos de elementos identitários da origem, podendo ser afirmados por práticas culturais e eventos que proporcionam uma coesão de grupo, afirmando, dessa forma, a sua identidade brasileira.

Por tudo isso, seria uma precipitação apresentar o sujeito brasileiro que emigra para os EUA como um desterritorializado, no sentido de perda total do espaço. Ao contrário, o imigrante que sai do Brasil, além de não ser por migração forçada, não são os mais desfavorecidos, pois os custos, seja de uma migração documentada ou indocumentada, são inatingíveis à parcela mais pobre da sociedade. Acrescenta-se ainda o fato de que, nos EUA, o sujeito que parte não vai desprovido de apoio, que é combinado antes mesmo da partida. Por outro lado, o emigrante não deixa de ser um estrangeiro, um indocumentado em sua maioria, um falante de uma língua que não é a oficial do país; alguém que tem laços identitários com a sua origem, mas ao mesmo tempo quer viver nos EUA. Nesse âmbito de negociação, complexo em sua natureza, é que este trabalho está situado, visando compreender o processo de territorialização do imigrante brasileiro a partir de um enfoque linguístico, em que se analisa, principalmente, seus acessos e restrições no país estrangeiro.

---

<sup>68</sup> Como pelas redes regionais estabelecidas pelos sulinos no Nordeste, em que, através do Movimento Tradicionalista Gaúcho, era possível preservar a identidade e coesão do grupo (HAESBAERT, 1997b).

### 3.4 IMBRICAÇÕES ENTRE O FENÔMENO LINGUÍSTICO E O TERRITÓRIO

O campo territorial, ainda que com objeto próprio, possibilita um trabalho muito produtivo na compreensão do fenômeno linguístico. Entretanto, existem muitas arestas no que se refere à língua concretizada entre sujeitos, no sentido de pensar a língua relacionada aos sujeitos que a praticam, com toda a sua complexidade. Embora não haja volumosos trabalhos que tratem de território e da língua em suas mais diversas perspectivas, quando o assunto é tratado de modo interdisciplinar, a somatória de trabalhos científicos disponível é capaz de dar conta das lacunas ainda presentes nos estudos territoriais, especialmente no que tange à língua na prática dos falantes. De todo modo, desde Ratzel (1990), nas suas apreensões territoriais, é possível perceber contornos de uma forma propensa à linguística, mesmo que apenas no aspecto geral de símbolo. Acrescenta-se ainda Raffestin (1993), que dedica todo um capítulo em sua obra principal para falar de língua, poder e território. Haesbaert (2011), apesar de não tratar especificamente sobre o tema, oferece um terreno vasto para pensar na simbologia da língua e da linguagem, que, como em sua perspectiva de território, congrega em si dimensões plurais<sup>69</sup>.

A começar por Ratzel (1990), que tem como foco principal do seu trabalho a questão da influência das condições naturais sobre o desenvolvimento histórico dos grupos sociais, ele não faz pontuações marcantes sobre o fenômeno linguístico em sua concepção territorial. Entretanto, embora o autor seja comprometido ou compreendido principalmente pela sua geografia do Estado, ele deixa alguns sinais de simbolismos. Ao argumentar sobre a migração de características ambientais através do movimento dos organismos, destaca que as conquistas intelectuais são as que mais se difundem, considerando em especial as ideais religiosas.

As conquistas intelectuais são as que mais se difundem graças à capacidade de propagação que é própria das ideias, e vão se afirmar também em territórios que não teriam sido de modo algum favoráveis ao seu desenvolvimento inicial. Poucas ideias têm um caráter tão *territorial* quanto as ideias religiosas, e, no entanto poucas ideias tiveram uma proporção tão ampla. A imagem de Ormuz e Arimã que surge na estepe não pode ser compreendida entre as roseiras de Chiraz ou em meio à exuberante vegetação tropical de Masenderan, assim como o abstrato monoteísmo da árida Ásia ocidental não chegou a sobrepujar completamente as divindades selváticas das comunidades germânicas. Que significado poderia ter o símbolo do lótus para o mongol do deserto de Gobi, onde não existia nem flor de lótus e nem mesmo nascentes? E contudo estas ideias vindas de fora continuavam vivas nos países em que foram introduzidas, embora por se encontrar em um terreno inadequado não tivessem podido mais dar frutos posteriormente. Mas quem pretendesse hoje

<sup>69</sup> Este trabalho contribui com os estudos territoriais principalmente ao apresentar uma alternativa de trabalho entre território, em uma perspectiva integral, e língua, em sua prática interacional.

explicar sua formação com base no exame deste terreno realizaria uma obra tão vã como quem pretendesse explicar o desenvolvimento de uma planta observando as folhas do herbário entre as quais ela é conservada (RATZEL, 1993, 69-70).

Nesse sentido, ainda que se deva tomar cuidado para não ir mais longe do que o autor pretendeu, além de não ser razoável rupturas com os seus principais objetivos, podemos perceber que, de algum modo, o autor pensava em alguma dimensão simbólica ao tratar de território. Ratzel (1990), como o próprio Raffestin (1993) pontuaria mais tarde em sua problemática relacional, não é tão sincrônico como se possa imaginar; ao contrário, caminha numa perspectiva histórica ao tratar sobre o território.

Uma discussão mais ampla, ainda que com limites em sua abordagem em relações às questões envolvidas nesta dissertação, estão as ideias Raffestin (1993), autor que aborda sua perspectiva territorial a partir de diversos temas, o que não é diferente em seu tratamento com a língua. Ao tratar diretamente sobre o tema linguístico, assevera que a língua é um dos mais poderosos meios de identidade de que dispõe uma população. O autor pontua ainda que, diferente do que outros dizem, a língua é mais que um instrumento. Ela pertence à cultura (sentido antropológico), podendo ser conceituada como “[...] ‘o conjunto de toda a informação não hereditária e dos meios para sua organização e sua conservação’. No sentido semiótico geral, a cultura é uma ‘língua’ [...]” (RAFFESTIN, 1993, p. 97). A partir daí, refletindo sobre a língua natural, como pertencente à uma cultura, ela seria um instrumento que atende a funções, no sentido de que “[...] a língua é um recurso, um trunfo, e por consequência está no centro de relações que são, *ipso facto*, marcadas pelo poder [...]” (RAFFESTIN, 1993, p. 98).

O autor, ao citar Gobard (1966), esboça aquilo que é chamado de análise tetraglósica, na qual se dispõe quatro tipos de linguagem para uma dada área cultural, seja qual for a língua utilizada. A primeira seria a linguagem vernácula, falada de forma espontânea, local e voltada menos para a comunicação do que para o comungar. A segunda é a veicular, nacional ou regional, linguagem aprendida pela necessidade e destinada às comunicações citadinas. A terceira seria a referencial, ligada às tradições culturais, orais ou escritas e que assegura os valores ao referirem sistematicamente às obras do passado. A última constituiria a mítica, com a qual se compreende a incompreensibilidade como prova irrefutável do sagrado. Raffestin (1993) acrescenta ainda o fato de que é evidente que uma mesma língua possa conter as quatro funções, como o inglês americano do século XX; e de que quatro línguas possam ser portadoras individualmente das quatro funções, como é o caso do bretão do século XVIII.

O autor argumenta ainda sobre a possibilidade de certas línguas serem superiores a outras. Na medida em que não há base teórica para afirmar essa ideia, pode-se questionar a compreensão “a língua é um recurso”. Entretanto, o autor destaca que “[...] é inegável que certas línguas, tal como inglês [...], ocupam grandes espaços geográficos e são de uso corrente, enquanto outras recuam e são de uso restrito, limitadas a áreas relativamente pequenas, tal como o italiano [...]” (RAFFESTIN, 1993, 99). Raffestin (1993) pontua que essa realidade não se trata de um problema linguístico, mas de poder, de relações de estrutura de poder. Segundo destaca, “[...] o grupo dominante que impõe seu modo de produção impõe também sua linguagem, pois a língua é também um trabalho. É, na verdade, puro trabalho humano [...]” (RAFFESTIN, 1993, p. 99).

Em certa semelhança com o geógrafo, destacando um caráter intersubjetivo, Bourdieu (1983) atrela a estrutura de produção linguística à relação de força simbólica na interlocução. Nesse caso, a língua não é apenas um meio de comunicação ou conhecimento, mas um instrumento de poder. Por meio desse instrumento não se busca apenas ser compreendido, mas obedecido, acreditado, respeitado, reconhecido. Dada essa reflexão, o autor traz a ideia da competência como *direito à palavra*, no sentido de a linguagem ser legítima e autorizada. Em suma, a competência diz respeito ao poder de impor a recepção, em que o discurso supõe um emissor legítimo que se dirige a um destinatário. O poder, que não se limita ao fator linguístico, mas que se revela intensamente na prática de língua, que não pode ser realizada na indiferença de seus sujeitos.

Ainda em Raffestin (1993), a linguagem mediatiza relações políticas, econômicas, sociais e/ou culturais num dado lugar e por uma duração específica. Ele atenta para o fato de que toda mediação linguística é subentendida por uma relação extralinguística, na qual circula poder, e toda relação é relação de poder. Desse modo, não há conflitos linguísticos no sentido comum do termo, mas conflitos mais profundos que surgem na reprodução social. Os conflitos, no entanto, podem ser expressos sob uma forma linguística.

Já inserindo um pouco dos problemas concernentes a este trabalho, o pensamento raffestiniiano, sob a insígnia da problemática relacional, que é marcada pelo poder, possibilita apenas um primeiro passo nas discussões que se prezam neste trabalho. Isso no sentido de que é preciso evitar pensamentos que idealizem a língua a dimensões estritamente políticas e hegemônicas, ou seja, distante da complexidade das relações humanas em contextos reais. O próprio geógrafo, que tem objetivos próprios, deixa à mostra certos limites de sua abordagem, como em sua palavra sobre “hierarquização” de línguas: “[...] A língua escolhida verá seu espaço aumentar, enquanto o das outras tenderá a restringir. Isso quer dizer que pouco a

pouco se caminhará para uma situação *monolinguística*<sup>70</sup> de fato, *ou ao menos formalmente*” [...] (RAFFESTIN, 1993, p. 116, grifo meu).

Embora as ideias raffestinianas avancem no que diz respeito à “variação linguística”, principalmente ao apresentar uma análise tetraglóssica, não alcança todas as dimensões envolvidas neste trabalho. Isso não significa que aspectos macros, seja econômico, político ou cultural não interfiram naqueles mais voltados para a vida cotidiana das pessoas — não há dúvidas —; mas também é certo que questões sociais e culturais, principalmente no aspecto linguístico, vão além de recursos, funções ou instrumentos. Há outras dimensões a serem agregadas nesse mundo complexo da migração, intrinsecamente territorial e linguístico, envolvendo dimensões simbólicas e materiais, em imbricação de tempos e espaços, *do* e *no* destino. Mais do que pensar em aspectos amplos e abstratos, para esclarecer melhor a dinâmica da língua (na sua prática interacional) é preciso pensar no mundo vivido dos sujeitos, composto por aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e linguísticos, dimensões que não se delimitam precisamente em fronteiras rígidas, mas que se concretizam de modo imbricado e multifacetado.

Numa perspectiva voltada para esses anseios, embora não haja uma dedicação exclusiva ao fenômeno da língua, estão os trabalhos desenvolvidos por Haesbaert (1997; 2001; 2004; 2007; 2008; 2011; 2014; 2016). Como foi demonstrado até aqui, o autor busca pensar o território em dimensões híbridas, em que se compreende, em proporções distintas, e dadas as complexidades de cada realidade, uma dimensão material e simbólica. É nesse pensamento, de pluralidade, que se insere a questão linguística na dinâmica territorial que envolve o objeto analisado, levando em consideração, sobretudo, aquilo que se pretende responder neste trabalho, que é discutir sobre a territorialização de imigrantes brasileiros nos EUA, com um enfoque linguístico.

Nesse momento, então, a pergunta feita à Borjas (1996) e Massey (1993) sobre que ponto de vista de língua utilizaram em seus trabalhos deve ser aplicada também nesta dissertação. Em um estudo que envolve migrações, território e língua, tão importante como definir as teorias a serem usadas nas primeiras áreas é definir que ponto de vista linguístico será posto em consideração, uma vez que são muitas as suas possibilidades. Assim, o ponto de vista usado neste trabalho, em consonância com seus objetivos, que é pensar a territorialização (ou des(re)territorialização) de imigrantes brasileiros nos EUA a partir de suas práticas linguísticas, está compreendido no dialogismo bakhtiniano. Em vez de um

---

<sup>70</sup> Conforme Bakhtin (2011), o monologismo é apenas uma abstração, uma ficção, não condizendo com a língua concretizada por falantes reais.

enfoque sistemático e sincrônico, a atenção é dada a uma compreensão discursiva da língua. Não o da língua isolada e monolítica, mas inscrita em seu contexto; no presente caso, no contexto migratório<sup>71</sup>.

---

<sup>71</sup> Deve-se destacar que os sujeitos que trazem a materialidade discursiva para a construção deste trabalho são imigrantes retornados que, mediante entrevistas, relataram sobre suas vidas e práticas linguísticas nos EUA.

#### 4 LÍNGUA E MIGRAÇÕES: ESTABELECENDO O PONTO DE VISTA DE LÍNGUA

A ideia que permeia este trabalho, no que se refere à percepção do fenômeno migratório, gira em torno da heterogeneidade do objeto estudado. No contexto de migrações, ao ser tomada a língua na prática dos sujeitos, aquilo que se concebe acerca da língua não pode dado, sem prejuízos, quando lida estritamente em abstrações estruturais. Os estudos de língua, na verdade, podem privilegiar diversos ângulos: Em um sentido político, como na ideia de língua nacional; no sentido de um sistema autônomo, como no estudo de línguas artificiais ou nas mais diversas investigações da linguística, como nos estudos de gramática; e pode ser vista através da prática dos sujeitos, com concretizações nas mais diversas formas e imbricações. Desse modo, em uma perspectiva que não tem por princípio o isolamento em relação às diversas esferas da vida social, o dialogismo é o meio adequado para marcar o terreno envolvido pela língua e a migração humana.

Neste capítulo, em que não se prende a detalhamentos das diversas perspectivas linguísticas disponíveis, mas destacar e situar o ponto de vista linguístico que será adotado neste trabalho, busca-se apresentar teoricamente argumentos acerca do fenômeno linguístico — embora se ateste a limitação de algumas perspectivas para responder às perguntas levantadas —, prosseguindo na seguinte ordem: Em primeiro lugar, como ponto inaugural e apresentação da vertente estruturalista da linguística, serão apresentadas ideias fundamentais da linguística saussuriana. Em um segundo momento, serão inseridos pensamentos de Chomsky em torno do seu cognitivismo. Em seguida, como salto de uma visão estritamente estrutural para um ponto de vista em que se considera o sujeito como ser social, serão acrescentadas as principais ideias de Benveniste, que critica as limitações do estruturalismo saussuriano devido às suas abstrações. Nesse fluxo, ainda se somarão as importantes contribuições dos estudos sociais da língua, através da sociolinguística e seu estudo sobre a variedade linguística. Subsequentemente, uma demonstração da aproximação entre os estudos geográficos e linguísticos. Por fim, em consonância com os objetivos principais deste trabalho, que é tratar da territorialização de imigrantes brasileiros nos EUA a partir da língua concretizada, entrarão os argumentos em torno do dialogismo bakhtiniano<sup>72</sup>.

---

<sup>72</sup> É importante destacar que o objetivo aqui não é eliminar alguma das perspectivas apresentadas, ainda que, no conjunto, fique clara a predominância do ponto de vista adotado. Antes do descarte, opta-se pelo convívio dos contrastes.

#### 4.1 O ESTRUTURALISMO SAUSSURIANO

O centenário *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, obra póstuma organizada por Sechehaye e Bally<sup>73</sup>, com a primeira edição em 1916, inaugura os estudos linguísticos na vertente do estruturalismo. A obra é baseada em manuscritos preparados pelo genebrino, redigidos em função de seus cursos ministrados em 1907, 1908, 1909 e 1910, e anotações de seus alunos. Nessa obra, a língua é estudada como sistema autônomo e tem seu objeto de estudo definido em relação a outros objetos que não fariam parte dos estudos da ciência linguística. Nesse sentido diferencial que permeia toda a obra, Saussure (2012) funda a *teoria de valor*<sup>74</sup>, na e pela qual é compreendida as relações próprias do sistema de língua. Alguns dos seus importantes diferenciais colocados (pela teoria do valor) são entre as noções de fala e língua, língua e linguagem, significado e significante, como também as relações de distinção entre signos. Nas próprias palavras de Saussure (2012, p. 159, grifo no texto), aqui apresentada apenas em parte, há uma demonstração da importância desse pensamento em sua proposta: “[...] Cada termo linguístico é um pequeno membro, um *articulus*, em que uma ideia se fixa num som e em um som se torna o signo de uma ideia”.

Já nos primeiros capítulos a obra apresenta o que seria a ocupação territorial da linguística e o seu objeto de estudo. Com suas diferenciações, Saussure (2012) define língua em contraste com a linguagem. Esta, heteróclita, multiforme e “cavaleiro de muitos domínios”, é insubordinável à categorização entre os fatos humanos. A língua, por outro lado, “[...] é um todo por si e um princípio de classificação [...]” (SAUSSURE, 2012, p.41). Nesse caminho, a língua (*langue*) não deve ser confundida com a fala (*parole*). A língua constituiria uma função que o indivíduo registra passivamente; a fala compreenderia um ato individual de vontade e inteligência. A língua, diferente da fala, é o objeto que se pode estudar separadamente. O ponto de vista do linguista, no que respeita ao seu foco, está voltado para o da língua como sistema abstrato. Desse modo, a linguística clássica estaria para a parte formal e estrutural da língua, estudada sincronicamente.

---

<sup>73</sup> O *Curso Geral de Linguística* é uma obra baseada em escritos de alunos de Saussure, o que tem gerado muitas discussões entre leitores do linguista em relação aos seus reais pensamentos. De todo modo, a obra, seja para refutá-la ou tomá-la como base referencial, marca a inauguração dos estudos científicos da língua como um sistema autônomo.

<sup>74</sup> Coelho & Lima (2014), exemplificando o uso da teoria do valor, afirmam que Saussure define fala e língua em uma interdependência, de modo que a oposição entre as partes é necessária para a compreensão de cada uma.

Sobre o signo, compreendido na junção de significado e significante — e de grande importância na compreensão de seu estudo, uma vez que, como já dito, é inteiramente relacional —, o linguista o define como entidade psíquica de duas faces. A começar com a ideia de *conceito* e *imagem acústica*, logo substitui pelos respectivos termos: *significado* e *significante*. Dito isso, o laço que une esses dois elementos, segundo o linguista, é arbitrário. Entre outros exemplos, ele demonstra essa arbitrariedade pela ideia de “mar”, o significado, e a imagem de sons *m-a-r*, que seria o significante. O significante, afirmará mais adiante, é *imotivado* (ou arbitrário)<sup>75</sup> em relação ao significado. Como está expresso em sua obra, “o signo linguístico não une uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica [...]” (SAUSSURE, 2012, p.106).

Para finalizar essa primeira discussão, ao tratar especificamente sobre o valor linguístico, o linguista o situa como um elemento da significação, que não deve ser confundido com esta. Trata-se de uma questão paradoxal. Conforme Saussure (2012), o conceito aparece como contraparte da imagem acústica no signo; por outro lado, esse mesmo signo é também a contraparte de outros signos no interior da língua. O autor pontua que o valor de qualquer termo é determinado pelos elementos que o rodeia. Até mesmo a palavra que significa “sol” está, de algum modo, relacionada ao que existe ao seu redor. “Sentar-se ao sol”, que se admite sem problemas na língua portuguesa, não se faz da mesma forma em certas línguas. Entretanto, o pai da linguística moderna faz uma importante pontuação sobre a comparação de signos entre si. Segundo o genebrino, dois signos, que comportam de igual modo significado e significante, não são diferentes, mas apenas distintos. As distinções ocorrem entre imagens acústicas ou ideias, ou seja, significante e significado.

Essas considerações sobre a linguística estrutural, ainda que em pequena porção, e um estudo longo a esse respeito não condiz com o foco deste trabalho, são importantes em dois sentidos: primeiramente, para situar por contraste o ponto de vista que será desenvolvido mais adiante<sup>76</sup>; em segundo lugar, a linguística estrutural não deve ser totalmente descartada em percepções de uma língua multifacética, especialmente em relação a contextos migratórios. Se ela não é a principal chave de leitura, caso deste estudo, não deixa de ser definidora de outras perspectivas menos voltadas para a língua como um sistema autônomo. De toda forma, é

<sup>75</sup> Vale ressaltar que Saussure (2012) admite a motivação (arbitrariedade) relativa, ou seja, uma motivação entre significado e significante, como na palavra *dezenove* (*dez+nove*). Entretanto, ressalta também que a motivação jamais é absoluta.

<sup>76</sup> Apenas para exemplificar: Benveniste, que critica a linguística estrutural por recortar de seus estudos o sujeito, não deixa de considerá-la; Chomsky, que, apesar de fazer suas críticas em torno da mente ao apresentar sua gramática gerativa, considera aspectos estruturais da língua; Bakhtin, que a toma como importante ao extrair de seus estudos em Dostoiévski o conceito de polifonia, ainda que muito a critique pelo seu objetivismo e ficções. Assim, são autores, entres tantos outros, que se definem, de alguma forma, em relação aos estudos saussurianos.

inegável que o imigrante brasileiro, de fala portuguesa, chega a um país norte-americano que tem como oficial a língua inglesa, com uma estrutura própria, vocábulos e sentidos próprios. Um dicionário de língua inglesa, por exemplo, ainda que os sentidos das palavras nele não contenham todas as possibilidades de seus usos concretos, pode ser de grande auxílio para um aprendiz da língua inglesa.

## 4.2 O INATISMO CHOMSKYANO

As contribuições de Chomsky para a linguística estão voltadas para a linguagem como algo inato ao organismo humano. Os principais objetivos de sua proposta cognitivista ou conceptualista da língua giram em torno da mente e do cérebro com suas propriedades linguísticas<sup>77</sup>. Embora seus trabalhos tenham sofrido algumas mudanças desde o seu surgimento em 1957<sup>78</sup>, outras questões permaneceram ao longo do tempo, como a ideia de que existe algum componente mental responsável pela linguagem e a importância disso na compreensão do fenômeno linguístico. A princípio, sem preocupações em pormenores, a partir da visão do autor, será apresentado o lugar que seus estudos ocupam entre as demais ciências, a diferença entre *competência* e *desempenho*, termos importantes para compreensão do seu trabalho, e o contraste entre o estruturalismo moderno e sua proposta mentalista.

A perspectiva de Chomsky para a linguagem e mente não se refere a qualquer abstração metafísica. Ao contrário, o linguista aborda a linguagem como um fenômeno do mundo natural a ser estudado por métodos de investigação empírica, como ele próprio afirma: “Assim, eu entendo ‘mental’ no sentido de estar em pé de igualdade com o ‘químico’, ‘óptico’ ou ‘elétrico’ [...]” (CHOMSKY, 1995)<sup>79</sup>. Em outras palavras, a sua proposta de trabalho é estudar a linguagem e a mente como qualquer outra coisa do mundo natural. Chomsky (1998) esclarece bem a sua proposta naturalista e o modo como enxerga a sua linguagem universalista ao apresentar duas metáforas explicativas quando ministrava uma de suas palestras no Brasil, na Universidade de Brasília, em 1996, publicada dois anos depois.

<sup>77</sup> Conforme Chomsky (1998, p.21), a abordagem cognitiva lida com o comportamento e seus produtos não como objeto de investigação, mas como dados capazes de fornecer evidências sobre os mecanismos internos da mente e os modos como esses mecanismos operam para executar ações e interpretar experiências.

<sup>78</sup> Conforme Nivette (1975).

<sup>79</sup> [...] Thus I understand “mental” to be on a par with “chemical”, “optical”, or “electrical” [...].

[...] A aquisição de língua se parece muito com o crescimento dos órgãos em geral; é algo que acontece com a criança e não algo que a criança faz. E, embora o meio ambiente importe claramente, o curso geral do desenvolvimento e os traços básicos do que emerge são pré-determinados pelo estado inicial. Mas o estado inicial é uma posse comum aos homens. Tem de ser então que, em suas propriedades essenciais, as línguas são moldadas na mesma forma. O cientista marciano poderia concluir sensatamente que há uma única língua humana, com diferenças somente nas margens (CHOMSKY, 1998, p.23).

A segunda metáfora é também bastante ilustrativa:

[...] Podemos imaginar o estado inicial da faculdade da linguagem como uma rede de relações fixa conectada a um painel de controle; a rede de relações é constituída pelos princípios da linguagem, enquanto os controles são as opções a serem determinadas pela experiência. Quando os controles estão fixados de um modo, temos o bantu; quando fixados de outro modo, temos o japonês. Cada língua humana possível é identificada como uma fixação particular de controles – uma fixação de parâmetros, na terminologia técnica [...] (CHOMSKY, 1998, p.25).

Com base nesse seu cognitivismo, duas categorias são marcantes nos estudos chomskyanos, a *competência* e o *desempenho*<sup>80</sup>. Conforme Chomsky (1970), a *competência* se refere à experiência limitada do falante com os dados linguísticos e que, a partir desses dados, desenvolve para si uma competência aprofundada em sua língua nativa. Essa competência, afirma o autor, pode ser representada como um sistema de regras que pode ser chamado de gramática da sua língua. Trata-se de uma gramática internalizada e inata em cada organismo humano. O desempenho, em contrapartida, está voltado para o uso linguístico real, que envolve complexidades além da forma saussuriana de língua. Na verdade, enquanto Saussure atenta para *langue*, Chomsky tem sua preocupação na *gramática gerativa internalizada*. Nivette (1975) destaca que, no pensamento do autor, a interação entre *competência* e *desempenho* é constante, de modo que a *competência* determina o *desempenho* e, em alguma proporção, este influencia a *competência*.

Ainda que já seja possível perceber seus contrastes com o estruturalismo na exposição acima, Chomsky (1994) critica diretamente alguns pressupostos do estruturalismo saussuriano por recortar a língua dos seus aspectos cognitivos. Ele critica, por exemplo, a ideia de língua como produto social, no sentido saussuriano de *langue*, que, como apresentado, está situada dentro de uma concepção de língua como sistema autônomo. Em direção distinta, Chomsky se preocupa com as questões mentais do processo linguístico, aspecto fundamental para o seu desenvolvimento teórico e que o genebrino não atentou. Chomsky (1998) não nega a importância do objeto da linguística estrutural, mas aponta que o fenômeno linguístico deve

---

<sup>80</sup> Hymes (1995), que parte de Chomsky, aponta que a *competência* envolve aspectos linguístico, socioculturais e estados psicológicos diversos.

ser explicado em conjunto com outros fenômenos, no sentido dos mecanismos internos que geram expressões. Em outras palavras, as dimensões cognitivas, que são essenciais no seu projeto linguístico, não podem ser ignoradas nos estudos da língua. Nesse sentido, suas ideias, em que não negam os aspectos estruturais linguísticos<sup>81</sup>, estão intimamente ligadas a uma teoria que prioriza o estado da mente/cérebro que conhece uma determinada língua. Embora o autor se descentralize da língua, do sistema linguístico como autônomo, não atenta para as questões discursivas e sociais do fenômeno, fundamental para discutir sobre a territorialização de imigrantes brasileiros nos EUA, um fenômeno intrinsecamente relacional.

#### 4.3 A PRESENÇA DO SUJEITO NA LINGUÍSTICA

Émile Benveniste, embora não tenha descartado os aspectos sistêmicos da língua, destaca-se pela introdução do sujeito em suas explicações sobre a língua e a linguagem humana<sup>82</sup>, elemento ignorado na linguística estruturalista (como na formalista) em sua dicotomia entre *langue* e *parole*. O linguista evidencia, entre outros elementos não menos importantes, a questão da pessoa, do tempo e do lugar na prática linguística. Enquanto os estudos saussurianos são alicerçados na perspectiva estritamente estrutural da língua, Benveniste (2005), em sua obra *Problèmes de linguistique générale*, de 1966, introduz a sua percepção discursiva, da relação entre sujeitos, e discurso, como o próprio autor pontua, é a linguagem colocada em ação, na interlocução. Nesse sentido, o desenvolvimento desta parte será dado da seguinte maneira: Primeiramente, uma introdução ao simbolismo da língua; em segundo, uma abordagem quanto às pessoas do discurso; em terceiro, um pouco sobre as categorias tempo e espaço no discurso.

O linguista, numa preocupação também presente em Saussure, faz uma distinção entre linguagem e língua. Na sua compreensão, a primeira é uma faculdade humana de característica universal e imutável; a segunda, que não deve ser confundida com a primeira, é sempre particular e variável. O papel do linguista seria, então, estudar as línguas. No âmbito dessa faculdade humana está aquilo que se refere ao símbolo e à representação: a faculdade de

<sup>81</sup> Chomsky (1998, p.20) não ignora a possibilidade de outras abordagens acerca da língua, como, por exemplo, do ponto de vista cultural. Como observa, “[...] cada abordagem define o objeto de sua investigação à luz de suas preocupações especiais; e cada uma deveria tentar aprender o que pode com as outras [...]” (CHOMSKY, 1998, p.20).

<sup>82</sup> Embora o autor esteja aqui formalmente, é importante que se destaque que Bakhtin/Volochínov (2010) já realizava isso em 1929, em *Marxismo e filosofia da linguagem*.

representar a realidade por um meio de signos e de compreender o signo como representante do real, ou seja, de estabelecer uma relação de significação entre elementos diferentes. Deve-se notar que o símbolo não tem necessariamente relação natural ao seu referente. Assim, simbolizar é algo próprio do homem, um ser pensante. E o pensamento é esse poder de representar as coisas e de operar sobre representações. O pensamento, como afirma, não é um reflexo imediato do mundo, ele classifica a realidade e se associa intimamente à linguagem. O pensamento é simbólico, pois a operação, ainda que pareça ser sobre as coisas, é sobre símbolos (BENVENISTE, 2005).

A respeito das pessoas do discurso, essa é uma parte sobre a qual Benveniste dedica um largo espaço em suas discussões. Na verdade, essa questão permeia todo o desenvolvimento do seu trabalho. Trata-se dos pronomes *eu* e *tu*, que não devem ser tomados apenas em seus sentidos lexicais ou em simples distinção gramatical. Em termos gerais, as implicações pronominais giram em torno de seu pensamento de que o locutor não pode colocar-se como sujeito sem, ao mesmo tempo, implicar o *outro*, o seu parceiro, dotado de mesma língua, possuindo mesmo repertório de formas, sintaxe e igual maneira de organizar o conteúdo linguístico. Assim, *eu* e *tu* não são dicotômicos ou apenas diferentes em sua terminologia, mas complementares (BENVENISTE, 2005).

Ainda na questão dos pronomes, o linguista afirma que as *pessoas verbais* estão presentes em todas as línguas, ainda que em algumas possa ocorrer omissões. Elas podem ser elencadas, consideradas as variações ao serem comparadas entre si, em *eu*, *tu* e *ele*. Por um lado, *eu* constitui a *primeira pessoa*, aquele que fala, o locutário; por outro lado, *tu* é a *segunda pessoa*, o que recebe a mensagem, o alocutário. Nota-se que há uma interdependência na constituição de cada um. Em contrapartida, a *terceira pessoa*, o pronome *ele*, é a forma verbal que funciona como “não-pessoa”. Fala-se dele, da coisa ou pessoa, mas não há referência a *ele* no discurso. A terceira pessoa, portanto, está em um plano diferente dos dois primeiros pronomes. O *eu* se dirige ao *tu*, e isso pode se inverter, ou seja, o *tu* pode se tornar *eu* e o *eu* se tornar *tu*. Entretanto, *ele* não designa nada nem ninguém (BENVENISTE, 2005)<sup>83</sup>.

---

<sup>83</sup> O autor ainda trabalha a ideia de pluralização pronominal. As pessoas *eu* e *tu* não passariam para o plural sem prejuízos. *Nós*, por exemplo, não é *eu* multiplicado, mas junção entre o *eu* e o não-*eu*, em que *eu* predomina. O certo seria dizer que *nós* é um *eu* dilatado, e não um *eu* pluralizado. Somente o *ele* pode ser pluralizado sem perda de seu sentido no singular (BENVENISTE, 2005).

Para encerrar essa breve introdução, Benveniste (2005) desenvolve também ideias sobre as categorias tempo e espaço, que são exemplificadas a partir dos advérbios *aqui* e *agora*, que se relacionam ao pronome *eu*. É importante ressaltar que, ao contrário do que se possa pensar sobre a relação de tempo e espaço com a realidade ou posições objetivas, essas instâncias remetem à enunciação, ou seja, é de natureza discursiva, encontram-se na comunicação intersubjetiva. A congregação dessas ideias, incluindo esta última, pode ser resumida quando o linguista argumenta sobre o enunciado *performativo*<sup>84</sup>: “[...] O enunciado performativo, sendo um ato, tem a propriedade de ser único. Só pode ser efetuado em circunstâncias particulares, uma vez e só uma, numa data e num lugar definidos [...]” (BENVENISTE, 2005, p.302), evidenciando as instâncias de pessoa, lugar e tempo.

Este trabalho, pelo qual se busca compreender a territorialização de imigrantes brasileiros nos EUA a partir da língua, em uma perspectiva integradora no primeiro âmbito e discursiva no que se refere à língua, não deve ignorar os sujeitos envolvidos na prática da língua. Ao tomar a palavra, o *locutário* instaura-se como sujeito: o imigrante, o trabalhador, o marido, o pai, o indocumentado etc. Ao fazer a parte do *tu*, como *alocutário*, o *eu* pode ser um companheiro de trabalho, um patrão nativo, um familiar, um amigo, um vizinho. O imigrante pode se referir a algum personagem como *ele*, sobre o qual se fala apenas, como pode ser um *ele*, uma não pessoa discursiva, apenas referido pela sua alteridade<sup>85</sup>. No seio das práticas linguísticas está a língua, simbólica, temporal e espacial, elementos que se concretizam no complexo contexto migratório, de tempos e espaços híbridos, e que revelam muito sobre os sujeitos linguísticos e suas relações humanas e espaciais. Nesse sentido, ao tratar sobre territorialização de imigrantes brasileiros nos EUA a partir de suas práticas de língua, evidenciar os sujeitos é imprescindível.

---

<sup>84</sup> Um enunciado é performativo na medida em que *denomina* o ato *performador* pelo fato de pronunciar uma fórmula que contém o verbo na primeira pessoa do presente: “*Declaro encerrada a sessão*”. “*Juro dizer a verdade*”. Assim, um enunciado performativo deve nomear a *performância* de palavra e o seu *performador* (BENVENISTE, 2005).

<sup>85</sup> O mercado de trabalho, por exemplo, é muito fecundo para uma discussão sobre as pessoas enunciativas, revelando posições e configuração relacional entre as partes ao tomarem ou deixarem de tomar a palavra, na instauração de *eu* e *tu* e *ele*.

#### 4.4 A SOCIOLINGUÍSTICA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A exemplo do estruturalismo moderno e do inatismo chomskyano, dados os seus objetivos, o indivíduo e a sociedade foram excluídos de seus projetos científicos. Na linguística saussuriana, inaugurada no início do século XX, a língua, invariante e sistemática, foi concebida dissociada das variações presentes na fala. Essa preocupação seria um campo das manifestações estilísticas, mas não da ciência linguística moderna. Ainda que Saussure (2012) tenha admitido que a língua é um fato social, no sentido de ser convencional, ela seria da faculdade da linguagem. Nesse caminho, é estabelecida no pensamento saussuriano uma dicotomia, além de outras, entre uma Linguística Interna e uma Linguística Externa, ou seja, entre orientações formais e orientações contextuais. Em contrapartida, já no ano de 1906, Antoine Meillet, seu aluno, argumentava que a linguagem e a língua como fato social não poderiam existir de forma autônoma, fora dos sujeitos linguísticos. É nesse pensamento, da inquestionável relação entre linguagem e sociedade, que a sociolinguística está situada (ALKMIM, 2005).

O termo *sociolinguística*, contudo, veio a fixar-se apenas no ano de 1964, em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia (UCLA), em Los Angeles. Entre os estudiosos presentes, estavam John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Heymes, John Fisher e José Pedro Rona. Na publicação dos trabalhos apresentados no congresso, Bright escreve a introdução sob o título *As dimensões da Sociolinguística*. Segundo o autor das linhas introdutórias, o objeto desse novo campo é a diversidade linguística. Assuntos interessantes aos sociolinguistas são: identidade social entre grupos e classes sociais; identidade social do receptor, como no estudo das formas de tratamento; o contexto social, como no estudo das diferenças entre a forma e a função no uso formal e informal da língua; os julgamentos que os praticantes da língua fazem dos seus próprios modos linguísticos e dos outros. Dessa maneira, com participação de outros campos, como o da antropologia, da etnografia, da psicologia, além dos já subentendidos, a sociolinguística nasce marcada pela interdisciplinaridade (ALKMIM, 2005).

Hymes (2002, p.56)<sup>86</sup>, um dos estudiosos presentes no congresso, também ligado aos estudos da sociologia e da antropologia, atesta sobre a variedade linguística ao afirmar que é natural que as pessoas tenham variados modos de fala, situação que não significa que essas variedades se constituam línguas diferentes. Como aponta, as pessoas e comunidades normais não são limitadas a um falar monolítico e inalterado. Ao contrário, seja como sinal de respeito, insolência, ironia<sup>87</sup>, distância ou intimidade, elas se expressam de variadas formas. Em outras palavras, o uso de variedades linguísticas faz parte do cotidiano das pessoas. Além disso, as variedades podem ganhar configurações específicas, seja no interior de uma mesma língua ou na combinação com outras, a depender do contexto. Exemplo disso é a segregação de atividade religiosa, de modo que a sua inteligibilidade depende da sua origem estrangeira, como o latim e o árabe para muitas comunidades religiosas.

Envolvido nesse pensamento, Hymes (2002) situa a sociolinguística como um movimento em que se relaciona a língua com categorias sociológicas ou na mediação entre linguística e ciências sociais como um todo. Quanto ao objetivo da sociolinguística, o autor afirma:

[...] O seu objetivo é explicar o significado da linguagem na vida humana, e não nas frases superficiais e abstratas que podem ser encontrados em ensaios e livros, mas nas vidas humanas concretas e reais. Para conseguir isso, o pesquisador deve desenvolver formas adequadas de descrição e classificação, a fim de responder a novas perguntas e dar às questões atuais uma nova abordagem (HYMES, 2002, p.59)<sup>88</sup>.

Nessa mesma ideia, no que se refere à ocupação dessa ciência, Alkmim (2005, p.31), de um modo geral, destaca que “[...] o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso [...]”. Em vez de abstraída das práticas sociais, seu ponto de partida situa-se na interação verbal das pessoas, na *comunidade linguística*. Seja em qualquer comunidade de fala estudada, uma constatação imediata é a variação ou diversidade linguística, pois língua e variações, como destaca a autora, são inseparáveis. A variedade, na verdade, constitui o fenômeno linguístico. As abstrações homogeneizantes, como qualquer perspectiva de invariabilidade, reduzem a compressão desse fenômeno.

<sup>86</sup> Versão abreviada do artigo *Models of the Interaction of Language and Social Life*, publicada em 1986; corrigida e ampliada da primeira edição, datada em 1972, com tradução para o espanhol.

<sup>87</sup> No texto original, a palavra é *seriedad burlona*.

<sup>88</sup> [...] Su meta es explicar el significado del lenguaje en la vida humana, no en las frases superficiales y abstractas que pueden encontrarse en ensayos y libros de texto, sino en las vidas humanas concretas y reales. Para lograrlo, debe desarrollar modos adecuados de descripción y clasificación, con el fin de responder a nuevas preguntas y dar a las preguntas actuales un nuevo enfoque.

Conforme Alkmim (2005), as mudanças podem ser diacrônicas, como no uso de *Vossa Senhoria*<sup>89</sup>, antes restrita aos reis, em meados do século XV, passando a ser empregada em relação a arcebispos, bispos, duques, marqueses, condes, além de uma gama de altos funcionários. As mudanças são também observáveis em um plano sincrônico, em que pode ocorrer *variação diatópica* (ou *geográfica*) e *variação diastrática* (ou *social*). Embora tenham sentidos diferentes, quando na observação de casos reais, essas variações podem ocorrer de forma imbricada, dependendo do grupo ou grupos sociais envolvidos.

No primeiro caso, da *variação diatópica*, que pode ser demonstrada no plano lexical, fonético e gramatical, alguns exemplos são autoexplicativos: Enquanto em Portugal aparece o uso da palavra *combóio*, no Brasil usa-se *trem*. Em Portugal, encontra-se a pronúncia aberta da vogal anterior média, caso que pode ser exemplificado com a palavra *prémio*; no Brasil, a pronúncia é fechada, ou seja, usa-se *prêmio*. No plano gramatical, um exemplo pode ser dado quanto à colocação adverbial: Em Portugal, *Lá não vou*; no Brasil, *Não vou lá*. As variações podem ser vistas também entre as regiões no interior do Brasil. Na região nordeste, por exemplo, é comum a expressão *Falei com Joana*, sem a presença de artigo definido antes do nome pessoal; na região sudeste, ao contrário, seria mais comum *Falei com a Joana*, com a presença do artigo definido (ALKMIM, 2005).

A *variação diastrática*, em uma outra esfera, está relacionada aos fatores identitários dos falantes e com a organização sociocultural da comunidade falante. Os seguintes fatores podem estar relacionados a essa variação: 1) *classe social*, como na presença de [r] no lugar de [l] (“brusa” em vez de “blusa”) nas falas de pessoas com uma variedade menos prestigiada; 2) *idade*, caso que pode ser exemplificado no uso de gírias como “maneiro” entre os jovens e a pronúncia fechada de “senhôra” entre falantes mais velhos; 3) *sexo*, como na frequência de diminutivos na fala de mulheres; 4) *situação ou contexto social*, referindo-se às diversas situações em que o falante muda a sua fala para adequar-se socialmente perante seu interlocutor (ALKMIM, 2005).

As variabilidades linguísticas, seja diacrônica ou sincronicamente, como é possível perceber, é um fato inegável. Entretanto, Camara Jr. (1974), estudioso da língua portuguesa na perspectiva estrutural, assevera sobre o perigo de polarizações excludentes, como entre os *anomalistas* e os *analogistas* da Antiguidade. Os primeiros negavam a possibilidade de estabelecer regras gerais no uso linguístico. Por outro lado, os segundos defendiam a possibilidade e necessidade das regras, aplicando o princípio filosófico da analogia. Em

---

<sup>89</sup> Na língua portuguesa.

consideração às variedades, o estruturalista faz suas exposições sobre aquelas de ordem individual, como no uso linguístico que se adequa às diversas situações sociais e que pode ser exemplificado na comparação entre a prática de língua de um profissional, como a de um professor, em contraste com suas práticas em situações familiares. No âmbito da coletividade, as variedades podem ser percebidas nas diferenças dos dialetos regionais e na hierarquia social, por exemplo. Como ele próprio afirma: “[...] Em toda gramática, ao lado da «regularidade», há sempre «irregularidades»” (CAMARA JR., 1974, p.8).

O contexto de migração de brasileiros nos EUA, marcado por variedades diversas e sobrepostas da língua, atesta sobre o discutido. Nos EUA, assim como no Brasil, não há uma forma monolítica de falar; fato presente nas línguas em geral. Conforme Holmes (2013), o modo de falar em Boston, por exemplo, não é o mesmo de Nova Iorque. E dentro desta última cidade, na região do Brooklyn, o Brooklynese é bastante distinto. Os *Projetos de Atlas Linguísticos*<sup>90</sup> oferecem uma rica fonte de informações sobre os dialetos do país. Nos Apalaches rurais, por exemplo, pode-se ouvir pronúncias de verbos com um prefixo *a-*, tais como *a-fishin* e *a-comin*. Na região leste, além da palavra *dragonfly*<sup>91</sup>, incluem os termos *darning needle*, *mosquito hawk*, *spindle*, *snake feeder*, *snake doctor* e *snake waiter*. Dessas expressões, apenas *darning needle* é usada em Nova Iorque. Entretanto, a partir de *darning needle*, Nova Iorque desenvolveu duas novas variantes: *dining needle* e *diamond needle* (HOLMES, 2013).

Como pressupõe toda essa explanação, os imigrantes brasileiros, que tem grande representação em Nova Iorque e Boston<sup>92</sup>, por exemplo, lidam com formas diversificadas de inglês, que se somam às formas de falar de outros imigrantes, pois o território norte-americano abriga pessoas dos mais diversos locais do mundo. Nesse sentido, a territorialização do imigrante, enfocando as suas práticas de língua, não se reduz a uma aquisição<sup>93</sup> ou não de uma língua segunda língua (L2) invariável, mas, ao contrário, junto ao sistema e sua aparência estável está a variabilidade linguística, os papéis sociais dos falantes, a idade, os sotaques, as abreviações de palavras etc., pois a língua não se completa senão nas práticas sociais.

<sup>90</sup> LINGUISTIC Atlas Projects. Disponível em: <<http://us.english.uga.edu/>>. Acesso em 6 fev. 2017.

<sup>91</sup> *Libélula*.

<sup>92</sup> Enquanto Margolis (1994) atenta para a região de Nova Iorque, Sales (1999) atenta para a região de Boston, no estado de Massachusetts.

<sup>93</sup> Segundo Ellis (1997), a aquisição de uma segunda língua (L2) se refere à aprendizagem de uma língua além da materna, seja dentro ou fora da sala de aula, continuando a mesma nomenclatura para uma terceira ou quarta língua aprendida, por exemplo. No presente trabalho, entretanto, não há pretensão em investigar os processos de aquisição, mas refletir sobre a língua a partir das experiências dos sujeitos, em uma perspectiva discursiva da língua.

#### 4.5 A LINGUÍSTICA NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

Os estudos em combinação entre a geografia e a linguística, embora alguns de seus desdobramentos tenham o seu próprio campo de atuação, são muito importantes para a compreensão de fenômenos que envolvem a mobilidade humana. Conforme destaca Hernandez-Campoy e Conde-Silvestre (2005), a principal preocupação da geolinguística, por exemplo, é quanto às relações entre a linguagem e a geografia, em que se estuda a linguagem em seu contexto geográfico, caminhando para além de questões sociais e culturais, fato que demonstra a sua não rigidez ao lidar com as fronteiras disciplinares envolvidas. Dadas essas considerações, será apresentada uma posição histórica da geografia, para situar a abertura desse campo a outros estudos e, subsequentemente, será discorrido sobre uma combinação entre “geografia e língua”. Estudos com essa imbricação de áreas, da geografia com a linguística, além do proveito atestado na combinação de território e do fenômeno linguístico, abrem caminho para uma discussão acerca da territorialização de sujeitos humanos, na qual há sempre aspectos linguísticos e espaciais.

É importante destacar que os estudos geográficos, como foi possível perceber na apresentação da questão do território neste trabalho, sofreram mudanças importantes no decorrer de sua história, fato também presente em outras disciplinas. Durante os anos de 1960 e 1970, as abordagens quantitativas passaram por questionamentos estruturais, em um momento em que estava em voga questões sociais e filosóficas europeias dos séculos XIX e XX. Geógrafos desacreditados de modelos estáticos passaram a explorar teorias marxistas, com foco no poder, na luta de classe e mudanças. Destacam-se os trabalhos de geógrafos feministas, como os de Gillian Rose (1993) e Sazane Mackenzie (1989), que descreviam como o capitalismo coloca os indivíduos em determinados lugares ao longo de um eixo econômico. Em geral, as mudanças metodológicas sugeriam que a pesquisa qualitativa e particular visava descrever os processos e práticas sociais, que são necessários para complementar ou até mesmo substituir o trabalho quantitativo (JOHNSTONE, 2010).

Outras mudanças aconteceriam no final da década de 1970 e início da década de 1980, com o início dos chamados “estudos culturais” do Centro de Estudos Contemporâneos da Universidade de Birmingham. Nesse novo momento, uma atenção especial foi dada às questões de raça, gênero, poder, domínio e produção do espaço social. Um interesse pela paisagem, categoria mais subjetiva, foi outra característica do enfoque geográfico nesse período (JOHNSTONE, 2010).

Para uma demarcação geral dos estudos geográficos, Johnstone (2010), ao tomar a geografia britânica e americana como referência, aponta que a sua divisão principal situa-se entre a geografia física e a geografia humana. Quanto à primeira, os geógrafos são postos ao lado de geólogos, ecologistas, hidrologistas, biólogos, químicos e físicos, em interesse nas formas de relevo e na flora e fauna. Quanto à segunda perspectiva, os geógrafos juntam-se aos antropólogos, sociólogos, economistas e, eventualmente, com linguistas, em seu interesse sobre como os seres humanos interagem com o meio ambiente, influenciando-o e sendo influenciado por ele. Por essa divisão, os estudos geográfico-linguísticos ocupariam o âmbito da geografia humana. Sobre essa relação entre a geografia e a linguística é que as próximas linhas são dedicadas.

Coseriu (1991)<sup>94</sup>, ao tratar da imbricação desses dois campos, discorre sobre a geografia linguística, que se refere a uma metodologia dialetológica e comparativa, pressupondo o registro das formas linguísticas, como das questões fônicas, lexicais e gramaticais, através de questionários ou algum instrumento indireto<sup>95</sup>. Embora o terreno da geografia linguística seja o glotológico, os seus alcances não deixam de interessar à geografia, pois, ao lidar com o meio ambiente e, ao mesmo tempo, com as atuações humanas, nas relações entre a vida social e cultural do homem e o seu meio natural, não deixa de realizar uma tarefa geográfica. Nessa perspectiva, o autor discute sobre este método, o seu fundamento, bem como sobre seu escopo teórico e prático.

Sobre as relações entre linguagem e o ambiente geográfico, o autor pontua que elas não podem ser diretas. Ao contrário, a geografia linguística, no sentido denominado técnico, deve estar preocupada com as relações entre o meio natural e a difusão e distribuição espacial dos fatos linguísticos. Essas relações, todavia, não são concebidas como determinantes por si mesmas, mas como condicionantes, seja política, social ou culturalmente. Dessa forma, a escala da geografia linguística não deve ser confundida com outras escalas, como o próprio linguista pontua:

[...] Assim, os «centros de irradiação» dos quais ela fala não são centros geométricos dos territórios estudados, mas os centros políticos, administrativos, culturais e religiosos, os centros comerciais e de comunicação (por exemplo, as grandes cidades; capitais de estados, de províncias ou de departamentos; cidades industriais, centros de produção e consumo, locais de mercado ou de grandes articulações,

---

<sup>94</sup> Linguista que, apesar de muitas vezes ser enquadrado como estrutural, atentou para questões além da proposta saussuriana, considerando o sujeito em parte de suas explicações.

<sup>95</sup> Como no uso de fotografias, desenhos, ou apresentação dos próprios objetos cujos nomes dialetais devem ser obtidos a partir das falas dos entrevistados (COSERIU, 1991, p.114).

santuários, cidades universitárias, etc.), ou seja, aqueles que se consideram como centros «propriamente geográficos» [...]. (COSERIU, 1991, p. 106)<sup>96</sup>.

Nessa direção, Coresiu (1991) discute sobre os obstáculos naturais, como rios, montanhas e mares, que não podem ser vistos de tal maneira do ponto de vista da geografia linguística, como não o é também na geografia política. Os aparentes obstáculos podem, na verdade, ser mais pontes do que limites. Assim, zonas linguisticamente isoladas não coincidem sempre e necessariamente com áreas naturalmente isoladas, no caso dessas áreas não serem, ao mesmo tempo, isoladas política ou economicamente. Isso aponta para o fato de que a geografia linguística não trabalha a partir dos limites espaciais, mas parte dos fatos linguísticos. O autor pontua que os limites linguísticos não coincidem com limites de áreas, ainda que se busque coincidir de forma determinante essas duas escalas.

Uma demonstração sobre a dinâmica dos fatos linguísticos no espaço em contraste com os limites geográficos é o próprio EUA com sua pluralidade étnica e, conseqüentemente, linguística. Segundo Margolis (1994), ao descer pela Ferry Street, a principal via comercial de Ironbound, na cidade de Newark, no estado de New Jersey, ouve-se mais português do que inglês. Trata-se de uma cidade com uma grande concentração de portugueses e brasileiros. É como afirma Altenhofen (2014, p.81): “[...] Migram os homens, migram as línguas [...]”.

Ainda nessas relações entre língua e ambiente, Coseriu (1991) levanta a questão da influência do ambiente físico sobre a fala. No que se refere às influências físicas sobre a fisiologia na articulação de fenômenos linguísticos, o autor pondera que não é um problema a ser resolvido ou negado pela linguística. Mas considera que a linguagem tem sua face físico-fisiológica e que se relaciona com um organismo humano. A linguística, como destaca, estuda a linguagem em certas condições dadas, mas não o condicionamento dessas condições. Contudo, essa discussão diz respeito também às influências do ambiente físico sobre a visão de mundo refletida na linguagem. A partir de pressupostos empíricos, o autor destaca a evidência de que um diferente universo de experiência corresponderá a um universo linguístico diferente.

---

<sup>96</sup> [...] Así, los «centros de irradiación, de los que ella habla no son los centros geométricos de los territorios estudiados, sino los centros políticos, administrativos, culturales y religiosos, los centros comerciales y de comunicación (por ej., grandes ciudades; capitales de estados, de provincias o de departamentos; ciudades industriales, centros de producción y consumo, localidades de feria o de empalmes importantes, santuarios, ciudades universitarias, etc.), es decir, aquellos mismos que se consideran como centros «propriamente geográficos» [...].

No sentido dessa questão, é apropriado antecipar que, em contextos migratórios, o universo de signos não coincide com o universo linguístico da origem, o que requer dos indivíduos migrantes uma renovação no seu repertório lexical. Sales (1999), exemplificando a incorporação do inglês na fala de imigrantes, aponta para o fato de mulheres que trabalham na faxina se referirem ao conjunto de casas que limpam como *schedule*, que significa “lista de atividades planejadas para um certo período de tempo; horário de trabalho” (SALES, 1999, p.224). Palavras do português também podem ganhar novas formas, como “parquear”, que se refere a “estacionar”, que se grafa com *park*, no inglês; e “bisado”, que quer dizer “ocupado”, originada de *busy*, no inglês. A autora, ao final de sua obra, lista um pouco mais de vinte palavras inglesas usadas pelos entrevistados em suas entrevistas.

Um pouco mais próximo da prática metodológica da geografia linguística, ela não trata de abordar os limites entre línguas ou comunidades linguísticas, mas atenta para a distribuição espacial de fenômenos linguísticos particulares, a saber: fonemas, palavras e construções gramaticais, bem como para os limites entre as áreas ocupadas por esses fenômenos. Entretanto, a coincidência dos dois planos acontece apenas em casos especiais, ou seja, é uma exceção. Dessa maneira, os *atlas linguísticos* distinguem-se dos *atlas geográficos*. Nestes últimos, encontra-se mapas de variados territórios; nos linguísticos, os mapas de um mesmo território são diversos. Precisamente, um mapa para cada conceito ou fonema (ou uma série de fonemas), em que os materiais colhidos foram verificados em uma rede de pontos ou localidades previamente estabelecidas. Em suma, os mapas podem ser fonéticos, lexicais ou propriamente linguísticos, no caso de estruturas — em sua integridade fônica e morfológica — serem registradas e comprovadas nas áreas estudadas (COSERIU, 1991).

Por fim, Coresiu (1991) compreende três fases para o trabalho em geografia linguística: em primeiro lugar, o trabalho de recolhimento do material; em segundo lugar, o registro do material em mapas; em terceiro lugar, o estudo e interpretação do material registrado em mapas. A partir dessas considerações, o autor pontua que a técnica da geografia linguística é de natureza geográfica, pois busca verificar fatos no espaço. Porém, os seus fundamentos e objetivos são evidentemente glotológicos. Pelo fato desse viés, muitos preferem denominar esses estudos como linguística geográfica, enfatizando o âmbito linguístico. De todo modo, como destaca, a distribuição espacial dos fatos linguísticos reflete, em alguma medida, a sua cronologia relativa, isto é, a sua história. Essas percepções, sinaliza o autor, tem provocado estudos com induções no sentido inverso, na tentativa de estabelecer uma relação cronológica dos fatos de língua a partir de sua distribuição espacial, em que se

dedica à dialetologia e à gramática de comparação. Sobre esses estudos, em que se parte do espaço, o autor cita outras aplicações da geografia linguística, como a geolinguística.

Estudos sistemáticos nessa área são importantes e seria de grande proveito algum trabalho capaz de registrar as práticas de língua de imigrantes brasileiros nos EUA. Entretanto, as questões quantitativas, como registro de fatos linguísticos, não envolvem os objetivos deste trabalho. Não serão enfocadas as dimensões de fonemas, palavras e construções sintáticas dos sujeitos entrevistados; ao contrário, o interesse neste estudo gira em torno de compreender discursivamente a integração de migrações, território e língua na construção territorial desses sujeitos imigrantes nos EUA, compreendendo suas ocupações e restrições nos espaços de migração. Os objetivos propostos não estão voltados para a construção de atlas linguísticos, mas atentam para as relações sociodiscursivas que são demonstradas pelas falas dos sujeitos acerca de suas experiências enquanto imigrantes nos EUA. Por outro lado, essas reflexões apontam para a importância que se deve ter a respeito das influências do ambiente sobre as práticas de língua, não em sentido fisiológico, mas no âmbito do simbólico; elas atestam também sobre o cuidado de não confundir o fenômeno linguístico com os limites zonais; além de dar suporte sobre a influência das práticas de língua em relação às ocupações de imigrantes nos diversos espaços na migração, no sentido do potencial humano trazer influência sobre o espaço assim como é influenciado por ele.

#### 4.6 O DIALOGISMO BAKHTINIANO<sup>97</sup>

Mikhail Mikhailovich Bakhtin, mais conhecido apenas pelo seu último sobrenome, nasceu em Orel, na Rússia, em 1895. Principalmente na juventude e início da vida adulta, teve uma vida marcada por diversos acontecimentos, seja no corpo físico ou por conturbações políticas. Em 1917, com a revolução soviética, Bakhtin teve membros de sua família perseguidos e alguns assassinados. Com os bens da família expropriados, o seu irmão, Nikolai, um ano mais velho que ele, exilou-se na Inglaterra, onde construiu uma carreira acadêmica bem-sucedida. Os seus pais, duas irmãs, além de tios e outros entes próximos foram separados de si pelo regime comunista, restando-lhe apenas a sua irmã Ekaterina.

---

<sup>97</sup> Embora haja muitas discussões sobre autoria, este trabalho não se dedica a essas questões. São considerados os nomes que aparecem como autores nas obras impressas atualmente em português, a saber: Bakhtin/Volochínov, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicada pela primeira vez em 1929; e apenas o nome de Bakhtin para as demais obras utilizadas neste trabalho.

Apesar das dificuldades, formou-se na escola secundária de Odessa e ingressou aos 18 anos de idade em uma faculdade nessa cidade. Depois de um ano, transferiu-se para São Petersburgo, onde seu irmão havia se ingressado no Departamento de Letras Clássicas. Assemelhando-se ao irmão, Bakhtin se matriculou em Estudos Clássicos de Filologia e História, formando-se em 1918 (VIDON, 2013)<sup>98</sup>.

Conforme Vidon (2013), passada a revolução, o filósofo, entre os seus 20 e 25 anos, escreveu *Arte e responsividade* e *Para uma filosofia do ato responsável*. Nesta última, Bakhtin faz uma crítica epistemológica à ciência moderna. Na palavra viva, conforme o autor pontuaria, a não indiferença é próprio da palavra em prática, na qual há entonação e avaliação. Nos anos de 1918 a 1924, Bakhtin participava de grupos de estudos filosóficos, algo comum na URSS<sup>99</sup> daquela época. E foi em Nevel que se formou o principal desses grupos, o círculo filosófico de Nevel, em que participaram, além do próprio, Volochínov, Zubákin, Maria Iudina e Kagan, o mais próximo de Bakhtin; grupo a que veio liderar mais tarde. Inconformado com verdades absolutas e acabadas, o grupo (ou círculo) de Bakhtin não era bem visto pelo regime soviético.

Enquanto aconteciam as discussões em grupo, onde se discutia sobre as mais diversas áreas: teologia, psicanálise, literatura, além de outras relacionadas à vida humana, o filósofo elaborava discretamente uma dissertação de mestrado sobre Dostoiévski, publicando seu trabalho em 1929<sup>100</sup>. A obra, apesar de uma recepção fria, parece ter livrado Bakhtin de uma execução por subversão. Em vez de sua morte, Bakhtin foi exilado no Kazaquistão, na cidade de Kustanai, época em que teve a perna esquerda amputada, em 1934, em decorrência de uma osteomielite (VIDON, 2013).

O filósofo, muito ligado à literatura, dedicou-se a estudar sobre François Rabelais, com a intenção de defender uma tese de doutorado e ter o título de PhD; entretanto, Bakhtin se vê desmotivado e com péssimas condições para o trabalho intelectual. Em 1940, período em que acontecia a Segunda Guerra Mundial, ele submete seu trabalho à banca examinadora e vai à defesa, recebendo muitas críticas, sejam por questões metodológicas ou inadequações às premissas do regime. A espera foi de longos seis anos para, então, receber a avaliação da banca. Em 1946, com uma aprovação de maioria simples, o filósofo recebeu o seu tão

<sup>98</sup> Vidon (2013) baseia suas reflexões nas *Conversas com Viktor Duvakin*, de 1973; nos livros de Katerina Clark e Michael Holquist, *Mikhail Bakhtin*, de 1984, e de Caryl Emerson, *Os cem primeiros anos de Bakhtin*, de 1996. Além desses textos, em apontamentos realizados pelo Prof. Clive Thomson (University of Guelph, Canadá) em curso ministrado na Universidade de São Paulo (USP) e na conferência *O Círculo de Bakhtin: uma análise histórica e crítica*, proferida pelo Prof. Craig Brandist (University of Sheffield, UK), também na USP, realizados em 2011.

<sup>99</sup> União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ou simplesmente União Soviética.

<sup>100</sup> *Problemas da Poética de Dostoiévski*.

esperado título de PhD<sup>101</sup>. Embora tenha recebido o título, Bakhtin não consegue publicar o trabalho na forma de livro, o que lhe causou profunda decepção. Desse período até o final da década de 1950, calado pela forma institucional do regime, o filósofo se limitará à atividade professoral<sup>102</sup>, na Escola Estatal de Professores de Mordóvia. É nessa época que escreve os textos que compõem *Estética da criação verbal* (VIDON, 2013).

Dada essa introdução sobre o autor, de que modo que não seja ignorado a sua responsividade em seus estudos, passemos para as teorias, em que se destaca o seu dialogismo. O termo, por mais dinâmico que possa ser em seu próprio sentido, não deve ser confundido como uma contenção à diversidade teórica que Bakhtin e o *Círculo* desenvolveram. Por outro lado, a dinamicidade da proposta bakhtiniana não é fluida ao ponto de não ser possível uma tessitura dos pensamentos ali desenvolvidos. Como afirma Arán (2006, p.89), “[...] o dialogismo é mais do que um conceito, é um postulado que, condensando a imaginação das dinâmicas históricas e sociais, atravessa todos os conceitos, une-os e lhes dá sentido”<sup>103</sup>. Portanto, é por esse fio condutor, o dialogismo<sup>104</sup>, que este trabalho se organiza em suas buscas: ao tratar sobre o fenômeno da língua na fala concreta de imigrantes; na construção do seu caminho metodológico; e no que se refere à constituição dos sujeitos em contexto migratório e suas práticas linguístico-territoriais.

Nesse sentido, em resposta aos objetivos deste estudo, que é perceber o sujeito imigrante (linguístico) em suas construções territoriais nos EUA, um ponto fundamental é situar o ponto de vista de língua a ser usado. Assim, evitando quaisquer abstrações e estruturalismos, a língua aqui é compreendida em seu funcionamento, ou seja, na prática discursiva de sujeitos que a concretiza. Acima de tudo, atenta-se para o objeto em sua própria complexidade. A língua compreendida nesta dissertação está intimamente ligada ao seu envolvimento com as territorialidades dos falantes, que são sempre múltiplas; uma língua multifacetada, com toda a dinâmica do contexto, sendo influenciada por ele e, ao mesmo tempo, lançando a sua influência.

---

<sup>101</sup> Apesar de aprovado pela banca avaliadora da cidade de Moscou, teve de reduzir significativamente o seu trabalho, retirando todas as passagens inadequadas para a educação soviética (VIDON, 2013).

<sup>102</sup> Ou outros cargos, como chefe de departamento.

<sup>103</sup> [...] el dialogismo es más que un concepto, es un postulado que al condensar el imaginario de la dinámica histórica y social, atraviesa todos los conceptos, los une y les otorga sentido.

<sup>104</sup> O dialogismo, por sua epistemologia aberta para os estudos estéticos e da vida real, tem as características balizadoras necessárias e fundamentais para o presente estudo.

#### 4.6.1 A posição de Bakhtin nas perspectivas linguísticas

Em uma leitura panorâmica, Koch (2015) apresenta um esboço que se inicia com o estruturalismo até ao que ela destaca como linguística do discurso. No estruturalismo, no qual se destaca Ferdinand Saussure, a língua é estudada em seu sistema abstrato e fora de qualquer contexto social e de prática da língua pelo falante. Não tão diferente nesse ponto é a teoria gerativista de Chomsky, em que toma a sintaxe como centro dos estudos linguísticos<sup>105</sup>. Outros linguistas, especialmente de países europeus, atentaram para a linguagem enquanto atividade, para as relações entre línguas e seus falantes e, desse modo, para a ação que se realiza *na* linguagem e *pela* linguagem. Fala-se da linguística pragmática, que prepara o caminho para o surgimento da linguística do discurso. Nesta última, a atenção é dada às manifestações linguísticas produzidas por indivíduos concretos em situações concretas e sob determinadas condições de produção.

Em um caminho semelhante, numa reflexão sobre a transição dos paradigmas clássicos para uma perspectiva interacional, Costa (2015) destaca que, com o declínio do estruturalismo, isso a partir da década de 1970, houve um grande esforço intelectual para reatar as disjunções intrínsecas ao pensamento clássico, como a separação entre sujeito e objeto, história e sistema, abstrato e concreto, forma e conteúdo, entre outras. Na verdade, o pensamento ocidental descobriu tardiamente naquela década que esse esforço já havia começado em Bakhtin no início do século XX, mais precisamente com o livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, obra publicada pela primeira vez em 1929.

Embora a linguística do discurso tenha sua circunscrição própria no estudo de línguas, não seria proveitosa uma oposição radical entre esta e os estudos da linguística estrutural, que pode ser representada na linguística saussuriana. Brait (2008) procura deixar claro que Bakhtin, no conjunto de sua obra, não faz oposição radical à linguística estrutural. Ao contrário, refere-se a ela como importante e necessária para compreensão de suas propostas. Conforme depreensão de Brait (2008), Bakhtin não deve ser lido em extremos. Segundo a autora, o teórico ofereceu um salto qualitativo no que se refere ao tratamento da linguagem não apenas no que ela tem de sistemático, o que se diria o mesmo em relação à sua variabilidade. Na verdade, a língua em uso compartilha a combinação dessas duas dimensões, sem exclusões.

---

<sup>105</sup> Ainda que seja preservada a colocação da autora, as considerações específicas ao trabalho de Chomsky neste estudo atentam especialmente para o seu enfoque inatista, na relação entre linguagem e mente.

Sobretudo, é importante destacar o alcance dessa nova busca linguística, antes ignorada nas dicotomias do projeto científico da linguística moderna. Segundo Koch (2015), o século XX é marcado por autores como Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Émile Benveniste, Marcel Cohen e Roman Jakobson, que desenvolveram ideias em que relacionam língua, cultura e sociedade. Entre esses teóricos, Bakhtin/Volochínov (2010), em contraste com o *objetivismo abstrato* modernista, uma referência que o autor fazia ao estruturalismo, apresenta uma teoria dialógica para o estudo da linguagem. Ele argumenta que a essência da língua não está firmada na abstração do sistema, mas no fenômeno social e na interação verbal. Esta interação é a realidade que fundamenta a língua; como se lê:

[...] A través da palavra, defiro-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p.117).

O pensador russo, de mente interdisciplinar, não se limitou a questões estéticas e análises literárias. Encontra-se em seus textos diálogos filosóficos com várias tendências, como em direção ao neokantismo, à fenomenologia, ao freudismo; dialoga também com outras áreas do conhecimento, como a linguística, estilística, biologia, física e matemática, influenciando o seu trabalho (BRAIT, 1997). Em referência à obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, de 1929, Brait (2005, p. 100) argumenta que “[...] as lições aí formalizadas não se limitam à linguagem literária, mas estendem-se, enquanto categorias discursivas, a qualquer discurso, literário ou não, descontadas as especificidades da escritura do criador de Crime e Castigo aí objetivadas”.

Assim, a presença de Bakhtin neste estudo se dá justamente pela amplitude e possibilidades do dialogismo em relação ao fenômeno linguístico. Por meio de Bakhtin é possível conjugar as complexidades do objeto em estudo, de modo que é viável considerar aspectos estáveis, como relativamente são os *gêneros*, como as variações e intersubjetividades presentes na palavra, como a *expressividade*. A língua humana, especialmente em contextos migratórios, requer um ponto de vista apropriado para ser lida em sua concretização nas *práticas humanas*, ponto que se dá grande importância no dialogismo. Como estudioso artístico, Bakhtin é o alicerce para uma religação segura entre ciência e arte, que sofreram sérias disjunções na ciência moderna. Conforme pontua Haesbaert (1997, p.23), por meio da poesia “amamos, sofremos e podemos, pelo menos na imaginação, expressar todos os sentimentos e todos os espaços do mundo [...]”. Desse modo, é principalmente a partir do

dialogismo que se busca pensar as práticas linguísticas de sujeitos imigrantes brasileiros em sua territorialização nos EUA, um processo que envolve, concomitantemente, razão e sensibilidade, dimensões materiais e simbólicas, estabilidade (ideologia) e criação.

#### 4.6.2 Língua e linguagem no dialogismo bakhtiniano

O *Círculo* de Bakhtin<sup>106</sup>, embora não tenha desenvolvido alguma teoria acabada<sup>107</sup> sobre língua e linguagem, deixa clara a sua perspectiva adotada — a começar pelas suas oposições a linguística estrutural — ao tratar dos mais diversos assuntos da língua, seja no que se refere à literatura ou às práticas cotidianas da linguagem. As suas críticas, a exemplo de autores já mencionados acima, embora aqui de forma muito mais acentuada e foco próprio, é feita de modo especial ao estruturalismo de Ferdinand Saussure, denominado por Bakhtin/Volochínov (2010) como *objetivismo abstrato*, e ao *subjetivismo idealista*. Como se nota, em um projeto de natureza interdisciplinar, as suas reflexões têm em si o intrínseco caminho de superação aos estudos linguísticos do início do século XX. Em rompimento com uma concepção da língua como entidade abstrata, como na dedicação saussuriana à *langue*, o *Círculo* se dedica a pensar em língua a partir do seu uso, ou seja, enquanto fenômeno concreto. Como prática da vida real, a língua é, acima de tudo, um fenômeno social.

[...] A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 127).

Como pode ser visto, essa perspectiva discursiva da língua caminha em duas direções, que se sustentam mutuamente: Em primeiro lugar, as oposições feitas à linguística sistêmica, por exemplo, são ponto de partida para a elaboração de muitos de seus axiomas; em segundo, as suas afirmações são também, de alguma forma, um contraste com aquilo que a linguística em geral havia desenvolvido até ali, em seus limites epistemológicos e práticos. Nessa

<sup>106</sup> Em referência ao grupo de discussão filosófica do qual Bakhtin fazia parte, conforme mencionado anteriormente.

<sup>107</sup> É importante frisar que as propostas do *Círculo* não são do tipo que se espera de uma ciência positivista, no sentido de estarem subordinadas aos princípios da ordem, da disjunção, da separação entre investigador e objeto e da redução.

abordagem distinta, Bakhtin/Volochínov (2010) apresenta cinco proposições, pelas quais é estruturado um esboço do seu ponto de vista, com uma perspectiva de superar a proposta realizada na linguística moderna com sua abstração sistêmica da língua e do sujeito.

Primeiramente, a organização da língua como um sistema estável de formas normativamente idênticas é tão somente uma abstração científica com finalidades particulares, não podendo ser confundida com a realidade concreta da língua. Em segundo, a língua, que deve ser compreendida pela interação social entre locutores, constitui um processo de evolução contínuo. Em terceiro, as leis da evolução linguística, longe de serem leis psicológicas individuais, devem ser compreendidas como essencialmente sociológicas. Em quarto lugar, a criatividade da língua, que, embora não deva ser confundida com a criatividade artística ou outra forma de criatividade ideológica específica, não deve, ainda assim, ser compreendida dissociada dos valores ideológicos ligados a ela. Por fim, é inegável o caráter essencialmente dialógico da estrutura enunciativa, ou seja, o enunciado se efetiva na relação entre falantes, não podendo ser compreendido como um ato estritamente individual (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010).

Por essa explanação, a prática de língua de sujeitos imigrantes brasileiros, no complexo contexto de migração nos EUA, não será lida de forma monológica e estável. Antes, será vista em sua concretização, em sua realização sociointeracional, ideológica, que se materializa como um elo na cadeia discursiva. Essa língua, onipresente na vida humana, não deixa de acompanhar os sujeitos humanos em seus movimentos geográficos. Deve-se considerar que imigrantes brasileiros não vão para terras virgens, mas para um território politicamente constituído, com sua própria cultura e língua, com toda a sua variedade. Nesse território, no qual não há anulação de todos os aspectos de territorialidade que migram com os sujeitos, imigrantes fazem parte de jogos territoriais como também atuam, territorializando-se e acumulando territorialidades. É principalmente sobre esse ponto, no que se refere à territorialização de imigrantes brasileiros a partir da língua, que se dedica este trabalho dissertativo.

### 4.6.3 A questão do gênero discursivo

Bakhtin (2011, p.261), no seu ensaio *Os gêneros do discurso*, inicia seus argumentos com o seguinte pensamento: “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem [...]”, princípio que perpassa toda a sua construção em torno da questão dos gêneros, especialmente na obra referida. Outro texto importante nessa questão, mais voltado para a literatura, é *Problemas da poética de Dostoievski*, a partir do qual é evidenciado uma novidade no que diz respeito aos gêneros literários, resultando na chamada *polifonia* dostoievskiana. De modo geral, os gêneros, orais ou escritos, em uma situação histórica e de concretização da linguagem, estão relacionados às mais diversas práticas da língua e com as mais variadas finalidades. Dadas essas considerações, nesta parte será apresentada uma noção de gênero nos estudos bakhtinianos, apontando muito mais para as suas características fundamentais do que para conceitos fechados, em conformidade com a maneira do autor tratar os mais diversos assuntos levantados.

As formas de gênero, como fica nítido no primeiro texto, são tão variadas como são os campos da atividade humana. Os enunciados, que são a efetuação da língua, refletem as condições específicas e as finalidades desses campos por seu conteúdo (temático), seleção dos recursos gramaticais, fraseológicos e gramaticais da língua e, sobretudo, por sua construção composicional. Os gêneros, nesse esquema, manifestam uma relativa estabilidade dos enunciados, sem que se perca de vista a sua heterogeneidade própria. Nas palavras de Bakhtin (2011, p.262, grifo no texto), “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. Nesse sentido, compreende-se que não há limites para a criação social de gêneros discursivos, acompanhando a dinâmica da vida humana — e esta não permanece estática —, com possibilidades multiformes.

Prosseguindo, o gênero pode ser melhor entendido ao ser colocado ao lado do estilo, em que se reflete neste a individualidade do falante ou de quem escreve e que está intrinsecamente ligado ao enunciado e suas formas genéricas. Todo enunciado, oral ou escrito, em gênero primário ou secundário<sup>108</sup>, é também individual, ou seja, pode ter estilo individual.

---

<sup>108</sup> Bakhtin (2011) distingue os denominados gêneros primários dos gêneros secundários. No primeiro caso, trata-se de gêneros simples, que se constituíram nas condições da comunicação discursiva imediata. Na segunda demonstração, os secundários, que são ideológicos, surgem em condições culturais mais complexas, como na expressão de romances, pesquisas científicas e os grandes gêneros publicísticos. As diferenças, como salienta, são essenciais e não apenas funcionais.

Entretanto, não é próprio de todos os gêneros serem propícios a refletir esse caráter individual de estilo. Em suma, no que se refere ao gênero está a relativa estabilidade da língua e sua natureza composicional necessária para a prática enunciativa nas mais diversas esferas comunicativas, revelando a sua expressa heterogeneidade; quanto ao estilo, a individualidade, as escolhas de formas gramaticais pelo falante e a expressividade valorativa na realização concreta da língua em enunciados<sup>109</sup>. A respeito dessa intrínseca relação, com ênfase no aspecto estilístico, destaca-se: “[...] Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições de gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (2011, p.268).

Conforme Bakhtin (2011), os gêneros são imprescindíveis para o entendimento total dos enunciados, uma vez que, sem essa compreensão, toda a investigação linguística não passaria de formalismos e abstrações, deformando a historicidade do processo investigativo. Os estudos discursivos, ao contrário da ficção abstrata, estão relacionados à vida humana em suas práticas reais da língua, entendida aqui longe de qualquer abstração em sistemas. Nesse sentido, numa relação íntima entre língua e a vida humana, Bakhtin (2011, p.265) pontua: “[...] Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua [...]”. Assim, o fluxo é nos dois sentidos, da língua em direção às vivências humanas e dessas experiências em direção à própria língua nas práticas discursivas.

A *responsividade*, categoria que será desenvolvida a seguir, é outra questão que se liga ao gênero discursivo. Se, por um lado, a responsividade diz respeito à *ativa compreensão responsiva* do ouvinte, no sentido de que toda compreensão é preche de resposta, por outro lado, a responsividade, a partir da qual o falante leva em consideração a percepção do seu destinatário, como as suas concepções e convicções, bem como os seus possíveis preconceitos, as suas simpatias e antipatias; enfim, toda essa subjetividade envolvida, além de determinar a compreensão do enunciado pelo receptor, “[...] irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o *estilo* do enunciado [...]” (BAKHTIN, 2011, p.301, grifo no texto). Esse entendimento, como deixa visível, se aplica aos gêneros discursivos em geral, inclusive àqueles que, por alguma razão, pareça monológico, como as obras científicas ou filosóficas.

---

<sup>109</sup> Enquanto o enunciado é a concretização da comunicação, os gêneros discursivos são formas típicas desses enunciados (2011).

Este trabalho, que evolue a questão territorial e linguística na sua investigação sobre os acessos e as restrições dos sujeitos *nos* e *pelos* territórios de destino, encontra uma grande densidade explicativa nessa categoria bakhtiniana. Conforme o autor, aprender uma língua não é apenas dominar um código, uma vez que não há concretização linguística que não seja em alguma forma de gênero. Os gêneros, por sua vez, estão intimamente ligados às esferas sociais e suas típicas formas genéricas, respondendo a elas. Dessa forma, falar de gênero é falar de relações humanas, de interação entre interlocutores, de espaços que se têm acesso ou dos quais se priva, ligando-se, de algum modo, à temática territorial, em que se exprime nessas categorias, no território e na língua, relações sociais marcadas pelo poder, pela dominação e apropriação.

#### 4.6.4 A ativa compreensão responsiva

Para situar essa parte, o que se estende às outras questões desenvolvidas no dialogismo bakhtiniano, é importante que se atente para aquilo que, em suas observações teóricas, se distingue entre esquemas abstratos e enunciado vivo. A oração, enquanto unidade da língua e situada no primeiro plano, não tem autor ou falante, não pertencendo a ninguém. Todos os recursos linguísticos, seja lexical, morfológico ou sintático, são neutros ao serem abstraídos da realidade da comunicação discursiva. Por outro lado, na língua viva<sup>110</sup>, enunciativa e discursiva, em que o ouvinte concorda ou discorda, completa o enunciado, aplica-o, prepara-se para usá-lo, ou seja, nas relações reais humanas, a *ativa compreensão responsiva* é inerente à enunciação.

[...] Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante [...] (BAKHTIN, 2011, p.271).

---

<sup>110</sup> Não que a língua seja concebida como um organismo vivo, como pode ser confundida em algum extremo, mas, como é possível notar no desenvolvimento dialógico, a língua enquanto enunciado é compreendida em relação às experiências humana, ligada e compreendida a partir do uso de indivíduos vivos.

A *compreensão ativamente responsiva* não deve ser compreendida apenas no sentido de resposta alta e imediata ao enunciado pronunciado. Entretanto, seja no discurso oral ou escrito, ela pode se efetivar no cumprimento de uma ordem, como na obediência de um soldado a uma ordem militar, bem como na compreensão silenciosa, comum na compreensão de alguns gêneros (BAKHTIN, 2011).

Nesse raciocínio, não entra apenas a figura do ouvinte, mas também a figura do próprio falante ou daquele que escreve, parte também condicionada por essa compreensão; pois é justamente uma ativa compreensão responsiva que ele espera do seu *outro* dialógico. Dessa forma, é numa responsividade recíproca que as alternâncias discursivas acontecem, em que, ao terminar a sua fala, o falante passa a palavra ao *outro* ou dá-se ativamente à sua compreensão responsiva. Os falantes e ouvintes não lidam com um sistema abstrato de sinais ou simplesmente com palavras como em um dicionário, mas lidam com as palavras da língua como enunciados, isto é, numa prática discursiva, na qual há simpatia, acordo ou desacordo, juízo de valor, entonação e expressão, que é o modo apropriado de lidar com a língua em seu sentido concreto (BAKHTIN, 2011).

Essa breve exposição, que é muito mais introdutória do que propensa ao acabamento, serve como demarcação da esfera em que se encontra este trabalho. Um elemento fundamental para o estudo de línguas em contextos migratórios, para um desenvolvimento teórico-metodológico preocupado com a realidade da língua na vida de imigrantes, consiste na percepção das bases epistemológicas na qual encontram seus instrumentos, que devem estar em consonância aos problemas levantados. Partindo da negação, a noção de língua neste trabalho evita qualquer limitação da língua em termos estritamente estruturais e abstratos. Ainda que seja inevitável a presença dessa face da língua em alguma dimensão, o foco deste estudo é o da língua em uso, que se manifesta em complexidades inevitáveis. Sobretudo, busca-se alcançar as respostas adequadas para o sentido da territorialização do imigrante brasileiro nos EUA a partir de sua prática de língua inglesa.

Para finalizar esta parte, deve-se destacar ainda que esse imigrante, na sua construção territorial, não é autor da língua que usa, como se pudesse criar um sistema linguístico individual para se comunicar. Por outro lado, as formas de língua utilizadas não são transparentes, organizadas, como em um idealismo abstrato de codificação e decodificação de signos. Dessa forma, é importante pontuar que, na complexidade do contexto migratório, em que, seja no uso ou nas imposições linguísticas que são colocadas aos sujeitos, em diversas escalas territoriais, não é possível pensar em extremos as formas linguísticas nesse contexto. Em algum ângulo ela é sistemática, como pelos motivos já apresentados; ela é cognitiva, pois

envolve disposições mentais dos falantes; nela há sujeitos envolvidos, alguém que fala e um *outro* que ouve; ela é geográfica, no sentido de que o meio influencia a fala, pelo menos no sentido de visão de mundo; ela é variável, pois não há uma comunidade que seja monológica em todas as suas esferas; e ela é dialógica, pois é interacional até no mais solitário pensamento humano. É por essa última perspectiva, essencialmente discursiva, que será lida a prática de língua de imigrantes em sua territorialização nos EUA, perspectiva comunicável, em boa parte, com as demais esboçadas.

## **5 METODOLOGIA: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR**

A relação e influência das práticas linguísticas de imigrantes laborais brasileiros em suas construções territoriais nos EUA é a questão central que norteia este estudo. Ao passo da busca dessa resposta, outra questão que se levanta é sobre que língua está em jogo, que é identificada e definida na análise realizada neste estudo, em uma perspectiva dialógica. Nessa direção, esta dissertação, como é possível perceber até aqui, tem como objetivo apontar as nuances envolvidas na territorialização do imigrante brasileiro nos EUA, evidenciando, sobretudo, as suas práticas linguísticas. Como parte desse exercício, em uma perspectiva qualitativa, entra em questão a caracterização dos sujeitos envolvidos, uma vez que este estudo evita abstrações e exclusão dos praticantes da língua, o que propicia uma caracterização heterogênea do fenômeno linguístico estudado. Com atenção a essa dimensão e em sua concomitância, as práticas de língua dos sujeitos imigrantes são relacionadas às suas ocupações no mercado de trabalho, em que se discorre sobre posições e concorrências, acessos e restrições nesse espaço, bem como em relação a outros espaços; sobretudo, a partir do fenômeno linguístico em sua concretização.

Dada essa preliminar, os estudos de migrações contemporâneas, com as mais diversas lógicas para pensá-las, as configurações que cada fenômeno carrega em si, os paradigmas científicos e epistemologias que podem ser envolvidos na análise do objeto, o olhar particular do investigador, a metodologia usada, apenas para início de conversa, são de possibilidades múltiplas, como são as possibilidades de trabalhar sobre a realidade em geral. Nesse entendimento, para situar a problemática deste trabalho e viabilizar um caminho para a sua execução, serão apresentados, conceitualmente, os termos que envolvem os estudos disciplinares, destacando, neste caso, a interdisciplinaridade. Nesse caminho, é apresentada respectivamente uma demarcação da prática interdisciplinar nos estudos de migrações, território e língua. Posteriormente, uma apresentação dos sujeitos e delineamentos básicos desta pesquisa. Em seguida, é apresentado o caminho analítico usado para a compreensão do objeto em estudo, que é o da análise dialógica do discurso. Em subsequência, é dada uma visão geral sobre a integração dos eixos teóricos envolvidos neste estudo na construção do seu problema. Por fim, é apresentado um pouco das experiências entre o sujeito pesquisador e o sujeito objeto no campo de pesquisa.

## 5.1 A INTERDISCIPLINARIDADE NOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS, TERRITORIAIS E LINGUÍSTICOS

Morin (2001), ao apresentar suas ideias sobre o pensamento complexo, critica a ciência clássica e o seu paradigma da simplicidade, pelo qual o conhecimento científico se dedica a revelar a simplicidade supostamente escondida na multiplicidade e na aparente desordem dos fenômenos<sup>111</sup>. Essa ideia pode ser exemplificada, pelo menos em parte, no projeto científico de Saussure (2012), quando o linguista procura separar a língua, objeto observável, de todas as impurezas que não podiam ser analisadas objetivamente em seu estudo, como a própria linguagem, propondo uma disciplina linguística. Discutindo sobre o fundamento da ciência clássica, Alvarenga et al. (2011), com base nas explicações de Morin (2000), apresenta os Pilares da Certeza nesse paradigma, que tem por causa e efeito dissolver a complexidade na simplicidade: o princípio da ordem, o princípio da separação, o da redução e o da razão centrada na lógica formal.

O princípio da ordem tem por base a ideia de que por trás de qualquer desordem, que é apenas aparente, existe uma ordem escondida a ser descoberta pela ciência. Por essa ideia, o universo seria concebido como uma máquina perfeita. O segundo princípio, da disjunção, de fundamentação cartesiana, postula que, para estudar um fenômeno ou resolver um problema, é preciso decompô-lo em elementos simples. Nessa lógica, o investigador é separado do objeto investigado, ainda que esse objeto seja humano. O terceiro princípio, da redução, consiste na redução do conhecível àquilo que é mensurável, quantificável e que se pode formalizar, ou seja, os fenômenos descritos devem passar pela quantificação mensurável. Por último, o princípio da lógica formal, que tem em si a ideia da não contradição, postulando a verdade pela lógica coerente.

A partir dessa breve introdução, capaz de oferecer a base para se pensar em disciplina, pode-se agora discutir sobre as diferenças terminológicas que sugerem o título deste capítulo, para, em seguida, por em destaque o sentido de interdisciplinaridade que será entendido neste trabalho. As distinções a serem realizadas aqui, em vez de postulados ou discriminações de filiações teóricas, será pelo sentido etimológico que constitui a formação terminológica de

---

<sup>111</sup> Morin (2012) argumenta historicamente sobre a categoria disciplina, refletindo sobre o seu nascimento, institucionalização, evolução e esgotamento. A organização disciplinar, como expõe o autor, tem origem no século XIX junto com a formação das universidades modernas. As disciplinas, como aponta, se desenvolveram circunscritas em suas fronteiras, isoladas umas das outras, tendo cada uma o seu próprio objeto. De modo mais radical, temos a mentalidade denominada hiperdisciplinar, aquela de proprietário, pela qual se proibirá qualquer incursão estranha em sua parcela de saber.

*multi-/pluri-/trans-* e interdisciplinaridade. Em uma abordagem sobre a interdisciplinaridade no estudo da linguagem, Fiorin (2008) propõe esse exercício, que, segundo sua avaliação, são bem consistentes, podendo ser comparadas as suas conclusões com as de Piaget (1970), em seu trabalho *Épistémologie des sciences de l’homme*.

Primeiramente, o autor define o radical *-disciplina*, comum em todos os termos, e o sufixo *-dade*, também presente em todos eles. O radical, conforme pontua, vem do latim *disciplina* e significa “receber” ou “o que se aprende”, sentido que pode ser colocado ao lado de *discipulus*, “o que aprende”<sup>112</sup>. O sufixo *-dade* forma substantivos abstratos a partir de adjetivos, como em “responsabilidade”, do adjetivo “responsável”. Os prefixos, que dão sentido e marcam a diferença entre os termos, tem origem latina e partem de raízes indo-europeias<sup>113</sup>. O prefixo *inter* < *en*, que significa “dentro de”, “entre”, como na palavra “interior”; *pluri* < *pel*, que denota “encher”, “abundância”, “grande número”, como em “plural” e “plenitude”; *multi* < *mel*, que aparece em “multidão” e “melhor”, que significa abundância quantitativa ou qualitativa; por fim, o prefixo *trans* < *ter*, que traduz a ideia de “atravessar, chegar ao fim” e que está presente em “transportar” e “termo”, por exemplo.

Fiorin (2008), por meio dessa explanação, procura distinguir os sentidos de *pluri* e *multi*, em que, enquanto o primeiro aponta para a abundância de elementos homogêneos, o segundo não indica ideia de homogeneidade; distinções que se perdem no curso do tempo. Desse modo, multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade não diferem entre si. A partir dessa consideração, o autor traz uma definição dos três termos: A multi/pluridisciplinaridade diz respeito a várias disciplinas para analisarem o mesmo objeto, sem que haja necessariamente a ultrapassagem de fronteiras disciplinares; a transdisciplinaridade ocorre quando as fronteiras disciplinares se tornam móveis e fluidas num permeável, fundindo-se; por fim, “a interdisciplinaridade pressupõe uma convergência, uma complementaridade, o que significa, de um lado, a transferência de conceitos teóricos e de metodologias e, de outro, a combinação de áreas [...]” (FIORIN, 2008, p. 38).

Retomando as ideias iniciadas antes da introdução desses sentidos etimológicos, Alvarenga et al. (2011) aponta que o surgimento da interdisciplinaridade se dá a partir dos anos de 1960, não somente como crítica ao paradigma moderno, mas, sobretudo, na busca de respostas aos limites do fazer científico simplificado, dicotômico e disciplinar da ciência clássica. A prática interdisciplinar propõe uma operação nas fronteiras disciplinares e na

<sup>112</sup> Modernamente, a palavra tem dois grandes sentidos: a) ramo do conhecimento, principalmente entendido como componente de um currículo; b) normas de conduta (FIORIN, 2008, p.37).

<sup>113</sup> Fiorin (2008) apresenta o sentido de *in* < *ne*, que indica negação, de indisciplinaridade, mas não desenvolve sobre essa terminologia. Ele deixa de lado pelo fato do termo indicar apenas uma negação, sem valor a respeito.

ligação — ou religação — de saberes. Diante do esgotamento disciplinar, fragmentador, a finalidade última da interdisciplinaridade é dar conta de fenômenos complexos e de diferentes naturezas. Nessa perspectiva, as verdades, em vez de definitivas, são concebidas provisoriamente. Feita essa explanação inicial, importa agora tratar das especificidades deste estudo.

O tema de migrações, que encontra base em reflexões anteriores, é bem abrangente, envolvendo questões diversas, como culturais, políticas, econômicas, espaciais, sociológicas, psicológicas, linguísticas, territoriais, etc., nas mais diversas perspectivas. Como puderam demonstrar as teorias discutidas anteriormente, ficaria a dever muito uma explicação monolítica desse fenômeno, como também através de disciplinas isoladas e incomunicáveis com outras áreas do saber. Uma percepção para além da disciplinaridade isolada, em consonância com a complexidade de migrações, é reconhecida por Massey (1993, p.432):

[...] Os padrões e tendências atuais sobre a migração contemporânea sugerem que uma compreensão completa dos processos migratórios da atualidade não se alcança apoiando-se com as ferramentas de uma disciplina apenas, ou concentrando-se em um único nível de análise. Ao contrário, sua natureza complexa e multifacetada requer uma teoria sofisticada que incorpore uma variedade de perspectivas, níveis e suposições<sup>114</sup>.

Massey (1993) se coloca ao desafio de demarcar as perspectivas das principais teorias de migração internacional, com pelo menos dois cuidados: o primeiro é de não desfazer das características de cada uma<sup>115</sup>; o segundo, percebida a fragilidade de cada uma em isolamento, é de explicar e integrar teorias. Na prática, não é muito diferente do modo como pesquisadores do fenômeno da migração de brasileiros valadarenses para os EUA têm adotado<sup>116</sup>. Consciente dessa complexidade inerente ao tema, uma ideia presente nesta pesquisa é integrar níveis e ângulos diversos a responder às questões levantadas sobre a territorialização de imigrantes brasileiros nos EUA. Em vez de limitar o fenômeno a alguma teoria ou disciplina, percebe-se ser mais coerente e produtivo atender às necessidades múltiplas do objeto em questão e, a partir daí, explorar criticamente as ferramentas disponíveis.

<sup>114</sup> [...] Current patterns and trends in immigration, however, suggest that a full understanding of contemporary migratory processes will not be achieved by relying on the tools of one discipline alone, or by focusing on a single level of analysis. Rather, their complex, multifaceted nature requires a sophisticated theory that incorporates a variety of perspectives, levels, and assumptions.

<sup>115</sup> Apenas para lembrar algumas teorias: a neoclássica, que é voltada para a questão econômica e de custo-benefício; a teoria das redes, na qual se compreende as relações sociais e sua influência no movimento; a teoria da nova ordem mundial, em que se compreende as relações globais, especialmente no que se refere ao âmbito econômico etc.

<sup>116</sup> Apenas como exemplo: Margolis (2013 e 1994); Siqueira (2009); Martes (1999); Sales (1999).

Este trabalho, no qual tem como objetivo principal abordar a territorialização de imigrantes brasileiros nos EUA em combinação com o fenômeno linguístico, já sugere em sua proposta um caráter heterogêneo. Nesse caminho, as teorias de migração nas explicações do objeto em estudo inserem-se por três razões principais: primeiramente, pelo fato delas permitirem leituras por diversos ângulos do fenômeno migratório, considerando, é claro, as especificidades temporais e espaciais de cada uma; em segundo lugar, elas são ponto de partida para a construção do próprio problema de pesquisa. Na verdade, as teorias apresentadas são onipresentes neste trabalho, em um dialogismo constante, seja no acolhimento de alguma perspectiva, seja em uma resposta distinta a partir de alguma outra perspectiva. Desse modo, elas estão presentes no conjunto de elementos que constituem a visão do pesquisador, embora renovadas com outros pensamentos.

As teorias que se destacam neste estudo são: a *teoria neoclássica*, no sentido de estar presente ou ser contraponto de outras ideias; a *teoria do mercado dual*, compreendida nesta, para melhor situar a especificidade do mercado de trabalho disponível ao imigrante; a *teoria das redes sociais*, um entendimento que perpassa diversas áreas do conhecimento e esclarece boa parte da organização e dinâmicas dos fluxos migratórios.

No outro eixo, os estudos territoriais, complexos em si, demonstram sua heterogeneidade desde muito cedo. Ao tomar os autores mencionados neste trabalho, a interdisciplinaridade pode ser vista desde Friedrich Ratzel, em sua Antropogeografia. Segundo Morais (1990), o seu projeto interdisciplinar compreendia a história, a etnologia e a geografia. Esta última, por sua vez, estaria dividida em geografia física, a biogeografia e a antropogeografia, sobre a qual dedicou a maior parte do seu trabalho. Dentro do seu estudo antropogeográfico ainda haveria três repartições: Primeiramente, o tema mais importante do fazer geográfico seria no que se refere à influência das condições naturais sobre a humanidade e sua história<sup>117</sup>, o que foi seu principal objeto de pesquisa; em segundo lugar, estaria o estudo da distribuição dos grupos sociais sobre a superfície terrestre, conforme os interesses envolvidos; em terceiro, se encontraria o estudo da formatação dos territórios, categoria capital no estudo ratzeliano.

Não menos do que o referido autor está Raffestin (1993), que toma como ponto de partida de seus estudos as ideias ratzelianas. O seu principal questionamento a respeito de Ratzel (1897), como é possível perceber, foi sobre a dedicação exclusiva que o seu precedente

---

<sup>117</sup> Ressalta-se ainda o fato dele não ter compreendido um determinismo simplista do ambiente físico sobre a sociedade, mas entendeu como condições naturais. Além do físico, Ratzel (1990) leva em consideração outros aspectos em sua análise, como os sociais e simbólicos.

exerceu sobre o Estado, deixando de lado outras possibilidades territoriais. Desse modo, Raffestin (1993) amplia os alcances anteriores, tornando ainda mais complexo e interdisciplinar o seu estudo. Na obra citada, além da temática territorial, que já é em si heterogênea, ele entra em outras questões, como: aquelas amplamente econômicas, de mercado de trabalho, política, grupos hegemônicos, mobilidade humana, questões etnológicas, linguísticas, entre outras, para explicar o fenômeno territorial na sociedade. A temática do território, na verdade, não contenta com um monologismo. Desde abordagens mais materialistas a abordagens capazes de compreender mais amplamente as dimensões simbólicas do território, é impossível conceber satisfatoriamente essa categoria senão pelo caminho da heterogeneidade disciplinar.

Ao passar do positivismo moderno para uma ciência em que se resgata aspectos qualitativos na cientificidade, as fronteiras disciplinares nesses estudos são ainda mais intercambiáveis. Isso é latente na proposta de Haesbaert (1997; 2001; 2004; 2007; 2008; 2011; 2014; 2016) quando distingue o território em três perspectivas: *jurídico-política*, no sentido de espaço delimitado e controlado pelo Estado; *culturalista*, em que se privilegia a dimensão simbólico-cultural; *econômica*, em que se enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas. E, a partir dessas reflexões, na sua ideia de multiterritorialidade, indispensável pensar o território em escalas plurais. Segundo o autor, que tem uma visão voltada para a realidade espaço-temporal vivida, a depender do objeto observado, o território poderá ter uma dimensão mais simbólica ou material, mas sem que se exclua uma delas. Em vez de uma perspectiva unifuncional, o autor propõe uma perspectiva integradora. E integrar perspectivas originalmente separadas é também, de alguma forma, integrar disciplinas, como fica claro na utilização dos diversos autores e áreas em sua construção teórica.

Os estudos territoriais, neste trabalho, são fundamentais para compreender a complexidade envolvida em migrações, em que, desde o conjunto das teorias migratórias, é possível perceber a necessidade de hibridizações teóricas para explicações mais consistentes. Em uma perspectiva integradora do território<sup>118</sup>, ponto de vista adotado neste trabalho, é possível congregar as diversas facetas envolvidas da migração, como: culturais, sociais, econômicas, políticas, individuais, além da questão linguística associada às ocupações nos diversos espaços, ponto fundamental para discutir sobre o fenômeno migratório de brasileiros nos EUA. Nesse sentido, o ponto de vista aqui será o do fenômeno em sua natureza, carregado de heterogeneidades, ambivalências, com dimensões materiais e simbólicas em complexas

---

<sup>118</sup> Haesbaert (2011), autor que propicia as principais percepções territoriais neste trabalho, não contenta com um olhar disciplinar; antes, segue em um caminho inter ou transdisciplinar.

proporções, o que é pertinente à vida real dos indivíduos e grupos humanos em situações concretas. Como destaca Haesbaert (2004), o território, no ângulo do “espaço-tempo vivido”, é sempre múltiplo, diverso e complexo, ou seja, sempre híbrido. O território juntamente com o dialogismo bakhtiniano e o suporte das teorias de migrações são o ponto convergente capaz de reunir e ter acesso à diversidade envolvida em migrações. Destaca-se a partir daqui o terceiro eixo dessa discussão, a questão linguística.

A língua faz parte da experiência humana e, como parte dela, está presente em todas as esferas individuais e coletivas e em todos os momentos da vida, do nascimento à morte. Os seus estudos, por mais abstratos que sejam, terão sempre a sua contraparte, a prática real da linguagem — ainda que silenciada. Saussure (2012), que propõe um estudo da língua isolado, não deixa de percebê-la em relação a outras ciências. Ao fazer uma indagação-resposta sobre essas conexões, pontua: “[...] Que relações existem entre a Linguística e a Psicologia social? Na realidade, tudo é psicológico na língua, inclusive suas manifestações materiais e mecânicas, como a troca de sons [...]” (SAUSSURE, 2012, p.38). Apesar de, em uma retomada ao tema, delimitar precisamente seu projeto linguístico, não deixa de, em algum sentido ou momento, considerar os estudos de outras áreas na elaboração do seu trabalho. Não faz uma interdisciplinaridade, no sentido apresentado acima, mas deixa contornos para imbricações futuras, como na integração da língua e da fala em estudos posteriores.

Apenas para tomar como exemplos as perspectivas apresentadas em capítulo anterior, no que se refere a estudos hibridamente disciplinares em linguística, temos: o nativismo de Chomsky, em que, nos seus estudos inatistas, recorre à biologia e aos estudos psicológicos da cognição; Benveniste, na introdução dos seus estudos enunciativos, que muda o objeto da linguística para o discurso dos sujeitos, com reflexões filosóficas, antropológicas, culturais e sociológicas; a sociolinguística, que, além das disciplinas sugeridas na própria terminologia, busca a interdisciplinaridade, por exemplo, com a antropologia, a etnografia e a psicologia; a geolinguística, em que se estuda as difusões linguísticas no espaço, comungando com a sociolinguística, dialetologia e, dependendo da perspectiva, também com a história. Esses exemplos demonstram um pouco do caminho percorrido na linguística para responder às complexidades dos diversos fenômenos surgidos ao longo do tempo.

Na perspectiva prezada nesta dissertação, a inserção do dialogismo bakhtiniano nas explicações acerca da língua e da linguagem se justifica por dois motivos principais: Primeiramente, o dialogismo, de caráter social, possibilita acessar as mais diversas complexidades da linguagem em contexto, atingindo, inclusive, dimensões sociais da consciência; em segundo, o seu projeto transdisciplinar, envolvendo filosofia, antropologia,

sociologia, entre outras áreas para discutir os mais diversos assuntos, como questões religiosas, políticas, culturais e linguísticas especialmente (ARÁN, 2014), demonstra em sua natureza a possibilidade de intercâmbios viáveis com disciplinas diversas.

Bakhtin (2011), em sua proposta para as ciências humanas, aponta que o objeto desse âmbito científico é um ser que fala e se expressa, não podendo ser coincido consigo mesmo. É, por essa ideia, inesgotável em seu sentido e significado. Diferente da aparência abstrata, o sujeito que se autorrevela não pode ser forçado. Trata-se de um sujeito livre, não dando nenhuma garantia. Enquanto nas ciências exatas, construída em monológico saber, o pesquisador contempla uma *coisa* e emite enunciado sobre ela, nas ciências humanas há relação entre dois sujeitos. No caso das ciências exatas, há apenas um sujeito, o contemplador e falante. Por essa compreensão, o autor aponta que o homem, como objeto, pode até ser conhecido como coisa, mas não enquanto sujeito. Ser sujeito é ser também falante e que emite avaliações. Como sujeito, não pode tornar-se mudo; em consequência disso, o conhecimento que se tem dele deve ser necessariamente *dialógico*. Em contrapartida, em um equilíbrio, essa consideração ao sujeito não deve apagar o cognoscente pesquisador; como se observa:

[...] a pura coisa morta, dotada apenas de aparência, só existe para o outro e pode ser totalmente revelada por um ato unilateral do outro (cognoscente). Tal coisa, desprovida de interior próprio inalienável e não utilizável, pode ser apenas objeto de interesse prático. O segundo limite “é a ideia de Deus em presença de Deus”, o diálogo, a interrogação, a prece. A necessidade da livre autorrevelação do indivíduo. Aqui há um núcleo interior que não pode ser absorvido, consumido, em que sempre se conserva uma distância em relação à qual só é possível o puro desinteresse; **ao abrir-se para o outro, o indivíduo sempre permanece também para si** [...] (BAKHTIN, 2011, p.393, grifo meu.).

Como Souza & Albuquerque (2012, p. 115) pontuam, há uma concomitância de sujeito e objeto: “[...] Somente a tensão entre múltiplas vozes que participam do diálogo da vida pode dar conta da integridade e da complexidade do real”. Sobre essa relação, os autores ainda salientam:

No diálogo entre o pesquisador e seu outro, a alternância de perguntas e respostas, a perplexidade diante dos atos e discursos alheios, assim como os pontos de vista e valores em jogo, fazem da pesquisa um processo vivo de produção de sentidos sobre os modos de perceber e significar os acontecimentos na vida. O pesquisador, nesse contexto, não apenas pergunta para obter respostas que atendam aos objetivos definidos de antemão, mas, ao perguntar e também responder, se posiciona como um sujeito, que, do lugar de pesquisador, traz perspectivas e valores diversos sobre as experiências compartilhadas com os sujeitos da pesquisa. Mas a pesquisa não se esgota no encontro entre o pesquisador e seu outro. É necessário dar forma e conteúdo ao acontecimento vivido no campo da pesquisa, e é neste momento que o texto escrito entra em cena [...] (SOUZA & ALBUQUERQUE, 2012, p.116).

Por esse entendimento, no qual se destaca a produção científica com seres humanos, que envolve, nesse caso, uma relação de cognoscentes, este estudo evita apagar a relação dialógica entre os sujeitos. Os sujeitos são percebidos neste estudo como humanos e históricos, de modo que o pesquisador tem ciência das complexidades que isso envolve, não podendo este estudo ser um monólogo para a questão que envolve a territorialização de imigrantes brasileiros nos EUA a partir de suas práticas linguísticas. Entretanto, é no movimento, na dinâmica da vida humana, que não pode ser estanque, que este trabalho se coloca como pertinente. Por outro lado, o pesquisador, também sujeito nesse processo, não desconsidera a sua responsividade diante do fenômeno migratório em questão. Dessa forma, é em uma relação dialógica entre o sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, ambos responsáveis, que este trabalho está situado em sua abordagem interdisciplinar.

## 5.2 SUJEITOS E DELINEAMENTOS BÁSICOS DA PESQUISA

Os sujeitos desta pesquisa foram selecionados a partir do *corpus* da pesquisa *Perfil de Saúde dos Imigrantes Brasileiros Retornados à Governador Valadares – 2015*<sup>119</sup>. A razão é que dados importantes deste trabalho investigativo tem início e parte nessa pesquisa, composta por 124 questionários respondidos e na qual atuei em 73% das entrevistas, além da formatação do banco de dados (em SPSS<sup>120</sup>). Dos 124 entrevistados, foram selecionados 11 sujeitos retornados dos EUA a Governador Valadares, Minas Gerais, a partir dos quais se desenvolveu um estudo de caráter qualitativo. Os sujeitos têm as seguintes características gerais: maiores de dezoito anos, retornados a partir dos anos 2000, viveram por pelo menos um ano nos EUA, sendo todos eles capazes de apresentar informações sobre o seu uso da língua inglesa e suas construções e práticas territoriais enquanto imigrantes. Seguem, portanto, outros detalhes sobre esses sujeitos selecionados e entrevistados, que oferecem a materialidade discursiva fundamental para este estudo.

---

<sup>119</sup> Esta dissertação conta com informações da pesquisa *Perfil de Saúde dos Imigrantes Brasileiros Retornados à Governador Valadares – 2015*, coordenada pela Profa. Dra. Sueli Siqueira (Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE) e pelo Prof. Carlos Eduardo Siqueira (University of Massachusetts Boston - UMAS Boston), constituída por 124 entrevistas formais, e arquivadas no Banco de dados do NEDER (Núcleo de Estudos Multidisciplinar Sobre o Desenvolvimento Regional).

<sup>120</sup> Statistical Package for the Social Sciences.

Os dados gerados apresentam 08 imigrantes do sexo masculino e 03 imigrantes do sexo feminino. Do total de 11 sujeitos, 07 emigraram antes de completarem trinta anos de idade. Entre todos, a emigrante mais jovem, que partiu acompanhada dos pais, tinha dez anos de idade na época de sua partida. Esta é também a mais jovem do grupo estudado, com vinte e três anos atualmente. O emigrante de maior idade tinha quarenta e dois anos de idade ao emigrar; atualmente está com cinquenta e quatro anos. Sobre estado civil, 05 dos 11 entrevistados mudaram a sua condição nos EUA, seja ao levar a companheira que estava no Brasil, seja em ter conhecido o cônjuge e se casado no destino, seja no término de relacionamento que tinha antes de emigrar, seja em constituir casamento étnico, iniciada a relação nos EUA e consolidada no Brasil. Exceto dois indivíduos, todos os demais são naturais de Governador Valadares, partindo todos desta cidade<sup>121</sup>.

No que se refere ao tempo de permanência no país de destino, os números são bem diversificados. O entrevistado que menos tempo permaneceu no estrangeiro ficou por um ano e dois meses. O entrevistado que mais tempo permaneceu, abrangendo o período de grande fluxo migratório para os EUA, na década de 1980, esteve no país por vinte e dois anos e sete meses<sup>122</sup>. Os demais sujeitos apresentam números que vão de um ano e onze meses a nove anos e sete meses de permanência no país. Todos os entrevistados emigraram apenas para os EUA, deslocando-se para morar no país apenas uma vez<sup>123</sup>. Isso não exclui o fato de algum ter visitado ou passado temporariamente por outros países.

Quanto à forma de entrada, 07 entraram no país pela fronteira do México, 03 mediante visto de turista, entre os quais 01 tinha cidadania europeia e 01 que partiu na companhia dos pais. No país hospedeiro, as documentações variaram em visto de turista, somando 03 indivíduos do total, entre os quais 01 adquiriu *green card*, o que lhe permitia visitar o Brasil com certa regularidade; e 03 declararam não ter adquirido qualquer documento para viver nos EUA. Os demais declararam ter conseguido algum dos seguintes documentos ou a combinação de mais de um: *social security*, passaporte, carteira de permissão profissional<sup>124</sup>,

---

<sup>121</sup> Uma entrevistada alega que, na época, estava morando em Coronel Fabriciano. Entretanto, afirma que vinha constantemente à Governador Valadares, chegando a residir com sua sogra, através da qual conheceu seu cônjuge, que morava nos Estados Unidos. Esta é também natural de Coronel Fabriciano.

<sup>122</sup> O entrevistado partiu em 1985 e retornou no ano de 2008.

<sup>123</sup> Deve-se levar em consideração o entrevistado que mais tempo ficou nos EUA, vindo ao Brasil periodicamente; entretanto, vinha apenas a passeio.

<sup>124</sup> Um dos entrevistados, além de cursos de língua inglesa e na área de informática, tornou-se também *Certified Nursing Assistant* (CNA), que significa Auxiliar de Enfermagem Certificado, como o auxiliar de enfermagem no Brasil.

carteira de motorista, *work permit*, todos esses adquiridos de modo irregular. Entre os entrevistados, 01 admitiu ter usado a carteira de habilitação brasileira para dirigir<sup>125</sup>.

No que se refere à motivação para emigrarem, todos almejavam alguma melhoria econômica e todos tinham algum parente, amigo ou ente próximo morando nos EUA, pelos quais foram recebidos e inseridos no mercado de trabalho disponível naquele país. Outras motivações, que se associam a essas duas basilares, são: percepção de que poderia levar o companheiro ou companheira posteriormente, o desejo de estudar a língua inglesa, a falta de oportunidade no Brasil, seja no mercado de trabalho ou na formação escolar, e a curiosidade em conhecer os EUA. Dois casos motivacionais devem ser considerados a parte: primeiramente, a condição de uma entrevistada ter emigrado na companhia dos pais; em segundo, uma entrevistada que recebeu convite de uma pessoa imigrante com quem iniciou um relacionamento por meio de comunicação telefônica antes de partir. Em todos os casos, se não foram como o principal objetivo, todos os emigrados exerceram trabalhos voltados para a comunidade imigrante<sup>126</sup>.

Em consonância com a complexidade do objeto em estudo, as entrevistas tiveram como finalidade atender aos objetivos do estudo apresentado, em que se destaca: Em primeiro lugar, indicar a relação e a influência das práticas linguísticas de imigrantes laborais em sua territorialização nos EUA; em segundo lugar, identificar a natureza de língua usada pelos sujeitos imigrantes; em terceiro lugar, apontar as nuances envolvidas na territorialização do imigrante brasileiro nos EUA, evidenciando, sobretudo, as suas práticas linguísticas; em quarto lugar, caracterizar os sujeitos envolvidos, uma vez que o estudo aqui evita abstrações e exclusão dos praticantes da língua; por fim, descrever sobre a prática de língua dos sujeitos imigrantes em relação às suas ocupações no mercado de trabalho, discorrendo sobre posições e concorrências, acessos e restrições nesse espaço, como também em relação a outros espaços; sobretudo, a partir da prática de língua. Nesse sentido, de modo qualitativo, o roteiro de entrevista foi criado de forma a abranger o maior número de informações possíveis, permitindo atender aos objetivos deste estudo. Todas as entrevistas<sup>127</sup> foram gravadas por

---

<sup>125</sup> O documento, na verdade, tinha apenas um significado simbólico para o imigrante. Com o visto de turista é possível usar a habilitação brasileira para dirigir durante o prazo de permissão de permanência concedido pela Imigração. Após o prazo, o uso do documento passa a ser irregular.

<sup>126</sup> Esta característica laboral do imigrante será melhor esclarecida quando forem apresentados os sujeitos envolvidos neste estudo, na análise dos dados.

<sup>127</sup> As entrevistas foram agendadas previamente com os participantes e o local foi definido juntamente com eles, variando entre residência do entrevistado, local de trabalho, local de estudo, no NEDER (Núcleo de Estudos Multidisciplinar Sobre o Desenvolvimento Regional), entre outros.

meio de dispositivo eletrônico, mediante o consentimento do entrevistado e conforme foi informado através do *TCLE*<sup>128</sup>, e transcritas posteriormente.

### 5.3 ANÁLISE DOS DADOS A PARTIR DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

A análise e interpretação dos dados desta pesquisa, de natureza qualitativa, como já sinalizado o seu contorno, foi por meio da *análise dialógica do discurso*<sup>129</sup>, com base nos estudos bakhtinianos sobre a linguagem. As obras tomadas como principais referências foram: *Marxismo e filosofia da linguagem* e *Problemas da poética de Dostoiévski*, consideradas por Brait (2008) como suficientes para uma *ADD*, e três textos da obra *Estética da criação verbal*<sup>130</sup>. Em sentido amplo, foram usadas as noções do *Círculo* acerca do *dialogismo*, conceito que permeia todo o seu pensamento, como também outros conceitos necessários para a análise, especialmente no que se refere ao *gênero discursivo*, à *língua*, à *compreensão responsiva ativa*, aos *estilos*; além de outras ideias provenientes das citadas, bem como ideias mais secundárias, que foram importantes para a exploração dessas principais.

Antes de qualquer ideia sobre *ADD* é necessário ir ao encontro de uma demarcação do campo que diz respeito à *Análise do Discurso*, que precede, não no tempo, o pensamento sobre análise discursiva a partir do dialogismo bakhtiniano. Segundo Orlandi (2005), a *Análise do Discurso* não trata da língua ou gramática, ainda que essas dimensões lhe sejam do interesse. Mas, consoante à etimologia da palavra, que tem uma ideia de curso, percurso, de movimento, o discurso é palavra em movimento. No estudo do discurso observa-se o homem falando. O analista busca compreender a língua enquanto trabalho simbólico que faz sentido. A linguagem, conforme a autora, é mediadora entre o homem e a realidade natural e social. A mediação é o próprio discurso. Ainda em referência ao homem e sua história, a *Análise do Discurso* “[...] considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer [...]” (ORLANDI, 2005, p.16).

<sup>128</sup> Termo de Consentimento Livre Esclarecido. O projeto de pesquisa para execução deste trabalho, sob o título “Lingua(gem) e a territorialização de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos”, foi submetido à apreciação ética aos 08/09/2016, com aprovação aos 20/09/2016 (CAAE 59688216.0.0000.5157).

<sup>129</sup> Doravante *ADD*.

<sup>130</sup> *Os gêneros do discurso, Metodologia das ciências humanas e O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas.*

A ADD é uma proposta, ainda em processo de construção<sup>131</sup>, que toma Bakhtin — ou, de modo mais amplo, as teorias do *Círculo* em torno do *dialogismo* — como base de teoria e análise do discurso, levando em conta o principal pensamento difundido no *Círculo* e que compõe a sua identificação nominal: o dialogismo. Uma defensora desta análise é Beth Brait (2008), professora aposentada da USP, professora atual da PUC-SP, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL); coordenadora da Revista Bakhtiniana e autora e organizadora de diversos livros relacionados a Bakhtin. Segundo Brait (2008), o conjunto das ideias difundidas no *Círculo* motivam o nascimento de uma *análise/teoria do discurso*<sup>132</sup>, ainda que o pensador não tenha proposto formalmente uma *Análise do Discurso* como, por exemplo, a *Análise do Discurso Francesa*.

O ponto de partida da autora em sua defesa é a metalinguística bakhtiniana, termo usado em contraste com a linguística de Saussure. O próprio Bakhtin (1997), ao justificar o título *O discurso em Dostoiévski*, na obra *Problemas na Poética de Dostoiévski*, afirma ter em vista a língua em sua integridade concreta e viva, dimensão abstraída pela linguística. Ele então ressalta que suas análises não seriam linguísticas no sentido rigoroso do termo, mas situadas na metalinguística, compreendendo aspectos da vida do discurso que ultrapassam os limites da linguística. Segundo Brait (2008), a metodologia proposta em seu objeto, com uma característica multifacetada, não exclui a Linguística, embora o filósofo tenha apresentado uma ótica diferenciada. Essa ideia é coerente, pelo menos no sentido de o estudo estar centrado na linguagem falada, com a definição proposta por Orlandi (2005), citada em momento anterior.

Precisamente sobre *discurso*, segundo Brait (2008), ele é apresentado como objeto de complexidade, pertencendo simultaneamente à linguística e à metalinguística, termo que é substituído por *relações dialógicas*. Essas *relações dialógicas*, que podem estar circunscritas na própria fala do praticante da língua, são objetos da metalinguística.

Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. Mas a Linguística estuda a “linguagem” propriamente dita com sua lógica específica na sua *generalidade*, como algo que torna *possível* a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as

<sup>131</sup> Não no sentido de acabamento, como em outras formas de análise, mas no sentido de ser uma prática ainda em expansão.

<sup>132</sup> A autora cita em iniciais minúsculas essa análise, diferentemente de como cita *Análise do Discurso Francesa*. Talvez para não ser confundida com outras teorias consolidadas, muito delas acabadas.

relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela Metalinguística, que ultrapassa os limites da Linguística e possui objeto autônomo e metas próprias. (BAKHTIN, 1997, p.183, grifo no texto).

Acerca da análise de dados em ADD, o seu caminho metodológico tem direção própria, configurando em cada análise características singulares. Conforme Brait (2008), em vez de partir de categorias fechadas em direção à análise do conjunto, a análise dialógica parte do conjunto de dados para a formulação de categorias. Isso, segundo a autora, tem base na análise que Bakhtin (1997) faz da obra de Dostoiévski, na qual configura o gênero polifônico a partir da leitura do conjunto; e não o inverso.

[...] É a partir dos textos de Dostoiévski que o conceito é formulado, constituído. Portanto, essa é sem dúvida uma das características de uma teoria/análise dialógica do discurso: não aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir de ponto dialógico, num embate [...] (BRAIT, 2008, p.24).

Nesse mesmo pensamento, Rohling (2014), numa perspectiva epistêmica a partir das ideias de Brait (2006), argumenta que as categorias emergem das relativas regularidades dos dados, que são apreendidas no percurso da pesquisa. Além disso, ressalta que as categorias de uma pesquisa não podem ser reproduzidas em outra, uma vez que o dado é sempre um discurso concreto e singular, proferido em um determinado espaço e tempo e por determinados interlocutores.

Embora essa seja uma característica própria da ADD, deve-se ter conceitos que, de algum modo, direcionem e demarquem o embarque<sup>133</sup> da análise, pensando na ideia de que extremos, em qualquer uma das dimensões, e, como é possível observar nos pensamentos do *Círculo*, não condizem com o pensamento compreendido no dialogismo. Rohling (2014) aponta conceitos basilares para uma ADD, que são: *enunciado*, *sujeito*, *dialogismo*, *discurso* e *gêneros do discurso*, destacando a noção de *discurso*. A autora, partindo de uma reflexão feita por Amorim (2004), de que essa proposta de análise é uma maneira de interrogar e não um método de pesquisa ou modelo rígido de escrita, apresenta alguns parâmetros para análises discursivas contemporâneas, que são:

---

<sup>133</sup> Embarque, acima de tudo, porque se trata de uma preparação para o inesperado, fato que pode ser compreendido na particularidade de uma ADD.

O estudo da esfera de atividade humana, em que se dão as interações discursivas em foco; a descrição dos papéis assumidos pelos participantes da interação discursiva, analisando as relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores na produção de discurso; o estudo do cronotopo (o espaço-tempo discursivo) dos enunciados; o estudo do horizonte temático-valorativo dos enunciados; a análise das relações dialógicas que apontam para a presença de assimilação de discursos já-ditos e discursos prefigurados, discursos bivocais, apagamentos de sentidos, contraposições, enquadramentos, reenuniação de discursos e reacentuações de discursos (ROHLING, 2014, p.50).

Como é possível perceber, não existe uma regra para ponto de partida em uma análise dialógica do discurso, uma vez que se trata de uma ideia posterior a Bakhtin e os demais componentes do *Círculo*; e também não há registros de algum método generalizável ou que se deva repetir minuciosamente. Dessa forma, o ponto de partida aqui, que não compromete todo o percurso, inspira-se em Brait (2008), que busca uma base elementar na obra em que o autor desenvolve a ideia de *polifonia* a partir de Dostoiévski, em que, a partir do texto literário, Bakhtin (1997) descobre o *gênero polifônico*. Assim, o ponto de embarque neste trabalho compreende dois momentos principais: Em coerência com a principal base do *Círculo*, uma leitura dos dados, percebendo as suas delimitações discursivas e os pontos de densidade dialógica. O passo seguinte, sem qualquer hierarquia, foi pontuar e distinguir no texto as manifestações dos *sujeitos* e as regularidades enunciativas a eles relacionadas. Desse exercício, evidenciou-se regularidades em torno das seguintes categorias: *língua, gênero do discurso, esferas comunicativas, compreensão responsiva ativa, expressividade ou estilo*, bem como outros conceitos pertinentes a esses elencados. As categorias, coerente com a proposta de análise, foram emergidas no fluxo da análise.

#### 5.4 TERRITÓRIO E LÍNGUA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO DE BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS: UMA AMOSTRA DO PERCURSO

Dadas as implicações de língua apresentadas, foi possível trazê-las para as questões relacionadas à língua inglesa e a sua prática pelos sujeitos imigrantes em contextos complexos como o da migração de brasileiros nos EUA. Em bibliografia que trata diretamente sobre migrações de brasileiros para os EUA, Margolis (1994), ao apresentar valores às habilidades que imigrantes tinham na língua, esboça como *nível médio, fraco, nível excelente ou fluente*

no idioma. Dito isso, a pergunta que se sugere é a seguinte: *Que língua está em questão?*<sup>134</sup> Para usar Saussure a respeito da ideia de que o ponto de vista cria o objeto, *Diante de qual ponto de vista são feitas as afirmações?* Destaca-se que esta é uma pergunta que se fez também necessária ao presente estudo. Prosseguindo, a autora, em livro mais recente, que tem por base dados secundários de diversas datas e autores, a língua inglesa caminha na mesma direção daquela apresentada anteriormente. Pelo fato da obra ser essencialmente de pesquisa bibliográfica, reflete, ainda que de modo geral, muito da dimensão que se tem tratado acerca desse tema. A observação de Pedroso (2008), que é reproduzida pela autora, ilustra bem esse fato:

Os brasileiros quase nunca são contratados diretamente por americanos. Ao invés disso, os que são relativamente recém-chegados e aqueles que não são fluentes em inglês, em geral, são contratados por intermediários brasileiros que se mudaram para os Estados Unidos bem antes, são portadores de *green cards*, ou seja, de vistos de residência permanente, **falam inglês bem** e tem o capital necessário para comprar equipamentos e veículos de transporte de material para os locais de trabalho [...] (PEDROSO, 2008, apud MARGOLIS, 2013, p.444, grifo meu).

Ainda que seja razoável levar em conta os objetivos específicos que a autora e o autor tinham em suas pesquisas, e não são linguísticos em si, a língua não é tratada na dinâmica que envolve as práticas sociointerativas da língua em uso; em outras palavras, está situada numa perspectiva que simplifica a complexidade intrínseca ao tema, ainda que tenha a sua validade nos moldes colocados. Essa realidade da não transparência da língua não se limita apenas a uma perspectiva puramente interacional, mas também em perspectivas de base estrutural. Prova disso são os testes de proficiência em língua, muitos deles baseados nas quatro modalidades da língua, nos quais é possível perceber os limites de um olhar da língua em um monologismo<sup>135</sup>.

Considerações feitas, o trabalho em campo oferece boas demonstrações sobre como se realiza a língua na prática de seus falantes, revelando algo de nada transparente. A começar por questões que se iniciaram na antecedência deste presente estudo, ainda que os dados não sejam baseados em testes, a Pesquisa *Perfil de Saúde dos Imigrantes Brasileiros Retornados à Governador Valadares*<sup>136</sup> traz números que merecem uma boa reflexão: seja nos dados colhidos ou na provocação da necessidade de uso de outros instrumentos metodológicos para os atuais questionamentos. Quando perguntados sobre suas habilidades na língua, diante das

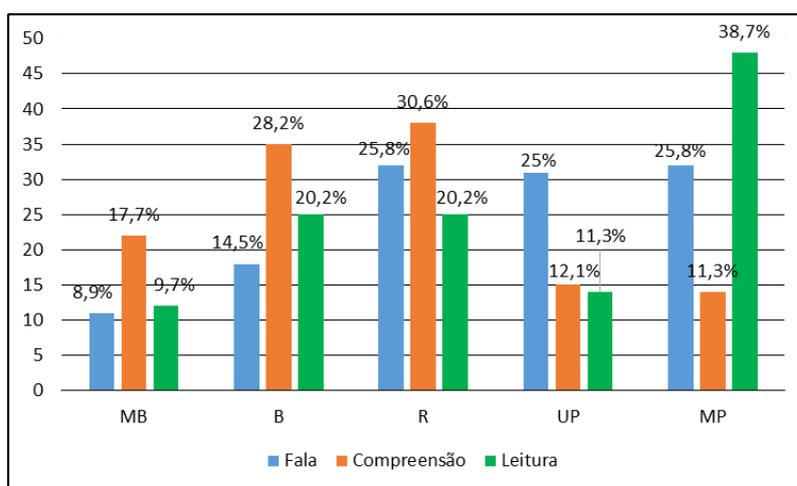
<sup>134</sup> Não há qualquer intenção em desqualificar a perspectiva de língua adotada pela autora, uma vez que, diante da variedade de possibilidades nos estudos linguísticos e os pontos de vista possíveis, cada pesquisador deverá buscar aquele capaz de atender aos seus objetivos.

<sup>135</sup> Algumas reflexões sobre testes de proficiência foram apresentadas em momento anterior.

<sup>136</sup> Com um corpus de 124 entrevistas formais.

opções valorativas  *muito bem (MB)*,  *bem (B)*,  *regular (R)*,  *um pouco (UP)* e  *muito pouco (MP)*, os entrevistados deveriam atribuir alguma dessas qualidades ao seu nível de desempenho<sup>137</sup> nas habilidades dispostas. Analisadas lado a lado, as repostas dadas acerca dessas habilidades apresentaram porcentagens de valores que predominam sobre os de outras habilidades concorrentes, conforme o gráfico (1) a seguir demonstra.

**Gráfico 1 - Atribuição de valores quanto ao sucesso na habilidade de fala, compreensão e leitura em língua inglesa (%)**



Fonte: Banco de dados do NEDER - 2015

Total de casos válidos: 124

Conforme os dados do gráfico (1) apontam, as atribuições que vão de *MB* a *R*, da esquerda para a direita, a modalidade de *compreensão* supera as demais, com valores de 17,7% para *MB*, 28,2% para *B* e 30,6% para *R*. Em contrapartida, a leitura é a modalidade que mais se acentua em *MP*, com 38,7%. A habilidade de *compreensão*, ao ser relacionada com a *fala*, possibilita um dado interessante. Em pouco mais da metade, com 51% das repostas, a *compreensão* apresenta uma ascendência em relação à *fala*. Em outras palavras, os valores dados à *compreensão*, em mais da metade das respostas, subiram pelo menos uma casa de valor ao serem colocados ao lado da habilidade de *fala*. Sobre a equiparação de valores entre essas duas habilidades, esse dado é apresentado em 43% das respostas. Isso reforça a ideia de que os emigrantes desse estudo apresentam maiores percentuais na habilidade de *compreensão*.

<sup>137</sup> Desempenho ou outro termo substituto é usado aqui para se referir à autoavaliação que os entrevistados deram a si mesmos de suas práticas em língua inglesa. Não houve qualquer objetivo em apresentar precisão de seus reais aproveitamentos nas habilidades, como também não foi propósito se ater a qualquer rigor a terminologias linguísticas.

Esses dados apontam ainda para a complexidade aqui subentendida no momento em que os entrevistados oferecem alguma demonstração de suas práticas na língua. Em entrevista com Armando<sup>138</sup>, 54 anos, que, depois de dizer que não sabia nada da língua, dando a si mesmo o valor  *muito pouco* para todas as modalidades, ao responder sobre o tipo de trabalho que exercia nos EUA, mencionou foneticamente correta a palavra /*lændskeipriŋ*/; entretanto, não soube soletrar *landscaping*<sup>139</sup>. “Eu sei falar, mas não sei como se escreve”, disse o entrevistado. Em outra entrevista, com Nilton, 45 anos, o entrevistado atribuiu *bem* para todas as habilidades dispostas; entretanto, ao relatar mais detalhadamente sobre as suas práticas linguísticas no contexto de migração, revelou ter dificuldades com a escrita, dependendo inicialmente de ajuda, e, depois, mediante modelos de documentos escritos em inglês, conseguia reproduzir textos novos, em atendimento às necessidades como empregador de outros imigrantes.

Alguns preceitos básicos sobre a linguagem falada e a linguagem escrita oferecem um caminho para explicação dessas constatações. Lopes (2007) põe em evidência o fato da linguagem escrita ser mais recente que a linguagem falada, de forma que a última se confunde com a história do homem. O linguista, destacando que as primeiras inscrições não têm mais de cinco ou seis mil anos, pontua que ainda hoje aprendemos a falar antes do aprendizado da escrita. Os registros não apresentam nenhum povo que não fale, mas há muitos que desconhecem qualquer sistema de escrita. Marcuschi (1997), por sua vez, situa essas categorias como práticas sociais, em um *continuum*, evitando dicotomias.

Soma-se a esse contraste entre modalidades, a partir do qual é posto em evidência a *compreensão* ao lado da *fala*, os argumentos de Carroll (1969) ao apontar que o desenvolvimento da linguagem na criança<sup>140</sup> elenca três sequências inter-relacionadas: desenvolvimento cognitivo; desenvolvimento da capacidade de discriminar e compreender o que se ouve; e desenvolvimento da capacidade de produzir sons vocais e sequências de sons cada vez mais próximos dos adultos. Em uma observação preliminar, a sequência *compreensão-fala* pode ser um processo coerente para entender os dados acima. Em outros termos, é possível pensar que a *compreensão* seja predominante pelo fato desse desenvolvimento não ter atingido ainda o seu último “estágio” na prática dos sujeitos.

<sup>138</sup> Para preservar a identidade do informante, o nome exposto é fictício, bem como de todos os demais nomes apresentados neste estudo. Entrevista arquivada no Banco de dados do NEDER (Núcleo de Estudos Multidisciplinar Sobre o Desenvolvimento Regional).

<sup>139</sup> A ideia sobre esse problema pode ser ainda ampliada pela observação de Bagno (2013), que discute sobre um dos mitos da língua, *O certo é falar assim porque se escreve assim*, exemplificando essa questão linguística com as palavras *jail* e *gaol*, mesma pronúncia, /*dzeil*/, mas com significados totalmente distintos.

<sup>140</sup> Embora o autor não se refira à aquisição de segunda língua, a reflexão serve como um empréstimo para refletir sobre esse estudo, sem preocupações com a idade dos falantes.

Entretanto, os dados tomam novos caminhos ao serem colocados ao lado de outras informações tomadas discursivamente. A entrevistada Sônia, 36 anos, traz o seguinte depoimento: “[...] Necessidade de compreender a que me pediam; não havia tanta exigência sobre falar; [era mais importante] fazer o que era exigido”.

O depoimento de Sônia evidencia os limites do tratamento usado anteriormente, mostrando que a língua não é explicada apenas por si mesma, mas também por outros caminhos, principalmente em consideração aos seus sujeitos: De um lado há uma imigrante laboral, uma *house cleaner*, indocumentada, com objetivos de ir para os EUA, trabalhar e retornar para o Brasil. Do outro lado, um nativo, que solicitou o serviço de Sônia, indiretamente, mediante um terceiro, competente para se comunicar em língua inglesa, também imigrante, e que, por sua vez, subcontratou a mulher para prestar o serviço de limpeza ao seu cliente norte-americano.

Por tudo isso, ainda que estudos sistemáticos nessa área sejam importantes e, na medida do interesse de descoberta, têm a sua validade incontestável, como nos estudos dialetológicos, existem outros âmbitos no estudo da língua que também são incontestáveis quanto a sua validade, como no que se refere aos estudos discursivos. No âmbito de uma abordagem discursiva, este trabalho se concentra em investigar sobre as nuances envolvidas na territorialização do imigrante brasileiro nos EUA, sobretudo, a partir de suas práticas linguísticas, entendida numa perspectiva dialógica, levando em consideração os sujeitos envolvidos em suas práticas de língua. Nesse caminho, em uma perspectiva qualitativa, o foco é dado sobre seus acessos e restrições em relação aos diversos espaços dispostos no contexto migratório, com uma atenção maior para o mercado de trabalho.

## 5.5 ALTERIDADES EM CAMPO: SOBRE OS ENCONTROS COM OS SUJEITOS DE PESQUISA

O trabalho em campo, que não pode ser definido em uma abstração da multiplicidade dos encontros, teve como ponto essencial a busca em perceber e compreender o *outro* em sua complexidade. Em cada entrevista, procurei lidar não simplesmente com um objeto, mas com uma alteridade subjetiva: com ambivalências, receios, ocultamentos, preocupações, ainda que limitadas apenas ao tempo que se dispunha para entrevista, entre outras particularidades que cada evento, único, podia oferecer. A partir dessa percepção, que permeia todo o trabalho em

campo, apresento um pouco do trajeto percorrido, destacando a forma de agendamento, abordagem, procedimentos básicos adotados no ato da entrevista, os percalços encontrados, a viabilidade e limitações do roteiro de entrevistas, as impressões percebidas, os sentidos para além da verbalidade que os sujeitos apresentaram e as interrupções. Enfim, esta parte não se destina ao esgotamento, mas, ainda que inacabada, tem como objetivo dar toques relevantes sobre essas relações intersubjetivas, que já se iniciam nos primeiros contatos entre o pesquisador e o seu objeto.

Os entrevistados foram selecionados a partir da pesquisa *Perfil de Saúde dos Imigrantes Brasileiros Retornados à Governador Valadares*, na qual participei ativamente em sua execução. Com uma dedicação somente sobre os residentes em Governador Valadares, houve um esforço para reestabelecer os contatos. Assim, os sujeitos foram procurados pessoalmente ou por meios eletrônicos, como: por telefone, quanto àqueles que cederam número em momento anterior; por meio de dispositivos ligados à rede de internet, como segunda opção ou disponibilidade; pela ida aos locais da última entrevista; ou mediante o reencontro de sujeitos que, na primeira ocasião, fizeram indicações de entrevistados. Nessa tentativa de reestabelecer o contato, houve recusas para novas entrevistas, esquivos para marcar dia e horário, adiamentos indeterminados para um reencontro, como aceitações muito dispostas. As aceitações mais bem-sucedidas foram em relação àquelas que o pesquisador conseguiu uma proximidade maior desde a última vez. Entre os sujeitos, destaca-se o primeiro entrevistado, com o qual, do período da primeira entrevista até a realização desta, manteve comunicação contínua e com o qual estabeleci uma certa amizade<sup>141</sup>.

As abordagens foram bem diversificadas, dependendo das condições do entrevistado e das possibilidades que o momento favorecia. Quanto aos locais de entrevista, elas aconteceram na casa do entrevistado, no seu local de trabalho, no seu local de estudo ou mesmo na sala do NEDER (Núcleo de Estudos Multidisciplinar Sobre o Desenvolvimento Regional). Destaca-se que os locais, dado o ambiente que se formava em cada entrevista, não devem ser vistos em termos puramente físicos. Na maioria das entrevistas, o entrevistado evitava o espaço familiar. Em uma entrevista realizada em estabelecimento de trabalho, local de confecção de chaves, o entrevistado, ao que demonstra, tem o seu espaço de trabalho como um local que extrapola a funcionalidade de prestação de serviços. Muitas das vezes em que

---

<sup>141</sup> Foram periódicas as visitas ao seu estabelecimento de chaves e as conversas sobre a vida nos EUA, em que comparávamos muitas informações: eu, com as minhas experiências de pesquisa; ele, com as suas experiências pessoais. As conversas não se limitavam a migrações, mas discutíamos sobre problemas da cidade, política, conhecimentos gerais, histórias da cidade, gostos pessoais, religião e pontos de vista sobre os mais diversos assuntos.

fui visitá-lo deparei-me com amigos seus, filhos, familiares, animais de estimação; em momento de alimentação; lendo ou assistindo a algum vídeo na internet. Na verdade, o local, que pode ser dividido em duas seções, uma propriamente de trabalho, e a outra parte, mais desprovida de funcionalidade, é também um local de recepção de amigos e local para os mais descontraídos encontros. Destaca-se que a sua casa é no andar de cima.

Sobre a aplicação das entrevistas, conforme planejado, segui um roteiro com 47 questões<sup>142</sup>, que diminuía em sua quantidade formal na medida em que o entrevistado não preenchia certos requisitos. De todo modo, as questões não puderam ficar engessadas, pois, com muita frequência, respostas para determinadas questões respondiam a questões que estavam por vir. Dessa forma, a depender de cada caso, algumas foram eliminadas. O roteiro, da primeira entrevista até às subsequentes, foi perdendo aos poucos a sua ordem original, pois a dinâmica de cada encontro constituía um evento novo e inesperado. Nas primeiras aplicações, procurava controlar o semblante, os gestos e as intervenções indiretas, procurando evitar interação profunda, como se devesse separar totalmente do objeto. Aos poucos as preocupações tomaram novos rumos, ao ponto de rir mais abertamente quando o entrevistado dizia algo engraçado, até ter a liberdade de fazer brincadeira com um que era também amigo, de modo que em nada atrapalhou a entrevista. Na verdade, possibilitou-me fazer perguntas extras, que foram recebidas com muito agrado.

No ato das entrevistas, alguns percalços devem ser considerados, como a respeito das interrupções. Os motivos eram os mais diversos: clientes que chegavam ao estabelecimento, telefonemas, amigos que chegavam para conversar, aluno, choro, riso, confusão nas explicações, religioso que entra em um momento em que o entrevistado se preparava para falar de suas experiências “profanas”, entre outras. Destaca-se que, no momento em que uma conversa era interrompida, principalmente quando se tratava de alguma interrupção em que o entrevistado estabelecia diálogo com um terceiro e depois retornava à entrevista, o diálogo precisava ser demarcado pelo entrevistador, pois o entrevistado já não se recordava mais do ponto em que tinha parado<sup>143</sup>. Outra questão é sobre os sentidos dos termos usados, quando aquele que o entrevistador expressava não tinha o mesmo valor para o entrevistado. Exemplo disso é sobre o sentido de migrar. Não poucas vezes, quando eram perguntados sobre para que

---

<sup>142</sup> O roteiro de entrevista utilizado nesta dissertação encontra-se em anexo.

<sup>143</sup> Nesses casos, quando a tensão dialógica já havia sido estabelecida em momento anterior, era revivida apenas depois de alguns minutos, como se um novo momento estivesse começando a partir dali.

lugares haviam emigrado, alguns diziam: “São Paulo, depois cheguei em...”, entendendo as escalas como locais de migração<sup>144</sup>.

---

<sup>144</sup> Nesse caso, precisava intervir e esclarecer melhor a pergunta ou deixar que o entrevistado discorresse até chegar ao ponto de sua experiência nos EUA.

## 6 DIALOGISMO E TERRITORIALIZAÇÃO DE IMIGRANTES BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS

Esta parte é construída através de uma ADD<sup>145</sup> dos dados gerados a partir de entrevistas realizadas com 11 sujeitos imigrantes retornados dos EUA à Governador Valadares, Minas Gerais, a partir dos anos 2000, com suas características gerais descritas na metodologia. A ênfase deste estudo, como já demonstrada, situa-se em dimensões que se articulam e se complementam: Em primeiro lugar<sup>146</sup>, caracterizar os sujeitos envolvidos; em segundo lugar, indicar a relação e influência das práticas linguísticas de imigrantes em sua territorialização nos EUA; em terceiro lugar, apresentar um ideia de língua no contexto migratório mediante uma perspectiva dialógica<sup>147</sup>; em quarto lugar, descrever sobre a prática de língua dos sujeitos imigrantes em relação às suas ocupações no mercado de trabalho, discorrendo sobre posições e concorrências, acessos e restrições nesse espaço, bem como em relação a outros espaços; sobretudo, a partir de suas práticas de língua; por fim, apontar as nuances envolvidas na territorialização<sup>148</sup> do imigrante brasileiro nos EUA, com ênfase na língua<sup>149</sup>.

A organização desta análise está distribuída na seguinte ordem: a identificação e caracterização dos sujeitos discursivos envolvidos; em seguida, a apresentação das principais dificuldades encontradas por imigrantes brasileiros nos EUA. Posteriormente, é feita uma pontuação sobre o sentido de língua emergido na análise, fundamental nesta discussão. Em seguida, é apresentada uma descrição sobre acessos e restrições dos imigrantes nos espaços de migração, com uma ênfase no aspecto linguístico. Por fim, será feita uma articulação teórica entre dialogismo, territorialização e migrações.

---

<sup>145</sup> *Análise dialógica do discurso.*

<sup>146</sup> Deve-se pontuar que não há hierarquias nessas dimensões, uma vez que cada um delas é compreendida e definida em relações.

<sup>147</sup> Conforme Saussure (2012), o ponto de vista cria o objeto. Nesse sentido, tão importante como perceber os aspectos de língua envolvidos na territorialização do imigrante nos Estados Unidos é definir o ponto de vista de língua na análise, a partir do qual toda a interpretação do fenômeno será condicionada, bem como condicionado estará o próprio caminho metodológico.

<sup>148</sup> Territorialização deve ser entendida aqui, como no título deste capítulo, em um sentido múltiplo, em conformidade com a perspectiva territorial integradora adotada nesta dissertação.

<sup>149</sup> Os aspectos elencados aqui não devem ser hierarquizados ou colocados em contrastes extremos. Na verdade, cada um deles influencia ou, em certa medida, condicionam o outro, sem que se prevaleça um aspecto sobre os demais. As habilidades linguísticas adquiridas, em medidas não dadas em números precisos, têm em si alguma base territorial construída ou de acessibilidade. Por sua vez, a medida de habilidade dos sujeitos possibilita ou restringe os seus acessos territoriais. Acrescenta-se ainda o fato de que o território, como a própria língua, pode ser analisado em diversas escalas e combinações.

Dada essa explanação geral, o fluxo desta análise é constituído pelas regularidades enunciativas emergidas na leitura dos dados gerados. Segundo Bakhtin (2011), os limites enunciativos são definidos pela alternância discursiva, pela alternância dos interlocutores; no presente caso, nos limites da comunicação face a face, na alternância comunicativa entre os sujeitos entrevistador e entrevistado. Todavia, esse tratamento não tem qualquer suposição oracional, no sentido de recortar as enunciações de outras relações enunciativas, seja em uma temporalidade passada ou em antecipação a enunciados futuros<sup>150</sup>. Como se destaca no dialogismo, antes do seu início há os enunciados de outro; ao seu fim, os enunciados responsivos de outros. Nas palavras de Bakhtin (2011, p. 296), “[...] os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros [...]”. Nesse sentido, cada enunciado é apenas um elo em uma corrente composta por outros; em outras palavras, cada enunciado está ligado a uma complexa organização com outros enunciados.

Assim, a ADD, ao contrário de outras ferramentas de análise consolidadas, não tem um conjunto de categorias prontas a ser aplicado sobre o material linguístico. Conforme Brait (2008), o caminho em ADD é inverso: Primeiramente, deve-se ler minuciosamente o conjunto e analisá-lo; e depois, sim, ir de encontro às categorias emergidas na análise. Nessa perspectiva, com o cuidado de não praticar a forma de outras análises com apenas a diferença de nesta análise haver o uso de categorias dialógicas, este estudo se divide pelos temas provocados responsivamente nas perguntas colocadas e pelas réplicas diversas manifestadas nos encontros de entrevista, de modo que as categorias são levantadas a partir das recorrências enunciativas percebidas. Para as análises e resultados seguintes, foi usado como meio de compreensão o dialogismo bakhtiniano, desatacando, a partir das regularidades enunciativas, as seguintes categorias: *língua*, *gênero do discurso*, *esferas comunicativas*, *responsividade*, *expressividade ou estilo*, bem como outros conceitos pertinentes a esses elencados. As categorias, coerente com a proposta de análise, foram emergidas no fluxo da análise.

---

<sup>150</sup> Entretanto, em coerência com os objetivos deste estudo, não haverá preocupações em apresentar tratados históricos ou aprofundamentos futurísticos. Esses importantes aspectos serão acionados na medida em que se fizerem necessários para esclarecer sobre as práticas linguísticas dos imigrantes em relação à sua territorialização nos EUA.

## 6.1 OS SUJEITOS IMIGRANTES NO TERRITÓRIO DE MIGRAÇÃO: *EU E OUTROS*

Numa proposta de definição terminológica, Arán (2006) aponta que o conceito de dialogismo — elencado aqui como importante para uma compreensão de sujeito — é amplo e complexo e está sustentado por uma perspectiva filosófica de caráter antropológico sobre o papel da alteridade na construção do sujeito e da interação subjetiva como conformadora de si mesmo. O dialogismo é um modo verbo-relacional pelo qual os seres humanos conhecem o mundo, se dão a conhecer, são conhecidos, conhecem sua alteridade e se reconhecem a si mesmos, de maneira múltipla e fragmentária, nunca como totalmente acabada. Por meio da palavra é que melhor podemos ter uma percepção dialógica acerca dos sujeitos e das identidades humanas.

Nessa percepção, especialmente no sentido verbal das relações dialógicas, uma vez que neste está o meio pelo qual os indivíduos se definem e são definidos em um processo essencialmente interacional, os sujeitos apresentados a seguir, que podem ser tomados como tipos<sup>151</sup>, estão colocados como partes fragmentárias e complementares entre si. Não há aqui o objetivo de qualquer delimitação rígida quanto aos seus papéis e identidades no contexto de migrações, mas cada qual tem suas características em aberto, sendo cada uma delas percebida mais amplamente na medida em que se relaciona com os outros atores. Ainda que as noções apresentadas não tenham sido resultado de uma interação face a face com todos esses sujeitos, algum elo enunciativo daqueles que não estavam presentes pôde ser resgatado, em alguma medida, na fala dos sujeitos, na responsividade que cada enunciado tem com suas memórias vividas e experiências com outras alteridades.

---

<sup>151</sup> No sentido de que, a partir do conjunto de informações, são apresentadas as características gerais desses sujeitos a partir das recorrências enunciativas. Sobretudo, o propósito é realizar uma identificação dos personagens envolvidos, compreendidos e definidos de uma forma relacional.

### 6.1.1 Imigrantes laborais

Sayad (2000), ao refletir sobre a condição de migrante, traça argumentos a partir do sentido terminológico das palavras derivadas de “migração”. Em consonância ao apresentado, a emigração e a imigração distinguem-se respectivamente pela ideia de saída de um lugar e chegada a um destino. Na verdade, são termos que se complementam como em uma contraparte necessária. Para o autor, trata-se de uma incoerência pensarmos em imigração sem, ao mesmo tempo, pensarmos em emigração. Ao refletir sobre a finitude humana, incapaz de estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo, estar presente em um traz intrinsecamente a ideia de ausência em outro. É possível presenças sucessivas, mas não concomitantes<sup>152</sup>. A experiência de ausência espacial em relação a uma terra deixada, conforme aponta o autor, pode ser demonstrada no depoimento de Jorge, que, apesar de ausente em corpo, experimentava na mente a saudade do Brasil deixado.

Todo dia [...]. Era todo dia. Num exi... eu acho, pelo menos nesses cinco primeiros anos [...]. Pelo menos nos cinco primeiros anos, num passou um dia sem que eu ligasse pro Brasil, não [...]. A... *a minha ligação com o Brasil era de fervor, devo... devoção* [...]. Sempre foi. Sempre foi. É, mermo quando eu tava dormindo o Brasil tava comigo, porque eu sonhava com o Brasil [...]. Então... (Jorge, 50 anos, grifo meu).

Sobre o relato de Jorge, em que o entrevistado aponta que sua ligação com o Brasil era de fervor, entra de encontro com as reflexões de Sayad (2000) sobre o retorno e a nostalgia presente na experiência migratória. É em função da nostalgia, no seu poder de transfiguração, que acontece a sacralização e a santificação de espaços da memória, como o país, o lugar de nascimento, sobre os quais há um intenso investimento de memória nostálgica, fazendo desses lugares não apenas uma lembrança, mas lugares sacralizados, lugares benditos, terras santas. Daí ser importante pensar o fenômeno migratório não apenas em um sentido material do território, mas também em relação a sua contraparte simbólica.

Em torno da ideia do ser estrangeiro, o autor argumenta ainda sobre o retorno, que reflete a provisoriedade da estada no destino, mesmo que a permanência se prolongue por tempo indeterminado. Assim, em uma perspectiva estruturalista, o autor aponta que retornar ao passado é um movimento impossível ao imigrante, uma vez que esse lugar jamais poderá

---

<sup>152</sup> Uma perspectiva distinta se encontra na ideia de multiterritorialidade de Haesbaert (2011), em que o tempo e o espaço não são lineares. Entretanto, as reflexões do autor são válidas para esse momento do estudo.

ser atualizado no tempo, pois este é irreversível<sup>153</sup>. O passado será sempre um “ter estado”, para o qual há o desejo de voltar, mas que, ao mesmo, o indivíduo imigrante, uma vez que retorna espacialmente, não é capaz de acessá-lo em uma integridade tempo-espacial. O relato de Douglas ainda demonstra sobre essa provisoriedade migratória, muitas vezes marcada com objetivos definidos antes mesmo da partida.

Ah, ligava diariamente [...]. Porque a gente é imigrante, né, o local da gente é aqui. Tem gente que fala que não volta mais, mas a... vai a Imigração pega, acaba voltando [...]. Chega uma hora da vida dele, sente saudade e quer voltar. Eu já fui com intenção de voltar. Eu não fui com a intenção de ficar [...]. Fui com três objetivos: comprar uma casa, montar uma oficina, dar um carro pra minha mãe. Só que as coisas tava tão difícil que nun... com... num cumpri nenhuma [...] (Douglas, 40 anos).

O relato de Douglas exemplifica, além do fato de que territorialidades passadas acompanham o sujeito que emigra, sobre os projetos presentes na vida de imigrantes laborais que vão para os EUA: Eles vão com objetivos econômicos definidos e não à passeio ou como intercambistas. Esse relato é coerente com os estudos de Siqueira (2009), que demonstram que os emigrantes de Governador Valadares e sua microrregião, em sua maioria, têm em seus planos o objetivo de comprar casa, carro e montar o seu próprio negócio. Muitos conseguem cumprir seus projetos, outros, como no relato, não obtêm êxito.

Ainda sobre essa discussão, Sayad (2000) destaca que a presença desse estrangeiro é, de fato, de chegada. O imigrante não está apenas deslocado no espaço, mas deslocado como uma palavra. Envoltos nesse sentido de deslocamento é que Sayad (2000) trabalha a ideia de retorno. A lógica de retornar é natural ao ser imigrante, uma vez que jamais se insere plenamente no destino. Todo imigrante, segundo o teórico, deseja o retorno, ainda que este lhe seja impossível. Assim como o cego deseja a luz, o imigrante deseja retornar a sua terra. Para resumir, caberia aqui uma máxima: “Uma vez imigrante, logo emigrante; ser este que deseja o seu estado primeiro”. O imigrante, nesse sentido, uma vez que está distante no plano físico, vive suas memórias da origem ou interagindo com os entes deixados por dispositivos de comunicação eletrônica, como apresentado no relato de Jorge e Douglas, que ligavam constantemente para o Brasil.<sup>154</sup>

<sup>153</sup> Sayad (2000) salienta que voltar ao espaço geográfico não é o mesmo que voltar à condição de antes da emigração, pois não é possível voltar ao tempo de partida. O retornado, ainda que de volta a sua terra, será sempre um estrangeiro, pois estará em outro tempo, com todas as mudanças ocorridas em sua ausência.

<sup>154</sup> Contudo, deve-se considerar os transmigrantes, conforme Assis (1996) destaca sobre aqueles não se enquadram em uma perspectiva tradicional de retorno, vivendo territorialidades da origem e do destino de forma concomitante, principalmente pelos meios de transporte e pelos meios de comunicação dispostos na atualidade e a condição desses imigrantes em acioná-los.

Por outro lado, uma vez retornado, em consonância ao que o autor também aponta, o imigrante não encontra um Brasil exatamente como deixou, o que pode refletir em dificuldades de readaptação, envolvendo questões sempre múltiplas. Essas dificuldades, naturais no processo, podem ainda estar agregadas a outras, como quando o imigrante retorna sem uma preparação psicológica, como no caso de deportação, que não se reduz apenas a um retorno, mas a um retorno sem planos e com todos os constrangimentos de uma saída imposta, como pode ser visto nos relatos de Neuza e Jorge, ambos deportados.

Mas quando eu voltei, eu demorei mais ou menos um ano e meio pra voltar adaptar aqui, apesar de ter ficado muito pouco tempo lá fora; mas eu demorei um ano e meio mais ou menos pra adaptar, porque eu cheguei numa fase que eu não tinha mais aquela clientela toda que eu tinha [...], na época que eu parti, e... também, assim, eu nun... eu vim por ter sido deportada, eu num vim numa época que eu queria [...]. Num fui eu quem programou a minha volta [...]. Então, eu sofri um pouco, assim, é... psicologicamente falando. Minha readaptação foi mais difícil psicológica do que no financeiro [...] (Neuza, 50 anos).

Eu peço perdão, né, eu lamento muito ter acontecido, porque, apesar de ser apaixonado pelo Brasil, gostar demais do Brasil, eu tenho de... certa forma o meu umbigo grudado nos Estados Unidos (Jorge, 50 anos).

As questões envolvidas nessas discussões suscitam mais um termo no intercâmbio de palavras e sentidos elencados pelo autor. O próprio sentido de e/imigrante reflete os motivos e projetos que esse sujeito que emigra tem essencialmente em sua experiência. Sayad (1998, p.54), questionando sobre a natureza do ato migratório, pontua que “[...] um imigrante é em sua essência uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito [...]”. Ser imigrante e trabalhador é quase uma redundância. Segundo Sayad (1998), é o trabalho que dá origem a essa figura, fazendo-a “nascer”. Quando o trabalho termina, é este que o faz “morrer”. O trabalho, condicionante da existência do imigrante, não é outro senão aquele para o imigrante. O trabalho é o elemento que o justifica, que o cria e que, na sua ausência, o faz desaparecer. Assim, o trabalho é apresentado como algo intrínseco ao fenômeno migratório. Segundo Sayad (2000), o trabalho contém toda a inteligência do fenômeno migratório, e esta é a razão da emigração.

Eu trabalhava era oitenta, noventa, cem horas por semana. Era só eu que ficava no sábado [...] trabalhando, no domingo. Horário de verão eu ficava até oito e meia, nove horas, porque... costuma até oito e meia, nove horas da noite... No horário de verão lá ainda tá... tem muito sol ainda [...]. Mas os americanos sai cinco horas. Eu ficava... Não porque eu era bom trabalhador [...], porque eu queria fazer mais dinheiro [...] (Henrique, 43 anos).

A fala de Henrique, que trabalhou a maior parte do tempo que esteve nos EUA em uma equipe de *landscaping*<sup>155</sup> composta apenas por americanos, demonstra como o trabalho é intrínseco a sua constituição imigrante. Sales (1999) destaca o estereótipo do imigrante brasileiro como povo trabalhador, que, segundo a autora, decorre do próprio fluxo migratório de brasileiros em Massachusetts<sup>156</sup>, caracterizado pela exportação de mão de obra para serviços de baixa qualificação. Ainda segundo pesquisadora, os imigrantes brasileiros não gostam de ser confundidos com os imigrantes hispânicos<sup>157</sup>, que têm um estereótipo negativo na execução de seus trabalhos e outras imagens.

Finalizando essa parte, Kristeva (1994)<sup>158</sup> identifica o sujeito imigrante como aquele que trabalha, como alguém que considera o trabalho um valor. É o seu único meio de sobrevivência e que o imigrante reivindica como um direito básico. Pelo trabalho se faz afirmação de si mesmo. O trabalho é sua única fonte de sucesso possível e, acima de tudo, uma qualidade identitária que lhe é própria, intransferível; qualidade que pode ser transportada para além das fronteiras e das propriedades. O imigrante é aquele que não está ali para perder o seu tempo. O seu tempo é para a labuta. Ele acumula para si todos os trabalhos e busca se sobressair nos mais difíceis, seja em trabalhos que ninguém quer ou naqueles que não foram pensados. A autora ainda afirma: “[...] Já que não tem nada, já que não é nada, pode sacrificar tudo. E o sacrifício começa pelo trabalho: único bem exportável, sem alfândega. Valor, refúgio universal em estado errante [...]” (KRISTEVA, 1994, p. 26). O trabalho, portanto, é que o define e o justifica como imigrante e que envolve de sentido a migração. Por tudo isso, não seria um exagero a hifenização: imigrante-trabalhador.

---

<sup>155</sup> Segundo Sales (1999), não se trata de serviços de paisagismo ou arquitetura. Nas práticas desse ramo há serviços de construção, manutenção de prédios, jardinagem e limpeza de neve.

<sup>156</sup> A autora destaca a região em que realizou sua pesquisa. Entretanto, a mesma explicação pode ser dada para outras concentrações migratórias.

<sup>157</sup> Segundo a autora, não é incomum imigrantes brasileiros serem confundidos com hispânicos. Uma das razões é fato do idioma português dos brasileiros ser confundido pelos nativos com o espanhol.

<sup>158</sup> Sobre a autora: segundo Alós (2006), Julia Kristeva, que cunhou a ideia de intertextualidade em seus estudos, o fez a partir de categorias pensadas por Bakhtin, no seu dialogismo.

### 6.1.2 A multiétnicidade no contexto de migrações

O cenário estadunidense é multiétnico, agregando personagens de diversos pontos do globo. Dependendo do lugar em que se esteja, será muito mais fácil encontrar outros grupos étnicos do que propriamente nativos<sup>159</sup>. O próprio país, na verdade, é constitutivamente heterogêneo quanto a raças. Assim, a vizinhança, os colegas de trabalho, os empregadores, os donos de comércio, a depender do local e dos setores procurados, podem compor os mais diversos grupos étnicos. Junto aos indivíduos estão suas culturas, suas histórias, suas línguas, seus sotaques, na sua própria língua e na língua inglesa, seus hábitos, seus estereótipos adquiridos no contexto migratório, suas feições, seus negócios, com características que se mesclam entre si e com as marcas da cultura nativa. Ser imigrante nos EUA, em um sentido relacional, pode significar estar em várias partes do mundo ao mesmo tempo, na aparência e materialidade próprias do contexto complexo de migração, capaz de conjugar tempos e espaços complexamente. Esses encontros de raças são potencializados por diversas razões, como através de instituições de ensino prestigiadas mundialmente.

Harvard, a universidade de Harvard é lá em Boston [...]. Sem contar que tem um punhado de outras universidades menores e um punhado de colégios, né? *Boston college*, que é muito famoso, que então leva muita gente jovem de toda parte dos Estados Unidos e do mundo [...]; muito indiano, muito chinês, muito vietnamita pra lá. Então é uma cidade eclética demais, né? Muito, muito... né, caótica [...], muito bacana. Sei lá, muito moderna [...] (Jorge, 50 anos).

Na página do *Harvard College*, na internet, é possível visualizar a sua política multiétnica na admissão de alunos: “Enquanto Harvard é renomado por sua excelência acadêmica, acreditamos firmemente que uma de nossas maiores forças é nossa comunidade universitária incrivelmente diversificada”<sup>160</sup>. Nesses espaços acadêmicos, estudantes de vários lugares, como vietnamitas, indianos, chineses, japoneses, entre outros, diversificam a composição do corpo de estudantes das instituições, como também o cenário comunitário, compondo grupos que se juntam para viver em repúblicas ou individualmente. Somam-se a esses imigrantes acadêmicos<sup>161</sup> os laborais, do Brasil ou de outros lugares, como também

<sup>159</sup> Como Margolis (1994) relata a respeito de Newark, no estado de New Jersey, em que, além da concentração de brasileiros, há muitos portugueses.

<sup>160</sup> While Harvard is renowned for its academic excellence, we strongly believe that one of our greatest strengths is our incredibly diverse campus community. In: Harvard College. Disponível em: <<https://college.harvard.edu/admissions/hear-our-students/multicultural-diversity>>. Acesso em 10 de fev. de 2017.

<sup>161</sup> Piore (1979) aponta para uma segmentação no mercado de trabalho nos Estados Unidos, dividindo-o em setor primário e setor secundário. No primeiro setor estão os trabalhadores operários, onde os salários são baixos, as

imigrantes de outros estados do próprio EUA, além daqueles com as mais diversas motivações para estarem ali.

Eu morei num condomínio em que eu era o único, é... imigrante fora dos Estados Unidos, no bloco. Então, é... eu me lembro que o meu vizinho de porta ao lado estudava fisioterapia [...], ele era de Washington. É... ah, no caso, brasileiro, né? Meu porta de frente era um jamaicano; o andar de baixo era um casal da Austrália [...], que vieram jogar futebol americano. Eles gostavam. Era... era bem legal. Então a gente se sentava à noite, ia bater papo com... com eles, e... e... os demais norte-americanos, de outros estados, fora do estado da Geórgia, que era o estado que eu morava, era bem interessante (Washington, 39 anos).

Ainda sobre essa diversidade, o mundo do trabalho tem um caráter especial no que se refere à pluralidade de etnias, no qual acontecem encontros inevitáveis. Na verdade, os EUA abarcam uma pluralidade étnica em diversos âmbitos do mercado de trabalho: no comércio, nos telefonemas de telemarketing<sup>162</sup>, na paisagem, nos estabelecimentos de alimentação, na cultura de cada grupo, refletido pela presença multiétnica dos atores que compõem o mercado de trabalho em que se insere o imigrante. Nesse contexto diversificado, além da variedade étnica na mão de obra, há também quanto aos que empregam, quando há imigrantes brasileiros que trabalham para hispanos, portugueses, cabo-verdianos, norte-americanos, guatemaltecas, iraquianos, entre outros. O relato de Antônio, que teve patrão iraquiano e um colega de trabalho africano, aponta para essa realidade.

Antes d'eu trabalhar n... nessa empresa, fui trabalhar com uma... numa outra, n... numa cidade chamada de... chamada Boricua [Termo usado para designar os porto-riquenhos; trata-se de uma comunidade, e não de uma cidade] e o dono lá era um árabe. É mais difícil ainda. Um... um... um árabe, não, é... é... ele era iraquiano. E ele mexia só com carro carro de luxo. Era Ferrari, Lamborghini, é... é... é... Lotus... É... ele... Mercedes pra ele lá e BMW ele não gostava nem que entrasse na oficina dele. O cara era enjoado demais.

.....  
E nessa outra lá, quando eu cheguei na outra empresa, aí tinha esse africano que era... a... é... é... uma pessoa muito calma, ele era até do exército, d... saiu do exército do Sudão e foi trabalhar lá, já tinha cinco anos trabalhado lá. Mas ele, quando ele, quando o... o... o... o chefe falava comigo o que era pra mim fazer um serviço, ele sabia, vinha, me explicava; quando eu n... quando ele me explicava, ele escrevia ou até desenhava lá. Então, ele me ajudou n... demais dessa forma. Até difícil encontrar pessoas, hoje, assim, com a paciência. Com interesse in... in ajudar as pessoas (Antônio, 54 anos).

---

condições de trabalho são precárias, pouca segurança, alta rotatividade, em que se predomina uma relação informal entre empregado e contratante. No setor primário estão os trabalhadores qualificados, que atuam em áreas não disponíveis para indocumentados.

<sup>162</sup> Há relatos sobre o sotaque de indianos que trabalham em atendimentos comerciais via telemarketing.

Em termos gerais, o imigrante brasileiro estabelece predominantemente relações mais próximas com outros brasileiros, o que não exclui que alguns estabeleçam relações com nativos ou pessoas de outras etnias. As suas relações com outros grupos étnicos, que podem estar distanciadas pela nacionalidade ou estereótipos contrastantes<sup>163</sup>, podem parecer próximas pela condição estrangeira compartilhada. Há imigrantes que estabelecem muito mais relação com outros imigrantes, como com vietnamitas, por exemplo, do que com norte-americanos, apesar das distâncias culturais daqueles serem maiores do que desses<sup>164</sup>. Essa ligação e assimilação com outros imigrantes são relatadas por alguns entrevistados.

Fiz, fiz dois amigão lá, um da Guatemala e ou... outro peruano [...], o Marcos e o Rosermo, que... que até hoje têm contato comigo [...]. Era, era tranquilo porque eles já vinham já duns... muitos anos de América, já sabia falar um português bem [...]. (Douglas, 40 anos).

Tinha. Tinha amizade com... com muitas meninas do México [...] e de Porto Rico... (Neuza, 50 anos).

Eu não tô falano... por isso é que eu me entrosava mais com vietnamitas, com, com japoneses do que com americanos. Eu me... as minhas turmas... eu participava de festas, além das brasileiras, claro, é... de outros grupos minoritários, entendeu? Eu não tinha muita, muita, muito entrosamento com o americano, propriamente dito, ou o *red neck*, o cara branquinho, do olho azul, do olho... entendeu? Dá pra entender? [...]. Essa foi a minha maior dificuldade (Jorge, 50 anos).

Em todos os três casos, como também no caso de Antônio, conforme o conjunto da materialidade discursiva analisada, eles não fizeram amizades com nativos. Como é possível observar, no caso de Douglas há o facilitador da proximidade linguística com as suas alteridades e a capacidade dos seus parceiros em se comunicarem em língua portuguesa. No caso de Neuza há também o fator proximidade linguística com o castelhano, embora o inglês também seja língua oficial em Porto Rico. Entretanto, essa lógica é quebrada no terceiro depoimento, em que a relação do imigrante brasileiro é com um vietnamita, que, segundo o entrevistado, os dois, não raras vezes, se comunicavam muito mais por formas extralinguísticas do que pela comunicação verbal<sup>165</sup>. De toda forma, deve-se destacar que as

<sup>163</sup> Sales (1999) aponta sobre o estereótipo do imigrante brasileiro como povo trabalhador; os hispânicos, por outro lado, não têm a mesma imagem para os nativos.

<sup>164</sup> Em consideração ao que Margolis (2013) aponta sobre a difusão da cultura norte-americana através de filmes e músicas, por exemplo.

<sup>165</sup> O caso desse entrevistado será retomado mais adiante.

amizades do imigrante com indivíduos de outras etnias revelam outras questões envolvidas, que não se limitam a meras escolhas<sup>166</sup>.

Em outra dinâmica da posição dos sujeitos, há também os imigrantes brasileiros que empregam outros imigrantes brasileiros ou de outras etnias para trabalharem em suas franquias ou empresas de limpeza ou construção civil, por exemplo. No relato de Washington, em que o entrevistado, antes empregado, tornou-se empregador, reforça ainda mais a ideia da pluralidade étnica contida no mercado de trabalho imigrante ao afirmar: “Hispanos. No... na... min... no meu meu time de funcionários, eu... nós tivemos, já tivemos hondurenhos, mexicanos, é... é... costa-riquenhos; então, aí era...” (Washington, 39 anos). Enquanto Antônio era colega de trabalho e empregado, no caso de Jorge, envolvendo o vietnamita, a relação era de amizade. No caso de Washington, sua posição era de empregador perante seus funcionários.

Como se nota, as relações entre brasileiros e imigrantes de outras etnias são bem diversificadas. Enquanto são inegáveis as diferenças culturais e linguísticas entre os sujeitos, o contexto migratório possibilita uma convergência: a condição de imigrante. Outras relações, o que depende das sobreposições territoriais de cada sujeito, ganham os mais diversos formatos. Enquanto empregado, a relação pode ser com o colega, com o patrão; enquanto empregador, as relações podem ser de funcionário, colegas do ramo, clientes, fornecedores etc. Há também as relações cotidianas, de modo que o imigrante *outro* pode ser um vizinho, com objetivos migratórios diferentes e condições distintas, como aquele que vai para estudar em Harvard, documentado e com rotas distintas daquele que vai especialmente para o trabalho laboral, no setor secundário do mercado de trabalho norte-americano. Deve-se destacar ainda que as práticas territoriais (e linguísticas) de sujeitos imigrantes não devem ser desligadas de sua condição como sujeitos, com todas as suas características concernentes — ligadas às mais diversas situações e papéis assumidos.

---

<sup>166</sup> As palavras de Kristeva (1994, p.30) são muito sugestivas para levantar outras questões sobre o assunto: “os amigos do estrangeiro, excetuando as boas almas que se sentem obrigadas a fazer o bem, somente poderiam ser aquelas que se sentem estrangeiros de si mesmos [...]”.

### 6.1.3 O nativo norte-americano

Enquanto o imigrante é aquele que chega, o nativo é aquele que já estava; ele é o primeiro, a figura que completa o sentido do “ser estrangeiro”. Para usar as categorias elencadas por Elias & Scotson (2000), os nativos são os *insiders*, os de dentro, enquanto os migrantes são os *outsiders*, os de fora<sup>167</sup>. Além das diferenças temporais, ponto destacado no trabalho dos autores, pode-se acrescentar aqui outras diferenças, como, por exemplo, no que se refere à indocumentação da maioria dos de fora, os brasileiros; conseqüentemente, a dissimetria nessa escala traz outras diferenças de privilégios na vida e nas relações diárias desses sujeitos. Na língua oficial, ainda que variante em sua concretização, o nativo é aquele que melhor lida com o seu uso, conhece os gestos, os atos sociais e as comunicações que estão para além da verbalização. Competente na língua, por excelência, em suas variantes legitimadas ou não, ele tem o direito de não entender o que é dito e pontuar o que está certo ou errado nas expressões dos falantes estrangeiros. O nativo é aquele que não precisa aprender o idioma do país, pois já o sabe desde a mais tenra idade; é a sua língua materna<sup>168</sup>. Em contrapartida, o imigrante é aquele que lida com a língua estrangeira<sup>169</sup> e outras formas de concretização da palavra, na qual não tem história nem a afetividade presente na aprendizagem da sua primeira língua.

As relações estabelecidas com norte-americanos são predominantemente voltadas para o contexto de trabalho, podendo a relação ser de poucas palavras. O caso de Neuza, que trabalhava como *house cleaner*, revela como a prática de língua com o nativo era pouca e, quando havia, estava voltada para as esferas comunicativas do trabalho. Como trabalhava mediante intermediária brasileira, pessoa que combinava o serviço com o nativo, a sua relação com o norte-americano era pouco frequente.

Ele sai e deixa a chave dele debaixo do capacho [...] e você entra e limpa a casa dele, vai embora. A maioria das vezes você nem tem contato com o dono da casa [...]. É... uma vez ou outra que ele tá dentro de casa, entendeu? Ele sempre deixa bilhete quando ele quer alguma coisa [...], entendeu? [...] (Neuza, 50 anos).

<sup>167</sup> Como Kristeva (1994, p.100) destaca em *Estrangeiros para nós mesmos* sobre o estrangeiro: “Aquele que não faz parte do grupo, aquele que não ‘é dele’, o *outro*”.

<sup>168</sup> Segundo Dubois et alli (2006), língua materna se refere à língua aprendida no contexto familiar, a língua nativa.

<sup>169</sup> Conforme Abbott (2001), língua estrangeira diz respeito ao uso de uma língua, como a língua inglesa, em uma comunidade que não a tem como usual na comunicação.

Muitos imigrantes, de acordo com os relatos e como apontam outros trabalhos<sup>170</sup>, não conhecem necessariamente os donos da casa ou do serviço, o norte-americano, estabelecendo a relação de trabalho especialmente com o subcontratante brasileiro. No caso do empregador intermediário, este geralmente tem uma experiência de EUA, alguma competência comunicativa na língua inglesa ou um intermediador próximo que possa ser acionado<sup>171</sup>; têm também meios de transporte e documentação, o que dependerá do ramo em que esteja inserido e da formalidade do seu empreendimento.

Nos casos em que as relações ultrapassaram as esferas do trabalho, elas foram construídas principalmente através deste. As relações podem acontecer, entre outros motivos, pela vontade do imigrante em se aproximar da sociedade nativa e o desejo de aprender a língua inglesa.

Eu, eu migrei obviamente por questões financeiras, mas, como eu tava na rádio, na área de comunicação, eu tinha também um interesse enorme de estudar inglês [...].

.....  
 Íamos pra balada juntos, trabalhávamos juntos. Ê, eu fiquei amigo de... praticamente os meus, os meus supervisores eram todos meus amigos pessoais [...]. Então, por exemplo, na companhia tinha um supervisor que eu viajava pra cidade dos caras pr'um festival de rock, de música e... como aqueles que me ligavam domingo à tarde porque gostavam de futebol, do *soccer*, do do futebol brasileiro [...]. Então eu tinha um supervisor que ele era a... apaixonado por futebol; ele era, ele era técnico de futebol na escola da filha dele, porque lá fut... [...] as mulheres jogam bola. E todo domingo ele me ligava. Ele colocou um canal a cabo que passava uns campeonatos brasileiros, ele ligava, queria saber dos times. "Ó, esse time é bom?" É que eu vi o jogo aqui... Então a gente batia muito papo, assim. Saía à noite. Então... foi um período bem legal, assim.

.....  
 Eu fiquei... os quatro primeiros anos, praticamente, só com americanos [...]. Eu fiquei quase sete... Aí, nos últimos três anos eu... já me infil... me inseri mais na comunidade brasileira. As festas brasileiras, e tudo. Mas o... os primeiros quatro anos basicamente só com americanos (Washington, 39 anos).

Há, contudo, algumas exceções em relação ao condicionamento do mundo do trabalho no estabelecimento de relações com o nativo, como quando dois dos entrevistados relataram ter namorado norte-americanas<sup>172</sup>. Jorge, por exemplo, começou a namorar no início de sua estada nos EUA, quando tinha dezoito anos na época em que a conheceu e começou a namorar.

<sup>170</sup> Siqueira (2009), Martes (1999), Sales (1999), para citar alguns.

<sup>171</sup> Segundo a entrevistada Neuza, ela trabalhou para uma brasileira que tinha baixa competência comunicativa no inglês, dependendo da intervenção do marido, para o qual ligava para resolver algumas questões na língua inglesa relacionadas ao trabalho.

<sup>172</sup> O outro entrevistado que também namorou uma norte-americana é o Washington, 39 anos.

É, pois é... Aí logo depois eu comecei namorar com uma com uma americana que muito, muito me ajudou, muito me ajudou, porque é... embora eu não falasse nada, ela, por me achar exótico, perdia tempo pra me ensinar o inglês, né, ela perdia tempo comigo. O nome dela é Mag, ela... ela, na época, era cinco anos mais velha do que eu. Quer dizer, eu tinha dezoito, ela tinha vinte e três; mas era uma deusa. Linda, maravilhosa. Linda, linda. Linda. E... e perdia tempo comigo, né? Então, o avanço que eu consegui no inglês foi... devo à Mag, né, porque... Quando nós terminamos, seis meses depois, não lembro mais, sete meses depois, eu já era, eu já falava o inglês, mal, mas falava. Né, comunicava [...]. Né, então, Mag, devo muito à Mag [...] (Jorge, 50 anos).

Como é possível notar, o papel de cada sujeito no jogo de relações configura em grande medida os circuitos do imigrante no território de migração. Enquanto o imigrante é um subcontratado, as possibilidades de estabelecer contato com nativos podem ser diminuídas. Entretanto, as possibilidades de relações serem estabelecidas com superiores, no trabalho, aumentam quando se tem condições de se comunicar em língua inglesa, o que possibilita acessos a outros espaços além do trabalho, caso que se exemplifica no relato de Washington. Já o empregador deve ter alguma competência comunicativa em língua inglesa, pois lida com o nativo na combinação de serviços. Ainda que se restrinja a uma relação de trabalho, é com o norte-americano que o serviço é combinado. No caso de Jorge e Washington, que namoraram nativas, outras possibilidades de acessos foram criadas. Em todos os casos, as relações configuram, de uma forma muito especial, os circuitos desses sujeitos em suas ocupações e construções territoriais. Por outro lado, essas relações também influenciaram na forma e exigências da língua, pois cada palavra lançada terá sempre um destinatário, mesmo que em discurso anterior<sup>173</sup>.

## 6.2 DIFICULDADES ENCONTRADAS NOS ESTADOS UNIDOS

As dificuldades relatadas pelos entrevistados, com enfoque naquelas encontradas principalmente no início, pois as perguntas apontavam principalmente para esse momento, são diversas e complexas, não podendo muitas delas serem categorizadas sem muito perderem em alguma abstração dos enunciados. Ainda que isso deva ser considerado, pela regularidade de informações nos discursos, destacam-se: a dificuldade de adaptação no destino, as limitações no uso da língua inglesa, a mudança na condição e *status* de trabalho em comparação ao Brasil, o clima frio e os obstáculos relacionados a meio de transporte ou condição de

---

<sup>173</sup> Segundo Bakhtin (2011), o gênero discursivo é determinado pelo campo da comunicação discursiva e pelo destinatário ao qual é dirigida a palavra (*para quem*).

indocumentado, principalmente para dirigir. Esses temas gerados pelas entrevistas, como é possível perceber na materialidade discursiva, imbricam-se uns com outros, seja entre os apresentados ou com outros elencados, podendo estar definidos e combinados entre si, ou se colocarem desencadeadores de dificuldades secundárias intrinsecamente ligadas àquelas apresentadas em destaque pelo entrevistado<sup>174</sup>.

As dificuldades relacionadas à adaptação, por ser uma questão aberta, podem estar ligadas ou representar questões mais objetivas, como o uso da língua e a indocumentação, por exemplo. Por outro lado, esse termo sugere uma visualização geral sobre as experiências do imigrante com a novidade, no sentido de que as dificuldades de adaptação são sempre híbridas e ao mesmo tempo não estão como uma anulação das múltiplas causas nela envolvidas, na especificidade de casa uma delas. O problema de adaptação pode congrega em si uma diversidade de experiências individuais e sociais *na* e *pela* experiência com o novo. Elas podem estimular o fortalecimento de alguma faculdade ou potencialidade, como na aprendizagem da língua estrangeira, bem como inibi-la. Podem ser vistas associadas com outras dificuldades, prolongando-se por um tempo indeterminado, ou como uma etapa inicial a ser superada e temporalizada no passado em algum momento. Em muitos casos, não é mencionada verbalmente, mas expressadas por outras formas de sentido envolvidas nos depoimentos, como no tom da voz.

As limitações no uso da língua, principalmente nos primeiros dias, são dificuldades relatadas com muita recorrência. Em todos os relatos, quando não a principal, estava atrelada a outras dificuldades. Em todos os casos, não houve uma preparação linguística específica para a emigração, ainda que alguns tenham passado por alguma formalidade de ensino da língua inglesa. De modo geral, aqueles que tiveram algum aprendizado formal no Brasil demonstram que, apesar da experiência na origem ter colaborado de alguma forma para as experiências com a língua no destino, outras dinâmicas na prática da língua inglesa surgiram nas situações comunicativas reais com nativos. Destaca-se, contudo, que, no destino, as redes de migrantes funcionam como atenuantes de riscos, como em relação a dificuldades na língua inglesa, que poderiam ser maiores sem a sua presença.

---

<sup>174</sup> As dificuldades na língua inglesa, por exemplo, podem gerar obstáculos na rotina de trabalho, na compra de algum alimento ou algum artigo em uma loja, no atendimento em hospitais, principalmente quando não há tradutor para fazer a intermediação.

Outra dificuldade em destaque é quanto à ocupação de trabalho do imigrante nos EUA ao ser comparada com a ocupação que o entrevistado tinha no Brasil. Como o trabalho disponível no destino é em setores desprestigiados pelos nativos (ou seja, no mercado de trabalho secundário) e condicionado pela região e rede na qual o imigrante se insere, as opções de trabalho são bem limitadas. Dessa forma, pessoas que nunca trabalharam em faxina ou construção civil na origem, por exemplo, podem entrar nessas áreas como um declínio de *status* em comparação ao que faziam no Brasil. Um entrevistado, que teve outras dificuldades agregadas, ressalta que a sua maior dificuldade foi trabalhar na construção civil, enquanto no Brasil trabalhava como radialista.

Nunca peguei... ba... preguei um prego na, numa parede [...]. E quando você chega ilegal, esse, esse é o primeiro choque que você tem. Você sai daqui sem nunca ter trabalhado em nada pesado, a maioria de nós, né?, e quando você chega lá, você tá ilegal. Então... [...] o primeiro, o pr... o primeiro impacto de ser ilegal no país é esse. O que... que um cidadão ilegal sem documento tem pra fazer aqui? Se... sub-empregos [...]. Construção civil, lava-jato, lavar prato, limpar restaurante, limpar casa. Essas coisas dão dinheiro? Sim! Brasileiros fazem a vida com esse tipo de trabalho [...], mas são sub-empregos pra economia americana [...], ntendeu? Por exemplo, no meu caso [Pigarro na garganta], eu fui pra construção, cara. Trabalhar em construção. Eu era locutor de rádio [...], assim. Então foi... eu demorei uns dois anos pra eu me adaptar. Tinha que aprender a língua, tinha que aprender a trabalhar, carpintaria [diz de forma pausada]. Nunca... tinha pegado num esquadro na vida. Tipo assim, carpinteiro. Então eu acredito que grande parte das pessoas tem esse choque [...]. Você fazer algo que se voc... que você nunca pensou em fazer e você... e ter que ter, assumir aquilo ali como modo de vida, porque você não tem documento. Se você chega documentado, aí não [ênfase]. Igual quem vai com um visto trabalha nas lojas. Se aprender inglês consegue se inserir no comércio. Então vai fazer outro tipo de coisa (Washington, 39 anos).

Os imigrantes são geralmente direcionados a trabalhos de mão de obra não qualificada e a serviços não buscados pelos nativos. Segundo Margolis (1994), muitas imigrantes graduadas, como advogadas, engenheiras, professoras, enfermeiras, trabalhavam como domésticas. A depender da classe social que pertenciam no Brasil, a baixa reputação que se dava ao trabalho doméstico, a experiência se torna algo paradoxal na vida dessas imigrantes. Todavia, enquanto no início do fluxo a emigração era mais seletiva, pois os riscos eram maiores, com o aumento das redes, algumas dificuldades, como pela maior facilidade para estabelecer contatos nos EUA, a emigração se tornou menos seletiva em algum aspecto, ampliando o número de pessoas e grupos sociais que migram, diversificando os sujeitos migrantes que partem.

Por fim, o clima é outro elemento que gera ou se soma a outras dificuldades encontradas no país. Governador Valadares, Minas Gerais, local de onde saíram os emigrantes entrevistados neste estudo, é uma cidade de clima Tropical, em que, no verão, com céus sem nuvens e sem chuvas, as temperaturas são muito elevadas, com máximas absolutas que podem chegar aos 40°C<sup>175</sup>. Em contrapartida, se o imigrante chega aos EUA, em Boston, no estado de Massachusetts, entre os meses de dezembro a março, é provável que encontre neve. Enquanto, no Brasil, o imigrante estava acostumado com climas elevadíssimos, no mês de janeiro, período mais frio do ano na referida cidade estadunidense, a temperatura pode chegar aos -2°C<sup>176</sup>. Os depoimentos de dois entrevistados revelam como o frio, associado a determinados trabalhos, pode trazer um sofrimento extra ao imigrante, que se vê limitado nas alternativas possíveis de trabalho.

Assim que eu cheguei lá, cheguei na época do inverno, é... eu fui fazer uma *power washer*, que eles chamam, que é lavar a casa por fora, né? Tava muito frio. E... os meus dedos começaram a endurecer e começaram a atrofiar. E eu fui pra trás... Eu não tenho vergonha de falar isso. Eu fui pra trás da casa e eu urinei na mão. A urina muito quente... Aí foi voltando ao normal, e eu falei com o cara: “Eu não aguento. Para a minha hora e eu vou pra dentro da van, porque eu não tô mais aguentando de frio” (Wanderson, 34 anos).

Desde que eu cheguei, eu comecei trabalhar com pintura de casa. Tanto interior quanto ex... exterior. Claro que, no inverno, né, só interior. Que a região que eu morava era... o inverno era muito frio mermo. Então... Eu já trabalhei com limpeza também. Só que a limpeza era, era uma... um... um *part time*, né? Que é uma... [...] Não, eu limpava uma transportadora [...] à noite. É uma franquia que eu consegui comprar lá, depois de um tempo que eu tava; uma franquia de limpeza, e eu limpava essa, essa... empresa à noite, de segunda a sexta. E, durante o dia, eu trabalhava na pintura. Mas já fiquei também, no inverno, sem trabalhar alguns dias. E aí te... fui trabalhar com neve. Né? porque era o que tinha. Então... (Maxuel, 34 anos).

O primeiro entrevistado, no momento em que fez a afirmação, flexionou levemente os dedos e franziu o rosto, sinalizando o atrofiamento das mãos. A sua voz desacelerou e o tom deu aparência de sério. O segundo entrevistado, ao falar sobre o trabalho de limpeza de neve, atribuiu avaliação ao dito quando abaixou o tom da voz, destacando o valor negativo da ocupação. O seu olhar e semblante, em mímica, também foram acionados no momento da fala. Segundo Bakhtin (2011), o tom da voz não é neutro, mas valorativo, de forma que toda palavra lançada é responsiva. O valor atribuído no tom de sua voz foi reforçado quando o entrevistado verbalizou sobre o trabalho nesse ramo, classificando-o como “terrível”.<sup>177</sup>

<sup>175</sup> GOVERNADOR VALADARES (cidade). PLANO DE MANEJO do Parque Natural Municipal de Governador Valadares/MG- 2011.

<sup>176</sup> EMBAIXADA dos Estados Unidos da América. Boston, Massachusetts: cidade americana de “primeiros”.

<sup>177</sup> Nota-se que os dois entrevistados, Wanderson e Maxuel, residiram na região de Boston, no estado de Massachusetts.

Terrível! Porque você tem... tem... o... a gente tem que se... Primeira coisa cê tem que fazer cê tem que comprar um equipamento muito bom. Porque é muito frio. As luvas, a sua roupa... tem que ser uma roupa... a sua bota tem que ser uma bota que não molha porque... com o tempo, depois de algum tempo, cê tá... rapando a neve ali, ela começa a molhar e começa a congelar su... os dedos do pé. Então... cê realmente nun... num guenta. Então cê tem que comprar um equipa... Às vezes, eu por por ser... a primeira vez que eu fui rapar, por exemplo, eu num me equpei direito, tive que parar no meio porque num guentava mais de tão frio e... os dedos congelano. E, assim, é... só quando cê precisa mesmo. Porque, se tiver outro recurso [...], ninguém quer fazer, não (Maxuel, 34 anos).

As dificuldades encontradas nos EUA podem ser as mais diversas, podendo estar ligadas a causas múltiplas. As dificuldades apresentadas, acima de tudo, demonstram que elas são complexas, como em consideração às dificuldades de adaptação, nas limitações no uso da língua e a mudança de *status* no mercado de trabalho, com um caráter psicossocial; podem ser também geográficas, como em relação ao clima; como também em relação ao meio de transporte, que é fundamental para algumas ocupações, como no serviço de faxina de casas. Como se nota, além de questões linguísticas, muito recorrentes nos relatos, há fatores externos, como o clima, que não se reduz simplesmente à temperatura em si, mas aos trabalhos a ele associados. Em todos os casos apresentados, destaca-se que as dificuldades estavam ligadas ao trabalho.

### 6.3 PRÁTICAS DE LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO

A língua, em seu sentido discursivo, isto é, no seu uso em situações concretas da vida humana, não se limita a apenas uma oração gramatical, mas se manifesta como uma prática social, histórica e cultural. Como prática humana, ela se integra à vida por meio de enunciados concretos; em outra direção, é também mediante a realização de enunciados que se concretizam que a vida entra na língua (BAKHTIN, 2011). A partir desse pensamento, não caberia aqui abstrações extremadas, como em desconsideração à dinâmica da vida presente nas práticas de língua. Não que a língua seja um organismo vivo, mas, no seu uso real, é praticada por sujeitos dinâmicos. Por esse pensamento, a língua aqui percebida não se reduz a uma perspectiva isolada. Antes, busca-se compreender o fenômeno estudado a partir de sua própria complexidade, evitando qualquer naturalização linguística. Em vez de categorias rígidas de análise sobre o objeto, o fenômeno é que, na medida em que é analisado, apresenta o seu próprio caminho. Ainda que não esgotáveis, a seguir são apresentados os contornos

básicos da natureza multifacetada da língua inglesa em uso, nos EUA, sobretudo, a partir das percepções e experiências de sujeitos imigrantes brasileiros.

A língua inglesa, assim como qualquer outra língua praticada por falantes reais e em comunidades reais, não é regular e abstrata ao ponto de pensarmos em um monologismo fechado, em uma prática incapaz de admitir outros modos de uso gramaticalmente corretos. A sociolinguística, conforme exposto em capítulo anterior, é um campo dos estudos de língua que trata das variedades linguísticas como um tema primordial. Essa realidade é atestada nas percepções do entrevistado Washington, que demonstra sobre como a língua, desde a prática dos falantes nativos, não é monológica, no sentido de ser invariável, mas é variada ao ser concretizada pelos seus falantes.

Então, por exemplo, você tem (1) o americano do sul, que é o George Bush. Só você ouvir uma entrevista do Bush, que é aquele inglês pelo nariz, é... tem o *red neck*, que... o George Bush é um *red neck*, mas ele fala o inglês, o... o inglês próprio, correto [...]. (2) Então, quando você encontra com um americano branco de construção, que é o *red neck*, do sul dos Estados Unidos, é outro inglês, cara. A negativa é diferente. Eles usam o inglês diferente, extremamente nasal a pronuncia. (3) Os negros americanos, outra língua. Outra língua. Um inglês totalmente abreviado, gírias próprias, palavras próprias... Então eu fui conseguindo notar essa diferença en... entre, entre a língua inglesa nos diferentes grupos de americanos [...], né? Então, quando você vai à (4) Nova Iorque, é outro inglês. Você vai à (5) Califórnia, é outro inglês. Os sotaques diferentes. 'Tão com o tempo lá você consegue já, é... é... perceber isso nas, nas conversas, nas falas das pessoas [...] (Washington, 39 anos)<sup>178</sup>.

Segundo Hymes (2002), as variedades linguísticas, comuns em uma comunidade de falantes, não devem ser tomadas como línguas diferentes, mas como modos de realização de uma mesma língua. Dessa forma, é natural que um país como os EUA, em que a língua se associa a outros elementos além do código linguístico, como cultura, geografia, acontecimentos históricos, configuração social, escolaridade dos falantes etc., apresente variedades de formas linguísticas entre seus usuários. Nos EUA, as diferenças linguísticas, que podem ser percebidas pelos imigrantes em contato direto com os falantes nativos, têm sua própria história e razões políticas, que podem ser buscadas na ocupação territorial do país. Kurath (1972) apresenta um panorama sobre a história da língua inglesa ao destacar sobre as diferenças regionais de pronúncia. No que se refere ao uso de formas mais cultas da língua e suas variações, em que se destaca tipos de falas da região sul do país e de outras regiões, o autor pontua:

---

<sup>178</sup> A numeração foi adicionada pelo pesquisador, não compondo o relato do entrevistado. O mesmo procedimento se repete em outros relatos.

Nos Estados Unidos, as diferenças regionais de pronúncia e de uso no seio de falantes instruídos são bem evidentes ao longo da costa atlântica, do Maine à Flórida. A pesquisa sistemática desta área extensa pelo corpo de pesquisadores do *Linguistic Atlas* – um projeto iniciado pelo *American Council of Learned Societies* – não deixa dúvidas a respeito. As razões históricas para esta situação são perfeitamente evidentes. Geograficamente separada uma da outra por cerca de um século, e sem laços políticos, econômicos ou culturais entre elas antes da Guerra da Independência, cada uma das colônias que estavam ligadas por mais de mil milhas ao longo da costa do Atlântico desenvolveu sua própria variedade regional de inglês sob a direção do inglês britânico padrão. A Nova Inglaterra oriental e Ocidental, o vale do Hudson que vai de Nova Iorque a Albany, a Pensilvânia Oriental com centro em Filadélfia e Virgínia Oriental, até esta data, configurações distintivas de traços fonológicos e léxicos caracterizam a fala dos naturais de Boston, de Nova Iorque, de Filadélfia, da Virgínia e da Carolina do Sul. No avanço do povo norte-americano para o oeste, estas variedades do inglês foram levadas até a costa do Pacífico durante mais de meio século: o tipo ocidental da Nova Inglaterra via Grandes Lagos, o tipo sulista, ao longo do Golfo do México, e o tipo da Pensilvânia através da área central (KURATH, 1972, p.78).

As variações linguísticas, na verdade, constituem um fenômeno comum nas línguas em geral, que são observadas nas percepções dos imigrantes e nos estudos de variações linguísticas. Retomando uma menção anterior, nos Apalaches rurais, nos EUA, pode-se ouvir pronúncias de verbos com um prefixo “a”, tais como *a-fishin* e *a-comin*. Na região leste, além da palavra *dragonfly*<sup>179</sup>, na região leste, incluem os termos *darning needle*, *mosquito hawk*, *spindle*, *snake feeder*, *snake doctor* e *snake waiter*. Dessas expressões, apenas *darning needle* é usada em Nova Iorque. Entretanto, a partir de *darning needle*, Nova Iorque desenvolveu duas novas variantes: *dining needle* e *diamond needle* (HOLMES, 2013). Além do vocabulário, há também os sotaques, que também variam regionalmente, seja através de falantes nativos ou na fala dos diversos grupos étnicos que incorporam a língua inglesa em suas práticas. Daí ser comum imigrantes brasileiros relatarem sobre o inglês indiano, por exemplo.

O indiano pode viver sessenta anos lá que ele vai sempre falar o inglês britânico [...]. Arrastado [...]. Ele não fala inglês americano. Não é igual nós, brasileiros, que... podemos até falar inglês britânico aqui, mas, chegando lá, rapidinho a gente se... socializa e fala o inglês deles. O... o indiano, não. O indiano você o... o conhece em qualquer... em qualquer ligação você já sabe que é um indiano, por causa do... do... do... do sotaque [...] dele (Daiane, 43 anos).

Sobre a questão dos sotaques, a narrativa bíblica, no livro dos Juízes, traz uma história que ilustra sobre questões geográficas, dialetais e as relações de poder que podem estar envolvidas. Trata-se dos gileaditas, que, ao comando de Jefté, derrotaram os efraimitas e os impediram de voltar ao seu território nativo ao colocarem guardas nas únicas passagens pelas

---

<sup>179</sup> *Libélula*.

quais se podia atravessar a seco o rio Jordão. Os guardas foram orientados a ordenar aos atravessantes que dissessem a palavra *shibbôlet*, que quer dizer espiga. Segundo os comentários de Alonso Schökel (2002), em hebraico se refere à variação inicial “s”, que os efraimitas pronunciam “s”. Na tradução inscrita na Bíblia do Peregrino<sup>180</sup>, em vez de “espiga”, os efraimitas pronunciaram “eshpiga”. O final, como conhecido, foi trágico para aqueles que, naturalmente, não puderam disfarçar sua origem e sotaque<sup>181</sup>.

Outra recorrência presente nesta análise diz respeito às modalidades linguística de *fala, compreensão, leitura e escrita*. Os valores referentes às práticas dos sujeitos em relação às modalidades linguísticas podem ser compreendidos em duas partes. A começar pelas primeiras informações colhidas, os entrevistados, diante das opções valorativas *muito bem (MB)*, *bem (B)*, *regular (R)*, *um pouco (UP)* e *muito pouco (MP)*, deveriam atribuir alguma dessas qualidades ao seu nível de habilidade na língua inglesa no que se referia respectivamente à *fala, compreensão e leitura*<sup>182</sup>. As primeiras observações, ainda que em seus limites, considerando que não havia qualquer objetivo dialetológico ou de testes no trabalho, possibilitaram algumas reflexões importantes. Na ocasião, a habilidade de compreensão superou em valor as demais modalidades. O gráfico seguinte (gráfico 2), em um recorte atualizado do primeiro momento<sup>183</sup>, com a seleção de 11 dos seus sujeitos para esta dissertação, apresenta as porcentagens acerca das atribuições dadas pelos entrevistados às suas habilidades.

---

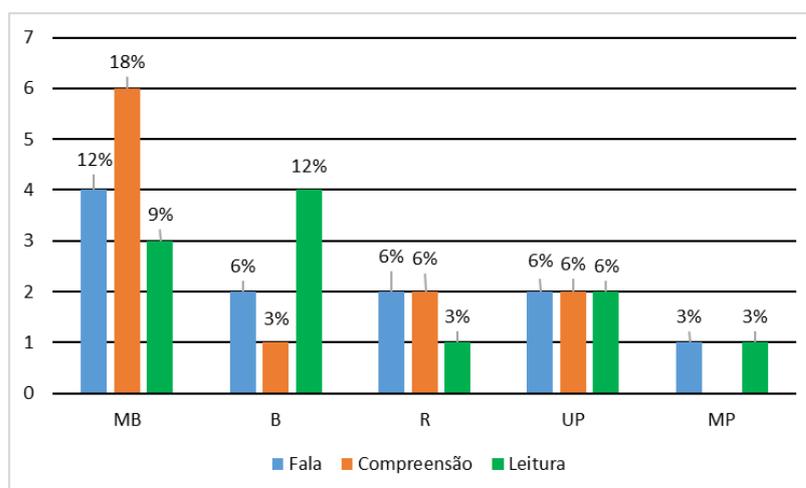
<sup>180</sup> Eis o texto (Juízes 12: 4-6), na versão de Luís Alonso Schökel (2002), na Bíblia do Peregrino: Em seguida reuniu todos os de Galaad e atacou os de Efraim. Os galaaditas derrotaram os efraimitas. Ocuparam os vaus do Jordão, cortando a passagem a Efraim. E quando os efraimitas fugitivos lhes pediam: “Deixai-nos passar!”, os galaaditas perguntavam: “És de Efraim?”. O outro respondia: “Não”. Então lhe ordenavam: Dize ‘espiga’. Ele dizia: “Eshpiga”, pois não sabia pronunciar corretamente; então agarravam e o degolavam junto aos vaus dos Jordão. Assim, nessa ocasião morreram quarenta e dois mil efraimitas.

<sup>181</sup> Essas reflexões partem de Mey (2006), que, além do referido caso ilustrativo em seu texto *Etnia, identidade e língua*, acrescenta também o evento de Pedro e sua galileidade, denunciado como seguidor de Cristo pelo seu indistintável sotaque.

<sup>182</sup> Na ocasião, em que a pesquisa tinha seus objetivos próprios, não havia alguma opção relacionada à *escrita*. Sobre essa modalidade, o pesquisador fez perguntas livres.

<sup>183</sup> Pesquisa *Perfil de Saúde dos Imigrantes Brasileiros Retornados à Governador Valadares*.

**Gráfico 2 - Atribuição de valores quanto ao sucesso na habilidade de fala, compreensão e leitura em língua inglesa (%)**



Fonte: Banco de dados do NEDER - 2015  
Total de casos válidos: 11

Em semelhança às considerações feitas na amostra anterior, na metodologia, a *compreensão*, pelo menos no valor *MB*, superou as demais modalidades, somando 18%, não apresentando nenhum número em relação ao valor *MP*. Entretanto, reflexões mais amplas podem ser vistas ao levar essa questão para o campo discursivo. Conforme a apresentação dos sujeitos anteriormente, o fenômeno linguístico e o fenômeno territorial estão intimamente ligados às relações. No mercado de trabalho, por exemplo, as relações são predominantemente estabelecidas mediante subcontratação, de forma que o imigrante geralmente não tem uma relação direta com o nativo, deixando, quase sempre, toda a tarefa comunicativa ao brasileiro contratante que, além de veículo próprio, experiência de EUA, sabe se comunicar na língua inglesa, pois é com essa língua que os serviços são combinados com o nativo.<sup>184</sup>

O entendimento a respeito das modalidades de língua pode ser ainda alargado a partir de uma compreensão de língua como prática social. Por essa perspectiva, elas não devem ser tomadas de modo estável e invariável. No presente estudo é possível perceber que a experiência dos imigrantes, comum em uma percepção da língua em sua prática por sujeitos, as modalidades têm suas aberturas fronteiriças, não podendo ser vistas em estados puros e estáveis. Ao contrário, as modalidades, no uso real da língua, estão comumente imbricadas (MARCUSCHI, 1997). E, em alguma medida, *fala, compreensão, leitura e escrita*, em maior ou menor grau às quais o imigrante esteja exposto, fazem parte da vida diária desses sujeitos, pelo menos quanto a sua exposição às manifestações da língua: no trabalho, no comércio, no

<sup>184</sup> Destaca-se mais uma vez a fala da entrevistada Sônia, 36 anos, em seu relato: “[...] Necessidade de compreender a que me pediam; não havia tanta exigência sobre falar; [era mais importante] fazer o que era exigido”.

metrô, na igreja etc. Entretanto, a experiência desses sujeitos com as referidas modalidades da língua inglesa não deve ser vista como na experiência com a língua materna, na qual tem competência desde a mais tenra idade<sup>185</sup>.

No relato de Jorge, em outro exemplo, pode-se perceber as imbricações presentes na prática e assimilação dessas modalidades. Sobretudo, é importante que se leve em consideração que, além do convívio com a namorada norte-americana, que o auxiliava em suas demandas em língua inglesa, o entrevistado, por meio de incentivo da namorada, matriculou-se em um curso de inglês oferecido pela Harvard. Dessa forma, o seu aproveitamento na língua, nos diversos espaços frequentados na vida cotidiana, nos mais diversos gêneros discursivos, pôde ser dado de uma forma mais ampla, de modo que, em uma situação de total estranhamento, o mesmo efeito, provavelmente, não seria possível.

Mas tudo que me era interessante, eu lia... é... se eu não entendesse tudo, eu guardava aquele pedacinho pra ler mais tarde, né?, de preferência perguntando à Mag<sup>186</sup>, o que que ele tava escrito ali, é... Mas essa leitura não é só de alguma revista ou livro ou jornal. Essa leitura é constante. Cê tá num metrô, indo do ponto A ao ponto B, cê tem um punhado de informações, dentro e fora do metrô, que ocê tá toda hora... por exemplo, cê passa em frente um a uma loja todo dia, tem um... um... um letreiro lá que ocê, cê passou uma vez, cê num entendeu, cê pra... vai procurar saber, da próxima vez, né? e assim vai, né, é... Propagandas dentro do metrô falando de médico, falando de advogado, cê vai, cê vai, cê vai, se cê relaciona daquilo de maneira que passa ser, é... naturalmente percebido pelo seu senso [...], pelos seus sentidos, né. É isso, é... aquela, né, toda aquela... (Jorge, 50 anos).

Uma situação semelhante à de Jorge, no sentido de passar pelo aprendizado formal da língua, mas em condição distinta, é o caso da entrevistada Brenda, que emigrou em companhia dos pais aos dez anos de idade. Ainda que a leitura e escrita não devam ser ignoradas nas experiências informais, evidentemente, é em cursos formais ou na escola que se terá um ensino sistemático das modalidades de *leitura* e de *escrita*. Ainda que indocumentado, é possível filhos de imigrantes entrarem em escolas regulares. No caso do aprendizado formal na escola, além da disciplina propriamente da língua, as demais, como a de biologia, ciências e matemática, são ministradas também em língua inglesa.

---

<sup>185</sup> Conforme o inatismo de Chomsky (2002), a criança exposta à língua reproduz desde muito cedo as construções gramaticais nesse sistema de língua. Daí a falácia em supor que uma pessoa adulta nascida no Brasil, por exemplo, não sabe falar o português.

<sup>186</sup> Mag foi uma norte-americana que o entrevistado namorou nos EUA.

Pra eu começar a me virar mesmo demorou, no máximo, um ano e meio [...]. Só que lá nós não... a gente... a gente mesmo saindo da sala de aprendizado básico [...], tem o... os alunos que chegam, tem uma... um [...] uma turma especial pra isso [...], que eles aprendem o inglês mais básico então. S... e... é simultâneo às aulas normal: de ciência, biologia, essas coisas. Aí chega um... a gente é avaliado por cinco anos [...]. Então todo ano a gente teve que fazer um teste pra ver como que tava nosso inglês [...], falando inglês fluente, ou não. Cê tinha que fazer esse... esse teste [...]. Mas pra mim, a partir desse um ano e meio, eu já tava me comunicando bem, eu já tava tirando [...] nota com excelência [...] em escre... em escrever, então... (Brenda, 23 anos).

Segundo Marcuschi (1997), a fala, mais antiga que a escrita, é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia. Por outro lado, a escrita é adquirida em contextos formais, como na escola. Para o autor, fala e escrita estão situadas nas formas de uso da língua. Não se trata de dois *dialetos*, de uma variação, mas de duas modalidades de uso da língua. Numa perspectiva *interacionista*, a relação entre essas modalidades é compreendida em um *continuum* textual<sup>187</sup>. Em vez de dicotomias ou relações lineares, Marcuschi (1997) atenta para o dinamismo de suas relações e para o *continuum* que se manifesta entre essas duas formas de uso da língua. O caso de Brenda pode ser posto em contraste com o imigrante que vai adulto. Enquanto Brenda, na escola, aprendeu a língua em todas as suas modalidades, o adulto geralmente aprende nas práticas cotidianas, principalmente de trabalho, com aproveitamento inferior na escrita, comumente aprendida na escola.

Ainda conforme o autor, que trata da língua em uma perspectiva social, quando a escrita passa a ser um fenômeno de massa e desejável a todos os seres humanos, essa também passa a ter um *status* singular no que se refere às atividades cognitivas em geral. Muitos a almejam como um passaporte para a civilização e para o conhecimento. Apesar da não concorrência natural entre as modalidades, no sentido de uma ser melhor que a outra, na prática social a escrita pode ser mais prestigiada do que a oralidade. Em consequência, não é incomum esse “bem” endossar ainda mais a dissimetria nas relações sociais, marcadas pelo poder, em que usuários se sobrepõem a outros pelo domínio da técnica. Esse reconhecimento aos valores sociais em relação à aprendizagem dessas modalidades e, conseqüentemente, ao domínio da técnica e usufruto das possibilidades no mercado de trabalho mediante a língua, é demonstrado no depoimento de Douglas, que acredita ter deixado de alcançar posições privilegiadas devido a sua falta de competência na língua inglesa e, em contrapartida, propõe uma espécie de conselho a um interlocutor tipificado<sup>188</sup>.

<sup>187</sup> Autor prefere texto a discurso em suas reflexões.

<sup>188</sup> Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) discutem sobre o orador e a sua criação de auditório para o qual a argumentação é destinada.

[...] Então eu aconselho quem tem vontade de ir, vai tentar [...]. Isso que eu aconselho. E procurar conhecimento [...]. Porque... é... é conhecimento que abre porta, né? [...] e oportunidade [...]. Se você fala um bom inglês, se você não conseguiu portas abertas lá, você consegue num hotel de luxo no Rio, em São Paulo... [...] de *translation*. Se você fala um bom inglês, você vai trabalhar companhias americanas. Se você tem o conhecimento co... com outras áreas de trabalho braçal, você tem mais porta aberta [...] (Douglas, 40 anos).

Na experiência individual, os falantes podem também acionar alguma modalidade, em discurso interior, para auxiliar na externalização de outra modalidade em uma situação real. A forma escrita de uma palavra pode auxiliar na pronúncia e no emprego de uma determinada palavra para dar algum sentido; por exemplo, quando há casos em que a pronúncia de certas palavras, por serem semelhantes no som, é diferenciada com mais segurança pela sua grafia articulada mentalmente. O caso de Jorge aponta para esta questão.

Mas, na realidade, esse código, que a gente chama de idioma, ele é muito, é... elaborado, ele é muito, né... e quando você vai aprender uma língua nova, se você falar ela só intuitivamente, igual você faz com a língua nativa, você vai errar muito mais do que se você procurar conhecer a palavra. Uma palavra que é escrita, por exemplo, é... “*now*”, quer dizer “agora”, é mais ou menos igual “*know*”, que é “saber”. A única diferença é o “*k*” que vem antecedendo o “*n*”, entendeu? Então fica, no sa... “saber” é *ki-nou* [o entrevistado pronuncia], *ki-nou*, tem o “*k*”, não fala ele... mas você pensa nele. Eu penso nele. Entendeu? E o... e o... agora num tem o “*k*”, é o saber sem o “*k*”. Então, quando você... quando você memoriza a palavra, você tem como... você tem como ler, por exemplo. Você tá lendo, você sabe se é “saber” ou se é n... “agora”. E como você vai escrever é a mesma, da mesma forma, né? Você tem mais fluência, vamos dizer assim. É isso [...] (Jorge, 50 anos).

A comunicação verbal, segundo Bakhtin (2010), deve ser compreendida em sua vinculação com a situação concreta de sua realização. Ela não deve ser apercebida isoladamente, mas entrelaçada e inerente aos outros modos de discurso, compondo um todo heterogêneo. Dessa forma, em virtude desse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal tem ao seu lado atos sociais de caráter não verbal, como gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, mímicas, cerimoniais etc., portando-se, muitas vezes, apenas como complemento, exercendo um papel meramente auxiliar nas práticas sociais. O caso de Jorge, imigrante que teve um amigo vietnamita, ilustra bem o fato de a língua não estar contida apenas na verbalidade, podendo esta, em algum momento, ser apenas um acessório de pouca evidência.

É, ele fazia festa todo dia, todo dia tinha festa [...]. Todo dia tinha festa. E aí, todo dia ele me convidava, porque ele morava no apartamento de frente ao meu [...]. Então, parece que ele ouvia eu mexendo na porta, aí ele aparecia na porta dele também “Ó, tem festa hoje, tem festa hoje”. E... aí, eu ficava, ele falava, ele falava, o inglês dele era horrível; ele não falava bem o inglês, eu não sabia nada de inglês. Mas, né, ele falava “te quero na festa”.

.....  
Ah, ficava lá um rindo po oto, um rindo do oto. Só mandando brasa lá e, geralmente, era em apartamento, né, lá fora frio demais, aí era assim, era assim... [...].

Pois é... [...] pois é. Eu lembro do Dan contando as coisas pra mim, ele morrendo de ri contando as coisas pra mim, e eu morria de rir, eu não entendia nada do que ele tava falando e era assim, era assim. O outro vinha e falava *ãũãubaié habaué haun* [O entrevistado reproduz a situação comunicativa acerca de como as palavras eram incompreensíveis]; também não entendia porra nenhuma. É, pois é isso. Eu não entendo [...]. Eu não consigo entender, mas essas coisas acontecem [...]. É, uê. É, eu era amigo deles. Via no *sabway*, vinha e batíamos o maior papo, eu em português e ele no idioma dele e, quem achava no trem, no trem, quem via a gente conversando, achava que tavam lá havendo um diálogo, num tinha diálogo. O que tinha ali era uma co cortesia, era um, né, um sendo gentil com o outro e tal *aumiaomaiaoi* [reproduzindo a situação de como as palavras eram incompreensíveis] e eu... beleza! Eu lá... Entendeu? (Jorge, 50 anos).

Pelas explanações anteriores, no entendimento de uma língua multifacética e praticada em *compreensão responsiva ativa*, bem como pela densidade do relato acima, a língua neste estudo deve ser percebida em sua complexidade inerente, em que traz consigo harmonias e ambivalências, estabilidade e fluxo, linguística e metalinguística, abertura e fechamento. Em algum momento, ela pode ser mais gramatical, como um código a ser decifrado; em outra situação, muito mais estilística. Na situação dialógica de Jorge, além das palavras em sua materialidade em gêneros, o tom, que pode ser denominado de entonação expressiva, é também um elemento significativo no discurso, chegando a sobrepor a verbalidade. As marcas do tom podem assumir uma tonalidade mais seca ou mais respeitosa, mais fria ou mais calorosa, expressar alegria, tristeza, descontentamento etc. (BAKHTIN, 2011). Nesse evento comunicativo apresentado, a verbalidade foi apenas um mero acessório ao lado da qual os interlocutores acionaram outros elementos de sentido, como atos sociais relacionados ao encontro de amigos e as expressões valorativas intrínsecas nas palavras, não menos significativas que estas.

Um outro elemento de sentido presente nas práticas do imigrante, que se liga a este apresentado, diz respeito àquele realizado por meio de gestos<sup>189</sup>, como no relato de Douglas, entrevistado que revela sobre suas dificuldades na língua inglesa e o uso de gestos no auxílio de suas falas; e como já apontado, as palavras podem ser apenas um acessório em um

---

<sup>189</sup> Conforme Charaudeau & Maingueneau (2016), os gestos são de utilidade tanto para o emissor, na regulação emocional, quanto para o receptor, como na contribuição dos gestos ilustrativos, para denotar, e os gestos expressivos, para conotar.

conjunto de outras expressões de sentido. Nos relatos dos entrevistados sobre suas gestualidades para se comunicarem, as falas, não raras vezes, foram expressas aos risos durante as entrevistas.

É... n... a gente fazia ré... tanto gesto que a gente parecia que tava conversano com a língua do mudo. E o americano também conversa muito gestos, muitas das coisas a gente entendia s... só na, no jeito que ele fazia o gesto [...] (Douglas, 40 anos).

É... no hospital, por exemplo, eu ia conversar com o médico, e... e..., às vezes, eu... eu falava que não precisava de tradutor: “Não, não quero tradutor; eu mesmo conversar com ele”. Porque eu queria me virar [...]. Então, às vezes, eu tinha que ficar fazendo sinal. E... pra ele. É... “Dói” [O entrevistado simula como apontava com o dedo]. “Aqui” [...]. “Here!”. É... “Here!”. “Dor... aqui...”. Naquele jeito, sabe? E... e eu me virava. Eu conseguia me virar. E ele me ajud... As pessoas também ajudam, né? [...]. Assim, a própria pessoa, o próprio americano (Maxuel, 34 anos).

A gestualidade, no tratamento de Bakhtin (2010) sobre a psicologia do corpo social, está entre os diferentes modos de discurso. Como na vida real dos imigrantes brasileiros nos EUA, exemplificados pelos enunciados de Jorge e Maxuel, há outros elementos além dos propriamente linguísticos nas relações sociais.

A psicologia do corpo social é justamente o meio ambiente inicial dos *atos de fala* de toda espécie, e é neste elemento que se acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta: as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e, no concerto, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal face às realidades da vida e aos acontecimentos do dia-a-dia, o discurso interior e a consciência auto-referente, a regulamentação social, etc. A psicologia do corpo social se manifesta essencialmente nos mais diversos aspectos da “enunciação” sob a forma de *diferentes modos de discurso*, sejam eles interiores ou exteriores [...] Todas estas manifestações verbais estão, por certo, ligadas aos demais tipos de manifestação e de interação de natureza semiótica, à mímica, à linguagem gestual, aos gestos condicionados, etc. (BAKHTIN, 2010, p.43).

Nesse entendimento, a prática linguística não deve ser dissociada dos aspectos ideológicos da vida cotidiana, como as conversas informais entre vizinhos, opinião sobre um determinado assunto, os comentários fortuitos, as ações e reações diante das realidades da vida diária, que, de alguma forma, dão o contorno do repertório a ser utilizado em uma dada situação, questões que podem ser assimiladas no convívio com nativos, como também com brasileiros há mais tempo no país. Nas práticas sociais diversas, como no atendimento médico de Maxuel, que se ligam à língua verbal, como em “*Here!*”<sup>190</sup>, estão as manifestações semióticas diversas, como a mímica, que pode ser expressada em um semblante de dor, os gestos, na indicação com o dedo indicador em riste sobre o local do problema.

<sup>190</sup> Significa literalmente *aqui*.

Acompanhando essas expressões, como no caso de Jorge, há também o tom da voz, os valores atribuídos ao que é dito pela expressividade estilística dos interlocutores, bem como pela materialidade da palavra em gênero<sup>191</sup>, que atende a uma determinada esfera social. No caso de Jorge, a informalidade de um encontro entre amigos; na situação vivida por Maxuel, um atendimento médico, no qual há o gênero de relato de um paciente ao médico, podendo ser acionados tipos narrativos ou descritivos<sup>192</sup>.

No contexto de migrações, com subjetividades múltiplas, há indivíduos com experiências prévias com a língua inglesa, outros não mais que o ensino fundamental, em uma época em que mal pensavam em migrar; outros, que, antes mesmo de partirem, tinham o objetivo de aprender a língua; também aqueles que, sem planejamento prévio, estudaram a língua nos EUA por iniciativa própria ou incentivo de alguém; outros, que apenas iniciaram um curso, mas não terminaram; outros, que, além de fazerem curso namoraram nativas; outros, que absorveram o que foi possível apenas nas relações face a face, com todas as questões envolvidas na língua, como variação, uso das modalidades, sotaques etc. Na prática da língua desses sujeitos, embora seja predominantemente destinada a finalidades laborais, os contextos podem ser diversos: em um atendimento médico, em diálogo com o nativo ou um sujeito de outra etnia, como o iraquiano citado por Antônio, que toma a inglês como o código autorizado para a interlocução, entre outros. Acrescenta-se a isso as relações entre sujeitos, que, juntamente com a mudanças dos atores, padrão, um amigo ou a namorada, mudará também o modo da fala e as conformações em gênero, que atendem às diversas esferas comunicativas. Diante desse contexto complexo, em que se mesclam experiências diversas, não é salutar uma abordagem monolítica neste estudo.

Cesar & Cavalcante (2007), abordando o conceito de língua, aborda sobre este e, conseqüentemente, sobre outros termos dele decorrentes, como o dialeto, a variedade e o bi/multilinguismo, questionando qualquer estabilidade sugerida a essas terminologias. Nesse caminho, os autores pontuam sobre os limites e simplificações que linguistas cometem ao tratarem sobre a língua no contexto complexo da vida humana. Com uma preocupação a respeito dessas abstrações, os autores propõem, ainda que provisoriamente, a imagem do caleidoscópio para pensar a língua no contexto social.

---

<sup>191</sup> Segundo Bakhtin (2011), os gêneros são relativamente estáveis, não compoendo uma criação do falante. Na prática, a fala sempre se materializa em alguma forma genérica.

<sup>192</sup> Conforme Marcuschi (2008), o tipo textual diz respeito a uma construção teórica subjacente aos textos, sendo definida pela natureza linguística de sua composição. Sem tendência a aumentar, o autor apresenta as seguintes categorias: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

O caleidoscópio, sendo feito por diversos pedaços, cores, formas e combinações, é um jogo de (im)possibilidades fortuitas e, ao mesmo tempo, acondicionadas pelo contexto e pelos elementos, um jogo que se explica sempre fugazmente no exato momento em que o objeto é colocado na mira do olho e a mão o movimenta; depois, um instante depois, já é outra coisa. No caleidoscópio formam-se desenhos complexos a partir de movimentos, de combinações. Parece uma imagem feliz para descolar as concepções de língua das concepções de nação e território estabilizadas politicamente e de níveis hierárquicos, num caso e num outro, totalidades que se mantêm como “grande narrativa”, justamente por conta de um arcabouço teórico anacrônico (CÉSAR & CAVALCANTE, 2007).

Maher (2007), em um caminho semelhante, questiona sobre idealizações que são feitas acerca do bilinguismo (ou do bilíngue), apontando que não é possível que comportamentos em uma determinada língua sejam idênticos em outra, o que depende do tópico, da modalidade, do gênero discursivo; que também depende das necessidades impostas por sua história pessoal, como das exigências de sua comunidade de fala. A autora toma sua própria experiência com o português e o inglês. Enquanto na leitura acadêmica considera ler com competência no inglês, de forma que se equipara a sua competência no português, em um debate oral, acerca de um mesmo assunto em um congresso científico, a sua competência em português é bem maior. Por sua vez, se a questão é marcar uma consulta por telefone, mais uma vez há equivalência; além de outros exemplos dados.

Ao tomar os resultados deste estudo ao lado de todo esse suporte explicativo de língua, pode-se entender que a língua inglesa, na prática do imigrante brasileiro, é uma questão complexa, podendo congrega harmonia a conceitos estabilizados em linguística, como congrega ambivalências, na complexa relação entre *langue* e *parole*<sup>193</sup>. Nas práticas socioterritoriais sobrepostas do imigrante, ela pode ser um sinal e um signo, uma gramática de norma a ser aprendida e uma prática social com as mais variadas manifestações interacionais; uma língua, em suas perspectivas mais abstratas, como também um discurso, trazendo consigo sentidos que não se limitam a um sistema. Manifesta-se externamente em palavras audíveis e estáveis de uma língua nacional, mas se concretizam no estilo de seus falantes, que, juntamente com as palavras audíveis, há a vozeria de discursos e réplicas interiorizados, seja no inglês ou em português enquanto se fala em inglês. Ela é, em algum ângulo, sistemática, mas seu sentido e realização não se plenifica senão na sua prática e nas relações sociais e humanas. Não é determinada pelos diversos espaços, mas é influenciada ou até condicionada por alguns deles. A língua aqui, em uma forma latente, pelo menos na perspectiva prezada neste estudo, é essencialmente heterogênea, relacional, contextual e situacional.

---

<sup>193</sup> Esses termos fazem parte da dicotomia saussuriana, sobre os quais há uma exposição em capítulo anterior.

## 6.4 LÍNGUA INGLESA: ACESSOS E LIMITES TERRITORIAIS

### 6.4.1 Fronteiras linguísticas da imigração: as esferas comunicativas e os gêneros

Os gêneros de discurso, que são diferentes modos de discurso, ocupam um lugar especial no dialogismo bakhtiniano. Segundo Bakhtin (2011), não há uso linguístico que não seja realizado em alguma forma de gênero<sup>194</sup>. E as suas escolhas passam por considerações temáticas, pela situação concreta da comunicação discursiva, bem como pela composição pessoal dos sujeitos do discurso. A intenção discursiva dos falantes, considerando sua individualidade e estilo, é materializada em alguma forma de gênero. Os formatos de gêneros são os mais diversos, sem limites para a criação de novos e transformações dos já existentes. Desde os primeiros contatos com a língua materna, essa é realizada através de enunciações em formas concretas e genéricas. Não aprendemos simplesmente léxicos ou gramática, mas enunciados, que são concretizados em formas relativamente estáveis. Assim, aprender a falar é aprender a construir e praticar enunciados. Dominar uma língua não é apenas dominar uma gramática, mas também dominar as formas de gênero de dada esfera, que são essencialmente sociais (BAKHTIN, 2011).

O imigrante brasileiro, condicionado pelas suas ocupações e demandas cotidianas, lida com as mais diversas formas materializadas da língua. Além das variedades, numa outra escala, há os gêneros, que se submetem às mais diversas práticas sociais. As palavras de Washington dão uma amostra desse fato:

[...] Tive uma dificuldade ach que até o primeiro ano, de inglês; eu fiquei quase sete lá, é... (1) O inglês por telefone é outra coisa. Você falar pessoalmente... Quando você liga pro americano, você não entende nada. Entendeu? Eu tive que aprender a falar inglês por telefone. Eu ficava ligano, ligano, ligano. Eu trabalhava com construção, eu tinha que ligar pra companhia, pra pegar material, fal... (2) Passar um relatório de como foi o dia [...]. (3) E tem o inglês específico... que você estuda o inglês na, na escola, e você vai pra construção civil. Prego tem um nome, parafuso tem um nome [...]. O... o acabamento no teto da uma casa ss... são nome específicos [...]. Então, além da língua geral, você tem que aprender o inglês técnico, que é o inglês da sua área. Seja ela de restaurante, seja de lava-jato, seja de construção civil, de pintura, de cerâmica. Então, ou seja, o imigrante... você tem o... são duas línguas, na verdade, pra aprender [...]. A forma geral da língua e no que você vai trabalhar, que existe os... os nomes específicos pr'aquilo ali, né? (Washington, 39 anos).

<sup>194</sup> No inglês, não diferentemente, a língua dos seus falantes se materializa em gêneros.

A fala ao telefone, conforme palavras do imigrante, é distinguida e percebida ao lado da conversa face a face, denominada como “falar pessoalmente”. O *gênero telefonema*, conforme pontua Marcuschi (2008), tem a chamada, a identificação dos interlocutores, os cumprimentos recíprocos, a abordagem temática da conversa, que pode constituir em um tema, ou vários, e a despedida. Trata-se de um gênero de um diálogo mediado aparelho telefônico, no qual não há a presença física dos falantes. Dessa forma, outros elementos que colaborariam no sentido textual são perdidos: os sinais faciais, os gestos, os objetos no campo de visão dos interlocutores, as figuras contextuais e a possibilidade de criação de alguma imagem para facilitar o entendimento. Acrescenta-se ainda a imprevisibilidade do gênero, no qual pode agregar diversos *tipos textuais*, como: argumentação, narração e descrição. Há também a influência do interlocutor na fala, podendo estar do outro lado um amigo, um familiar ou um cliente a questionar sobre um serviço realizado. Há também outras questões, como a formalidade da fala ao telefone, a presença de indivíduos reais no ato da fala ao telefone, podendo gerar alguma tensão no uso da língua, além dos custos intrínsecos a esse modo de comunicação, podendo gerar mais estresse no falante.

No fluxo do enunciado apresentado, o imigrante aponta também o *gênero relatório*, uma forma específica do seu campo de trabalho. Marcuschi (2008) organiza um quadro em que busca dividir os gêneros em domínios discursivos, que, nesse caso, seria o trabalho de construção civil<sup>195</sup>, e pelas modalidades, em que a materialização do gênero pode ser oral ou escrita. No caso de *relatório escrito*, o gênero deve acompanhar toda a formalidade típica da área, conhecimento dos itens listados e sua grafia correta, como acompanhar o formato típico de um relatório, no sentido de atender às finalidades presentes. No caso de relatório oral, há toda a dinâmica e sentidos da comunicação face a face atreladas ao gênero. Por telefone, além do *gênero relatório*, o falante terá também o *gênero telefonema*. Caso a informação seja a partir de um relatório escrito, este será em uma modalidade escrita a ser transmitida oralmente pela leitura textual.

Os domínios discursivos, a partir dos quais utilizam-se os gêneros, podem ser os mais diversos. Para cada um deles, uma diversidade de possibilidades e imposições de gênero a ser aprendido juntamente com o código linguístico. Como já apontado antes, a língua é materializada em gêneros, pelos quais a comunicação é organizada para finalidades diversas nas esferas da vida social. Algumas esferas sociais, seja no mundo do trabalho ou outros espaços, só podem ser acessadas através da aprendizagem da língua e dos gêneros, muitas

---

<sup>195</sup> Não há referência a essa esfera nas disponibilidades que o autor apresenta. Entretanto, não deixa de ser coerente com aquelas apresentadas, uma vez que os gêneros atendem a esferas sociais.

vezes ditados por essas esferas. Marcuschi (2008), influenciado por Bakhtin em seus estudos, defende a ideia de que é impossível se comunicar senão por meio de gêneros, elemento central no tratamento sociointerativo da língua. Nesse sentido, já é possível adiantar que a construção territorial do imigrante brasileiro nos EUA, especialmente no sentido simbólico, não passa apenas pela língua em seu sentido abstrato, mas pela língua com todos os seus caracteres próprios pertinentes a sua concretização entre falantes. E, nesse caso, a questão do gênero, que atende a esferas sociais, é fundamental para entender o processo de territorialização dos sujeitos imigrantes, pois, ainda que pratiquem a língua na sua forma mais rudimentar, é através de gêneros que eles a realizam.

#### **6.4.2 As redes sociais: a vivência de um Brasil no estrangeiro**

O emigrante, geralmente, não sai de seu país desprovido de alguma garantia de ajuda em sua chegada aos EUA, que é firmada ainda no contato do potencial imigrante com alguma pessoa que já se encontra no destino. Essas relações podem ser de amizade, de parentesco, como tias, primos, irmãos; com algum pretendente amoroso, conhecidos próximos etc. Essas relações também se alargam, no sentido de outros atores serem apresentados ao recém-chegado imigrante, como amigos do seu receptor, empregadores, vizinhos; através de relacionamentos com nativos, seja em função do trabalho ou alguma companhia amorosa, bem como através de qualquer outra rede estabelecida antes da chegada do novo integrante e na qual ele é inserido. As ajudas podem ser de moradia, alimentação nos primeiros dias, acolhimento, informações sobre o local, roupas para o frio, trabalho e transporte. Além de indivíduos ajudadores, há também as instituições sociais, como igrejas, como aponta Washington<sup>196</sup>, que podem auxiliar com mantimentos, roupas, informações sobre o local, instrução na língua inglesa, proporcionando a acolhida e o apoio necessário na chegada.

---

<sup>196</sup> Nome fictício, para preservar a identidade do entrevistado. Esse procedimento se repete em relação aos demais entrevistados.

Ah, sim, sim, sim... quando eu fui pra lá meu irmão já morava lá. E meu fazia parte da... da primeira batista de Atlanta [...], que é um pessoal que faz um trabalho de acolhimento pra quem chega fantástico. No sentido de de ensinar inglês [...], te indicar as aulas ou até mesmo ensinar. Roupa, né?, porque a gente sai daqui no verão, você che... você chega lá no inverno [...] e, de início, vo... a gente não consegue andar lá. É tudo igual. Então esse pessoal, eles te levam pra fazer compras, eles te levam pra lavar as roupas, porque se cê não tiver *laundering*, no seu apartamento... Um processo bem legal de acolhida, de... de... te dando os... “Ó, vai aqui”, os primeiros passos... [...]. É, e... e eles também receberam meu irmão na época [...]. Então meu irmão já morava lá quando eu fui, um ano, então ele já fazia parte da... desse grupo da igreja. Quando eu fui também eu fui acolhido da mesma... por ele e também pelo grupo da igreja (Washington, 39 anos).

Essas ocorrências de ajudas mediante laços sociais podem ser compreendidas pela perspectiva das *redes sociais* migratórias, que, conforme explicado em momento anterior neste trabalho, em um caráter mais genérico, “consiste em conjuntos de laços interpessoais que conectam migrantes, primeiros migrantes e não migrantes nas áreas de origem e destino através de laços de parentesco, amizade ou origem compartilhada [...]” (MASSEY, 1993, p.448) <sup>197</sup>. Esta definição, por estar conceitualmente aberta, atende à dinâmica presente nos propósitos deste estudo. Destaca-se, de todo modo, outros vínculos que se estabelecem após a chegada, como no caso da ajuda de instituições religiosas, conforme já demonstrado. O relato de Neuza, que afirma que a dificuldade com transporte foi maior do que com a língua, demonstra como as relações pessoais e as esferas comunicativas podem estar voltadas para o convívio com os próprios brasileiros, em decorrência das redes sociais estabelecidas no país.

Muito pouco [...]. Leitura [em inglês] muito pouco, porque... como a maioria da... das pessoas com quem eu convivia, igreja que eu frequentava era, né, de... a maioria brasileira, então você ficava como [...] se estivesse em casa [...]; você só se deparava mesmo com o inglês ni... ni loja e, às vezes, você tava numa loja achando que tava conversando com o americano... Quando ele percebia que você era brasileiro, aí ele já conversava com você em português, porque era filho de brasileiro, às vezes que... [...] nasceu lá e... e trabalha no comércio de lá [...] (Neuza, 50 anos).

Segundo Tilly (1990), a migração de longa distância acarreta riscos à segurança pessoal, ao conforto, à renda e à possibilidade de satisfazer relações sociais. Dessa forma, o movimento se torna mais seguro em locais onde há relações previamente formadas. As redes interpessoais de informações, uma vez estabelecidas, minimizam e barram os riscos. No caso dos EUA, são décadas de formação e consolidação dessas redes, o que torna o país, ainda que distante geograficamente, muito próximo do Brasil em outros aspectos. Por assim ser, o imigrante, longe de estar desterritorializado plenamente dos símbolos e valores da origem,

---

<sup>197</sup> Migrant networks are sets of interpersonal ties that connect migrants, former migrants, and nonmigrants in origin and destination areas through ties of kinship, friendship, and shared community origin.

tem para si elementos importantes para a afirmação pessoal nos EUA, uma vez que o *outro* tem um papel importante na identidade individual.

Conforme os relatos, as informações sobre o percurso migratório podem ser dadas pelo imigrante, nos EUA, através de telefonemas ou outros recursos de comunicação, como a internet. Além desse ator, existem as agências de turismo, as redes de travessia, muitas vezes começando no Brasil, com sujeitos brasileiros, passando pelo México, envolvendo personagens civis e oficiais deste país, como também civis e oficiais norte-americanos, nos EUA, culminando na entrega do imigrante à residência do seu receptor, interlocutor nas conversas telefônicas iniciais. Em solo norte-americano, a rede, que pode também estar ligada aos atores de travessia, pode se estender no recrutamento desses indivíduos para atuarem em algum trabalho direcionado ao imigrante e, a partir dos primeiros anos, pagarem a dívida constituída na travessia pela fronteira, para depois, então, seguirem com seus projetos<sup>198</sup>. Elas abastecem de informações os novos imigrantes, o que é importante para a sua inserção no mercado de trabalho e dar condições para articulações territoriais.

#### **6.4.3 Hábitos alimentares: cada comida tem seu nome**

Os hábitos alimentares de imigrantes brasileiros têm uma dinâmica própria, o que, inicialmente depende da região para a qual vai o imigrante e suas decisões individuais. Em suma, não é razoável algum tratamento linear, no sentido de estabelecer que o processo migratório seja determinante na mudança do consumo de determinados alimentos, bem como na preservação inalterável de costumes alimentares construídos na origem. Deve-se destacar que, além dos hábitos alimentares nativos, o contexto migratório pode agregar outros paladares, como oriundos da China, Japão, México, Espanha, como também de outras regiões do Brasil, inacessíveis enquanto o imigrante ainda vivia no país de origem<sup>199</sup>. Nesse sentido, os hábitos podem ser diversos.

---

<sup>198</sup> Segundo Siqueira (2009), emigrantes que passam pela fronteira do México, com um custo entre 8 a 12 mil dólares, levam em torno de um ano e meio para pagar a dívida.

<sup>199</sup> Na vida real, os hábitos são híbridos, mas é admissível que alguns deles sejam predominantes.

Então, às vezes... quando eu queria cozinhar, eu já cozinhava pra todo mundo, num tinha problema. Mas, a maioria das vezes, eu comprava comida ni... ni restaurante brasileiro e, às vezes, ê... eu comprava comida, muita comida em restaurante chinês; eu gostava [...] muito da comida chinesa [...]. Entende? Então, assim, de vez em quando, né, a gente, pra passear, assim, a gente saía num sábado, ou... ou [...] num sábado ou num domingo, num... num italiano, né, ou alguma coisa assim, mas era... bem esporádico, bem difícil mesmo (Neuza, 50 anos).

Os motivos para a preservação do consumo de alimentos brasileiros, entre outros, podem ser: a resistência para mudanças culturais, a convivência com pessoas que já tinham esse costume, o acesso e conhecimento de locais capazes de oferecer alimentos oriundos da terra natal<sup>200</sup>, bem como a disponibilidade para esses gastos. As mudanças podem ocorrer por uma disposição para aderir aos hábitos culturais do país receptor, pela convivência com outros imigrantes que tenham mudado os hábitos, pela facilidade para encontrar estabelecimentos de *fast food* e a universalização dessas franquias; pela rotina alimentar encontrada no local de trabalho, pelo custo mais alto para preservar costumes antigos, bem como pela percepção do sentido do termo comida. Para uma parcela, *fast food*<sup>201</sup> é comida, podendo representar o acesso à comida com abundância; para outros, esse tipo de alimento pode ser denominado até mesmo como “porcaria”.

Conforme Benveniste (2005), no âmbito das faculdades humanas está aquilo que se refere à faculdade humana de simbolizar ou representar; faculdade de representar a realidade por meio de signos e de compreender o signo como representante do real, ou seja, de estabelecer uma relação de significação entre elementos diferentes. O autor pontua que o símbolo não tem necessariamente relação natural ao seu referente. Assim, simbolizar é algo próprio do homem, um ser pensante. E o pensamento é esse poder de representar as coisas e de operar sobre representações. O pensamento, como afirma, não é um reflexo imediato do mundo, ele classifica a realidade e se associa intimamente à linguagem. O pensamento é simbólico, pois a operação, ainda que pareça ser sobre as coisas, na verdade é sobre símbolos. Operamos sobre a realidade por meio deles.

Por essas considerações, ainda que sem qualquer pretensão de descrição densa, é razoável que se pense na relação entre símbolos e hábitos alimentares dos sujeitos. Inserido em uma cultura, cada sujeito não tem para si apenas a realidade dos alimentos em uma neutralidade, mas também os seus paladares, as suas formas de preparo e ingestão, o modo de

---

<sup>200</sup> “Nao pode ir ao Brasil, o Brasil vem ate voce!! Delícia”, postou certa emigrante em uma rede social juntamente com a foto de um pacote de pimentinha (14/08/2016).

<sup>201</sup> *Fast food* significa literalmente “comida rápida”, que inclui pizza, hot-dog, cheeseburger (x-burger) etc.

comer<sup>202</sup> e todas as questões semióticas presentes no ato de comer. Junto às experiências de comer, estão os nomes atribuídos às comidas e os valores que são dados a elas. Assim, as experiências alimentares podem ser revividas na memória, de modo que, por exemplo, são feitas as comparações de paladares, bem como são valoradas as experiências de sabores. As comidas podem ser saborosas ou ruins, benéficas à saúde ou maléficas, comida propriamente dita, bem como porcaria, como pode ser observado na comparação entre o relato de Henrique e Washington, que tiveram experiências distintas com o denominado *fast food*, muito comum nos hábitos alimentares de norte-americanos.

Comprava [...]. Ah, legumes, verdura, arroz... [...]. Cereal em geral, né? [...]. Quando eu falo, é... feijão. É que o a gente gostava de preparar o alimento da gente [...]. Que no restaurante que trabalhei tinha muita comida boa. Mas é... tinha muita porcaria também. Porcaria, assim, comidas... (Henrique, 43 anos).

*Fast food!* [...]. É, você se adapta, né? Então eu fui descobrir um restaurante brasileiro, eu acho que já tinha cinco anos de Estados Unidos. Ow... uma senhorinha que fazia comida caseira na casa dela e todos os brasileiros comiam lá. Porque a gente sente uma saudade do arroz com feijão enorme. Quando você, você para de... de ter isso...

.....

Ah, de p'or pra, acho que pra... todo mundo engorda pelo menos dez quilos na América [...]. Primeiro é que você... você tem acesso a comida [...], o que é comer de verdade... que aqui a gente não come de verdade. É muito cara pra comer no Brasil. Então, você chega lá, você... com o dinheiro que você ganha, você tem... tuuudo. Você come o que você quiser, cara. Entendeu? Então você co... Aí o horário, é... a sua dieta é quem vai mandar [...]. Eu comia de tudo que cê que você pensar... [...].

Não [...]. Até porque, por exemplo, lá você come um hambúrguer às sete da manhã, no café do Mcdonalds, diferente's.... só muda o pão [...], composição do pão. Mas você vai comer um bife de hambúrguer, você vai tomar uma Coca-Cola... (Washington, 39 anos).

Além da alimentação estar condicionada à disposição da sociedade de acolhimento e à impressão simbólica que os sujeitos têm dos alimentos, como demonstrado, há também os nomes dos alimentos. Há alimentos que, dado o desejo, podem ser encontrados apenas no país de origem ou em algum estabelecimento étnico capaz de oferecer o alimento que se deseja. A depender do local e do nome que a comida tem no português, no inglês pode não ser o mesmo nome, de forma que o nome do que se come não tem em sua representação o nome dado na língua materna, com todas as experiências afetivas e próprias da primeira língua. O relato de Douglas demonstra como as representações simbólicas que se referem aos nomes dos

<sup>202</sup> Niederauer (2011) chama a atenção para as práticas de alimentação entre os povos, destacando que há convenções sociais e culturais que envolvem questões do tipo: como se come, que talheres se usa, como são usados, como se convida para/oferece uma refeição. Convenções da origem, conforme a autora, podem interferir na percepção de universalidades interacionais, o que pode causar ruídos na relação entre interlocutores de cultura e língua distinta.

alimentos podem interferir no seu acesso aos sabores, pois é através da palavra e dos gêneros, como pelo conhecimento da realidade do alimento e sua nomeação, bem como a forma de pedi-lo, que se constroem ou ampliam as possibilidades de comer.

Era difícil, né? Muitas das vezes eu tinha que deduzir o que que eles queriam e... algumas das vezes... situações eu, eu, às vezes, deixava a... o atendimento quando eu ia ni loja por nativo de lá, e eu cabava imitando o que ele falava. Eu acabava comendo ou pedindo as mesmas coisas que eles... [...] que eles pediam, por causa não sabia falar inglês direito (Douglas, 40 anos).

Por tudo isso, a alimentação do imigrante pode configurar em formas diversas, seja em mudanças mais radicais ou na preservação de hábitos do Brasil. Conforme Siqueira (2009), nos mercados éticos brasileiros, como acontece entre outros grupos, circulam bens simbólicos que reforçam a identidade nacional. Os produtos são os mais diversos, como leite condensado ou até mesmo a rapadura, produto vendido no mercado municipal de Governador Valadares. Os comércios, entre outros, podem ser mercearias, padarias, restaurantes, proporcionando ao imigrante brasileiro aquilo que a imigrante publicou em uma rede social, no sentido de que, se o imigrante não pode ir ao Brasil, o Brasil, de alguma forma, chega ao imigrante. Sobretudo, o que se destaca nesta parte é que o alimento não se dissocia de suas territorialidades inerentes. Comida não é apenas comida, mas comida brasileira, chinesa, americana. Nas práticas alimentares, a começar pela compra de uma comida ou ingredientes, estão ligadas aos símbolos, aos nomes, às impressões que se têm de cada uma.

#### **6.4.4 O imigrante e o mercado de trabalho secundário: a questão da língua**

As ocupações para imigrantes no mercado de trabalho norte-americano são aquelas em que se exige, principalmente, o esforço manual, para as quais não há a necessidade de qualificação profissional, podendo ser aprendidas na própria execução da tarefa com colegas de trabalho ou subempregador brasileiro, por exemplo. Esses trabalhos estão situados em vários ramos, como *landscaping*, *house clean*, estabelecimentos comerciais, restaurantes, além de atividades menos comuns a imigrantes indocumentados, como em serviços de lanternagem automotiva, para os quais o imigrante deve ter alguma habilidade prévia, ou em

alguma atividade alcançada por formação profissional no país de destino<sup>203</sup>. De todo modo, imigrantes ocupam predominantemente atividades laborais, situadas no mercado de trabalho secundário, segundo a perspectiva dual de mercado de trabalho. A tabela a seguir apresenta as ocupações elencadas pelos entrevistados.

**Tabela - Atividades entre imigrantes brasileiros no mercado de trabalho norte-americano (%)**

Dishwasher	2
Landscaping	2
Restaurante	1
Garçom	1
Salão de beleza	1
Ajudante de garçom	1
Limpeza de casas	3
Limpeza diversas	3
Limpeza de neve	3
Pintor	3
Trabalhador na construção civil	1
Empregador na construção civil	1
Recepcionista (tradução)	1
Motorista de taxi	1
Motorista de Limusine (proprietário)	1
Almoxarifado loja de móveis	1
Manutenção em hotéis e conventos	1
Ajudava mãe em serviços diversos	1
Auxiliar de enfermagem	1
Colheita	1
Radialista	1

Fonte: Língua(gem) e a territorialização de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos – 2017

Total de casos válidos: 11

Os tipos de trabalho exercidos no mercado de trabalho secundário para imigrantes é um assunto complexo, no qual as regularidades ocupacionais são estáveis, com exceções que devem ser consideradas. Nesse âmbito, existem trabalhos mais voltados para aqueles que chegam, sem experiência de imigração e, em muitos casos, sem a necessidade de algum desenvolvimento mínimo da língua inglesa, e outros que, ainda que seja forçoso afirmar sem considerar os casos que fogem à regra, são mais comuns àqueles que já têm algum tempo de EUA e alguma capacidade comunicativa em língua inglesa. De toda forma, as possibilidades estão no âmbito de trabalhos secundários, de acordo com a classificação de mercado dual apresentada por Piore (1979), tratando-se de ocupações que não compõem destinos desejosos pelo nativo. São trabalhos mal remunerados, com uma carga horária alta, sem proteção das

<sup>203</sup> Mediante curso profissional reconhecido, mas com documentação pessoal adquirida de forma irregular, uma vez que, para trabalhos formais, o imigrante deve ser documentado.

leis de trabalhos do país, com alta taxa de rotatividade, além de outras precariedades. A depender da dinâmica de cada ramo, os locais de trabalho podem ser variados, como na construção civil, *landscaping* e *house clean*, em que os trabalhos são onde os clientes solicitarem o serviço.

Conforme os dados gerados, os primeiros trabalhos dos sujeitos variam em atividades na construção civil, pintura de casas, *landscaping*, *dishwasher*, *house cleaner*, limpeza de neve, limpeza de agência bancária, oficina de lanternagem, restaurante e salão de beleza. Segundo Siqueira (2009), trabalhos na construção civil, no caso dos homens, e faxina de casas, no caso das mulheres, são predominantes na admissão desses sujeitos. Em conformidade com essa constatação, todas as 03 mulheres deste estudo chegaram a trabalhar na limpeza de casas. Quanto aos homens, 05 dos 11 entrevistados trabalharam em serviços de construção civil ou pintura de casas.

Deve-se destacar que Douglas, entrevistado<sup>204</sup> que teve a oficina de lanternagem como primeiro emprego, já exercia a atividade no Brasil, na qual até o momento da entrevista continuava a exercer<sup>205</sup>. É também a única atividade exercida enquanto esteve nos EUA. Entretanto, conforme seus relatos, diante das suas dificuldades na língua inglesa, o imigrante passava por alguns constrangimentos e dependências do seu patrão para resolver demandas que dependiam do uso da língua, como relata: “Já aconteceu ocasiões de fazer o orçamento pra nativos de lá e... e, quando eu não conseguia entender, eu pedia p... um “com licença”, que eu ligaria po... po *menage*, que é o patrão, né? [...]”. Por esse exemplo e pelo conjunto dos relatos, alguns condicionamentos para ocupações menos desprestigiadas ou comuns para um primeiro trabalho são: condições linguísticas para exercer a atividade (no caso de automóveis, nomes das peças, mesmo no Brasil, podem vir em inglês), demonstração de alguma habilidade para área desejada e, como um item especial, o auxílio da rede de migrantes na qual está inserido e a condição de acioná-la em seu favor.

Nessas disposições de trabalho aos imigrantes, ainda que não sejam de trabalhos primários, existem ocupações mais prestigiadas que podem ser alcançadas, nas quais os ganhos são maiores, as condições de trabalho são melhores, seja quanto à carga horária ou quanto ao serviço a ser executado, como também podem ser de um *status* privilegiado, em que o imigrante, ao começar como um ajudante na construção civil, por exemplo, pode chegar a contratante de serviços de imigrantes.

---

<sup>204</sup> Neste caso, o entrevistado Douglas, 40 anos. Outro que trabalhou em oficina de lanternagem foi Antônio, 54 anos.

<sup>205</sup> No Brasil.

Ô... Sim, o meu primeiro ele pegava serviço de um americano [...] e eu lidava com ele [...]. Então era um pa... brasileiro [...].

.....  
 Construção civil também. Depois eu... aí [...], de aprender a língua, de aprender profissão, eu abri minha companhia [...]. É... tive uma companhia de construção, sociedade com meu irmão, e... [...]. Contratava pessoas, já tive nove funcionários... Aí eu já... já era fichado na companhia americana [no sentido de ser cadastrado para executar trabalhos] [...]. Então ma... companhia americana me ligava, me passava o trabalho, eu ia pro... po campo de avaliação; ali eu já fazia avaliação de quantos funcionários eu ia precisar. Eu tinha minha equipe fixa. Mas em alguns eu tinha que chamar os *helpers*, né? que a gente fala muito lá. Então, eu já tinha três, quatro, né, *helpers* que eu podia levar, e a gente levava pra... pra executar o trabalho. (Washington, 39 anos).

Numa perspectiva de progressão em ocupações comuns a imigrantes brasileiros no mercado de trabalho disponível ao imigrante, Martes (1999) faz uma distinção em três categorias. Primeiramente, aquela que compõe os assalariados de baixa renda. Nessa categoria, os trabalhos demandam especialmente a força física, em que os sujeitos ocupam postos inferiores, ganhos salariais baixos; não têm vínculo empregatício regular, ganham semanalmente por hora de trabalho, não têm direitos trabalhistas, as tarefas são feitas em tempo parcial, exercem trabalhos de baixa qualificação e sem a necessidade de treinamento; enfim, ocupam áreas desprestigiadas por nativos. Os brasileiros dessa categoria estão empregados em supermercados, em *fast food*, em lanchonetes e em serviços de limpeza em firmas de pequeno ou médio porte locais.

A segunda categoria, conforme a autora, é constituída pelos microempresários e trabalhadores autônomos que detêm um ofício. Entre outras atividades, estão os proprietários de restaurantes de comida brasileira, lojas de produtos brasileiros, músicos, cabeleireiros. Martes (1999), que realizou sua pesquisa no estado de Massachusetts, relata que as pequenas lojas situadas no centro das cidades com maior concentração compõem o que os norte-americanos denominam de negócio étnico.

Em terceiro, Martes (1999) relata também sobre os denominados autônomos. Esses imigrantes, tratados com prestígio por outros brasileiros, em vez de padrões nativos, têm clientes para os quais vendem os seus serviços. Diferente da grande maioria empregada, o pagamento é efetuado por tarefa e não apenas por hora de trabalho. Os seus serviços são oferecidos fora da comunidade brasileira e os contratos são feitos, ainda que na informalidade, com os próprios solicitantes. Os trabalhadores brasileiros dessa categoria estão situados principalmente em serviços de faxina<sup>206</sup>.

---

<sup>206</sup> Margolis (2013) e Siquera (2009) citam a construção civil como uma área de maior volume de trabalhadores autônomos do sexo masculino. No ramo da faxina, a concentração maior é de mulheres.

Martes (1999) apresenta ainda uma sequência sobre os estágios do imigrante desde a sua chegada, em serviços mais desprestigiados, até o alcance de posições melhores dentro do mercado de trabalho. Os recém-chegados comumente se inserem em serviços de limpeza, que pode ser hotéis, asilo de idosos ou hospitais. Outra ocupação é ser lavador de pratos, denominado *dishwasher*, atividade comum em restaurantes e que pouco exige de competência na língua inglesa, ou ajudante em faxina de casas. Em um progresso, o próximo estágio seria trabalhar em empregos mais bem remunerados e menos pesado, que podem ser de ajudante de cozinheiro, entregador de jornal ou pizza, balconista de lanchonete ou ainda como ajudante de garçom. O passo seguinte é trabalhar na construção civil, no caso dos homens, ou no ramo da faxina, entre as mulheres<sup>207</sup>.

Essas descrições são válidas em um primeiro momento, pois, de fato, de alguma forma, pode haver um progresso em ocupações na medida em que o tempo passa e a experiência com os EUA vai aumentando e a dinâmica do mercado de trabalho vai sendo assimilada pelo imigrante e a habilidade na língua evolui. Na medida em que o tempo passa, as relações aumentam e as possibilidades de trabalho também dilatam, seja no ramo do primeiro trabalho ou em outras ocupações que surgem no campo de visão do imigrante. Mulheres, por exemplo, que trabalham para outras na faxina, depois de conhecer o mercado e melhorarem suas habilidades na língua, podem abrir o seu próprio negócio, que denominam de *schedule* (SIQUEIRA, 2009).

Entretanto, as mudanças não são rígidas, em um sentido estritamente temporal e de evolução, mas pode acontecer. Seja por uma questão pessoal ou externa, não é desejo de todos, por exemplo, se tornarem subcontratadores ou terem um negócio próprio. Deve-se levar em conta a provisoriedade da migração, em que, não raro, há especialmente o desejo de fazer dinheiro, concluir os objetivos e retornar para o Brasil. Além disso, abrir uma franquia<sup>208</sup> de serviços, por exemplo, pode ser de um custo que o imigrante não esteja disposto ou tenha condições para pagar. Além disso, subcontratadores, a depender da região e do ramo, terão juntamente com a atividade profissional o compromisso de buscar e retornar com os empregados até as suas residências, o que exigirá um veículo próprio, documentação para dirigir e condições para transportar os trabalhadores.

---

<sup>207</sup> É importante destacar que serviços nesses dois ramos, faxina e construção civil, abarcam funções bem distintas, como a ocupação de ajudante ao lado daquele que trabalha por conta própria e/ou subcontrata brasileiros para trabalhos.

<sup>208</sup> Segundo relatos, as franquias são vendidas por empresas prestadoras de serviço. Por exemplo, o indivíduo compra uma franquia de uma empresa de limpeza e, mediante essa aquisição, passa receber demandas de serviço dessa empresa.

Os tipos de trabalho, em geral, são variados e as mudanças ou permanência em algum ramo têm um curso dinâmico, dependendo de fatores pessoais e externos, como questões sociais ou o próprio clima. De todo modo, há relatos de que, na percepção do entrevistado e demonstrações de suas ocupações, houve alguma melhoria a começar pelo primeiro trabalho. Um dos entrevistados, por exemplo, iniciou como *landscaping* e *dishwasher*, seguindo para a limpeza. Trabalhou também como *bassboy*, que é o ajudante de garçom, progredindo para garçom. Posteriormente, como um salto profissional, conforme destaca, passou para motorista de limusine, em um negócio próprio em sociedade com um amigo. O relato do entrevistado Jorge demonstra um pouco sobre as complexidades comuns ao mercado de trabalho imigrante.

Primeiro, foi (1) *landscaping*; primeiro, foi *landscaping*... Depois, eu... começou esfriar e eu tive que partir para o interior, na região de Boston, em Seattle, também... É... é muito ruim cê trabalhar no frio, não que não se trabalhe, tem gente que trabalha, mas é muito ruim cê trabalhar no frio do lado de fora, porque é muito frio, né? Então, é... além do *landscaping*, quando esfriou, eu cheguei... quando chegou em novembro já tava muito frio. Eu tive que pular pra dentro do... aí foi, foram os serviços internos, tá? Aí eu fiz (2) *dishwasher*, algumas aventuras pequenas na cozinha, como preparador de comida, é... (3) limpeza de loja, limpeza de supermercado, limpeza de restaurante, é... (4) Garçom de festa, eu já falei garçom já, né? Garçom de festas. Primeiro, antes do garçom, (5) *bassboy*. *Bassboy* é o ajudante do garçom. Depois garçom. Depois eu achei a maré mansa do (6) motorista de limusine [...]. E... e aí fui (7) motorista de táxi. E aí, quando eu já conhecia bem, né, fui motorista de táxi. E... (8) limpei neve. Limpei muita neve. É, o que mais? Ah, tá. Já trabalhei em (9) manutenção, eu dava manutenção em hotéis, em conventos; trabalhei muito tempo em convento dando... dando manutenção, tá? E em condomínios também. Prédios de apartamento. Desculpa, é isso. Ah, tá. E depois, na Flórida, eu trabalhei numa (10) loja de móveis. Eu trabalhava no almoxarifado de uma loja de móveis que chama... existe até hoje, é a maior loja de móveis do sul da Flórida (Jorge, 50 anos).

Como se observa, ainda que se perceba progressos na especificidade de um ramo, eles se limitam a trabalhos laborais e direcionados a imigrantes. Melhorias mais acentuadas nas condições de trabalho, muitas vezes, acontece na mudança de ramo, como no trabalho de Jorge como motorista de limusine e táxi. Nesse caso, além dos gastos, pois uma cota para taxista não é acessível a todos<sup>209</sup>, há a necessidade de documentação e ter competência comunicativa na língua inglesa, pois é um ramo em que o trabalhador tem contato direto com o público em geral.

<sup>209</sup> Segundo o entrevistado Jorge, existem agências de táxi que alugam o veículo para esse tipo de trabalho. O aluguel do carro, mais seguro, cobertura médica, além de sair já com o carro de tanque cheio, e deveria entregar o veículo da mesma forma, gerava um custo em cerca de cento e cinquenta dólares.

Outra variável importante é a idade, no caso de adolescentes, em combinação com a competência comunicativa em língua inglesa. Há imigrantes que não planejaram o movimento, mas foram em companhia dos pais. No destino, pela idade, puderam ingressar na escola regular e, além da formação geral, aprenderam a língua inglesa formalmente, adquirindo competência em todas modalidades da língua. Como já visto, uma entrevistada, que migrou aos dez anos e na companhia dos pais, aponta que seu primeiro trabalho foi em salão de beleza brasileiro. Além dessa primeira atividade, ajudou a mãe em diversas atividades, como em trabalhos de cabeleireira, fornecimento de marmitas, faxinas e artesanato. Por fim, ela trabalhou em uma clínica de quiropraxia, na qual era recepcionista e também tradutora, na medida em que havia necessidade de atender clientes brasileiros. Segundo Sales (2001), os filhos de imigrantes, que não têm dificuldades para entrarem no ensino básico do país, tem suas vidas divididas em estudos e trabalho. Enquanto os nascidos nos EUA, a depender de outros fatores, podem entrar no ensino superior, os que não nasceram veem-se limitados a darem sequência em seus estudos pelo obstáculo de estarem indocumentados.

O que se nota é que as ocupações de brasileiros imigrantes no mercado de trabalho são as mais diversas, podendo ser lidas a partir de diversos ângulos, como por exemplo: sexo, idade, por gerações<sup>210</sup>, locais de moradia; quanto aos recém-chegados em comparação aos mais experientes, pelas redes nas quais estão inseridos, além de combinações ou outras perspectivas levantadas. Acrescenta-se ainda o fato de não ser razoável tratar alguma dessas dimensões de uma forma pura, sem considerar a combinação de outros fatores em sua compreensão. Sobretudo, destaca-se aqui, de modo especial, a prática da língua inglesa em relação às ocupações de trabalho desses sujeitos. Em todos os casos, os entrevistados consideraram a influência da língua em pelo menos alguma situação de trabalho nos EUA, seja nos benefícios alcançados pela aprendizagem ou naquilo que não alcançou em razão do insucesso linguístico. Independentemente da experiência com a língua, há em todos os relatos a crença de que a aprendizagem na língua possibilita vantagens especiais.

A relação do imigrante com o empregador nativo, falante de língua inglesa, é relativamente condicionada pela forma que se estabelece a relação de trabalho. Em muitos casos, o nativo solicita o serviço a algum proprietário de uma franquia de faxina ou da construção civil, por exemplo, e este, combinando o serviço e o valor com o demandador,

---

<sup>210</sup> A geração 1.0, a geração 1.5 e a geração 2.0, por exemplo. A primeira (geração 1.0) se refere aos primeiros imigrantes; a segunda mencionada (geração 1.5), aos que foram ainda crianças; a terceira (geração 2.0), aos que nasceram nos Estados Unidos (PORTES, 1996).

repassa o serviço a sua equipe ou a algum membro do grupo que seja capacitado para a tarefa. Nessa lógica, não é incomum o imigrante laboral estabelecer uma relação de diálogo apenas com o seu contratante direto, podendo ser brasileiro ou mesmo hispano, para exemplificar, com o qual é combinado os dias, o local do trabalho, os horários e os valores a serem pagos. Assim, é comum o imigrante trabalhar para o solicitante norte-americano ou de outra etnia sem fazer uso do inglês ou qualquer outra língua estrangeira, no sentido de que a sua prestação de serviço poderá envolver uma relação apenas com seu contratante direto, como um brasileiro.<sup>211</sup>

Deve-se levar em consideração, de modo especial, o domínio discursivo ou domínios discursivos que cada ramo de trabalho traz consigo, de forma que aquilo que se aprende na língua, pelo menos no trabalho, pode estar condicionado especialmente às palavras e sentidos correntes em uma determinada área. Por outro lado, junto vocabulário aprendido de cada área há também outros aspectos da comunicação verbal, como os gêneros comuns a cada ramo de trabalho, além de outras formas de significado que se somam à comunicação verbal, como gestos, modo de comunicação, o *quando*, o *como* e de que forma cada interlocutor toma a palavra etc. nas relações sociais exigidas nas esferas comunicativas de cada ramo, além da familiaridade dos sujeitos com áreas previamente conhecidas, como no ramo de automóveis.

Pelo fato de de a gente já trabalhar na área automobilística [...], então tem peças a a... ou melhor, a maioria das peças, hoje, elas vêm algumas escrito em inglês ou português. Ou melhor, vêm inglês ou espanhol. Então, isso facilita um pouco (Antônio, 54 anos).

Se, por um lado, os outros elementos além do verbal se agregam a verbalidade a ser aprendida, conduzindo os indivíduos a aprendizados sociais que ultrapassam o código linguístico, por outro, podem estar como facilitadores no aprendizado e na prática da comunicação verbal. Nas diversas ocupações, as exigências na língua são as mais diversas, de modo que não é apropriado pensar a língua de forma homogeneizada, em níveis abstratos, mas contextualizada, pois, como já pontuado, ela pode ser representada pela imagem do caleidoscópio, configurando os mais diversos formatos e combinações.

Quanto à condição de empregador, apenas um dos entrevistados, o Washington, relatou ter tido funcionários, em um negócio em parceria com seu irmão. Em termos gerais, estudou inglês formal enquanto imigrante, não tinha documentação e já morava há mais de quatro anos nos EUA. O seu irmão, que o recebeu, morava há mais tempo no país. Nessa

---

<sup>211</sup> Evidentemente, nos serviços prestados diretamente para o cliente os ganhos são maiores, uma vez que deixa de ser subcontratado.

condição de empregador, o imigrante tomava serviços diretamente com o norte americano, contratando outros imigrantes, brasileiros e de outras etnias, para ajudarem na execução dos trabalhos<sup>212</sup>.

Como pode ser depreendido, para atuar como contratante, a comunicação em língua é fundamental, pois é com o nativo que o serviço é combinado. E, quando se trata de um não nativo, é a língua inglesa aquela que possibilita comumente o intercâmbio. Caberia aqui aquilo que de Margolis (2013) pontua sobre os requisitos básicos para se ter um negócio autônomo, como veículo próprio, experiência de vida nos EUA e saber o inglês, mediante o qual são combinados os serviços. É possível constatar esse fato no presente estudo; contudo, deve-se ressaltar que a ideia de língua nesta dissertação está colocada em um sentido amplo, ou seja, enquanto língua praticada por sujeitos reais em condições sociais diversas. Dessa forma, ainda que a língua seja imprescindível, há casos em que a limitação nessa área pode ser atenuada na participação de um intermediário, fato que é demonstrado na percepção da entrevistada Neuza acerca de sua patroa brasileira que, na impossibilidade de se comunicar com a contratante do serviço, a dona de casa americana, utilizava o marido para tratar do serviço.

Ela num falava era nada [...]. Nada. Era só “bom dia”, “boa tarde”, “como vai”... só. Tudo que ela queria resolver, ela era a dona da firma [...], e o marido também migrante, mas há muitos anos. Ele... ela ligava pra ele, passava o telefone pro dono da casa [...], ele desenrolava todo o serviço, voltava com o telefone pra ela e aí ela sabia o que tinha que fazer (Neuza, 50 anos).

Diante do que foi apresentado, é possível afirmar que *língua* e *espaços* ocupados se apresentam de forma imbricada, não sendo possível qualquer dissociação dessas categorias no contexto migratório de brasileiros nos EUA. Em relação à língua, como demonstração neste trabalho, ela é uma prática humana, concretizada e contextualizada, de forma que, enquanto se estabelece um *eu*, em outro ponto instaura-se um *tu*, ou seja, é sociointeracional. Quanto ao espaço, em seu sentido relacional, é uma construção social que, a partir de suas mais diversas configurações e escalas, não se dissociam dos mais diversos domínios na vida social. Em cada domínio discursivo ou esfera social, os sujeitos acessam ou são restringidos a partir de elementos sociais dos mais diversos, como a autoridade para falar, como também pela capacidade de enunciar por meio do código linguístico, que, na sua concretização se dá entre

---

<sup>212</sup> O relato referido pode ser visto na página 145.

sujeitos, não sendo possível o uso monológico da palavra, e também por meio de gêneros, condição imprescindível para a concretização da língua.

Conforme Marcuschi (2008) aponta, os gêneros são práticas sociodiscursivas estabilizadas que se prestam aos mais diversos tipos de controle social, como também ao exercício do poder. Pelos gêneros nos inserimos, agimos e controlamos. Em contrapartida, ainda que o controle pelos gêneros seja algo incontornável, não são eles que determinam. Ainda conforme o autor, enquanto seres sociais, não há como negar que estamos envolvidos em uma máquina sociodiscursiva. Nessa máquina, um dos instrumentos mais poderosos são os gêneros textuais ou discursivos, de modo que, a partir do seu domínio, nos inserimos e exercemos poder social. Daí o autor afirmar que a produção discursiva transcende o aspecto meramente comunicativo e informacional. Como afirma, o funcionamento cotidiano da língua é, acima de tudo, um processo de integração social.

A prática de língua de imigrantes brasileiros nos EUA e a ocupação do imigrante no mercado de trabalho passam obrigatoriamente pela prática linguística em gêneros. Há trabalhos que não dependem do uso da língua diretamente com o nativo, como aqueles que demandam especificamente a força física; outros, como se nota, o trabalhador precisa elaborar relatórios em inglês, falar ao telefone, comprar algum artigo, atender a clientes, fazer orçamentos, no caso de empregadores que prestam serviços a nativos, conversar com o público em geral, no caso de serviço com táxi e limusine, ler bilhetes, como no caso do patrão deixar um serviço de limpeza a ser feito, fazer entrevistas em inglês, como o imigrante que trabalhou em uma rádio, traduzir simultaneamente falas do português para inglês, no caso da entrevistada que trabalhava em uma clínica. Seja qual área ocupada, ainda que apenas em palavras de cortesia, como um *How are you?*<sup>213</sup>, é por meio de gêneros que a comunicação é feita. É nessa perspectiva, da língua que se materializa gêneros, que se faz a leitura acerca da inserção de imigrantes no mercado de trabalho disponível, compondo um elemento inerente à vida dos sujeitos e à sua territorialização.

---

<sup>213</sup> Literalmente: *Como vai você?* Como lembra Smith (1972), quando dizemos “Como vai?” não esperamos que a pessoa delongue em descrever sobre suas dores e sofrimentos, mas esperamos “Bem, obrigado”. Não queremos informação nova, e o nosso interlocutor sabe disso.

#### 6.4.5 Outros espaços frequentados e a língua inglesa

Os espaços frequentados pelo imigrante, conforme demonstram os dados, estão intimamente ligados à vida do trabalho. Os espaços recreativos, religiosos ou em casa são a contraparte da vida marcada pela labuta. A frequência aos diversos espaços depende do ramo, da rotina de dias, dos horários do serviço, que variam de ramo para ramo<sup>214</sup>, bem como do clima ou estação; dos ganhos disponíveis para gastos extras, da habilidade na língua, das relações de amizade, do conhecimento de espaços de lazer para frequentar; dos projetos migratórios na influência dos hábitos, da disponibilidade de meio de transporte para os deslocamentos, do estilo de vida pessoal, além das condições físicas, pois, devido ao cansaço, muitas vezes os dias de folga são apenas para o descanso no refúgio da própria casa. O relato de Jorge exemplifica um pouco sobre a vida do imigrante-trabalhador e a sua frequência a diversos espaços.

Ó... é... Eu frequentava muito (1) cinema... fora o serviço, cê tá falando? [...]. Tá, porque era trabalho. (2) Era trabalho, trabalho, trabalho [...]. Eu trabalhava de manhã, de tarde e de noite [...]. Sempre que eu podia eu tava trabalhando [...]. Quando eu não tava trabalhando era a hora que eu ia [...] lavar minha roupa ou a hora que eu ia dormir [...]. Geralmente, quando eu não tava dormindo em casa, eu tava (4) dormindo na casa da Mag, que era vizinha da minha casa, tá? É... Toda folga que eu tinha... eu tinha ge... geralmente eu tinha um dia de folga, e esse dia não era necessariamente o domingo, eu lavava minha roupa primeiro e depois d'eu lavar a minha roupa, provavelmente, eu (5) saía pra comer uma pizza com a Mag ou ia num... na sorveteria ou num... num restaurante ou... era assim. Ah, tá. Os meus primos, que estavam lá seis meses antes de mim ou um ano antes de mim, é... frequentavam muito um (6) bar que tinha lá perto de casa que chamava "*Play it Again Sam 's*" [...]. (Jorge, 50 anos).

Deve-se destacar que os espaços frequentados, como já destacado, estão como uma contraparte da vida de trabalho. Os momentos recreativos de Jorge, levando em conta que tinha uma namorada norte-americana, eram em companhia da Mag, com a qual saía para pizzaria ou restaurante. As ocupações em casa geralmente estavam em uma dimensão que se contrastava com trabalho ou em decorrência de sua ausência para realizar demandas do lar em outro momento, como lavar as suas roupas. Além dos passeios com a namorada, o entrevistado aponta saídas com primos. Os seus dias de folga não tinham dias fixos, podendo ser no final de semana ou qualquer outro dia. Uma característica do setor de trabalho secundário é a sua carga horária intensa, com horários e dias que podem variar de acordo a

<sup>214</sup> Há casos em que o imigrante combinava mais de uma atividade, usando os dias de folga de uma atividade para se dedicar a outro tipo de serviço.

atividade exercida. No caso de Jorge, ele trabalhava em restaurante, comércio que geralmente funciona, além dos dias úteis, também em finais de semana e horários de recreação. Esse circuito, ao que se evidencia, diz respeito ao início de sua estada nos EUA, pois, conforme relata em outro momento, o seu referido namoro aconteceu logo no início. Outro lugar que imigrantes podem frequentar é o shopping, ou *mall*, como muitos preferem dizer, bem como igrejas e parques, ou fazer visitas a amigos.

A frequência aos diversos espaços pode variar também pela condição de imigrante nos EUA. Enquanto o adulto, de primeira geração, lida primordialmente com a vida no trabalho e a sua contraparte fora dele, os mais jovens, como no caso de Brenda, a vida é dividida em estudos e recreações, podendo com o tempo dar um *help* em algum trabalho, como em ajuda aos pais em alguma atividade laboral ou serviços com horários reduzidos.

Em casa a gente num falava muito inglês [...] e, além do... da tarefa que a gente tinha que fazer da escola, as... os... os vizinhos, as crianças, a maioria... alguns eram brasileiros, mas porque os outros não eram, eles [...] falavam em inglês. Aí brincar a gente tinha que aprender alguma coisa, a contar [...], tinha que arrumar um jeito de se comunicar. Aí as crianças iam ajudando, falando nome [...], é... assistindo desenho na casa dos vizinhos ou então em casa mesmo. Aí a gente ia pegando certas coisas (Brenda, 23 anos).

Como Brenda foi ainda jovem, parte do seu tempo era também para brincadeiras e TV norte-americana. Nota-se que no grupo de amigos de Brenda havia brasileiros e norte-americanos, possibilitando à jovem imigrante o uso de gêneros mais informais das brincadeiras e, pela relação com os colegas, palavras típicas da idade. As suas experiências recreativas com a língua se associavam ao ensino formal na língua, além do vocabulário aprendido na TV. É importante destacar o fato de não falar inglês em casa, o que acontece geralmente em decorrência dos limites dos pais em entender o que os filhos dizem, dificultando o exercício de poder e autoridade sobre os filhos<sup>215</sup>.

Os diversos locais frequentados, assim como no trabalho, passam por domínios discursivos, nos quais há a exigência de gêneros. Os domínios dessas formas relativamente estáveis da língua interferem nos limites e acessos dos sujeitos linguísticos. Enquanto em uma pizzaria ou restaurante, por exemplo, o pedido pode realizado mediante o menu, com imagens e no qual pode ter um número correspondente ao que se deseja, no cinema, ao contrário, as exigências podem ser mais abrangentes, como na compreensão e leitura; e outros conhecimentos para além do código linguístico, como os sociais, que condicionam o

---

<sup>215</sup> Mota (2007) aponta sobre mães que têm dificuldades em manter o domínio sobre os filhos, sentindo-se humilhadas e desrespeitadas pelos filhos, uma vez que estes dominam a língua muito mais que os pais.

entendimento da língua nativa em uso. Assim, a territorialização do imigrante, no âmbito do trabalho ou do lazer, passa pelo domínio de gêneros, que respondem às exigências de cada esfera social, evidenciando conjuntamente os acessos e limites dos sujeitos. Por isso, os gêneros constituem uma peça fundamental para uma compreensão objetiva acerca da territorialização do imigrante brasileiro nos EUA.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura territorial em relação ao contexto migratório, conforme demonstrado neste trabalho, pode ter as mais diversas perspectivas, tanto excludentes como integradoras. Diante da análise deste estudo, considerando a heterogeneidade do objeto, os dados revelam a sua complexidade a partir da própria atividade de trabalho do imigrante, que, em consonância com o setor de trabalho secundário, vivenciam territorialidades múltiplas, como nos serviços de limpeza<sup>216</sup> e da construção civil, pelos quais podem atuar em diversos setores e áreas na região em que moram ou no deslocamento para outras cidades e até estados, agindo e participando das mais diversas relações humanas e territoriais e seus entrecruzamentos, o que já pode ser considerado uma multiterritorialidade<sup>217</sup>. De toda forma, algumas pontuações ainda são necessárias para situar as construções territoriais desses sujeitos a partir da prática de língua. Nesse sentido, com um enfoque discursivo, a territorialização desses sujeitos é lida a partir de uma perspectiva integrada do território.

Nesse caminho, busca-se responder às questões levantadas: Perceber as influências da habilidade de língua na territorialização do imigrante laboral brasileiro; além de, como uma questão inerente a esta primeira, identificar como que a língua inglesa se concretiza nas práticas dos falantes imigrantes. As respostas, como a pergunta, são dadas em sua complexidade. Em uma assertiva inicial, este trabalho aponta que as práticas de língua dos imigrantes estão intimamente ligadas à sua territorialização, resultando em influências diretas sobre acessos ou restrições territoriais desses sujeitos, como no mercado de trabalho. Por outro lado, a territorialização de imigrantes não deve ser vista apartada da língua praticada pelos sujeitos, que é sempre multifacética, com implicações diversas, de modo que não pode ser considerada apenas em seu aspecto estável, mas, antes de tudo, em seu sentido interacional. Nessa perspectiva, elas se realizam em diversas formas, materializando-se em gêneros, que, por sua vez, atendem às diversas esferas comunicativas. Uma visualização melhor dessa ideia pode ser dada em uma leitura integrada do território.

---

<sup>216</sup> Entre os entrevistados, por exemplo, alguns trabalharam em faxina de casas, como em outros espaços, como: banco financeiro, empresa transportadora e shopping.

<sup>217</sup> Segundo Haesbaert (2011), toda relação social implica uma interação territorial.

Em destaque ao aspecto político, o território é percebido como um espaço delimitado e controlado, que são denominados *territórios-zona*, como na lógica do próprio Estado-nação, que tem sua área delimitada, fronteiras e sua língua nacional ou oficial<sup>218</sup>. Em consonância com os propósitos deste estudo, destaca-se, sobretudo, a língua. Segundo Bainbridge (2001), a imagem de língua nacional é um dos empreendimentos mais significativos na tentativa de criar um sentimento de identidade nacional compartilhada. Daí temos o brasileiro, que, em seu imaginário, fala o português, e o norte-americano, que fala o inglês, por exemplo. Em uma problematização, entra a questão da língua ser fundamento do nacionalismo ou não. A língua nacional, a partir do entendimento de que o sentimento nacional é uma invenção, o autor a situa não como fundamento do nacionalismo, mas como um produto da criação nacionalista, que age na imaginação e não deve ser confundida como natural, na separação entre as raças. Para situá-la entre as perspectivas de língua citadas neste estudo, estaria voltada especialmente para o seu sentido estável e para um monologismo idealizado<sup>219</sup>.

Ainda que seja uma abstração, ela condiciona a prática linguística de seus falantes, que estão inseridos nos diversos domínios sociais, acompanhado os sujeitos em todos os âmbitos da vida em sociedade. Em território norte-americano, de língua inglesa, esta predomina nas diversas esferas comunicativas. Embora possa haver a presença de tradutores em alguns departamentos, como em hospitais, por exemplo, em outras situações, como na abordagem de um policial, a língua a ser falada é a inglesa, o código autorizado. A depender da formalidade em que ela é usada, como na corte, um juiz não ficará a fazer mímicas ou gestualidades para que o imigrante o entenda. Ao contrário, este falará em forma de pouca expressividade, maneira própria de gêneros mais sérios, em que não se prevalece o estilo do falante. Na escola, ainda que haja alguma forma de língua portuguesa, esta é usada apenas por um momento, numa condução para o aprendizado e uso da língua inglesa. Em um sentido geopolítico, o imigrante está em um país de fala inglesa que tem este código como a língua estável, unificadora e autorizada, pois é a sua língua oficial.

Raffestin (1993) aponta que a língua, elemento que ocupa um lugar central na cultura, é um poderoso meio de identidade que uma população dispõe. Em sua perspectiva relacional e de poder, junto à imposição de um grupo dominante que impõe seu meio de produção, não menos se impõe também a sua linguagem, no sentido da linguagem ser também um trabalho. Ela é mediadora de relações econômicas, políticas e sociais. Em concomitância à língua estão

---

<sup>218</sup> Ou línguas oficiais.

<sup>219</sup> César & Cavalcante (2007), por exemplo, apontam que o solo brasileiro abriga mais de cento e setenta línguas nacionais indígenas, cerca de trinta línguas de imigração, como também a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

as relações extralinguísticas, na qual circula o poder. Ao relacionar campo e cidade, esta, ao tempo que impõe a linguagem da moeda, impõe quase que em uma simultaneidade, a sua linguagem, pela qual expressa suas técnicas. O “inglês citadino” em relação com o “inglês do campo”, toma por exemplo o autor, não está como causa, mas como expressão de relações dissimétricas, originadas no plano econômico e política, como também no social e cultural. Em uma escala global, no plano econômico, o inglês é a língua das multinacionais, das grandes empresas, privilegiado nas grandes universidades, a escrita no mundo científico. Nesse sentido, a língua inglesa se torna, por assim dizer, uma mais-valia nas relações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Em contrapartida, a língua aparentemente estável se manifesta de um modo multiforme na prática social, pois, ainda que seja um código coesivo, são sujeitos reais que a utilizam, fato que potencializa a existência de outras territorialidades além da hegemonia do Estado. Conforme Bakhtin (2011), a língua nacional, sem que se descarte a sua evidente unicidade, materializa-se na forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos, na prática dos indivíduos que compõem a sociedade. Entre as especificidades do uso, o autor destaca a construção composicional dos falantes, no sentido de que aquele que usa uma língua que lhe é familiar, não faz simplesmente escolhas de dicionários ou formas gramaticais, mas lida com uma língua enunciativa, de forma que até as suas escolhas é sempre discursiva. Esse fato é atestado pela sociolinguística. Segundo Hymes (2002), é natural que existam variados modos de fala em uma comunidade de falantes. Assim, o imigrante brasileiro não lida simplesmente com uma língua de um país, mas com uma língua que varia, uma língua que se concretiza por meio de falantes reais, que, além disso, pertencem a grupos sociais: criança, jovens, universitário, trabalhador, patrão, o que reflete em uma língua de aparência desestabilizada, no sentido de sua variação, língua que se ouve e se quer falar.

Por outro lado, ainda que o imigrante esteja em um território geográfico distante de sua origem, é inegável que muito de seus símbolos são preservados no destino, especialmente a língua. Como em citação anterior, “migram os homens, migram as línguas”<sup>220</sup>. Conforme os dados analisados, todos que partiram tinham parentes ou amigos que moravam nos EUA. Conforme Haesbaert (2011; 2005; 2004), as redes de diásporas migratórias auxiliam no fortalecimento de identidades e solidariedade entre grupos, além do seu caráter coesivo. Desterritorializado em alguma medida de sua territorialidade na origem, visivelmente no aspecto espacial e paisagens, o imigrante encontra elementos nas redes que colaboram em sua

---

<sup>220</sup> Altenhofen (2014, p. 81).

reterritorialização no país estrangeiro e pelas quais é possível preservar costumes, alimentação, memórias, como a própria língua, que é falada com mais liberdade nos encontros entre pares étnicos ou em casa, seja na companhia de familiares, também migrantes, ou em moradias compartilhadas com amigos. Em consideração às dimensões materiais e simbólicas do território, não é possível pensar em desterritorialização simplesmente pelo movimento migratório, pois o território é sempre múltiplo, congregando aspectos materiais e simbólicos, como é multidimensional a própria língua.

Em outra direção, as práticas de língua, em um ponto de vista dialógico, vão além da verbalidade, que é sempre atualizada e contextual, de modo que não se restringe ao domínio absoluto da língua nacional ou na concomitância do domínio das suas variedades. Segundo Bakhtin (2010), a comunicação verbal deve ser compreendida em sua vinculação com a situação concreta de sua realização, sem isolamentos de outros elementos significativos, o que contrariaria o seu dialogismo. Além da verbalidade, estão as gestualidades, os gestos do trabalho, os atos simbólicos de um ritual, os atos sociais, as mímicas, os cerimoniais, a entonação das palavras, que não são menos carregadas de sentido em relação à verbalidade. Ao contrário, esses sentidos não se dissociam da comunicação verbal, podendo, em algumas circunstâncias, tê-la apenas como assessorio de pouca evidência. Em uma perspectiva de *continuum*, a língua inglesa não estaria limitada às práticas verbais, mas ligadas a outros modos discursivos, como já demonstrado. Dessa forma, falar a língua inglesa, uma vez que o signo não deve ser compreendido apartado dos sujeitos reais que utilizam a língua, não se limita à verbalidade.

Todavia, a prática de língua, além de sua dimensão comunicativa, há também a sua dimensão territorial, que se evidencia já pelas relações sociais, uma vez que, conforme Haesbaert (2011), toda relação social implica uma manifestação territorial. Sobretudo, a concretização da língua, indispensavelmente, se dá na forma de gêneros, que, por sua vez, atende a esferas da atividade humana ou comunicativas. Segundo Bakhtin (2011), o domínio da língua passa pelo domínio dos gêneros, que podem ser orais ou escritos, podendo ser diversos como são diversas as atividades humanas. Em cada esfera, na concretização da língua em gênero, estão os elementos linguísticos que constituem os textos, como na exigência de modalidades a serem praticadas: como *fala*, *compreensão*, *leitura* e *escrita*. Como os gêneros são em função das esferas comunicativas e, como afirmado, a língua se concretiza em gêneros, as possibilidades de os indivíduos se instaurarem como sujeitos passam, de alguma forma, pelas suas condições de operarem com os gêneros; no sentido de poder descobrir neles a sua individualidade própria e expressá-la.

O relato de Neuza, imigrante que foi deportada, possibilita um melhor entendimento sobre as complexidades envolvidas na territorialização de imigrantes em contexto migratório de brasileiros nos EUA a partir do fenômeno linguístico. A imigrante, que considerava lidar bem com a língua inglesa, depara-se com uma esfera comunicativa para a qual não estava preparada.

É... é muito traumatizante, porque você faz... eu, por exemplo, eu fui com objetivo [...]. Eu, na naquela altura, né, eu num tinha intenção de ficar morando por lá, até mesmo porque minhas meninas não tinham ido [...]. E... quando tinha dois anos e meio, eu ainda tinha uma expectativa de ficar lá, pelo menos, mais sete meses [...]. É o que tava na minha cabeça naquela altura. **E... como eu fui, né, surpreendida com a com a deportação, e sem saber o porquê de está sendo deportada**, até então, eu... eu sofri muito. Eu, eu chorei muito durante o tempo que eu fiquei reclusa e eu tinha uma companheira de quarto americana que ela tava grávida **e, com o meu inglês, né, pequeno**, mas a gente conseguia se comunicar; é... ela até ela achava injusto, né, como ê... como eu estava sendo deportada. Porque você vê muita gente que vai pra lá, e que não tem objetivo nenhum, e que chega lá, entra na bagunça e tal, e... e você vai pra lá com objetivo de trabalhar e acontece o que aconteceu comigo, de vir embora deportada. **Quanto ao... ao senhor que colocou, né, essa dívida pra mim, no meu nome**, e... e... eu... eu, sinceramente, eu não sei o que pensar dele, assim [...], porque, se ele trabalha como advogado pra defender a sua causa, ele tem que se portar [...] como tal, né, não esse tipo de coisa. **Em inglês [...]. É... E não teve um tradutor**, como eu já te disse [...]. **Não tinha um tradutor. Ele reteve o valor e não passou para [...] a Imigração americana** [A entrevistada bate com as mãos] [...]. Entendeu? Entendeu? eu paguei por ter violado a lei deles [...], só que [...] **intermediário, que era o advogado, ele reteve o dinheiro** [...] e fez um empréstimo no meu nome [...]. No meu nome. Eu assinei [...] esse empréstimo [...]. A minha saída [...]. Entendeu? Ele foi numa financeira, fez uma documentação, porque ele tinha autorização pra me defender, **então ele fez a documentação, eu assinei essa documentação, como eu estava contraindo aquela dívida** [...]. Entendeu? E pra sair eu fiquei doze [...]. Doze dias [...] (Neuza, 50 anos, grifo meu).

Em primeiro lugar, deve-se levar em consideração a condição de Neuza, uma imigrante indocumentada e reclusa; em outro ponto, o seu interlocutor é um advogado. E, na demonstração de seu relato, não esperava ser surpreendida com o evento. Segundo Bourdieu (1983), que associa a estrutura de produção linguística à relação de força simbólica na interlocução, a língua é um instrumento de poder, não podendo ser confundido ou limitado ao fator linguístico. Na relação entre os interlocutores, além da dissimetria inerente, da legitimidade do seu interlocutor, como o fato de não ter tido o direito de alguém que pudesse traduzir o texto, não pôde acontecer um diálogo sobre o real, de forma que pudesse ocorrer uma *compreensão ativamente responsiva* acerca do documento assinado. Segundo Bakhtin (2011), a *compreensão ativamente responsiva* não é passiva, mas avaliativa, pela qual, seja em palavras audíveis ou em silêncio, o ouvinte ou leitor emite seu juízo, acordo ou desacordo, entonação etc., o que é próprio de uma língua concreta.

Ao tocar na questão da língua estrangeira, elemento que perpassa a situação citada acima, Bakhtin (2010) elenca dois termos importantes para situá-la: o “sinal” e o “signo”. O sinal se refere a uma forma estável e imutável, a um instrumento linguístico técnico para se referir aos objetos, no qual não há ideologia e pelo qual se identifica, não pertencendo ao âmbito da compreensão. O signo, em contrapartida, é variável e flexível. Pertencente ao mundo do locutor, este o atualiza em cada contexto de uso. É no âmbito do signo que acontece a descodificação<sup>221</sup>, termo usado pelo autor para se referir a compreensão. Nesse sentido, o autor pontua que não pode haver pura sinalidade, mesmo nas primeiras frases da aquisição linguística. Por essa colocação, ainda que não dê detalhes e pontue especialmente acerca da língua materna, pode-se supor alguma combinação ambivalente na “aquisição” da segunda língua pelo imigrante, conforme reflexões anteriores.

Por essa razão, com ênfase na prática territorial de imigrantes brasileiros nos EUA a partir de suas práticas linguísticas, é preciso destacar que sujeitos como Neuza, por mais que se encontrem em situações de exclusão, não podem ser compreendidos como desterritorializados em uma forma plena. Entretanto, não há que se questionar que, em muitos aspectos, estão desterritorializados, como no direito de cidadania e usufruto de condições necessárias para se instarem com sujeitos, como *eu*, em vez de apenas *ele*, indivíduos do qual se fala, na condição de pessoas não discursivas, sobretudo, em um processo de reterritorialização, que, de algum modo, passará sempre pelo fenômeno da língua. Haesbaert (2005), ao citar Martins (1997), em vez de pensar em uma desterritorialização plena, usa a expressão “inclusão precária”, de modo que a desterritorialização não deve ser confundida com o movimento.

Ao trazer essas reflexões para a questão propriamente linguística, antes de pensarmos em indivíduos deslinguisticados, devemos perguntar de que língua estamos falando, a exemplo do que o geógrafo fez em relação à desterritorialização e apregoação dos fins. Como visto neste trabalho, o fenômeno linguístico pode ser compreendido por diversos ângulos, excludentes ou integradores, em dimensões que passam pelo mundo político, como na invenção da língua nacional, monolítica — que não deixa de revelar seu caráter de unificação —, mas também em sua constituição heteroclita, de maneira que não devemos negar que há também os falares do homem do campo, dos guetos, dos indígenas, dos não alfabetizados, dos imigrantes, que atualizam a língua em suas práticas sociais. Sobre a prática de língua de imigrantes brasileiros em sua territorialização nos EUA, numa perspectiva integrada de

---

<sup>221</sup> Conforme Bakhtin (2010), na tarefa de descodificação não há apenas o reconhecimento da forma utilizada, mas a compreensão em um contexto concreto e preciso.

território, antes de pensarmos em indivíduos desterritorializados ou deslinguisticados, podemos compreendê-los, a depender de cada situação, como sujeitos em condições precárias no uso da língua inglesa ou, talvez, com o risco de alguma abstração, usuários de uma língua precária, que, *ipso facto*, se dá em gêneros; portanto, é subjetiva, pois é praticada por sujeitos em diversas condições de uso, e situacional, no sentido de estar atrelada às diversas esferas comunicativas presentes no território de migração. Em sentido inverso, a mesma perspectiva pode ser usada para os denominados “proficientes”.

Caminhando para a finalização deste estudo, conforme demonstrado, o objeto estudado é de natureza complexa, em que se buscou compreender a territorialização de imigrantes brasileiros nos EUA a partir de suas práticas linguísticas. Este estudo, interdisciplinar em sua natureza, foi executado na convergência de três eixos temáticos, a recapitular: as teorias de migração usadas para estudar o fenômeno, principalmente a teoria neoclássica e a teoria das redes sociais; teorias sobre o fenômeno territorial, principalmente em uma perspectiva integrada do território; e teorias linguísticas, sobretudo, em consideração ao ponto de vista do dialogia bakhtiniana do discurso. Nesse exercício, deve-se notar que alguns dos instrumentais teóricos já são heterogêneos em sua natureza, como a própria abordagem territorial e linguística. Na sequência, respectivamente, serão recapitulados os eixos teóricos usados nesta dissertação e uma indicação dos principais resultados neste trabalho, apontando também as suas contribuições para o exercício científico, para a educação, para as políticas públicas e para a sociedade em geral.

O fenômeno migratório de brasileiros para os EUA, assim como Massey (1993) atesta em sua demonstração teórica, não contenta com uma perspectiva monolítica. Ao contrário, diante das múltiplas questões envolvidas na mobilidade humana, especialmente no caso em questão, encontra condições mais adequadas no manejo interdisciplinar. A migração tem suas dimensões econômicas: na motivação da partida, no processo, como na divisão dual de trabalho no destino, como também na decisão de ida e projetos; é realizada, principalmente, após a ida de pioneiros, através das redes sociais ou migratórias, capazes de manter os fluxos e atenuar os riscos; trata-se, acima de tudo, de um fenômeno com sua constituição e característica própria, de modo que, antes de qualquer delimitação rígida, deve-se atentar para as suas particularidades e historicidade. Além da variedade teórica já presente nesse estudo, a soma de outras áreas é fundamental na investigação das práticas linguísticas de sujeitos migrantes nesses contextos, que são marcados pela onipresença linguística e territorial.

Assim, trata-se também de um fenômeno constituído de territórios e territorialidades múltiplos e imbricados. Pode ser lido em uma dimensão isolada, como na exclusividade material, mas pode e, como no caso deste estudo, deve ser lido de forma a contemplar os diversos aspectos envolvidos, em dimensões materiais e simbólicas. Assim, em vez de pensar em imigrantes brasileiros desterritorializados, mais significativo é pensarmos sobre esse fenômeno a partir da multiterritorialidade, considerando os indivíduos não como coisas, mas como sujeitos que congregam acúmulos de territorialidades e, a um só tempo, buscam se territorializar ou reterritorializar enquanto imigrantes, que não deixam, em nenhum momento, de ser: antes, durante e depois, sujeitos sociais e linguísticos.

No campo da língua, que pode ser lida em ângulos diversos, lidam com a estrutura léxico-gramatical de uma língua que lhes não é própria, para a qual as exigências podem ser diversas, dependendo daquilo que adquiriram, mas em estreita ligação com suas práticas sociais e territoriais. No entanto, não lidam com uma língua que se limita a essa estrutura formal, mas, pelas dimensões outras da língua, pode se comunicar com o mínimo, uma vez que a língua concretizada é valorativa, dada em atos sociais, na combinação com gestos, mímicas, fundindo-se com própria verbalidade. Língua que se materializa, acima de tudo, por meio de gêneros, que, por sua vez, são destinados a atender às diversas esferas comunicativas e suas respectivas atividades sociais. Enquanto alguns de seus aspectos podem ser facilitadores em determinadas situações, em outros, pelo seu não domínio, que não se dissocia do aprendizado da língua em si, pode refletir em acessos ou restrições, seja no mercado de trabalho ou nos mais diversos âmbitos, resultando em territorialidades efetivas ou, em outro ponto, em territorialidade, em algum aspecto linguístico (simbólico), precarizadas.

Por tudo isso, como resultado dessa convergência, na qual se discute territorialização de imigrantes brasileiros nos EUA a partir de suas práticas de língua, destaca-se pelo menos três contribuições deste estudo: Em primeiro lugar, possibilita uma visão mais ampliada acerca do fenômeno linguístico em contextos de migração; em segundo lugar, permite uma visão mais abrangente acerca das experiências reais de sujeitos imergidos em um país de fala e cultura inglesa, o que permite a professores de língua estrangeira atentarem para metodologias capazes de combinar forma de ensino e necessidade dos estudantes; por último, põe em foco o fator linguístico como territorializador, de forma que, ao tempo que se pensa em territorialização ou desterritorialização a partir da prática linguística, deve-se pensar sobre que língua está em questão, não como um tema neutro e natural; concomitante a essa ideia, põe em evidência a necessidade de políticas públicas e educacionais mais voltadas para a autonomia dos sujeitos através de um ensino para a vida real, como também a necessidade de

pensarmos em uma sociedade mais justa e sem preconceitos, como em relação ao preconceito linguístico, muito presente em nossa sociedade. Como já afirmava Bakhtin/Volochínov (2010, p.99), “[...] a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida [...].

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOTT, G. English as a Foreign Language. In: MESTHRIE, Rajend. **Concise encyclopedia of sociolinguistics**. Oxford: Elsevier, 2001. P.467-472.

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: Parte 1. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2005.

ALONSO SCHÖKEL, Luís. **Bíblia do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 2002.

ALÓS, Anselmo Peres. Texto literário, texto cultural, intertextualidade. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, v. 4, n. 6, p. 1-25, mar. 2006.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNANDEZ, Ana Lourdes da Rosa et al. *Língua em contatos: onde estão as fronteiras?*. Pelotas: Ed. Da UFPel, 2014. p. 69-103.

ALVARENGA, A. T. de; PHILLIPPI JR., A.; SOMMERMAN, A.; ALVAREZ, A. M. de S.; FERNANDES, V. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILLIPPI JR., A.; SILVA NETO, A.J. **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri SP: Manole, 2011, pp. 3-68.

ARÁN, Pampa Olga. Dialogismo. In: \_\_\_\_\_ (coord.). **Nuevo Diccionario de la teoria de Mijaíl Bajtín**. Córdoba: Ferreyra Editor, 2006. p. 83-89.

\_\_\_\_\_. A questão do autor em Bakhtin. **Bakhtiniana**, São Paulo, Número Especial, p. 4-25, Jan./Jul. 2014.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar aqui, estar lá...** o retorno dos emigrantes valadarenses ou construção de uma identidade transnacional. **Caderno de ciências locais**, v. 4, n. 7, p. 36-47, dez./1996.

\_\_\_\_\_; MERIZ, Gisele; ILHÁ, Natália Cristina. A segunda geração de emigrantes brasileiros: Problemas e perspectivas. In: Encontro Regional de História, 12., 2006, Niterói-RJ. **Usos do passado**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2006.

AYUSO, Silvia. Trump asegura que México va a reembolsar a Estados Unidos por el muro. **El País**, 12 de jan. 2017. Disponível em: <[http://internacional.elpais.com/internacional/2017/01/11/estados\\_unidos/1484155871\\_518148.html](http://internacional.elpais.com/internacional/2017/01/11/estados_unidos/1484155871_518148.html)>. Acesso em 10 de fev. 2017.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 55. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Trad. de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Questões de estética e literatura**. São Paulo: Hucitec, 2002.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. de Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_ (VOLOCHÍNOV, V.N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARTHES, Roland. **Aula**. 8. ed. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2000.

BASSANEZI, M. S. B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP: 1995, p. 3-35.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 2005.

BORJAS, George J. The economics of immigration. **The Atlantic Monthly**. Boston, p. 72-80, Nov. 1996.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BRAIT, B. (org.). Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005. p. 91-103.

\_\_\_\_\_. Análise e teoria do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-31.

\_\_\_\_\_. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Unicamp, 1997. p. 91-104. (Coleção Repertórios)

BAINBRIDGE, W. S. Sociology of Language. In: MESTHRIE, Rajend. **Concise encyclopedia of sociolinguistics**. Oxford: Elsevier, 2001. p.92-105.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. Variabilidade e Invariabilidade na língua. In: \_\_\_\_\_. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1972.

CÉSAR, América L.; CAVALCANTI, Marilda C. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, Stella; BORTONI-RICARDO, Maris (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick; MIGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Trad. de Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. 2. ed. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Trad. de Lúcia Lobato. Rev. de Mark Ridd. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. Language and nature. **Mind, New Series**, v. 104, n. 413, p. 1-61, jan. 1995.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento da língua: Sua natureza, origem e uso**. Lisboa: Caminho, 1994. (Coleção universitária - Série Linguística).

\_\_\_\_\_. **Current issues in linguistic theory**. 4. ed. Paris: Mouton, 1970.

CLAVAL, Paul. “A virada cultural” em Geografia. In: ALMEIDA, M. G., ARRAIS, T. A. (orgs.). **É geografia, é Paul Claval**. Goiânia: FUNAPE, 2013.

COELHO, Micaela Pafume; LIMA, Thayanne Raísa Silva e. Língua, linguagem e fala na “Teoria do Valor” de Ferdinand de Saussure. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n.1, p.347-357, jan.-abr. 2014.

COSERIU, Eugenio. La Geografía lingüística. In: \_\_\_\_\_. **El hombre y su lenguaje**: Estudios de teoría y metodología lingüística. 2. ed. (rev.). Madrid: Editorial Gredos, 1991. p. 103-158.

COSTA, Nelson Barros da. Dialogismo e análise do discurso - alguns efeitos do pensamento bakhtiniano nos estudos dos discursos. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n.2, p. 321-335, maio/ago. 2015.

DUBOIS, Jean et alli. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (p. 19-69).

ELLIS, Rod. *Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

EMBAIXADA dos Estados Unidos da América. **Boston, Massachusetts**: cidade americana de “primeiros”. 2013. Disponível em: <[http://photos.state.gov/libraries/amgov/133183/portuguese/P\\_US\\_Cities\\_Boston\\_Portuguese.pdf](http://photos.state.gov/libraries/amgov/133183/portuguese/P_US_Cities_Boston_Portuguese.pdf)>. Acesso em 2 fev. 2017.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. A história de uma formação socio-econômica urbana: Governador Valadares. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, n. 19, p.148-163, nov. 1998.

FIGUEIREDO, Ana; VALENTIM; DOOSJE, Bertjan. Theories on intergroup relations and emotions: a theoretical overview. **PSYCHOLOGICA**, Coimbra, v. 57, n. 2, p. 7-33, 2014.

FIORIN, J. L. Linguagem e interdisciplinaridade. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, 2008, p. 29-53.

GARCÍA, Jacobo. “Faltam 2.000 km para o novo ‘muro da vergonha’” in Jornal **El País**, 12 de jan. 2017. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/internacional/1485378993\\_672715.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/internacional/1485378993_672715.html)>. Acesso em 17 de fev. 2017.

GOVERNADOR VALADARES (cidade). PLANO DE MANEJO do Parque Natural Municipal de Governador Valadares/MG- 2011. Disponível em: <[http://www.valadares.mg.gov.br/abrir\\_arquivo.aspx/Plano\\_de\\_manejo\\_encarte\\_II\\_Diagnostico?cdLocal=2&arquivo=%7B73ADAB22-EBDE-CC00-5D38-DEB0E08AE4E2%7D.pdf](http://www.valadares.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Plano_de_manejo_encarte_II_Diagnostico?cdLocal=2&arquivo=%7B73ADAB22-EBDE-CC00-5D38-DEB0E08AE4E2%7D.pdf)>. Acesso em 8 fev. 2017.

HAESBAERT, R. Limites no tempo-espaço: a retomada de um debate. **R. Bras. Geogr.**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 5-20, jan./jun. 2016

\_\_\_\_\_. **Viver no limite:** território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

\_\_\_\_\_. Hibridismo, Mobilidade e Multiterritorialidade numa Perspectiva Geográfico-Cultural Integradora. In: SERPA, A. (org.). **Espaços culturais:** vivências, imaginações e representações [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. 393-419.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgrafia**. Ano IX. N. 17, 2007.

\_\_\_\_\_. Dos Múltiplos territórios à multiterritorialização. **I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades**. Porto Alegre: UFRGS/ULBRA/AGB, 2004.

\_\_\_\_\_. Da desterritorialização à multiterritorialidade. Anais dos Encontros Nacionais da ANPUR. V. 9, 2001.

\_\_\_\_\_. Território, poesia e identidade. **Espaço e Cultura**, n.3, p. 20-32, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Des-territorialização e identidade:** a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói, RJ: EDUFF, 1997b.

\_\_\_\_\_. Migração e desterritorialização. In: POVOA NETO, Helio; FERREIRA, Ademir Pacelli. **Cruzando fronteiras disciplinares:** Um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 35-46.

HERNADEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. Sociolinguistic and geolinguistic approaches to the historical diffusion of linguistic innovations: incipiente standardisation in late Middle English. *IJES*, v. 5, n.1, p. 101-134, 2005.

HOLMES, Janet, Marco. Regional and social dialects. In: \_\_\_\_\_. **An introduction to sociolinguistics**. 4. ed. New York: Routledge, 2013. p. 131-158. (Learning about language).

HYMES, Dell. Modelos de la interacción entre lenguaje y vida social. In: Golluscio, Lucía (comp.). **Etnografía del habla**. Textos fundacionales. Buenos Aires: Eudeba, 2002. p. 55-90.

\_\_\_\_\_. Acerca de la Competencia Comunicativa. In: LLOBERA, M. et al. **Competencia comunicativa**. Documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras. Madrid: Edelsa, 1995.

JOHNSTONE, Barbara. Language and geographical space. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. p. 1-18.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KURATH, Hans. Alguns aspectos da história da língua inglesa. In: HILL, Archibald (org.). **Aspectos da lingüística moderna**. Trad. de Adair Pimentel Palácio; Maria do Amparo B. de Azevedo; Maria Antonieta A. Celani. São Paulo: Cultrix, 1972.

LEE, E. S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. A. (Org.). **Migração interna, textos selecionados**. Fortaleza: BNB/ENTENE, 1980. p. 89-114.

LINGUISTIC Atlas Projects. Disponível em: <<http://us.english.uga.edu/>>. Acesso em 6 fev. 2017.

MAHER, Terezinha Machado. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue. In: CAVALCANTI, Stella; BORTONI-RICARDO, Maris (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. **Revista Signótica**, Rio Grande do Norte, vol. 9, n. 1, p. 119-145, jan./dez. 1997.

\_\_\_\_\_. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARGOLIS, Maxine L. **Goodbye, Brazil: emigrante no mundo**. São Paulo: Contexto, 2013.  
\_\_\_\_\_. **Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York**. São Paulo: Papiros, 1994.

MARTES, Ana C. B. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MASSEY, D. S. et al. Teorías sobre la migración internacional: una reseña y una evaluación. **Trabajo**, v. 2, n. 3, p. 5-49, ene. 2000.

\_\_\_\_\_. Theories of international migration: a review and appraisal. *Population and Development Review*, New York, v. 19, n. 3, p. 431-466, Sept. 1993.

MEY, Jacob L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, I. (org.). **Lingua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado das letras, 1998.

MORAES, Antonio Carlos Robert. A antropogeografia de Ratzel: indicações. In: \_\_\_\_\_. **Ratzel**: Geografia. São Paulo: Editora Ática, 1990.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. de Eloá Jacobina. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. **Amor, poesia, sabedoria**. Trad. de Edgar de Assis Carvalho. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. de Dulce Matos. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MOTA, Kátia Santos. Mulheres brasileiras imigrantes nos Estados Unidos: (des)caminhos do bilingüismo em trajetórias de identidades. In: CAVALCANTI, Stella; BORTONI-RICARDO, Maris (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

NIEDERAUER, Márcia. Vamos almoçar? Línguas e culturas: com tato. **PAPIA**, v. 21 (Volume Especial), p. 83-99, 2011.

NIVETTE, Joseph. **Princípios de gramática gerativa**. Trad. de Nilton Vasco da Gama. São Paulo: Pioneira, 1975. (Biblioteca Pioneira de linguística teórica e aplicada).

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Métodos de ensino de inglês**: teorias, práticas, ideologias. São Paulo: Parábola, 2014.

OLMOS, Candelaria. Cronotopo. In: \_\_\_\_\_. ARÁN, Pampa Olga. Cronotopo (coord.). **Nuevo Diccionario de la teoría de Mijaíl Bajtín**. Córdoba, Ferreyra Editor, 2006. p. 68-75.

OMETTO, Ana Maria H.; FURTUOSO, Maria Cristina O.; SILVA, Marina Vieira da. Economia brasileira na década de oitenta e seus reflexos nas condições de vida da população. Economia doméstica. **Revista de Saúde Pública/USP**, São Paulo, v.29, n.5, p. 403 – 414, out. 1990.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Trad. de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. Rev. da tradução por Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PETERSEN, W. A general typology of migration. In: JASEN, Clifford J. **Readings in the sociology of migration**. Oxford: Pergamon Press, 1970. p. 49-68.

PIORE, M. **Birds of passage: migrant labor and industrial societies**. Berkeley: Cambridge University Press, 1979.

PORTES, Alejandro. Economic Sociology and the Sociology of Immigration: A conceptual overview. In: \_\_\_\_\_. **The economic sociology of immigration**. Essays on networks, ethnicity, and entrepreneurship. New York: Russell Sage Foundation, 1995. cap. 1, p.1-41.

\_\_\_\_\_; RUMBAUT, Rubén G. Introduction. In: **Immigrant America**. A portrait. Berkeley: University of California Press, 1996. Cap. 1, p. 1-27.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Trad. de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RATZEL, F. A geografia do homem (antropogeografia). In: MORAES, Antonio Carlos Robert. A antropogeografia de Ratzel: indicações. In: \_\_\_\_\_. **Ratzel: Geografia**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

ROHLING, Nívea. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 15, n.2, p. 44-60, 2014.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. Segunda geração de brasileiros nos EUA. In: \_\_\_\_ (org.). **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001. p. 361-394.

SÁNCHEZ, Felipe. Luis Almagro: “O muro não é entre México e EUA, mas entre este país e a América Latina. **El País**, 12 de jan. 2017. Disponível em: < [http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/27/internacional/1485531913\\_578524.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/27/internacional/1485531913_578524.html)>. Acesso em 17 de fev. 2017.

SANTAGADA, Salvatore. A situação Social do Brasil nos anos 80. Indicadores Econômicos. **Fundação de Economia e Estatística/FEE**, Rio Grande do Sul, v.17, n.4, p. 121-143, jan./jul. 1990.

SASAKI, Elisa Massae e ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Teoria das migrações internacionais**. ABEP (Associação Brasileira de Estudos Populacionais), outubro de 2000, Caxambu.

SASSEN, Saskia. The globalization of production: implications for labor migrations. In: \_\_\_\_\_. **The mobility of labor and capital: A study in international investment and labor flow**. New York: Cambridge University Press, 1988.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Trad. de Antônio Chelini et al. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia**, São Paulo, v. Especial, 2000.

\_\_\_\_\_. O que é um Imigrante? In.: \_\_\_\_\_. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da USP, 1998.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil-Estados Unidos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

\_\_\_\_\_; ASSIS, Gláucia de Oliveira; CAMPOS, Emerson César de. As redes sociais e a configuração do primeiro fluxo emigratório brasileiro. Análise comparativa entre Criciúma e Governador Valadares. In: ABREU, Jean Luiz Neves e ESPINDOLA, Haruf Salmen (orgs). **Território, sociedade e modernidade**. Governador Valadares, MG: UNIVALE, 2010.

SMITH, Henry Lee. A língua e o sistema total de comunicação. In: HILL, Archibald (org.). **Aspectos da lingüística moderna**. Trad. de Adair Pimentel Palácio; Maria do Amparo B. de Azevedo; Maria Antonieta A. Celani. São Paulo: Cultrix, 1972.

SOUZA, Solange Jobim; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto e. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.7, n.2, p. 109-122, Jul./Dez. 2012.

TILLY, Charles. Trasplanted networks. In: Yians-Mc, Loughlin (ed.). **Immigration reconsidered**. New York: Oxford University Press, 1990. P.79.

UN MUNDO de refugiados. **El Pais**, 6 de fev. 2017. Disponível em: < <http://elpais.com/especiales/2015/refugiados/>>. Acesso em 10 de fev. 2017.

VIDON, Luciano N. (coord.). A palavra viva do círculo de Bakhtin apimentando a moqueca linguístico-educacional capixaba. **RevistAleph**, Niterói, Ano XIII, n.25, p. 141-165, mai. 2016.

\_\_\_\_\_. Um tal Bakhtin. In: FIAD, Raquel S. & VIDON, Luciano N. (orgs.). **Em(n)torno de Bakhtin: Questões e análises**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

Nº \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Entrevistador: \_\_\_\_\_

**PESQUISA: LÍNGUA(GEM) E A TERRITORIALIZAÇÃO DE IMIGRANTES  
BRASILEIROS NOS ESTADOS**

(Após leitura do TCL, concordância e assinatura do participante, iniciar a entrevista)

**I Questões preliminares**

1. Sexo: 1. Masculino ( ) 2. Feminino ( )
2. Naturalidade: \_\_\_\_\_
3. Cidade de origem migratória: \_\_\_\_\_
4. Idade ao emigrar \_\_\_\_\_ Idade atual \_\_\_\_\_
5. Estado civil ao emigrar \_\_\_\_\_ Estado civil atual \_\_\_\_\_
6. Estado civil nos EUA: \_\_\_\_\_

**II Questões sobre experiência migratória**

7. Você emigrou para outro país além dos EUA?
8. Quantas vezes emigrou para os Estados Unidos? Quando emigrou? Quando retornou para o Brasil?
9. Quando emigrou para os EUA pela primeira vez tinha alguma ocupação de trabalho?
10. Em que cidade(s)/Estado(s) morou nos EUA? (*Probe: Como eram essas cidades: características socioculturais; eram localidades étnicas? Quais as características econômicas, posição geográfica, etc.*)
11. Qual foi a forma de entrada nos EUA?
12. Que tipo de documentação possuía para viver nos EUA?
13. Qual o motivo de ter emigrado para os Estados Unidos?
14. Por que retornou?
15. Quais as suas condições socioeconômicas antes de emigrar, durante o período da migração e atualmente? (*Probe: Fale um pouco sobre como era sua vida no que diz respeito às condições econômicas, acesso a lazer etc. nesses diferentes períodos de sua vida*)
16. Recebeu ajuda nos EUA quando chegou? (*Probe: Que tipo de ajuda? Quem eram essas pessoas?*)
17. Qual a maior dificuldade encontrada em sua estadia como imigrante nos EUA?

### **III Questões sobre língua**

18. Passou por situações em que exigiam a língua inglesa, nos primeiros dias? (*Probe: Que tipos de situação? Fale um pouco sobre elas e como se sentiu?*)
19. Precisou de ajuda na língua inglesa nos EUA? (*Probe: Que tipo de ajuda? A quem recorreu?*)
20. Como lidava com a língua inglesa antes de ter emigrado pela primeira vez? (*Probe: Fez algum curso antes? Se preparou em relação a língua antes de emigrar?*)
21. Você fez algum curso de inglês nos Estados Unidos? (*Probe: Se sim, como foi essa experiência? Fale um pouco sobre ela.*)
22. Em situações em que exigia a comunicação em inglês, como você agia? (*Probe: Usava gestos ou outras formas de expressão? Conte-me mais um pouco sobre isso.*)
23. Nos EUA, o que as outras pessoas falavam sobre a sua prática na língua inglesa? (*Probe: Que tipo de reação o nativo tinha quando você se expressava em inglês? Conte-me algum fato sobre essa situação*)
24. Além da comunicação para o trabalho, em que outra situação praticava a língua inglesa? (*Probe: Assistia a filmes sem legendas? Assistia a canais americanos? Lia jornais em inglês? Ia ao cinema?*)

### **IV Questões sobre trabalho nos EUA**

25. Que trabalhos exercia nos EUA? (*Probe: Fale todos os tipos de trabalho que já executou*)
26. Em sua opinião, a língua teve influência em sua posição no mercado de trabalho nos EUA?
27. Como conseguiu seu primeiro trabalho?
28. Para quem você trabalhou em seu primeiro trabalho? (*Probe: Era brasileiro, estrangeiro, estadunidense, etc.*)
29. Trabalhou por conta própria? (*Probe: Que tipo de trabalho era esse? Qual era seu grau de satisfação em relação a esse trabalho?*)
30. Quando você pensa nas palavras "língua" e "mercado de trabalho", o que vem a sua mente? (*Probe: Dificuldades? Facilidades?*)

### **V Questões sobre filhos e convivência familiar**

31. Quando emigrou foi acompanhado por filhos e/ou teve filhos lá? (*Probe: Qual idade? Fale um pouco como era a habilidade do(s) seu(s) filho(s) na língua inglesa? Em casa, conversavam em qual idioma? Seus filhos te ajudavam em relação à língua? De que forma?*)
32. Seus filhos estudaram nos EUA até que formação? (*Probe: Fale um pouco sobre sua percepção dessa experiência dos seus filhos*)
33. Qual era a habilidade do(s) seu(s) filho(s) na língua portuguesa? (*Probe: Tinham prática, da fala, compreensão acústica, leitura e escrita?*)

34. O(s) mais habilidoso(s) na língua auxiliava(m) a família em questões comunicativas em língua inglesa? De que forma? *(Probe: Conte-me alguma situação sobre isso. Quem na família tinha mais prática na língua inglesa?)*

35. Como eram resolvidos problemas que exigiam o uso prolongado da língua inglesa? *(Probe: Fale-me um pouco sobre isso.)*

36. Haviam diferenças nas conversas em casa entre a família e em situação social? *(Probe: Em situação social falava português ou inglês? Frequentava espaços sociais onde predominava a língua inglesa? Conte-me um pouco sobre isso.)*

## **VI Espaços frequentados**

37. Que locais costumava frequentar e quais raramente frequentava nos EUA? *(Probe: Descreva-me como eram esses locais.)*

38. Qual a língua você utilizava entre amigos? *(Probe: Tinha grupos específicos de amigos brasileiros separados de nativos?)*

39. Nos espaços públicos que você frequentava, em qual você se sentia mais à vontade e menos à vontade? Por quê?

40. Quem eram os seus vizinhos? Como era a sua relação com eles? *(Probe: Eram nativos, brasileiros, estrangeiros?)*

41. Para realizar suas compras diárias, qual era a sua preferência em relação aos estabelecimentos brasileiros e nativos? *(Probe: Tinha alguma dificuldade na realização de compras em estabelecimentos nativos? Quais? Conte-me sobre isso.)*

42. Qual era a sua relação com o Brasil enquanto imigrante nos EUA? *(Probe: Como fazia contato? Com quem? Sobre o que conversavam?)*

43. Como era a sua alimentação nos EUA? *(Probe: Cozinhas em casa? Que tipo de comida fazia? Tinha preferência por comida brasileira? Como conseguia os ingredientes para comida brasileira?)*

44. Fale-me um pouco sobre seu cotidiano. *(Probe: Conte-me sobre um dia típico de sua vida nos EUA, desde a hora que levantava até a hora de deitar.)*

45. E seus dias de folga, como eram? *(Probe: O que fazia? Que tipo de lazer?)*

## **VII Uso de tecnologias de comunicação**

46. Quais meios de comunicação utilizava? Quais eram as finalidades?

47. Participava de redes sociais? Com que frequência? *(Probe: Qual a importância dessas redes?)*

Estamos encerrando a nossa conversa. Agradeço imensamente a sua colaboração e a sua disponibilidade, sem a qual não seria possível estudar e compreender melhor o fenômeno da migração. Antes de finalizar, gostaria de saber se tem mais alguma coisa a falar sobre a sua habilidade na língua inglesa, sua experiência migratória e os possíveis constrangimentos que, porventura, tenha sofrido em relação à língua.